

Vol. II

RELENDO A BÍBLIA REVENDO A TEOLOGIA

ANÁLISE CRÍTICA DE ALGUNS TEMAS BÍBLICOS
DE ACORDO COM UMA VISÃO NÃO DOGMÁTICA



PAULO NETO

Paulo Neto

*RELENDO A BÍBLIA,
REVENDO A TEOLOGIA
Volume II*

**Análise crítica de alguns temas bíblicos de
acordo com uma visão não dogmática.**

Agradecimentos

Os nossos sinceros agradecimentos a todos os membros do Grupo Apologético Espírita - GAE, (**www.apologiaespirita.org**) pelo apoio e incentivo nas pessoas dos amigos Maurício C. Pimenta, Dr. João Frazão de Medeiros Lima e Hugo Alvarenga Novaes pelas suas valiosas sugestões aos textos colocados nesse nosso livro.

Nossa eterna gratidão ao nosso companheiro e mestre Gil Restani, que antes de retornar à pátria espiritual nos honrou prefaciando essa obra.

À minha esposa Rosana e aos meus filhos Ana Luisa, Rebeca e João Pedro, que souberam compreender o tempo que lhes retiramos para dedicar a esse livro.

Índice

Agradecimentos.....	3
Apresentação.....	5
Prefácio.....	9
A Fuga para o Egito.....	12
João Batista é mesmo Elias?.....	19
Eucaristia: Jesus a instituiu?.....	64
A conversa de Jesus com Nicodemos.....	87
A traição de Judas: uma história mal contada.....	119
A questão do bom ladrão.....	141
A morte de Agripa: quem conta um conto.....	150
O Antigo Testamento foi revogado por Jesus?.....	158
Jesus ficava calado?.....	175
Ressurreição da Carne?.....	198
O Consolador veio no Pentecostes?.....	212
Jesus pode ser considerado Deus?.....	234
Conclusão Final.....	313
Referências Bibliográficas.....	315

Apresentação

A Bíblia é um livro excepcionalmente importante para toda a Humanidade.

Foi o primeiro livro a ser impresso tipograficamente, sendo também a obra publicada no maior número de idiomas em todo o mundo.

Para alguns, o livro representa a palavra de Deus, de capa a capa. Para outros, entretanto, seu texto deve conduzir à reflexão e apreciado como literatura alegórica, em muitas oportunidades.

A Bíblia é chamada de “O Livro Sagrado”, pelo respeito exacerbado que, ao longo dos séculos, foi construído pela Igreja. A reforma protestante exaltou, ainda mais, o texto bíblico, buscando torná-lo inatacável.

As gerações humanas se sucederam, sem que, mesmo quanto aos trechos da Bíblia notoriamente exagerados ou controversos se colocasse qualquer observação, sob pena de granjear, o audacioso que assim procedesse, o epíteto de herege ou sacrílego.

É inegável o excepcional valor de muitos ensinamentos do livro.

É inaceitável, contudo, afirmar-se ser, todo o seu conteúdo a palavra de Deus, tantas são as menções carentes de racionalidade.

Com a evolução temporal, surgiram vários estudiosos que deliberaram esclarecer, debater e reparar as passagens bíblicas merecedoras de observação.

No Brasil, anteriormente, destacaram-se, como críticos da Bíblia, o conspícuo Dr. Carlos Imbassahy, espírita convicto e militante e o Dr. Mário Cavalcanti de Melo, autor do livro “Da Bíblia aos Nossos Dias”, cujo subtítulo é: “Suas lendas, seus erros e contradições”, em obra prefaciada pelo Professor Deolindo Amorim.

Hodiernamente, irrompe outro grande estudioso da Bíblia, em seus múltiplos aspectos, o estimado confrade Paulo da Silva Neto Sobrinho, com os mesmos objetivos colimados por aqueles precursores ilustres, qual seja, o de retirar as “escamas” que perduram nos olhos de tantos, incrustados num dogmatismo irremovível.

O escopo de Paulo Neto, nesta obra, confunde-se integralmente ao daqueles baluartes, o que se pode depreender da transcrição que, com a devida vênia faremos, de excerto do prefácio do Professor Deolindo Amorim à obra de Mário Cavalcanti de Melo:

“A preocupação do Autor, entretanto, é de quem, não estando conformado com certos ensinamentos bíblicos até agora aceitos como definitivos e verdadeiros, quer rasgar o véu que ainda encobre muitas passagens da Bíblia e, assim, afastar dúvidas ou equívocos sensivelmente prejudiciais à exata compreensão de muitos pontos da História.”

A maior virtude desta nova obra analisadora e revisora dos textos bíblicos é o enfoque de novos aspectos, sob uma ótica, raciocínio e lógica diferentes. Entretanto, acontece com todos aqueles que buscam estudar a Bíblia com base no realismo, serem considerados heréticos e inimigos da fé.

Anteriormente, Paulo Neto lançou outra apreciada obra sobre o mesmo tema: “A Bíblia à Moda da Casa”.

Evidenciando o fato de que a análise do texto bíblico prossegue suscitando muito interesse, surgiu esta nova obra, com nova formatação, em que os temas são estudados em tópicos separados.

As incongruências, insubsistências e diatribes são exaustivamente estudadas, e o Autor demonstra excepcional capacidade ao demonstrá-las, e mais, de extrair conclusões eivadas de racionalidade das suas colocações.

Assim como aconteceu com a sua obra antecedente, “A Bíblia à Moda da Casa”, este novo trabalho do Autor é um libelo contra o fanatismo e o dogmatismo.

Tudo porque o enfoque dado ao texto bíblico é calcado num raciocínio embasado na Doutrina dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Espiritismo trouxe novos conhecimentos e novas luzes, em campos do saber humano até então inamovíveis, seja pelo tradicionalismo, seja pela oclusão mental. *“Mais vale repelir dez verdades do que admitir uma só mentira”*, lecionou o Codificador.

Paulo Neto embasa suas reflexões, observações e conclusões no conhecimento espírita, que vem amalhando ao longo de seus estudos, em estrita observância aos preceitos doutrinários.

Todo o seu trabalho é, mui certamente, oriundo de exaustivas pesquisas e de uma busca incessante de fontes confiáveis, pois a abordagem e a temática mexe e incomoda aos exegetas de plantão. O embasamento é necessário e, muitas vezes, imprescindível, para abafar reações esdrúxulas dos que se sentem atingidos com a exposição realista que é apresentada.

Não é possível, entretanto, que se continue aceitando como verdade intocável e inamovível certas colocações e certas passagens bíblicas, à vista de equívocos e impossibilidades que saltam à vista de quantos as compulsem.

Esta não é uma obra de leitura, mas sim de estudo. Apresentada em tópicos, cada um deles vai suscitar reflexão por parte do leitor. Alguns dos raciocínios e explicações apresentados serão apreciados com surpresa, levando o leitor a uma pergunta inevitável: *“como nunca pensei nisso antes?”*

Honra ao raciocínio, à crítica e à capacidade intelectual de Paulo Neto, lançando esta nova obra sobre assunto tão delicado e tão profundo quanto o conteúdo da Bíblia.

Usufruamos desse manancial de informações.

Belo Horizonte, em 15/04/2005.

Gil Restani de Andrade (1941-2006)

Prefácio

Mantivemos, aqui nesse volume II, a apresentação do nosso companheiro Gil Restani de Andrade, por dois motivos. Um como uma singela homenagem póstuma a quem soube viver plenamente os ensinamentos Espíritas, pois era, como se diz, um Espírita de primeira linha. O outro, gostaríamos de justificar porque, quando ele fez o prefácio, o texto do livro era único, mas, por necessidade, acabou sendo publicado em três volumes.

Continuando com o nosso estudo da Bíblia, agora especificamente, aos textos do Novo Testamento, vamos rever as explicações oferecidas pela teologia dogmática, para sair das interpretações de conveniência, em busca daquilo que realmente deve ser entendido os textos.

Como fizemos no Volume I, trabalhamos como se não tivéssemos nenhuma informação sobre os assuntos enfocados para que nada pudesse nos influenciar, já que os dogmas poderiam nos manter estacionados nas mesmas interpretações interesseiras, onde, para nós, se encontram os equívocos teológicos, que não causam preocupação a quase ninguém.

Graças a Deus, estamos sentido uma crescente busca dos fatos acontecidos, isso, como não poderia deixar de ser, também acontece com os assuntos bíblicos. Disso vislumbramos um horizonte menos nebuloso para a geração

futura, que não mais aceitará imposições dogmáticas, mas quererá, e com razão, saber das coisas usando para isso a lógica e a razão, longe do creio porque está escrito.

Em não mudou muito em relação ao Volume I, ou seja, o nosso raciocínio sempre nos guiou para resultados completamente diferentes dos dogmas e interpretações que estávamos acostumados a acreditar. Entretanto, sempre nos apoiando em pesquisas formamos as bases consistentes e sólidas que nos levaram aos mesmos resultados, pelos quais já vimos no primeiro volume. A razão e lógica foram as bases que buscamos para sustentá-los.

Continuamos na certeza de que muitos dos nossos estudos chocarão algumas pessoas, especialmente aos fundamentalistas que não arredam o pé daquilo que aprenderam. Mas a busca da verdade que fomos, nesse tempo todo, pautando os nossos estudos, não nos permitiu preocupar a qual resultado final poderíamos chegar.

O choque mais extraordinário que tivemos foi quando, no estudo das citadas profecias a respeito de Jesus, não encontramos uma só que pudéssemos nos apegar como uma verdadeira profecia, explícita e direta, a seu respeito. Acreditamos que isso também chocará a muitos, entretanto, achamos que a verdade deverá se sobrepôr, até mesmo porque Jesus nos recomendou: *“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”*. Agora, mais do que nunca, entendemos o verdadeiro sentido dessa frase. Falava o Mestre justamente das adulterações, das interpolações, das interpretações de conveniência que fariam de seus ensinamentos, buscando,

principalmente, subjugar os fiéis, os quais se tornam, em suas mãos, nada mais que simples joguetes do interesse do poder social ou financeiro, base fundamental de seus princípios, que nada tem, é claro, a ver com a verdade que liberta.

E reafirmamos que esse nosso estudo poderá, se bem divulgado, causar descontentamento em determinada liderança religiosa, essa a qual mais evidência o interesse do poder e do dinheiro, da qual já falamos. Mas encontrará repercussão favorável naqueles em que, como nós, o mais importante é a verdade legítima, não a fabricada por interesses como essas que vigoram entre quase todas as denominações cristãs.

Queremos ver outros autores, os mais gabaritados que nós, levando adiante essa ideia que iniciamos com esse livro *Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia*, de forma a forçar uma revisão teológica, a qual achamos urgente e necessária de se fazer.

Da mesma forma que no Volume I, os textos serão colocados, quando for possível, na ordem em que os assuntos aparecem no AT, quando isso não possível, serão colocados na ordem cronológica em que foram escritos.

Paulo Neto

A Fuga para o Egito

“A luz clareia aqueles que abrem seus olhos, mas as trevas se espessam para aqueles que querem fechá-los.” (SIMEON)

De todos os quatro evangelistas, apenas Mateus fala sobre esse episódio (2,13-23), que teria acontecido com a família de Jesus, cujo teor transcrevemos da Bíblia Sagrada - Ave-Maria:

*Mateus 2,13-23: "Depois de sua partida, um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse: 'Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar.' José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito. Ali permaneceu até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: **Eu chamei do Egito meu filho** (Oseias 11,1).*

*Vendo, então, Herodes, que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado dos magos. Cumpriu-se, então, o que fora dito pelo profeta Jeremias: **Em Ramá se ouviu uma voz, choro e grandes lamentos: é Raquel a chorar seus filhos; não quer consolação, porque já não existem!** (Jer 31,15).*

Com a morte de Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito, e disse: 'Levanta-te, toma o menino e sua mãe e retorna à terra de Israel, porque

*morreram os que atentavam contra a vida do menino'. José levantou-se, tomou o menino e sua mãe e foi para a terra de Israel. Ao ouvir, porém, que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de seu pai Herodes, não ousou ir para lá. Avisado divinamente em sonhos, retirou-se para a província da Galileia e veio habitar na cidade de Nazaré para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: **Será chamado Nazareno.**" (grifo negroito nosso)*

Por que será que somente Mateus cita tal acontecimento? Achemo-lo por demais importante, para que fosse esquecido pelos outros três evangelistas. Ou será que tal episódio não teria ocorrido de fato? Questionamentos que saltam à nossa mente, que, por estar livre das imposições dogmáticas das religiões tradicionais, nos leva a aplicar integralmente o: *"examinai tudo, retende o que é bom"* (1 Tessalonicenses 5,21).

Segundo Werner Keller, em seu livro *E a Bíblia tinha razão...*, afirma que *"inexiste prova histórica ou arqueológica da 'fuga para o Egito'"*, imediatamente acrescentando *"tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré"*. (1) Vê-se que por aí já nos deparamos com esses dois espinhosos problemas.

Alguns tradutores explicam essa narrativa como *"um paralelo anterior na infância de Moisés, descrita pelas tradições rabínicas: segundo estas, quando o nascimento da criança foi anunciado, por meio de visões, ou por intermédio dos mágicos, o Faraó mandou chacinar as crianças recém-nascidas"* (Bíblia

1 KELLER, 2000, p. 366.

de Jerusalém, p. 1705-1706).

Com respeito à morte das crianças, conta-nos Keller:

[...] Assim, hoje em dia usa-se de um cuidado bem maior do que outrora na apreciação da historicidade do infanticídio de Belém e, antes, tende-se a considerar o relato em questão como uma tentativa, condicionada à mentalidade contemporânea que visa realçar a importância de Jesus, pelos meios usados na época (para tanto, existe ainda uma certa autenticidade histórica, representada pelas atitudes efetivamente tomadas por Herodes em sua contenda com os fariseus, por causa do Messias. Veja o fim do capítulo precedente). No entanto, há ainda mais. **O relato do infanticídio de Belém estabeleceu um nexó entre Jesus e Moisés, pois também desse último a Bíblia conta como escapou, milagrosamente, de perseguições idênticas, sofridas por parte do faraó egípcio (Êxodo 1.15, 2.10) [...].** (²) (grifo nosso)

Quando o anjo aparece a José, dizendo para ele e sua família voltarem para Israel *“porque morreram os que atentavam contra a vida do menino”*, notamos que isso não faz sentido, pois, no início, a referência que se faz é a Herodes; o correto seria então dizer *“morreu”* e não *“morreram”*.

O primeiro aviso em sonho, José o segue fielmente; quando do segundo, demonstra receio de voltar para Judeia, lugar indicado pelo anjo. Isso não condiz com seu comportamento anterior, pois, pensando em deixar Maria, um anjo lhe aparece em sonho avisando que o filho que ela levava na barriga é *“obra do Espírito Santo”*, já que ele ouve a voz do

2 KELLER, 2000, p. 366.

anjo e não abandona Maria.

Apesar de relatado, esse fato não se coaduna com a cultura machista daquela época. E, até a bem pouco tempo atrás, se isso viesse a acontecer, aqui em nossa sociedade mesmo, a mulher seria, com certeza, repudiada. E duvidamos que um homem, pela cultura daquela época, ou mesmo dessa recente que falamos, descobrindo que sua futura mulher estivesse grávida e esse filho não fosse dele, ainda ficaria com ela...

Se José teve receio de ir para a Judeia porque estava sendo governada por um filho de Herodes, então, por que motivo foi para a Galileia que também estava sendo governada por outro filho dele, no caso, Herodes Antipas? Não correria o mesmo risco?

Observamos que a primeira vez que Mateus cita o nome de alguma cidade relacionada a Jesus, diz de Belém da Judeia, local onde nasceu. Quando do retorno do Egito fala que José não quis voltar para a Judeia, do que podemos concluir que deveria ser especificamente a cidade de Belém. Cidade essa que, segundo se deduz das narrativas desse evangelista, teria sido o local onde Jesus viveu até que fosse para o Egito; só após a sua volta é que passou a morar em Nazaré.

Entretanto, Lucas deixa muito claro que Maria e José viviam em Nazaré (1,26; 2,4); foram a Belém para se alistar no recenseamento; lá nasceu o menino e terminado os dias de purificação, o levaram ao Templo, em Jerusalém, para cumprirem as prescrições da Lei: *“todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor”* (Êxodo 13,2.15), após o

que *“voltaram à Galileia, para Nazaré, sua cidade”* (Lucas 2,39), afirmando, um pouco mais à frente, que *“foi a Nazaré, onde tinha crescido”* (Lucas 4,16).

É uma divergência para a qual não encontramos nenhuma explicação plausível, a não ser de que a razão poderia estar mesmo com Lucas, já que também Marcos dá a entender que Jesus, até o dia em que foi batizado por João Batista, morava em Nazaré (Marcos 1,9) e que Mateus, seguindo o que acreditavam na época, procurou adaptar a pessoa de Jesus às profecias sobre o Messias; por isso teria modificado a descrição dos acontecimentos, para sustentar esse pensamento. Entretanto, conforme já informamos anteriormente, não existe prova arqueológica da estada de Jesus em Nazaré, permanecendo, portanto, essa dúvida.

Que os bibliólatras nos desculpem, mas, após esse estudo, a visão que passamos a ter dessa passagem não é coisa de que gostarão, com certeza.

Primeiro, a “fuga” para o Egito é uma situação criada para tentar aplicar o que dizem ser uma profecia de Oseias. Entretanto, ao analisarmos a passagem citada (Oseias 11,1), percebemos claramente que ela nem mesmo é uma profecia; trata-se, na verdade, de uma coisa já acontecida. Observe que o verbo “chamar” está no pretérito; portanto, fato do passado. E mais a expressão “meu filho”, utilizada na passagem, se refere ao povo de Israel e não a uma pessoa em particular.

Segundo, a matança das crianças justificaria uma outra profecia, agora de Jeremias (31,15). Só que, como acontecido com a anterior, essa passagem também não é uma profecia;

está relacionada à tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, rei da Babilônia, que leva o povo de Israel, que acabara de subjugar, cativo para o seu país; daí *“o pranto de Raquel (sepultada em Ramá, perto de Belém) pelos filhos massacrados ou deportados pelos caldeus depois da destruição de Jerusalém em 596 a.C.,...”* (3)

Terceiro, a ida para Nazaré foi forjada para relacioná-la ao cumprimento de mais uma outra profecia que teria sido dita por vários profetas. Entretanto, a realidade é bem outra, pois não há nenhuma profecia em que, pelo menos, um só profeta tenha dito: *“Será chamado Nazareno”*; é pura invenção do autor bíblico.

Sabemos que, o que estamos dizendo poderá chocar alguns; entretanto, aos que, acima de tudo, buscam a verdade, será ouvido de bom grado. A verdade que entendemos, não necessita ser imposta a ferro e fogo; ao contrário, quando alguém quer, por todos os meios, fazer com que os outros aceitem a sua verdade, é porque, com certeza, não está com ela, pois a verdade é algo tão cristalino que não necessita de nada mais, a não ser que seja mostrada. Os sábios a sentirão, enquanto que os ignorantes a contestarão.

O que nos conforta é que não estamos sozinhos nessa busca. Recentemente, encontramos um artigo, onde parte do texto tem a ver com o que estamos tratando aqui, do qual transcrevemos:

[...] E o segundo problema ainda mais grave, é que

3 Bíblia Sagrada - Paulinas, p. 1062.

provavelmente **Jesus não nasceu em Belém. ‘Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus nasceu em Nazaré’**, diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte... Assim como o nascimento em Belém, a terrível execução de recém-nascidos ordenada por Herodes e a fuga de Maria e José para o Egito também teriam sido uma ‘licença poética do texto’, dessa vez para simbolizar que Jesus é o novo Moisés – já que essa narrativa é bem semelhante ao que se contava da vida do patriarca bíblico”. ‘Isso não foi uma criação maquiavélica para glorificar Jesus, era apenas o estilo literário da época’, diz Vitório. (4) (grifo nosso).

Sobre Jesus ter nascido em Nazaré e não em Belém por ser um assunto interessante mereceu um estudo específico, foi o que fizemos no capítulo anterior.

4 CAVALCANTE, 2002, p. 43.

João Batista é mesmo Elias?

“Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso.” (RENÉ DESCARTES)

“A verdade não conhece mistérios, nem dogmas, nem milagres. A necessidade de enganar, de iludir faz parte sempre dos mesmos mistérios, dogmas e milagres.” (MÁRIO CAVALCANTE DE MELLO)

Pelo fato de não aceitarem a reencarnação, muitas pessoas têm defendido a tese de que João Batista não teria sido Elias em nova encarnação. Evidentemente, partem de uma interpretação pessoal, altamente associada ao dogmatismo religioso em que vivem, resultando em algo que pouco ou nada tem a ver com os textos bíblicos.

Faremos um estudo para ver qual é a realidade, esperando responder à pergunta inicial; mas, como sempre, em relação a esses, de quem falamos, não alimentamos a mínima pretensão de demovê-los de suas ideias com o que resultar desse estudo. A única coisa que irá modificar-lhes o pensamento será, por ironia do próprio destino, só mesmo a reencarnação, já que ela é uma lei natural, que não pergunta a ninguém se nela crê ou não, para que lhe sujeite e se cumpra o “*é necessário nascer de novo.*” (João 3,3)

Faremos uma análise de várias passagens bíblicas, em

busca de uma interpretação menos dogmática.

O povo hebreu esperava a volta de Elias, confiante nas duas profecias do Antigo Testamento, que afirmam sobre o seu retorno. Propositadamente, as colocaremos na ordem inversa, ou seja, da mais nova para a mais antiga. Leiamo-la:

Eclesiástico 48,10: *“Tu que foste designado nas ameaças do futuro, para apaziguar a cólera antes do furor, **para reconduzir o coração dos pais aos filhos** e restabelecer as tribos de Jacó.”* (grifo nosso)

Nos versículos 1 a 12 do capítulo 48 do livro Eclesiástico, escrito por volta do ano 200 a.C., se está falando de Elias; então, a afirmativa de que *“foste designado nas ameaças do futuro”* refere-se a uma profecia a respeito da volta de Elias.

Na sequência, diz-se que um dos objetivos de sua volta seria *“para reconduzir o coração dos pais aos filhos”*, exatamente o que iremos ver o anjo Gabriel afirmando a Zacarias sobre o personagem João Batista (Lucas 1,14-18).

E, certamente, corrobora o que encontramos em Malaquias (Malaquias 3,22-24) ⁽⁵⁾, que Ihe é anterior, contendo essa mesma afirmação, conforme veremos um pouco adiante. E o versículo 11 inicia afirmando *“Felizes os que te virem...”*, o que dá conotação de algo a acontecer no futuro.

A segunda passagem, onde, na verdade, se encontra a primeira profecia, está no último livro do Antigo Testamento, que é o de Malaquias, que, segundo pudemos levantar, viveu

5 Em algumas traduções bíblicas essa passagem é citada como Malaquias 4,4-6.

cerca de 400 anos a.C. ⁽⁶⁾; assim ele disse:

Malaquias 3,1: *“Vejam! **Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente.** De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam. Olhem! Ele vem! - diz Javé dos exércitos.”* (grifo nosso)

Mais à frente, esse mensageiro é identificado, no mesmo texto do próprio profeta Malaquias:

Malaquias 3,23-24: *“Vejam! **Eu mandarei a vocês o profeta Elias,** antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total.”* (grifo nosso)

O passo seguinte é quando, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias recebe a visita de um anjo, que lhe anuncia que sua mulher Izabel, apesar de estéril, daria a luz a uma criança, cujo nome deveria ser João (Lucas 1,5-13); caracterizando essa criança, o anjo Gabriel declara a Zacarias:

Lucas 1,15-18: *“[...] ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles, **com o espírito e o poder de Elias,** a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto.”*

6 Dicionário Prático - Barsa, p. 165.

(grifo nosso)

Afirmando que a criança virá *“com o espírito e o poder de Elias”*, se usa da linguagem de época, para confirmar que aquela criança seria o espírito de Elias reencarnado. Isso se confirma quando, na sequência, é dito *“a fim de converter os corações dos pais aos filhos”*, exatamente como consta em Eclesiástico (Eclesiástico 48,10) e como também disse Malaquias na profecia que anteriormente citamos (Malaquias 3,22-24), na qual também se afirma categoricamente que Elias haveria de voltar: *“eu mandarei a vocês o profeta Elias”*.

João Batista foi um projeta, ou seja, “É alguém que fala aos outros em nome de Deus (Deuteronômio 18,18). É um porta-voz escolhido, enviado e inspirado por Deus para fazer em seu nome pronunciamentos, chamados oráculos, e para fazer ver o plano e a vontade divinos. [...]” (7) Portanto, o que se era de esperar é que fosse dito *“com o espírito e o poder de Deus”* e não *“com o espírito e o poder de Elias”*, que está aí exatamente para confirmar que era o próprio espírito de Elias que voltara, em cumprimento da profecia.

No dia em que o menino foi levado para ser circuncidado, Zacarias, mudo por castigo imposto pelo anjo, escreve, numa tábua, o nome que deveria ser dado a seu filho: João. Fez isso porque queriam dar à criança o mesmo nome do pai ou de algum parente. Logo após, Zacarias profetiza dizendo várias coisas (Lucas 1,67-79), e dentre elas destacamos:

Lucas 1,76-77: *“E a você, menino, chamarão **profeta**”*

do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos, anunciando ao seu povo a salvação e perdão dos pecados.” (grifo nosso)

Isso confirma, primeiro, a profecia anterior de Malaquias e, segundo, o que o anjo Gabriel havia dito a Zacarias, como para não deixar dúvidas de quem era aquele menino, embora, nos dias de hoje, haja os que, por puro dogmatismo, não enxergam isso.

Na narrativa, em que se relata o início da pregação de João Batista, lemos:

Lucas 3,3-6: *“E João percorria toda a região do rio Jordão, pregando o batismo de conversão para o perdão dos pecados, conforme está escrito no livro do profeta Isaías: ‘Esta é voz daquele que grita no deserto: **preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas. Todo vale será aterrado, toda a montanha e colina serão aplainadas; as estradas curvas ficarão retas, e os caminhos esburacados serão nivelados.** E todo homem verá a salvação de Deus’.”* (grifo nosso)

Como se nota, João, mais uma vez, está sendo relacionado a uma profecia a respeito da vinda do Mensageiro.

Mais à frente, João Batista é preso por Herodes, e da prisão, envia seus discípulos a Jesus. Logo após esse encontro de Jesus com os discípulos de João, ele, o Mestre, em se referindo à *“voz que clama no deserto”* diz:

Mateus 11,7-15: *“O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas*

*aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça.**"* (grifo nosso)

Na afirmação de que “é de João que a Escritura diz”, Jesus está relacionando João Batista exatamente à profecia de Malaquias a respeito do envio do mensageiro (Malaquias 3,1), identificado pelo próprio profeta como sendo Elias (Malaquias 3,22-24), conforme já vimos.

Há, aqui, uma frase que poucos a comentam; entretanto, ela é muito singular. Estamos falando da frase: “Desde os dias de João Batista até agora”, expressão que, por lógica, só faria sentido se João Batista não fosse contemporâneo de Jesus. Sobre ela Kardec tece o seguinte comentário:

[...] Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: “Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.” Ora, sendo João o próprio Elias, **Jesus alude à época em que**

João vivia com o nome de Elias. [...] ⁽⁸⁾ (grifo nosso)

Acreditamos que é realmente isso: Jesus está afirmando o que, em outras palavras, poderia ter sido dito: “Desde os dias de Elias até agora”, já que, na sequência, ele arremata claramente dizendo que João é Elias, aquele mesmo que havia de vir. Na certeza de que muitos não acreditariam nisso, completa: *“quem tem ouvidos, ouça”*, ou seja, quem quiser acreditar que acredite: João Batista é mesmo o Elias reencarnado.

Vale também observar que Jesus nunca impôs sua maneira de pensar a ninguém, exemplo que muitos não se preocupam e nem fazem questão de seguir; principalmente, aqueles que tentam incutir na cabeça dos outros as suas interpretações pessoais dos textos bíblicos; seriam eles os falsos profetas de quem Jesus sempre falava? Em Mateus 7,21-23 Ele nos dá algumas pistas sobre quem poderiam ser esses falsos profetas: usariam o nome dele para: 1) profetizar; 2) expulsar demônios e 3) fazer muitos milagres. Será que é de alguns líderes religiosos atuais que Jesus está se referindo? Fica a resposta por sua conta, caro leitor.

Como explicar que João Batista seja o maior de todos os homens, mas que no “Reino do Céu” ele é o menor? Somente com a possibilidade de evolução individual, que cabe a cada um de nós. Se isso não for verdade, haveremos de, forçosamente, acreditar que Deus age com parcialidade, contrariando a afirmação de que *“Deus não faz acepção de pessoas”* (Atos

8 KARDEC, 2007c, p. 92.

10,34), o que faria de Sua “justiça” uma justiça por demais humana, privilegiando algumas pessoas em detrimento de outras.

Em outra passagem Jesus volta, novamente, a afirmar sobre João ser Elias. Ei-la:

Mateus 17,1-13: *“Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: ‘Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias’. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz’. Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: ‘Levantem-se, e não tenham medo’. Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: ‘Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos’. Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: **Elias já veio, e eles não o reconheceram.** Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo’. **Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista.**” (grifo nosso)*

Transcrevemos a passagem por completo para podermos melhor explicá-la. Os espíritos Moisés e Elias aparecem no monte Tabor e conversam com Jesus, fato que Pedro, Tiago e João testemunham (e ainda dizem que os mortos não se comunicam...). Os discípulos, lembrando-se das profecias a respeito da volta de Elias, ficam intrigados; daí pensaram: se Elias está aqui, então como na Escritura é dito que ele voltaria? Em consequência pedem uma explicação a Jesus: *“O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?”*. A resposta de Jesus sobre isso é categórica: *“Elias já veio, e eles não o reconheceram”*. Fato que por si só se explica porque o espírito que animou Elias esteve reencarnado como João Batista; entretanto, nem todos o reconheceram. É por isso que no texto consta “eles”, os doutores da Lei, e não “ninguém”, que abrangeria o desconhecimento por parte de todo mundo, inclusive dos apóstolos, de que João era Elias.

Quanto aos apóstolos, podemos dizer que apenas queriam essa confirmação por parte de Jesus, pois já supunham que João era mesmo Elias, já que não teriam feito essa pergunta se não cressem na reencarnação.

Será interessante vermos essa passagem pela narrativa de Marcos; leiamo-la:

Marcos 9,1-13: “E Jesus dizia: 'Eu garanto a vocês: alguns dos que estão aqui, não morrerão sem ter visto o Reino de Deus chegar com poder'. Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou sozinhos a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles. Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas, como nenhuma

*lavadeira no mundo as poderia alvejar. Apareceram-lhes Elias e Moisés, que conversavam com Jesus. Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: 'Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias'. Pedro não sabia o que dizer, pois eles estavam com muito medo. Então desceu uma nuvem e os cobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: 'Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!' E, de repente, eles olharam em volta e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles. Ao descenderem da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação e **se perguntavam o que queria dizer 'ressuscitar dos mortos'**. Os discípulos perguntaram a Jesus: 'Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?' Jesus respondeu: 'Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, **exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele'**.'" (grifo nosso)*

Será que o “ressuscitar dos mortos” aí equivale a reencarnar? Os discípulos discutiam sobre o que queria dizer “ressuscitar dos mortos” e, ao que parece, não chegaram a um denominador comum; assim, querendo um esclarecimento, perguntam a Jesus sobre a volta de Elias. Obviamente, como estavam conversando sobre ressurreição dos mortos, e nessa conversa sai o nome de Elias, é porque, certamente, tinham Elias como morto e não como um arrebatado.

Muito interessante o que pudemos ver quanto ao teor do versículo 13, em duas outras traduções bíblicas bem antigas.

Na Bíblia Paulinas (1957) e na Bíblia Barsa (1965), nesse verso consta o seguinte:

Marcos 9,13: *“Mas digo-vos que Elias já veio **(e fizeram dele quanto quiseram)** como está escrito dele.”* (grifo nosso)

A diferença entre os textos bíblicos pode ter sido porque o que está aqui entre parênteses é, certamente, uma glosa. Conforme o Dicionário Bíblico, glosa “são os acréscimos feitos a um texto para explicá-lo, corrigi-lo e adaptá-lo. De modo geral colocados à margem pelos autores, as glosas são progressivamente inseridas no texto até pelos próprios copistas”. (9). Assim, temos o texto original, sem a glosa: *“Mas digo-vos que Elias já veio como estava escrito dele”*, ou seja, corrobora as duas profecias, já citadas.

Embora tudo isso, quanto colocamos até aqui, seja claro aos que não estão encabrestados por sua liderança religiosa, não duvidamos que continuarão aparecendo dogmáticos com argumentos contrários a essa verdade bíblica, colocando Jesus como mentiroso, já que foi Ele quem disse que João era Elias, e não nós, os Espíritas, fato que não há como contestar.

Falta-nos ainda fazer uma análise da passagem que relata a morte de João Batista; é o que faremos agora; mas, primeiro, leiamo-la:

Mateus 14,7-11: *“Então Herodes prometeu com juramento que lhe daria tudo o que ela pedisse. Pressionada pela mãe, ela disse: 'Dê-me aqui, num*

9 MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 328.

*prato, a cabeça de João Batista'. O rei ficou triste, mas por causa do juramento na frente dos convidados, ordenou que atendessem o pedido dela, e **mandou cortar a cabeça de João** na prisão. Depois a cabeça foi levada num prato, foi entregue à moça, e esta a levou para a sua mãe.” (grifo nosso)*

Considerando que a reencarnação está diretamente associada à lei de causa e efeito, a morte de João Batista é mais um fato que se ajusta ao nosso conjunto de provas, pois ele morreu exatamente da mesma forma que, quando estava encarnado como Elias, fez perecer os sacerdotes de Baal: teve a cabeça cortada. Vejamos o relato:

*1 Reis 18,40: “Então Elias disse a eles: ‘Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum’. E eles os agarraram. **Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e aí os degolou.**” (grifo nosso)*

*1 Reis 19,1: “Acab contou a Jezabel o que **Elias tinha feito e como tinha matado a fio de espada todos os profetas.**” (grifo nosso)*

E para que ninguém diga que a lei de causa e efeito não é bíblica, como ao gosto dos dogmáticos, apresentamos para sustentação do nosso entendimento as seguintes passagens:

Jó 4,8: “Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem.”

João 8,34: “Jesus respondeu: ‘Eu garanto a vocês: quem comete o pecado, é escravo do pecado’.”

Mateus 26,52: “Jesus, porém, lhe disse: ‘Guarde a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão’.”

Gálatas 6,7: *“Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado.”*

Há uma passagem em que Jesus ressalta a lei de causa e efeito ao estabelecer uma correlação entre a doença de uma pessoa como consequência de, anteriormente, ter “pecado”. É o caso de um parálítico, que assim se encontrava há trinta e oito anos, que foi curado num dia de sábado. Pouco tempo depois Jesus o encontra no templo e lhe diz: *“Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior”* (João 5,14).

Não resta dúvida que, perante essa fala de Jesus, podemos concluir que a paralisia desse homem estava diretamente relacionada a um “pecado” cometido por ele, embora, pelo texto não dê para sabermos se foi ou não de uma outra vida. Jesus ainda lhe adverte que se pecar outra vez a doença poderá ser pior, reafirmando essa lei.

Vamos agora analisar as principais objeções que se levantam contra João Batista ser Elias reencarnado. Iremos dividi-las em dois grupos; um específico quanto a essa questão e o outro mais genérico, onde argumentam contra a reencarnação, dizendo que não é bíblica e que Jesus nunca pregou tal coisa. Convém ressaltar que as genéricas, não raro, têm sido usadas como rota de fuga e de compensação, perante a inocuidade das objeções específicas.

1 - Objeções Específicas

1.1 - Elias não poderia ter reencarnado porque não morreu, mas foi arrebatado.

Se João, o Batista, fosse mesmo Elias reencarnado, Elias teria de ter morrido para reencarnar. Ora, sabemos que Elias nunca morreu, pois foi arrebatado vivo ao céu (2 Reis 2,11). Perguntamos aos espíritas qual o texto da Bíblia que confirma a morte de Elias? A resposta é: nenhum. Elias não morreu. Será que os espíritas aceitariam a Bíblia como um livro inspirado, ou vão torcer o significado do texto?

O grande problema é que muitas pessoas acreditam piamente em tudo que consta da Bíblia, como se, realmente, ela fosse, “capa a capa”, de inspiração divina. Certamente, o seria se não houvesse nela a mínima contradição; no entanto, podemos ver que elas existem; mas só percebem isso os que estão livres das “viseiras dogmáticas”. No presente caso, acontecem várias. Vejamo-las, os grifos são nossos:

a) Gênesis 3,19: “[...] tu és pó e ao pó tornarás.”

Elias, caso tivesse sido arrebatado, não teria voltado ao pó conforme o que **Deus estabeleceu aqui nessa passagem como coisa que acontecerá a todo ser humano.**

b) 1 Coríntios 15,50: “Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, [...].”

Se Elias foi arrebatado, certamente que foi para o reino dos céus no corpo físico, ou seja, com sua carne e seu sangue, fato que vem contrariar o que está aqui dito nesse passo.

c) João 3,13: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do homem.”

Se o arrebatamento de Elias for verdadeiro, então ele

subiu ao céu, e antes do que Jesus, o que contradiz essa fala de Jesus, que foi a única pessoa que havia subido ao céu, e ninguém mais, conforme suas próprias palavras.

d) Hebreus 9,27: “[...] aos homens está ordenado morrerem uma só vez [...].”

Se Elias não morreu – nem uma única vez –, fica evidente que essa passagem não se cumpriu.

e) Atos 10,34: “[...] Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; [...].”

Explica-nos o Houaiss que acepção é: “escolha, predileção por alguém; inclinação, tendência em favor de pessoa(s) por sua classe social, privilégios, títulos etc.”. Conseqüentemente, se o tal do arrebatamento aconteceu a Elias, há evidente contradição com o texto aqui citado. E, por outro lado, considerando que Tiago disse que “*Elias é homem fraco como nós*” (Tiago 5,17), qual seria então, a razão desse suposto privilégio de Elias, já que ele é igual a nós?

f) João 6,63: “O espírito é que vivifica; a carne para nada aproveita; [...].”

Na possibilidade de Elias ter sido arrebatado, ele foi “em carne” para o mundo espiritual; mas isso é estranho em função do “**a carne para nada se aproveita**”; portanto, nessa passagem, fica claro que o Espírito é que é o mais importante.

g) João 4,24: “Deus é Espírito, [...].”

Agora, sim, é que as coisas se tornaram mais incoerentes, uma vez que Deus, sendo espírito - essa é a nossa semelhança para com Ele -, certamente vive em seu reino nessa condição. Entretanto, Elias teria que viver em corpo físico, caso tivesse sido arrebatado. **Se for verdade o que disse Jesus, de que o “reino dos céus está dentro de vós” (Lucas 17,21), então ele não é um lugar, mas um estado de consciência, ficando, portanto, sem qualquer sentido alguém ser arrebatado fisicamente.**

h) 2 Crônicas 21,12: **“Então lhe chegou às mãos uma carta do profeta Elias”.**

Nesse livro, o de Crônicas, está se afirmando que Elias envia uma carta a Jorão (forma abreviada de Jeorão), fato que comprova que ele não foi arrebatado coisíssima nenhuma, uma vez que o envio dessa carta aconteceu cerca de dez anos depois do seu suposto arrebatamento, o que comprovamos com: “De acordo com a cronologia de 2 Reis, Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel (2 Reis 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2 Reis 8,16; cf. no entanto 2 Reis 1,17)” (10). A não ser que o correio daquela época não tenha sido tão eficiente quanto o atual e tenha atrasado a entrega dessa carta.

Ainda temos o tradutor Russell P. Shedd (1929-2016), teólogo evangélico, que assim tenta explicar o passo 2 Crônicas 21,12:

10 Bíblia de Jerusalém, p. 607.

Elias já havia subido aos céus antes da entrega da sua carta (cf. 2Rs 3,11), que soaria como uma voz de condenação vinda do além. Elias talvez profetizara os crimes de Jeorão, com os castigos que lhe sobreviriam, à sua família e à sua nação. Elias, também, foi formidável oponente de Jezabel, mãe de Atalia, e sogra de Jeorão. ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

A sua hipótese de que a carta “soaria como uma voz de condenação vinda do além” é, para nós, algo inusitado saindo da boca de um evangélico.

Com apenas a informação de que “Elias já fora trasladado ao céu quando esta carta foi entregue a Jeorão”. ⁽¹²⁾, sem maiores considerações, para, talvez, não terem que admitir o que Shedd coloca como uma possibilidade.

É em 2 Reis 2,11 que se narra o suposto arrebatamento de Elias, fato que causa divergência mesmo entre os teólogos; vejamos a opinião de uma equipe de tradutores católicos e protestantes: “O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pode chegar a essa conclusão” ⁽¹³⁾.

1.2 - No monte da transfiguração, quem apareceu foi Elias e não João Batista, como era de se esperar se João fosse a última encarnação de Elias.

Se João Batista fosse a reencarnação de Elias, aquele que teria aparecido no monte da transfiguração, deveria ser João Batista e não Elias (Mt 17,1-6). Pois de

11 Bíblia Shedd, p. 640.

12 A Bíblia Anotada, p. 586.

13 Bíblia de Jerusalém, p. 509.

acordo com a doutrina espírita: a última pessoa reencarnada é que deve aparecer.

Obviamente que, como um princípio geral, isso está certo; o que não se deve é generalizar, pois, de acordo com a Doutrina Espírita, o que acontece é isso: “Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, **quase sempre**, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer”. (14). A expressão “quase sempre” retira o caráter genérico, abrindo a possibilidade de os espíritos apresentarem-se na forma em que as pessoas, às quais se dirigem, possam reconhecê-los; assim, “Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo”. (15) Dessa forma, se o espírito apresentou-se como Elias e não como João Batista, é porque ele queria se fazer reconhecer como Elias e não como João; foi isso o que aconteceu.

Portanto, pela Doutrina Espírita, há casos em que o espírito pode se manifestar com a aparência de qualquer outra encarnação, desde que tenha evolução moral para isso. O perispírito, como sendo o corpo espiritual, pode ser moldado à vontade do espírito, uma vez que ele possui entre suas propriedades a da plasticidade, que, com o poder do pensamento, permite ao espírito assumir uma outra aparência, mas sempre com a aparência de uma de suas encarnações. É o que se pode, inclusive tirar dessa fala de Kardec:

14 KARDEC, 1993h, p. 108.

15 KARDEC, 2007b, p. 146.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, **sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações**. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que se dá é que, **retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências**, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento. ⁽¹⁶⁾ (grifo nosso).

O perispírito, por ser totalmente maleável, terá a aparência que o espírito queira lhe dar, pela força do seu pensamento, conforme, por aqui, se confirma:

[...] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; **é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível**, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe **pode dar a aparência que entenda**, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

16 KARDEC, 2007e, p. 323.

Livre desse obstáculo que o comprimia, **o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua.** Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

Quanto mais evoluído for um espírito, mais facilmente conseguirá dirigir sua vontade para moldar o perispírito na aparência que desejar. É o que Kardec nos explica:

[...] O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. **Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los**, se se tornassem visíveis. **Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação.** É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes. ⁽¹⁸⁾ (grifo nosso)

No caso de João Batista, Jesus disse que entre os nascidos de mulher ele era o maior, assegurando, portanto, sua condição de espírito evoluído, embora Tiago tenha dito o contrário, fato que já citamos.

1.3 - A Bíblia fala que João Batista teve um ministério parecido com o de Elias (Lucas 1,17). Este versículo será

17 KARDEC, 2007b, p. 81-82.

18 KARDEC, 2007c, p. 416.

completamente esclarecido se comparado com a história de Elias e Eliseu (2 Reis 2,9-15).

João Batista cumpriu funcional e profeticamente o ministério de Elias, pois entendemos o texto da seguinte maneira: João Batista, deveria fazer o seu ministério dentro do espírito ministerial de Elias (Mt 4,5-6; Lc 1,17).

Em relação ao versículo que diz que João Batista ia **no** espírito de Elias (Lc 1,17), a Bíblia não diz que João Batista ia **com** o espírito de Elias. Existe uma grande diferença entre ir **no espírito** e ir **com o espírito** de Elias. A palavra **no** significa no mesmo ímpeto, semelhante. Para provar essa colocação, vamos ver como João Batista e Elias eram semelhantes.

JOÃO BATISTA	ELIAS
Perseguido por uma mulher (Herodias) e por um rei (Herodes). (Mt 14,3-5 e Mc 6,18-20)	Foi perseguido por uma mulher (Jezabel) e por um rei (Acabe). (1Rs 19,1-3 e 1Rs 21,20)
Usava uma capa de pelos. (Mt 3,4)	Usava também uma capa. (1Rs 19,19)
Era intrépido. (Lc 3,7)	Também era intrépido. (1Rs 18,27)
Foi o último profeta. (Lc 16,16)	Simboliza os profetas.

De doze livros bíblicos consultados ⁽¹⁹⁾, apenas quatro deles usam o “no”, o que, em termos percentuais, representa apenas 33% do total. Consequentemente, na maioria consta o termo “com”, e se nisto prevalecer a voz da maioria, então o argumento aqui enfocado cai por terra.

19 Ver relação nas referências bibliográficas.

Quanto à questão de ministério semelhante, é apenas uma tentativa inepta para que não fique evidenciada a ideia da reencarnação, uma vez que não é isso o que consta da Bíblia e nem mesmo poder-se-ia interpretar a passagem dessa maneira, uma vez que Jesus não deixou dúvidas ao dizer que *“João é Elias que devia vir”*. Se a intenção da profecia fosse mesmo indicar um “profeta semelhante”, bastaria a Malaquias usar a mesma expressão empregada em Deuteronômio 18,18, onde se diz: *“Suscitarei um profeta semelhante a ti”*.

Por outro lado, se, às vezes, argumentam a não existência da reencarnação, pois essa palavra não consta da Bíblia, pelo mesmo motivo podemos aplicar à palavra “ministério”, que se usou na frase: “A Bíblia fala que João Batista teve um ministério parecido com o de Elias”. Ademais os que usam desse argumento e acreditam na Trindade, apenas provam falta de coerência ou, quiçá, excesso de esperteza em utilizar apenas de passagens que lhes convém.

Vejamos agora a mencionada história de Elias e Eliseu:

2 Reis 2,9-15: *“Depois que passaram o rio, Elias disse a Eliseu: ‘Peça o que você quiser, antes que eu seja arrebatado da sua presença’. Eliseu pediu: ‘Deixe-me como herança dupla porção do seu espírito’. Elias disse: ‘Você está pedindo uma coisa difícil. Em todo caso, se você me enxergar quando eu for arrebatado da sua presença, isso que pede lhe será concedido; caso contrário, não será concedido’. E, enquanto estavam andando e conversando, apareceu um carro de fogo com cavalos de fogo, que os separou um do outro. E Elias subiu ao céu no redemoinho. Eliseu olhava e gritava: ‘Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!’ Depois não o viu mais. Então Eliseu pegou sua própria*

*túnica e a rasgou em duas partes. Pegou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a margem do Jordão. Segurando o manto de Elias, bateu com ele na água, dizendo: 'Onde está Javé, o Deus de Elias?' Bateu na água, que se dividiu em duas partes. E ele atravessou o rio. Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a certa distância, comentaram: '**O espírito de Elias repousa sobre Eliseu**'. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele."* (grifo nosso)

Para o espírito de Elias repousar sobre Eliseu, há de ter havido a morte do tesbita. De igual modo vemos, nos dias de hoje, ocorrendo com inúmeras pessoas, esse fenômeno de espírito repousar, o que para nós não é outra coisa senão a influência de um espírito desencarnado sobre um encarnado. Mas exigir que àquela época entendessem dessa forma é pedir muito, com certeza.

A relação das semelhanças, entre os dois profetas, está mais para se confirmar que João Batista é mesmo Elias do que para qualquer outra coisa.

Por outro lado, a profecia de Malaquias é clara quanto à promessa do envio de Elias, pois o cita nominalmente, e não alguém semelhante a ele como mostramos, e nem Jesus disse que João era semelhante a Elias, como querem os dogmáticos, justamente para fugir sorrateiramente da ideia da reencarnação.

1.4 - João Batista disse claramente que não era Elias.

Em alguns passos parece haver uma ideia de reencarnação, mas combatemos tal ideia com a passagem bíblica: "Então, lhe perguntaram: Quem és,

pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não”. (Jo 1,21). Assim, é o próprio João Batista que nega tal fato.

O que ocorre é que, quando o espírito passa a habitar um corpo físico, ele perde temporariamente a lembrança de suas outras vidas; daí ser perfeitamente normal a resposta negativa de João Batista à pergunta se ele era Elias. Por outro lado, aí ficaremos num dilema, pois em quem devemos acreditar: em Jesus que afirmou categoricamente que João Batista era Elias; ou no próprio João que disse não ser? De nossa parte estamos com Jesus, e pronto!

Mas a lembrança de outras vidas pode surgir de uma hora para outra, o que, facilmente, poder-se-á confirmar lendo a obra do Dr. Ian Stevenson (1918-2007), *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birth Marks and Birth Defects*, (Vol. I: Birthmarks, 1200 páginas e vol. II: Birth Defects and Other Anomalies, 1100 páginas) e a sinopse desse livro, *Where Reincarnation and Biology Intersects: A Synopsis*. Nessa obra o autor relata 225 casos de crianças que se lembraram de uma outra vida dos, nada menos, 2600 investigados por ele. A pesquisa do Dr. Stevenson, na opinião do pesquisador brasileiro, Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003):

Pessoalmente, consideramos essa obra do Dr. Stevenson como uma das mais importantes e indiscutíveis evidências de apoio à ideia da reencarnação. É a culminação das investigações acerca de casos de reencarnação, devido à qual preconizamos vir a ocorrer dentro de poucos anos o total reconhecimento da **reencarnação como uma lei**

biológica da natureza. ⁽²⁰⁾ (grifo do original)

Os que se apegam demais à negação, não se dão conta de que, se naquele tempo não acreditassem que uma pessoa, que havia vivido, pudesse viver novamente num outro corpo, não haveria sentido nessa pergunta feita a João Batista, fato que comprova que, àquela época, se acreditava na reencarnação, um dos significados para a palavra ressurreição. E, para eles, o fato de Elias ter que voltar, inclusive num novo corpo, incontestavelmente era coisa pacífica no seio da população; isso porque, se assim não fosse, não teria havido razão para terem sido enviados sacerdotes e levitas para fazerem esse tipo de pergunta; veja o leitor que o povo tinha plena consciência da reencarnação, pois havia a certeza de que ele, João Batista, era a reencarnação de outro profeta, embora não tivessem a certeza de qual dos profetas ele era a reencarnação; daí a razão da pergunta, mandada a ele ser formulada: *“Tu és Elias?”*. (João 1,21).

Além disso, no Velho Testamento, temos um versículo que nos induz a concluir da existência de nossas vidas passadas: Sabedoria 8,19-20: ***“Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha”***. (grifo nosso), quanto à lembrança usaremos dos argumentos do amigo de Jó, que lhe disse: *“Somos de ontem, e nada sabemos”* (Jó 8,9). É óbvio que o contexto é outro, porém se refere a um passado remoto. É com ele que se pode explicar o porquê de João

20 ANDRADE, 2000, p. 74.

Batista ter negado ser Elias, pois não se lembrava de sua encarnação como o Tesbita. Entretanto, embora ele não soubesse quem ele foi em encarnação anterior, tinha plena consciência da missão que deveria cumprir (João 1,23), ao afirmar que vinha realizar o que dissera Isaías (Isaías 40,3).

Se João Batista não for mesmo Elias, então os cristãos que assim acreditam deveriam mudar de religião, já que é exatamente por esse motivo, ou seja, falta de cumprimento das profecias, que, para os judeus, Jesus não é o Messias e, por conseguinte, o judaísmo é que deveria ser a religião própria para abrigá-los. Já que, profeticamente, a vinda de Jesus teria que ser precedida da vinda de Elias, para anunciar a vinda do Messias.

1.5 - A alegação de que Elias seja João Batista não procede, tanto pelo contexto das Escrituras quanto pela pregação dele.

Quando o “Elias reencarnado” viu a Jesus, exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Para ele, que viria restaurar todas as coisas, é Jesus, e não nós através de sucessivas vidas, que pagamos o preço pelos nossos pecados. A revelação completa que hoje está na Bíblia confere com o que João Batista trouxe, hoje não precisamos mais oferecer cordeiros em expiação, Cristo, o Cordeiro de Deus, hoje, é a nossa páscoa (1Cor 5,7). Como os cordeiros do Velho Testamento expiavam os pecados?? Como eles deveriam ser?? Pedro responde em sua carta: *“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um*

cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo” (1Pe 18,19).

Apesar de João Batista ter dito *“Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (João 1,29), o fato é que ele também disse que *“Eu vos batizo com água, para arrependimento; **mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar”***. (Mateus 3,11) (grifo nosso). Portanto, em se considerando que o próprio João disse que Jesus é mais poderoso que ele, não pode prevalecer sua opinião à de Jesus. Reputamos ao Mestre a autoridade suprema para a qual devem convergir nossas atenções e prioridades. Neste caso, como Jesus identifica, claramente e sem rodeios, a identidade espiritual de João Batista, torna-se de importância secundária o que possa advir de seus discípulos, que venha a contradizer a qualquer de seus ensinamentos, uma vez que: *“Nenhum discípulo está acima do mestre”*. (Mateus 10,24). Portanto, preferimos crer que **a palavra final cabe a Jesus** e não a Pedro, Paulo, João Batista ou a qualquer outro, no sentido de João Batista ser mesmo Elias, tanto pelo contexto das escrituras quanto pela pregação dele a seus discípulos, para os quais ensinava claramente sobre os *“mistérios do Reino de Deus”*. Os mesmos que, por fim, *“compreenderam que Jesus lhes tinha falado a respeito de João Batista”* (Mateus 17,13).

Quanto à questão de que *“o sangue de Jesus lavou nossos pecados”*, trata-se de mais uma opinião pessoal de autores bíblicos, contrária ao que Ele pregou. *“A cada um segundo suas obras”* (Mateus 16,27), a parábola do bom

samaritano (Lucas 10,25-37) e a do juízo final (Mateus 25,31-46), são passagens que asseguram que, realmente, somos nós mesmos que nos salvamos. Os discípulos apenas transferiam a Jesus o papel da vítima do holocausto das práticas ritualísticas dos judeus, quando matavam um novilho, sem defeito, para a expiação dos pecados do povo. Diremos como Paulo de Tarso: “se Jesus morreu pelos nossos pecados: comamos e bebamos”, pois já estamos salvos. Entretanto, essa absurda ideia contém uma contradição, uma vez que, pelo costume da época, os pecados perdoados eram os anteriormente cometidos em relação ao momento do ritual. Não havia, portanto, nenhuma relação para com os pecados futuros. Podemos confirmar isso em “... Sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; ...” (Hebreus 9,15) Por conseguinte, a crer nessa expiação dos pecados por Jesus, haveremos de arrumar outro Cristo para pagar pelos nossos, tomando-se como ponto de partida os ocorridos da sua morte até os dias de hoje. Outra opção é, quem sabe, ficar aguardando a vinda de um próximo “cordeiro”? E como fica o “*não peques mais*”? (João 5,14; 8,11).

1.6 - João não era Elias, mas “o” Elias, ou seja, alguém com as qualidades de Elias.

Ainda em nossos dias usamos esse estilo de expressão: “Nunca mais surgirá um Rui Barbosa”. “O Ronaldinho é um verdadeiro Pelé”. São termos comparativos. [Se acreditais na vinda de um Elias], “e, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que havia de vir” (Mt 11.14).

Por suas mensagens vibrantes e seu corajoso

desempenho diante de situações difíceis, Elias tornou-se símbolo dos profetas. Moisés, por exemplo, era símbolo da Lei (Lc 16.31). As profecias sobre a vinda de Elias não se contradizem. Muito pelo contrário. Vejam: Malaquias 4.5: *“Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterei o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição”*. Lucas 1.15-17: *“Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto”*. Logo, as profecias da vinda de Elias se cumpriram em João Batista. Portanto, Elias veio na pessoa de João Batista. É esta a real interpretação de Mateus 11.14 e 17.10-13.

Os que assim argumentam se esquecem de mencionar que a frase “nunca mais surgirá um Rui Barbosa” não é sinônima de “nunca mais surgirá o Rui Barbosa”, da mesma forma que correto é “Ronaldinho é um verdadeiro Pelé” e não “Ronaldinho é o verdadeiro Pelé”. Por este motivo não consideramos que seja de uma boa lógica concluir que a expressão “**ele é o Elias**”, seja o mesmo que dizer “**ele é um Elias**”. Basta, para isso, observar atentamente como Jesus se expressa, de modo a não deixar sobre isso a menor sombra de dúvida:

Mateus 11,10: **“É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'.”** (grifo nosso)

Mateus 17,12: “Mas eu digo a vocês **Elias já veio**, e eles não o reconheceram.” (grifo nosso)

E, além disso, não adianta se apegar demais a esse pormenor, tendo em vista que a expressão “**é o Elias**” (Mateus 11,14) não consta de todas as traduções bíblicas como, por exemplo: Bíblia Pastoral – Paulus e Escrituras Sagradas – Novo Mundo. Nas edições SBTB e SBB já encontramos “**é este o Elias**”, e na Paulinas (1957, 1977 e 1980), na Bíblia Barsa, Bíblia Anotada – Mundo Cristão e na Bíblia Shedd, já lemos “**ele mesmo é o Elias**”. Fica claro que, na maioria delas, o entendimento é objetivo, quando se afirma, embora de maneira um pouco diferente, que João Batistas é mesmo Elias, e não uma comparação, como querem os antirreencarnacionistas.

Além das Bíblias que acabamos de citar, quanto ao fato de usarem o “**ele mesmo é Elias**” (Mateus 11,14), que insistentemente afirmamos ao longo deste estudo, ainda podemos acrescentar a tradução de Louis-Isaac Le Maître de Sacy (1613-1684):

“Se quiserdes compreender o que vos digo, **ele mesmo é o Elias que há de vir.**” (grifo nosso)

Essa versão consta no *Evangelho Segundo o Espiritismo* (21), no qual Kardec utilizou-se dos textos bíblicos da tradução francesa da Bíblia de Sacy (22).

Podemos ainda apresentar a tradução do professor Carlos Torres Pastorino, ex-sacerdote formado em Teologia e

21 KARDEC, 2007c, p. 92.

22 KARDEC, 2007c, p. 26.

Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim, em a *Sabedoria do Evangelho*, que é a seguinte:

*“E se quereis aceitar (isto), **ele mesmo** é Elias que estava destinado a vir”.* ⁽²³⁾ (grifo nosso)

Pastorino, portanto, corrobora a tradução de Sacy, quanto ao uso do “ele mesmo”, que, no texto bíblico, em se referindo a João, não deixa margem a mirabolantes exegeses, para fugir da realidade bíblica de que João Batista foi **mesmo** Elias reencarnado.

Tudo nos leva a crer que essa deve ser a tradução correta, que reflete o texto original disponível, que foi mudado, justamente para escamotear a ideia da reencarnação, pois, com ela, o fiel salva a si próprio; não precisa, via de consequência, de líder que venha abrir a “porta do reino dos céus”, para que ele possa entrar. Essa simples suspeita tornou-se uma convicção diante desta explicação:

A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai (e) ei (se) thélete* (quereis) *decsásthai* (aceitar, inf. pres.) *autós* (ele mesmo) *estin* (é) *Hélias* (Elias) *ho méllôn* (part. presente de mellô, destinado, “o que estava destinado”) *érchesthai* (inf. pres.: a vir).

A Vulgata traduziu: “*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*”, em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o

sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). **Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo “arranhado”.** Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): “*ipse est Elías debens venire*”, **o que corresponde exatamente à nossa tradução: “ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir”.** Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá* vir), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. ⁽²⁴⁾ (grifo nosso)

A velha questão da tradução sempre se torna um problema para o entendimento do texto bíblico, além de não termos certeza absoluta de que o que ali está escrito corresponde de fato ao texto primitivo.

Por outro lado, colocar Elias como corajoso é, no mínimo, falta de conhecimento bíblico, pois após ele degolar os profetas de Baal, foge, como se diz popularmente, com “o rabo entre as pernas”, de Jezabel, mulher de Acab, sétimo rei de Israel (875-853), que promete matá-lo por conta disso (1 Reis 19,1-3). No máximo, no nosso entender, ele deveria ser considerado um sanguinário covarde, face a sua atitude de matar e fugir.

Aliás, tomando das próprias palavras dos contraditores podemos dizer “Logo, as profecias da vinda de Elias se cumpriram em João Batista. Portanto, Elias veio na pessoa de João Batista”, uma vez que o espírito, que animava esses dois personagens, era o mesmo, ou seja, João Batista era Elias em nova encarnação. Dessa forma a profecia de Malaquias, na qual

24 PASTORINO, vol. 3, 1964c, p. 16.

Deus prometeu enviar Elias, foi fielmente cumprida. Aos que não acreditam nisso, devem apresentar-nos uma boa desculpa para justificar que Deus não tenha enviado Elias como prometeu, mas uma outra pessoa no lugar dele, tornando-O um enganador.

2 - Objeções Genéricas

2.1 - Os judeus não criam em reencarnação, e sim na ressurreição dos mortos (Marcos 6,14-16 e Lucas 9,7-8).

Será que é isso mesmo a verdade? Analisemos para constatar. Tomemos as passagens citadas:

1ª) Marcos 6,14-16: *“O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome tinha-se tornado famoso. Alguns diziam: ‘João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem’. Outros diziam: ‘É Elias’. Outros diziam ainda: ‘É um profeta como os profetas antigos’. Ouvindo essas coisas, Herodes disse: ‘Ele é João Batista. Eu mandei cortar a cabeça dele, mas ele ressuscitou!’”.*

Interessante a argumentação de que Jesus fazia milagres pelos poderes de João Batista que agia sobre Ele. Isso é ressurreição do corpo físico? Não! Mas, então, o que é? É o que conhecemos por influência espiritual. Uma pessoa morre e, ressuscitada em espírito, passa a influenciar uma pessoa encarnada. Portanto, a ideia de ressurreição, nesta passagem, nada tem a ver com aquela ressurreição do final dos tempos, aceita pelos dogmáticos. Ressuscitar, nesse passo, é voltar à condição espiritual.

2ª) Lucas 9,7-9: *“O governador Herodes ouviu falar de*

tudo o que estava acontecendo, e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. Então Herodes disse: 'Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?' E queria ver Jesus”.

Nessa passagem é flagrante o uso da palavra ressurreição com o significado de reencarnação. Se as pessoas acreditavam que Jesus poderia ser Elias, Jeremias (Mateus 16,14) ou um dos antigos profetas ressuscitado isso não é ressurreição, mas sim reencarnação, já que se fosse Jesus um deles, estaria num novo corpo, o de Jesus, obviamente. Quem pensa assim, acredita que alguém já morto poderia voltar num novo corpo como outra pessoa. É exatamente isso o que definimos como reencarnação; portanto, provamos que na época se acreditava em reencarnação, sim; só que para designá-la usavam a palavra ressurreição, que também possuía, àquela época, outros significados.

Em uma certa oportunidade, Jesus pergunta aos discípulos: *“Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?”* Eles responderam: *“Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas”* (Mateus 16,13-14). Isso confirma que o povo acreditava na ressurreição em outro corpo, reencarnação para nós. Só que há algo importante nessa passagem: é que Jesus não protestou contra essa crença popular, o que significa que, tacitamente, a confirma. É como diz um velho provérbio: *“quem cala consente”*.

Alguém poderá perguntar: “Mas o que tem a ver ressurreição com reencarnação?” Ao que responderemos: dependendo do contexto, muita coisa; aliás, são conceitos semelhantes. Como?! Expliquemos, utilizando, para isso, esse passo citado (Mateus 16,14) na versão de Lucas:

Lucas 9,19: *“Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que **tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou**’.”* (grifo nosso)

Observar bem o que pensavam a respeito de quem era Jesus: *“tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou”*. O que se pode entender disso é que o verbo “ressuscitar”, utilizado nessa frase, tem, indubitavelmente, a nítido significado de reencarnar. Se Jesus, segundo suspeitavam, poderia ser qualquer um dos antigos profetas, isso só é possível acontecer pela reencarnação.

Por outro lado, como, nessa oportunidade, Jesus não combateu a ideia de que alguém poderia vir como uma outra pessoa, Ele, de certa maneira, sanciona a crença na reencarnação, pois, se não fosse uma realidade, certamente, que ele teria negado de forma contundente, de maneira a não deixar que as pessoas pensassem equivocadamente a respeito desse assunto.

Russell Norman Champlin (1933–2018), renomado exegeta protestante, analisando a passagem Mt 16,14, correlata a essa de Lucas (Lucas 9,19), disse:

“Uns dizem: João Batista”. Mat. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: “Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos”. Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. **Difícilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João foram contemporâneos.** Tal teoria, portanto, **reflete a doutrina da transmigração da alma.** É óbvio que **essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus,** e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, **muitos indivíduos (provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira.** Conforme tais ideias se tinham desenvolvido nas escolas dos fariseus, dizia-se que ainda viviam **as almas dos grandes profetas,** e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas **poderiam tomar corpo novamente.** No caso de João Batista, não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da “reencarnação”, mas deve ser interpretada como “transmigração” ou “possessão”. **Porém, uma vez admitida a ideia que Jesus era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à “reencarnação”.** O termo “transmigração” é usado **por muitas vezes como sinônimo de “reencarnação”.** A identificação de Jesus com João Batista, pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque **era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado,** e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias. ⁽²⁵⁾ (grifo nosso)

Esta aí uma prova de que os judeus acreditavam na

25 CHAMPLIN, vol. 1, 2005, p. 443.

reencarnação, que, para eles, consistia em ressuscitar em outro corpo.

Mas, ainda vamos trazer outra fonte para comprovar essa questão. Nós buscaremos esta informação no historiador daquela época chamado Flávio Josefo, que viveu entre 37 a 103 d.C. Suas obras históricas são: *“Antiguidades Judaicas”*, *“Guerra dos Judeus”* e *“Resposta de Flávio Josefo a Ápio”*, que, em nosso caso, fazem parte do livro *História dos Hebreus*.

Josefo, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

[...] Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras voltam a esta. [...]. ⁽²⁶⁾

E, quando alguns soldados, derrotados na guerra contra os romanos, pensavam em suicidarem-se, alertava-os dizendo:

[...] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas **almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros** como elas e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si

26 JOSEFO, 2003, p. 416.

mesmos são precipitados nas trevas do inferno; [...]. ⁽²⁷⁾
(grifo nosso)

Assim, podemos dizer que os fariseus, grupo religioso que existia à época de Jesus, acreditavam numa ressurreição em outro corpo. Ora, isso não é nada mais nada menos do que aquilo que entendemos por reencarnação.

Corroborando o nosso pensamento, trazemos em apoio a opinião do padre católico Manuel Bernardes (1644-1710), escritor, nascido em Lisboa, Portugal, que falando dos fariseus entre várias outras coisas também disse:

[...] Entre outros vários erros, tinham, supersticiosos, para si que todas as coisas aconteciam por força do fato (como afirma Josefo, que também foi desta seita) e que as estrelas eram animadas, e admitiram em parte a metempsicose platónica (com traz S. Epifânio), **isto é a transmigração das almas de uns corpos em outros, crendo que as dos maus ficavam no inferno**, mas as dos bons tornavam a este mundo. Por isso correu fama que Cristo era Elias ou Jeremias ou algum dos profetas antigos redivivo. [...] ⁽²⁸⁾ (grifo nosso)

É difícil encontrar um padre católico que afirme categoricamente que os fariseus acreditam na reencarnação (transmigração das almas), um honesto assim somente poder-se-ia encontrar no passado, no século XVIII.

Esse argumento de que os judeus não acreditavam na reencarnação, é, quase sempre, utilizado pelos

27 JOSEFO, 2003, p. 600.

28 BERNARDES, 1964, p. 9.

fundamentalistas, porém, não contam a história toda. Vários autores afirmam que acreditavam sim, como, por exemplo, Severino Celestino da Silva, em *Analisando as Traduções Bíblicas*, onde apresenta, para comprovação, esta frase do Rabino Ariele Karplan (1934–1983): “Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações” (29).

Mais a frente, Celestino cita a opinião de uma outra pessoa:

Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamaï Ende, colaborador da Revista Judaica “**Chabad News**”, publicação de Dez a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: **“O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot⁽³⁰⁾ da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. [...]”** (31) (grifo do original)

O Rabino Philip S. Berg (1929–2013), em *Reencarnação as Rodas da Alma*, afirma que:

A palavra hebraica para reencarnação é Guilgul Neshamot, que literalmente quer dizer ‘roda da alma’. É

29 SILVA, 2001, p. 158.

30 Nota da Transcrição: Mitsvot – plural de mitsvá que significa mandamento ou prática de boas obras – caridade.

31 SILVA, 2001, p. 161.

para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. **Guilgul Neshamot é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento.** A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. ⁽³²⁾ (grifo nosso)

Berg, quando desenvolve o tema dentro da ótica cabalista, diz a certa altura:

Entre todos os que aceitam a doutrina da reencarnação, talvez os cabalistas sejam os únicos que acreditam que uma alma pode retornar num nível inferior daquele que deixou em uma vida anterior. Efetivamente, se o peso do *tikun* (correção) for suficientemente pesado, uma alma humana poderá se encontrar reencarnada no corpo de um animal, de uma planta ou até mesmo de uma pedra. ⁽³³⁾ (grifo nosso)

O conceito Espírita difere sobremaneira, porquanto não admitimos retrocesso, ou seja, uma alma humana não reencarna nunca no corpo de um animal.

“A Cabala é o significado mais profundo e oculto da Torá, ou Bíblia”, diz Berg, o que confirma que é um conhecimento do

32 BERG, 1998, p. 17-18.

33 BERG, 1998, p. 29.

judaísmo místico, segundo suas próprias palavras.

2.2 - Fica claro que Jesus nunca ensinou a reencarnação.

Dizer que Jesus nunca ensinou a reencarnação é forçar a barra, ignorando que ele não disse, em momento algum, que estavam em erro os que o supunham ser Elias, Jeremias, ou algum dos antigos profetas. É recusar a ver o que disse a Nicodemos *“é necessário nascer de novo”* (João 3,3). Certo é que em algumas Bíblias não é dito *“nascer de novo”*, mas *“nascer do alto”*. Entretanto, podemos ponderar que a tradução da palavra grega *anóthem*, segundo alguns estudiosos, tanto pode ser uma quanto a outra; daí, para não realçar a ideia da reencarnação, foi melhor colocar aquela que não levasse as pessoas a entenderem como reencarnação. Mas, pela dúvida de Nicodemos, fica claro que o sentido era nascer de novo mesmo: *“Como é que um homem pode nascer de novo, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?”* (João 3,4). Na sequência, Jesus não nega que seja sobre isso que está dizendo, mas reforça com outras palavras: *“Eu garanto a você: ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito”* (João 3,5), donde devemos tomar a água como símbolo da origem da matéria ou, como entendem alguns, uma analogia ao líquido amniótico.

Por outro lado, mesmo que Jesus não a tivesse ensinado, isso não significa que ela não exista, pois, convém lembrar que Ele disse: *“Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar”* (João 16,12).

2.3 - A Bíblia combate tal ensinamento

Curioso é que os contrários não se cansam de nos afirmar que a Bíblia não fala, em momento algum, em reencarnação; mas, quando o assunto é combatê-la, aí sim, nela se diz algo. Parece brincadeira! Só que, quando apresentam as passagens para comprovar o que alegam, verificamos que é pura interpretação equivocada, já que sempre as usam fora do seu contexto. Vejamos algumas, normalmente citadas.

Hebreus 9,27: “[...] aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto o Juízo.”

Essa é uma das mais interessantes, já que nem mesmo se sabe quem é o autor; daí é singular que usem um autor desconhecido para contestar o que Jesus afirmou: “*João é Elias que devia vir*” (Mateus 11,14). Poderia ser um argumento forte contra a reencarnação se o autor tivesse dito: “aos homens está ordenado viverem uma só vez”.

Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo, entre outros que ressuscitaram, morreram duas vezes, provando que, em se acreditando nisso, a “ordem” contida na passagem é inconsistente. Mas, de qualquer forma, esse autor não está totalmente errado, pois fisicamente em cada vida só morremos uma vez mesmo e em definitivo, por sinal.

Ainda em relação a essa passagem: até o presente ninguém conseguiu nos esclarecer se haverá dois julgamentos ou não. Se “depois disto o Juízo”, e em algumas Bíblias, está “logo depois”, qual será a utilidade de mais um juízo no final dos tempos? Quem for condenado no primeiro, poderá se salvar

no segundo? Mas, se ficarmos apenas no que se diz nessa frase, então ninguém ficará esperando a ressurreição no último dia para ser julgado.

2.4 - O homem não pode se salvar por si mesmo

“A Palavra de Deus, nos diz que é em Jesus que o homem consegue a expiação dos seus pecados (Jo 8,24; 1Jo 1,7-9). O homem só é salvo pela graça de Deus, sem nenhum esforço meritório (Ef 2,8-9; At 4,12; Rm 4,4-5)”.

Se isso for verdadeiro então o *“Sede perfeitos como é perfeito o vosso pai celestial”* (Mt 5,48) torna-se um ensinamento inoperante que Jesus nos passou, pois, certamente, numa vida só, espírito algum conseguirá ser perfeito como o Pai o é. Perfeito no passo, provavelmente tenha o mesmo significado de *“[...] assim como é santo o Deus que os chamou, também vocês tornem-se santos em todo o comportamento, porque a Escritura diz: 'sejam santos, porque eu sou santo'”* (1 Pedro 1,16) (ver também Levítico 11,45; 19,2; 20,7-8). Mas ninguém disse que não conseguimos a salvação a não ser por Jesus; entretanto, ela não será pela graça e nem será pelo seu sangue derramado na cruz; porém unicamente seguindo os seus ensinamentos: *“É pelo evangelho que vocês serão salvos”* (1 Coríntios 15,2) ou *“Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o Evangelho que os salva”* (Efésios 1,13).

Certamente que, não fosse a graça de Deus em nos dar outra oportunidade, estaríamos fritos; portanto, é pela graça de

Deus mesmo que somos salvos. Entretanto, não é salvação “de graça” como muitos pensam, pois haverá de ser “segundo a suas obras” (Mateus 16,27), a cremos no que Jesus disse.

Por outro lado, se a nossa salvação não estivesse em nossas mãos, então, Deus, certamente, salvaria a todos, já que isso só dependeria da vontade dele.

Uma crença que se opõe à reencarnação é a do inferno eterno; mas não há como explicá-lo diante disso: Salmo 103,8-10: “O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. **Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades.**” (grifo nosso)

Uma coisa que ainda estamos esperando é alguém nos provar que Deus tenha criado o inferno, lugar destinado ao suplício eterno dos contraventores de Suas leis. Que nos mostrem que a pena para os que não cumprem os Dez Mandamentos seja ir para o inferno, já que é nesse momento que Deus deveria tê-lo, certamente, criado.

2.5 - A proposta de uma vida feliz através da reencarnação não é atestada pela Bíblia.

E nem poderia ser de outra forma, já que “Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar” (João 16,12). Como, naquela época, não tinham uma noção clara quanto a isso, não adiantaria explicar o que não eram capazes de entender.

O que assegura uma vida feliz é a vivência do Evangelho

em toda a sua plenitude, e a reencarnação é a oportunidade oferecida para todos aqueles que viveram e morreram, sem haverem tido a chance de ouvir o Evangelho. A reencarnação pode até não garantir uma vida feliz, mas garante a oportunidade de vivê-la. Em contrapartida, nossos críticos evitam dizer que a proposta contrária, a de vida única, não dá essa mesma garantia para todos. Aliás, nem mesmo os que se acham merecedores de uma vida futura feliz, apenas por pregarem o Evangelho, sem o praticar, têm essa garantia.

Procuramos desenvolver esse estudo de forma a provar que essa questão de João Batista ser Elias é muito clara no Evangelho; tão clara como a luz do Sol ao meio-dia, num “céu de brigadeiro”. Entretanto, percebemos que por interesses, que não nos cabe aqui citá-los, as lideranças religiosas procuram esconder isso de seus fiéis, mantendo-os na ignorância. Qualquer pessoa de bom senso, ou que não se encontra atrelada a dogmas, verá que isso é ponto irrefutável. Só não vê quem não quer. Finalizando, repetimos, por oportunas, estas palavras de Jesus: *“Quem tem ouvidos, ouça.”* (Mateus 11,15)

Eucaristia: Jesus a instituiu?

“Você não pode acreditar em algo só porque alguém deseja desesperadamente que você o faça.” (BART D. EHRMAN)

Para justificar a eucaristia pegam o momento em que Jesus, ceando com os seus apóstolos, distribuiu o pão e o vinho. Fato acontecido, segundo alguns, na sexta-feira anterior à da sua crucificação.

Vamos iniciar nossa análise comparando as passagens bíblicas que narram a ocasião considerada como sendo a instituição da eucaristia para, com isso, termos uma visão do assunto.

*Mateus 26,26-29: “Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu aos discípulos, e disse: 'homem e comam, isto é o meu corpo'. Em seguida, tomou um cálice, agradeceu, e deu a eles dizendo: 'Bebam dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é **derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados**. Eu lhes digo: de hoje em diante não beberei desse fruto da videira, até o dia em que, com vocês, beberei o vinho novo no reino do meu Pai'.” (grifo nosso)*

*Marcos 14,22-25: “Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles, e disse: 'Tomem, isto é o meu corpo'. Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles. E todos eles beberam. E Jesus lhes disse: 'Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é **derramado em favor de***

muitos. *Eu garanto a vocês: nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus'.*” (grifo nosso)

Lucas 22,14-20: *“Quando chegou a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos. E disse: 'Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer. Pois eu lhes digo: nunca mais a comerei, até que ela se realize no Reino de Deus'. Então Jesus pegou o cálice, agradeceu a Deus, e disse: 'Tomem isto, e repartam entre vocês; pois eu lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus'. A seguir, Jesus tomou um pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. **Façam isto em memória de mim**'. Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é **derramado por vocês**'.”* (grifo nosso)

Fato curioso é que João não fala absolutamente nada sobre essa distribuição de pão e vinho, considerando que ele também encontrava-se presente no evento; inclusive, se foi ele o discípulo a quem Jesus amava, certamente estaria a seu lado, pois é ele quem descreve com maior número de pormenores tal acontecimento.

Se compararmos Mateus e Marcos, cujas narrativas são bem semelhantes, veremos que, no primeiro, consta um acréscimo da expressão *“para remissão dos pecados”*, o que poderá ser muito bem uma interpolação para justificar a ideia do sangue com poder para remir os pecados, embora Jesus tenha dito *“a cada um segundo as suas obras”* (Mt 16,27). Interessante é que nenhum dos dois evangelistas falou em *“façam isto em memória de mim”*, expressão essa só escrita

em Lucas. Aí é a questão de se perguntar: qual deles falou a verdade? Logo, devemos entender o ato de comer e beber constante dessa passagem como uma metáfora, sob pena de se aceitar a pregação de canibalismo. Se na eucaristia está presente o corpo e o sangue de Jesus, não há alternativa a não ser entender tal prática como um ato, mesmo que simbólico, de canibalismo; não é mesmo?

Mas o que devemos fazer, isto sim, é sair do nosso egoísmo para distribuir com os necessitados o pão nosso de cada dia. Entre fazer isso e comer o corpo e beber do sangue de Cristo, qual dos dois entendimentos está seguindo a orientação de “amar ao próximo como a si mesmo”?

Por outro lado, é necessário decidir qual das três situações devemos aceitar, no que se refere à nossa salvação, já que, simultaneamente, pregam estas três hipóteses...:

- a) que basta somente receber o perdão de Deus;
- b) que já fomos perdoados pelo derramamento do sangue de Jesus; ou
- c) que seremos salvos pela simples condição de crer e de ser batizado (Mc 16,16).

Em *O autêntico Evangelho de Jesus*, vemos o que Geza Vermes nos mostra, analisando essas palavras ditas por Jesus durante a ceia:

Quatro relatos da Última Ceia sobreviveram no Novo Testamento. Eles concordam entre si sobre vários pontos essenciais, mas **também ostentam variações substanciais**. Também é notável que o Evangelho de

João não contenha qualquer relato da ceia de Páscoa compartilhada por Jesus e seus discípulos. Isto se deve sem dúvida ao fato de a prisão e crucificação de Jesus terem acontecido, segundo o Quarto Evangelho, um dia antes da festa, não podendo conseqüentemente ser questão de qualquer participação de Jesus numa ceia real de Páscoa. João especifica que os dignitários que entregaram Jesus a Pilatos recusaram-se a entrar em seu palácio, no pretório, a fim de permanecerem ritualmente puros “e poder comer a Páscoa” (ver João 18,28). **Há um consenso geral entre intérpretes do Novo Testamento de que a narrativa da Última Ceia, com a sua exiguidade de detalhes concretos, foi escrita acima de tudo para registrar o que desde o princípio a igreja primitiva compreendeu como a instituição de um ritual religioso significativo, a Eucaristia.** Queira ou não, essa visão eclesial afeta retrospectivamente o significado das palavras que presumidamente teriam vindo dos lábios de Jesus. ⁽³⁴⁾ (grifo nosso).

O teólogo John Dominic Crossan, co-fundador do *The Seminar Jesus*, citado por José Pinheiro de Souza (1938-2014), parece-nos ainda mais enfático, conforme se pode ver nestes dois parágrafos:

Por conseguinte, a Ceia Eucarística não pode ter sido instituída pelo Jesus Histórico. O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária de Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida num dos livros mais antigos do cristianismo, o chamado *Didaqué* (ou “Instrução dos Doze Apóstolos”), escrito

34 VERMES, 2006a, p. 344-345.

por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberto somente no ano de 1883), nada tem a ver com os acréscimos posteriores católicos a respeito da Ceia Eucarística, supostamente instituída por Jesus, e sobre o suposto milagre da “transubstanciação”. Na Ceia Eucarística descrita no livro *Didaqué* (capítulos 9 e 10), **“não há qualquer menção de uma refeição feita para comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração”**. (CROSSAN, 1994, p. 400). ⁽³⁵⁾ (grifo do original).

Na passagem de Mateus, em nota de rodapé, os tradutores da Bíblia de Jerusalém nos explicam: “Estamos no meio da ceia pascal. É em gestos precisos e solenes do ritual judaico (ações de graças a lahweh pronunciadas sobre o pão e sobre o vinho) que Jesus enxerta os ritos sacramentais do novo culto que instaura” ⁽³⁶⁾. Apenas uma perguntinha: ou enxertaram usando o nome de Jesus? Além do mais, isso se deu no primeiro dia dos pães ázimos (Mt 26,17); portanto, é mesmo um ritual judaico realizado durante a celebração da Páscoa.

Essa ceia, com a distribuição de pão e vinho, fazia mesmo parte dos rituais judeus, conforme explica Ernest Renan:

[...] Naquela refeição, assim como em muitas outras ⁽³⁷⁾. Jesus praticou seu rito misterioso da divisão do pão. Como se acreditou, desde os primeiros anos da Igreja, que a refeição em questão tivesse acontecido no dia de Páscoa e tivesse sido o banquete pascal, naturalmente veio a ideia de que a instituição eucarística se fizera

35 SOUZA, 2011, p. 139.

36 Bíblia de Jerusalém, p. 1751.

37 N.T.: Luc., XXIV, 30-31, 35, representa a divisão do pão como um hábito de Jesus.

naquele momento supremo. Partindo da hipótese de que Jesus sabia antecipadamente com precisão quando morreria, os discípulos deveriam ter sido levados a supor que ele reservara para aquelas últimas horas uma enorme quantidade de atos importantes. Como, aliás, uma das ideias fundamentais dos primeiros cristãos era a de que a morte de Jesus fora um sacrifício, substituindo todos os da antiga Lei, a Ceia tornou-se o sacrifício por excelência, o ato constitutivo da nova aliança, o sinal do sangue derramado para a salvação de todos ⁽³⁸⁾. O pão e o vinho, relacionados à própria morte, foram, dessa forma, a imagem do Novo Testamento, que Jesus selara com seus sofrimentos, a comemoração do sacrifício do Cristo até a sua vinda ⁽³⁹⁾.

Muito cedo esse mistério se fixou num pequeno relato sacramental, que possuímos em quatro versões ⁽⁴⁰⁾ muito parecidas entre si. **O quarto evangelista, tão preocupado com ideias eucarísticas ⁽⁴¹⁾, que descreve a última ceia com tanta prolixidade, que liga a ela tantas circunstâncias e discursos ⁽⁴²⁾, não conhece esse relato. Isso prova que não considerava a instituição da Eucaristia como uma particularidade da Ceia. Para o quarto evangelista, o rito da Ceia é a lavagem dos pés. ⁽⁴³⁾ (grifo nosso)**

Seria interessante que aqui fôssemos ver essa passagem bíblica, citada por Renan, a primeira da lista acima, na qual ele disse ser, a divisão do pão, um hábito de Jesus, que, para um melhor entendimento, iremos começá-la num versículo anterior

38 N.T.: Luc., XXII, 20.

39 N.T.: I Cor., XI, 26.

40 N.T.: Mat. XXVI, 26-28; Marc., XI, 22-24; Luc., XXII, 19-21; I Cor., XI, 23-25.

41 N.T.: Cap. VI.

42 T.: Cap. XIII-XVII.

43 RENAN, 2004, p. 360-361.

ao citado; então, leiamo-la:

Lucas 24,28-35: *“Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: 'Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando'. Então **Jesus** entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, **tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles**. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: 'Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?' Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: 'Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!' Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e **como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão.**” (grifo nosso)*

Jesus, depois de ressuscitado, foi reconhecido pelos dois discípulos, que estavam se dirigindo a Emaús, exatamente pelo ato de partir o pão. Dessa forma, a conclusão de Renan é absolutamente correta, não sendo, portanto, o ritual de partir o pão e beber vinho a instituição da eucaristia, rito sacramental praticado em determinadas correntes religiosas.

Estranhamos que tal fato ainda venha a acontecer, pois a nós, da forma que é praticado, mais parece, voltamos a dizer, um ritual de canibalismo do que qualquer outra coisa. Povos primitivos acreditavam que, ao se comer o corpo de um guerreiro que haviam matado, a sua força e coragem, muito valorizadas por esses povos, passariam àquele que fizesse do guerreiro vencido o seu “prato do dia”.

Qual será a razão para se justificar que os fiéis ainda “comam do corpo e bebam do sangue” de Jesus, que creem presentes na hóstia, após ser consagrada pelo sacerdote? Para nós é algo sem sentido, principalmente considerando que Jesus disse “*não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, ...*” (Mateus 15,11); da mesma forma podemos entender que o que entra pela boca não torna o homem puro. Consequentemente podemos concluir que, mesmo que se coma algo sagrado (hóstia), ninguém tornar-se-á um ser purificado por isso.

Pesquisando outras fontes sobre o assunto, encontramos o autor Bart D. Ehrman, considerado a maior autoridade sobre o Novo Testamento do mundo, dizendo:

[...] Em um de nossos mais antigos manuscritos gregos, assim como em vários testemunhos latinos, temos:

E tomando o cálice, dando graças, ele disse: “Tomai-o, reparti-o entre vós, pois eu vos digo que não beberei do fruto da vinha a partir de agora, até que venha o reino de Deus”. E tomando o pão, dando graças, ele o partiu e o deu a eles, dizendo: “Isto é o meu corpo... Mas vede que a mão daquele que me trai está comigo nesta mesa” (Lucas 22,17-19).

Contudo, na maioria de nossos manuscritos, **há um acréscimo ao texto**, que soará familiar a muitos leitores da Bíblia, visto **que se assentou nas traduções modernas**. Ali, depois que Jesus diz: “Isto é meu corpo”, ele continua dizendo as palavras: “Que foi dado por vós; fazei isto em memória de mim”, e fez o mesmo com o cálice após a refeição, dizendo: ‘Este cálice é a nova

aliança em meu sangue derramado por vós”.

Estas são as palavras, muito familiares, da “instituição” da Ceia do Senhor, registradas também sob uma forma muito similar na primeira carta de Paulo aos Coríntios (1 Coríntios 11,23-25). **A despeito do fato de serem tão familiares, há boas razões para pensar que esses versículos não estavam no original do Evangelho de Lucas, mas que foram acrescentados para ressaltar que foram o corpo partido e o sangue derramado de Jesus que trouxeram a salvação “para vós”. [...].**

Além do mais, não se pode deixar de notar que **os versículos, por mais familiares que sejam, não representam a própria compreensão que Lucas demonstra ter da morte de Jesus.** É uma característica surpreendentemente do retrato que Lucas faz da morte de Jesus – por mais estranho que isso seja à primeira vista – que **ele nunca, em nenhuma outra passagem, indica que a morte em si seja o que traz a salvação do pecado.** Em nenhum outro lugar de toda a obra em dois volumes de Lucas (Lucas e Atos dos Apóstolos), se diz que a morte de Jesus foi “por vós”. De fato, nas duas ocasiões em que a fonte de Lucas (Marcos) indica que foi por meio da morte de Jesus que veio a salvação (Marcos 10,45; 15,39), Lucas *mudou* a disposição do texto (ou o eliminou). Em outros termos, Lucas tem uma compreensão diferente da forma com que a morte de Jesus conduz à salvação, diferente da de Marcos (da de Paulo e da de outros escritores cristãos antigos). ⁽⁴⁴⁾ (grifo nosso)

Assim, dentro da visão desse renomado autor, um dos textos a que se apegam para justificar a eucaristia não é outra coisa senão uma adulteração dos originais bíblicos. E, pelo

44 EHRMAN, 2006, p. 175-176,

visto, ele não está sozinho em sua tese. Vejamos também a opinião de David Flusser (1917-2000):

Jesus seguia a ordem essênica em suas refeições de festa e, em especial, na última ceia, ou seguia a ordem não-sectária: vinho e pão? Segundo Mateus e Marcos, Jesus primeiro abençoava o cálice e depois o pão, mas a situação em Lucas é diferente. “Chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os apóstolos. E disse-lhes: Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, antes de meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus. E, tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que de agora em diante não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é meu corpo” (Lc 22:14-19). Aí termina o texto de Lucas, de acordo com o famoso Codex Bezae, a antiga tradução latina, e dois antigos manuscritos siríacos. **Todos os leitores atentos reconhecerão com facilidade que o que se segue em Lucas nos outros testemunhos é tirado de 1 Cor 11:23-26**, de modo que temos aqui a estranha situação de que no texto aceito aparecem dois cálices, um no começo e o outro no final. Tanto a Versão Padrão Revista como a Nova Bíblia Inglesa adotaram o ponto de vista correto, de que **Lc 22:19b-20 não fazia parte do texto original de Lucas**. Depois que Jesus disse do pão partido ‘Isto é meu corpo’ fazendo alusão a sua iminente morte violenta, ele continuou e tornou-se mais explícito, dizendo: “Todavia a mão do traidor está comigo à mesa” (Lc 22:21). (FLUSSER, 2000, p. 227, grifo nosso).

Confirma-se, portanto, que o texto de Lucas (Lc 22,19b-20) foi um acréscimo posterior.

Geza Vermes, citado mais acima, nos informou que são registrados no Novo Testamento quatro relatos da Última Ceia, já citamos e analisamos três deles – Mt 26,26-29; Mc 14,22-25 e Lc 22,14-20 –, falta-nos, portanto, o último, que será visto

agora.

Apesar de aqui, neste estudo, aparecer cronologicamente posterior, na verdade, é o primeiro relato bíblico, escrito por volta do ano 57 d.C., enquanto, que os outros foram redigidos no período compreendido entre os anos de 65 a 80 d.C. (45)

Corroborando essa questão da primazia do relato de Paulo, argumenta Geza Vermes, em *As várias faces de Jesus*:

Há uma terceira ocorrência que, embora considerada pertencente à tradição oral pela maioria dos estudiosos, chama a minha atenção por sua peculiaridade. Relaciona-se ao **relato de Paulo sobre o estabelecimento da refeição eucarística**. Ele se queixou da divisão entre os membros da igreja de Corinto ao compartilharem da ceia do Senhor. **Em vez de partilharem uma refeição comunal, os ricos e os pobres usavam provisões próprias, e o resultado era que alguns ficavam com fome enquanto outros se embriagavam (1Cor 11:20-21)**. Eles deveriam partilhar, ordenava Paulo, o mesmo pão, simbolizando o corpo, e a mesma taça, simbolizando o sangue do Senhor, **fazendo-os contemplar a morte do Senhor até o seu retorno. A eucaristia de Paulo é basicamente um lembrete alegórico ou místico do fim violento de Jesus**. Todavia, ele não se estende tão chocantemente quanto João (ver acima p. 32, n. 7), e mesmo um pouco menos do que os Sinópticos (Mt 26:26-9; Mc 14:22-5; Lc 22:15-20), na identificação *real* do pão e do vinho com o corpo e o sangue a serem respectivamente, comido e bebido. Paulo tem sua própria maneira de relatar o acontecimento tanto em 1Cor 11 quanto em 1Cor 10:16-

45 **Marcos** (anos 65-70), **Mateus** (anos 70/80) e **Lucas** (anos 70/80) (BARRERA, 1999, p. 287-289)

7. Ele ensina que o propósito da união ou comunhão mística com o corpo e o sangue de Cristo é aglutinar simbolicamente os muitos membros da igreja num todo único.

É claro, é concebível que Paulo tenha reeditado a versão tradicional – embora nem nos Evangelhos Sinópticos haja dois relatos iguais da instituição da eucaristia – e que a última ceia de João nada tenha a ver com a eucaristia. Mas parece-me que a fórmula introdutória de Paulo sugere que ele quisesse dizer algo original, e não apenas reproduzir a história tão amiúde repetida. Ao passar adiante a tradição da igreja e a ele transmitida por agentes anônimos, como a morte, o sepultamento, a ressurreição e as aparições posteriores de Jesus (1Cor 15:3-5), ele prefacia a sua declaração com “Transmiti-vos... aquilo que eu mesmo recebi” (1Cor 15:3). No caso da eucaristia, entretanto, está dito que a sua fonte é Jesus, implicando que lhe fora diretamente *revelada*. “Com efeito, eu mesmo recebi *do Senhor* o que vos transmiti” (1Cor 11:23). Se eu estiver certo na interpretação dessa passagem, isto quereria dizer que **a narrativa de Paulo separa-se da tradição registrada nos Evangelhos Sinópticos por volta de quinze a quarenta e cinco anos mais tarde, visto que a primeira Epístola aos coríntios foi escrita em c. 55 d.C.** Consequentemente, a redação de Paulo **pode ter sido a fonte primária da formulação no Novo Testamento do estabelecimento da eucaristia.** Em outras palavras, há grande chance de que a interpretação eucarística da refeição comunal da igreja seja devida a Paulo, e que os editores de Marcos, Mateus e especialmente de Lucas, que segue Paulo mais de perto, a tenham introduzido nas suas respectivas narrativas nos Evangelhos Sinópticos. ⁽⁴⁶⁾ (grifo nosso).

46 VERMES, 2006b, p. 86-87.

Vejamos o teor relativo ao trecho da primeira carta de Paulo aos coríntios:

1 Coríntios 11,17-26: *“Dito isso, não posso elogiar vocês, porque as suas assembleias, em vez de ajudá-los a progredir, os prejudicam. Antes de tudo, ouço dizer que, quando estão reunidos em assembleia, há divisões entre vocês. E, em parte, eu acredito nisso. É preciso mesmo que haja divisões entre vocês, a fim de que se veja quem dentre vocês resiste a essa prova. De fato, **quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor, porque cada um se apressa em comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Será que vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm? O que vou dizer para vocês? Devo elogiá-los? Não! Nesse ponto não os elogio. De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês. Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: 'Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim'. Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: 'Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim'. Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha.”** (grifo nosso)*

Você, caro leitor, deve ter observado que Ehrman e Flusser fizeram menção a esse passo, dando-o como sendo a origem do que consta em Lucas, exatamente, aquele que recomenda *“Façam isto em memória de mim”*, destoando de Mateus e Marcos que nada falam disso.

O versículo final esclarece o objetivo da ceia: **“Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha”**, o que difere, em muito, daquilo que Lucas disse.

Em James D. Tabor, em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, vamos encontrar outras explicações que são bem interessantes de se ver:

Ironicamente, os mais antigos relatos da última refeição na quarta-feira à noite vêm de Paulo, e não de qualquer dos evangelhos. Em uma carta a seus seguidores na cidade grega de Corinto, escrita por volta de 54 d.C., **Paulo passa adiante a tradição que dizia ter “recebido” de Jesus**: “Jesus, na noite em que foi traído, tomou um pão, e tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isso em memória de mim: Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: 'Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim'” (1 Coríntios 11:23-25).

Essas palavras, tão familiares aos cristãos como parte da Eucaristia da Missa, são repetidas com ligeiras variantes em Marcos, Mateus e Lucas. Representam a síntese da fé cristã, o pilar do evangelho cristão: a humanidade está salva dos pecados pelo sacrifício do corpo e do sangue de Jesus. **Qual é a probabilidade histórica de que essa tradição baseada naquilo que Paulo disse ter “recebido” de Jesus represente o que Jesus disse durante a última ceia?** Tão surpreendente quanto possa parecer, **existem alguns problemas autênticos a considerar.**

Em cada refeição judaica, o pão é partido, o vinho partilhado, e a bênção dada – mas a ideia de

comermos carne humana e bebermos sangue, mesmo que simbolicamente, é de todo alheia ao judaísmo. A Torá proíbe especificamente a ingestão de sangue, não só para os israelitas, mas para todos. A Noé e a seus descendentes, como representantes de toda a humanidade, já tinha sido proibido “ingerir sangue” (Gênesis 9:4). Moisés tinha prevenido, “se qualquer homem da Casa de Israel ou gentio, residente no meio deles, ingerir qualquer espécie de sangue, eu me voltarei contra esse que ingere sangue e eliminá-lo-ei de seu povo” (Levítico 17:10). Em outra ocasião, Tiago, o irmão de Jesus, refere-se a isto como uma “exigência”, para que os não judeus pudessem juntar-se à comunidade nazarena – não ingerirão sangue (Atos 15:20). Essas restrições dizem respeito ao sangue de animais. **Ingerir carne e sangue humanos não era proibido, era simplesmente inconcebível.** Essa sensibilidade generalizada em relação à mera ideia de “beber sangue” mostra a improbabilidade de Jesus ter usado tais símbolos.

Como dissemos, a comunidade essênica, em Qumrã, descreveu, em um de seus manuscritos, um futuro “banquete messiânico”, no qual o Messias Sacerdotal e o Messias da linhagem de Davi sentar-se-iam com os membros da comunidade crente e abençoariam a sagrada refeição de pão e vinho como a celebração do Reino de Deus. Teriam certamente ficado espantados com qualquer simbolismo sugestivo de que o pão fosse a carne humana, e o vinho, o sangue. ⁽⁴⁷⁾ **Tal ideia simplesmente não poderia ter partido de Jesus como judeu.**

Portanto, qual a origem dessa linguagem? Se aparece primeiramente com Paulo, e ele não a recebeu de Jesus, então qual seria sua fonte? **As maiores semelhanças encontram-se em alguns ritos mágicos**

47 N.T.: Manuscritos do Mar Morto, *The Messianic Rule* (1QSa) 2.11-25.

greco-romanos. Existe um papiro grego que registra um encantamento amoroso, no qual um macho pronuncia certos feitiços sobre um cálice de vinho, que representa o sangue que o deus egípcio Osíris tinha dado à sua consorte Ísis para que ela o amasse. Quando sua amante bebe o vinho, ela simbolicamente se une a seu amado pelo seu sangue. ⁽⁴⁸⁾ Em outro texto, o vinho é transformado na carne de Osíris. ⁽⁴⁹⁾ **Simbolicamente, comer a “carne” e beber o “vinho” era parte de um rito mágico de união na cultura greco-romana.**

Devemos considerar que Paulo cresceu imbuído da cultura greco-romana, na cidade de Tarso, na Ásia Menor, fora da terra de Israel. Ele nunca conheceu ou falou com Jesus. A relação que ele pretendeu com Jesus é “visionária”, e não com um Jesus de carne e osso, caminhando na terra.

Quando os Doze se reuniram para substituir Judas, depois da morte de Jesus, colocaram como condição para fazer parte do grupo ter estado com Jesus desde o tempo de João Batista até a crucificação (Atos 1:21-22). Ter visões e ouvir vozes não eram qualificações suficientes para um apóstolo.

Em segundo lugar, e de forma ainda mais reveladora, **o evangelho de João narra os acontecimentos daquela última refeição na noite de quarta-feira, mas nunca se refere às palavras de Jesus instituindo essa nova cerimônia da Eucaristia.** Se Jesus, na realidade, iniciou a prática de comer o pão como sendo seu corpo, e beber o vinho como sendo seu sangue na sua “última ceia” como poderia João tê-la omitido? O que João escreve, segundo todas as indicações, é que

48 N.T.: *The Demotic Magical Papyrus of London and Leiden* 15.1-6, em *The Greek Magical Papyri in Translation, including the Demotic Spells*, ed. Hans Dieter Betz (Chicago: University of Chicago Press, 1968).

49 N.T.: *Papyri graecae magicae* 7.643ff.

Jesus sentou-se para participar de uma refeição judaica comum. Após a ceia, ele se levantou, pegou uma bacia de água e um pano, e começou a lavar os pés de seus discípulos, mostrando como o professor e mestre deveria agir como criado – mesmo para seus discípulos. Jesus começou, então, a descrever como iria ser traído, e João nos diz que Judas abruptamente abandonou a ceia.

O evangelho de Marcos está muito próximo, em suas ideias teológicas, àquele de Paulo. Parece possível que, em sua descrição da última ceia, feita uma década depois da de Paulo, **Marcos tenha inserido o tradicional “coma o meu corpo” e “beba o meu sangue” em seu evangelho, influenciado pelo que Paulo afirma ter recebido.** Tanto Mateus como Lucas baseiam inteiramente suas narrativas em Marcos, e Lucas é também um convicto defensor de Paulo. Tudo parece levar a Paulo. **Como veremos, não há qualquer prova de que os primeiros seguidores judeus de Jesus, conduzidos ao quartel-general em Jerusalém por Tiago, o irmão de Jesus, tenham alguma vez praticado qualquer rito dessa natureza.** Como todos os judeus, eles santificavam o vinho e o pão como parte de uma refeição sagrada, e provavelmente tinham presente a noite em que ele havia sido traído, lembrando-se da última refeição com Jesus.

Na realidade, para resolver essa questão, precisamos de uma fonte independente, cristã, que não tenha sido influenciada por Paulo, que possa esclarecer a prática original dos seguidores de Jesus. Felizmente, em 1873, esse texto foi encontrado em uma biblioteca em Constantinopla. É intitulado *Didache*, e data do início do século II d.C. ⁽⁵⁰⁾ Fora mencionado pelos primeiros autores da igreja, mas desaparecera até ser descoberto acidentalmente por um sacerdote grego, o Padre

50 N.T.: *Didache* é pronunciado como *did-a-quei*.

Bryennios, em um arquivo de manuscritos antigos. *Didache* significa “Ensinamentos”, em grego, e seu título completo é “Os Ensinamentos dos Doze Apóstolos”. Trata-se de um antigo “manual de instruções”, provavelmente escrito para ser utilizado por aspirantes ao batismo cristão. Contém muitas instruções e exortações éticas, mas também capítulos sobre o batismo e a Eucaristia – a sagrada refeição do pão e vinho. É aí que entra a surpresa. Ele oferece as seguintes bênçãos para o pão e o vinho:

No que se refere à Eucaristia, darás graças da seguinte forma.

Em primeiro lugar, quanto ao cálice: “Damos-vos graças, Pai nosso, pela santa vinha de Davi, vosso filho, que nos destes a conhecer através de Jesus, vosso filho. Para vós a glória eterna”. E quanto ao pão: Damos-vos graças, Pai nosso, pela vida e sabedoria que nos comunicastes através de Jesus, vosso filho. Para vós, glória eterna. ⁽⁵¹⁾

Notem que não há menção ao vinho, representando o sangue, ou ao pão, representando a carne. E, no entanto, é um registro da primeira refeição da Eucaristia cristã! Este texto nos faz lembrar muito das descrições da sagrada refeição messiânica nos Manuscritos do Mar Morto. O que temos aqui é a celebração messiânica de Jesus como o Messias da linhagem de Davi, e a vida e a sabedoria que ele trouxe à comunidade. Evidentemente, essa comunidade de seguidores de Jesus nada sabia da cerimônia proposta por Paulo. Se a prática de Paulo viera realmente de Jesus, seguramente esse texto tê-la-ia incluído.

Existe mais um ponto importante a esse respeito. Na tradição judaica, é o cálice de vinho que, primeiramente,

51 N.T.: *Didache* 9:1-3, em Bart Ehrman, trad. *The Apostolic Fathers*, Loeb Classical Library 24, vol. 1 (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003), p. 431.

é abençoado, depois o pão. Essa é a ordem que encontramos na *Didache*. Mas no relato de Paulo da “Ceia do Senhor”, Jesus abençoa primeiro o pão, depois o cálice de vinho – justamente o oposto. Pode parecer um detalhe insignificante até examinarmos o relato de Lucas sobre as palavras de Jesus, durante a refeição. Embora ele siga basicamente a tradição de Paulo, ao contrário deste, Lucas fala primeiro no cálice de vinho, depois no pão e, em seguida, em outro cálice de vinho! O pão e o segundo cálice de vinho ele interpreta como o “corpo” e o “sangue” de Jesus. Mas quanto ao primeiro cálice – na ordem que se esperaria da tradição judaica – nada é dito que represente “sangue”. Ao contrário, Jesus diz, “Eu vos digo, doravante não beberei da fruta da videira até a chegada do Reino de Deus” (Lucas 22:18). Essa tradição do primeiro cálice, só encontrada em Lucas, é uma pista do que deveria ter sido a tradição original antes de a versão Paulina ter sido inserida, agora confirmada pela *Didache*.

Vista sob essa luz, essa última refeição tem sentido histórico. Jesus disse a seus seguidores mais próximos, reunidos secretamente na Sala do Andar Superior, que ele não partilharia com eles outra refeição até a chegada do Reino de Deus. Ele sabe que Judas iniciará, naquela noite, os procedimentos que culminarão com sua prisão. Suas esperança e prece são de que, da próxima vez em que estiverem sentados juntos para comer, dando a tradicional bênção judaica do vinho e do pão – o Reino de Deus já tenha chegado.

Uma vez que Jesus se reuniu só com seu Conselho dos Doze, nessa última refeição privada, Tiago e os três outros irmãos de Jesus teriam estado presentes. Isso foi confirmado em um texto perdido chamado Evangelho dos Hebreus, que era usado por judeus-cristãos que rejeitavam os ensinamentos e a autoridade de Paulo. Sobrevive apenas em algumas citações, preservadas por autores cristãos, como Jerônimo. Uma das

passagens nos diz que Tiago, o irmão de Jesus, depois de ter bebido do cálice que Jesus fizera circular, afirmou que também ele não comeria ou beberia até ver o Reino chegar." Portanto, temos aqui a prova textual de uma tradição que recorda a presença de Tiago na última refeição. ⁽⁵²⁾ (grifo nosso)

Realmente, a questão de comer carne e beber sangue para um judeu era algo impensável; por isso, Jesus, que nasceu, viveu e morreu como judeu, jamais teria dito isso.

É bem possível que essa linguagem de Paulo, foi proposital para os gentios (=pagãos), que, certamente, estavam acostumados esse tipo de coisa. Em José de Souza Pinheiro, encontramos apoio a essa hipótese:

Como nos esclarece o teólogo Franz GRIESE (cf. GRIESE, p. 174-175), **no tempo de Paulo, os pagãos e os judeus costumavam sacrificar animais aos respectivos deuses.** A carne desses animais sacrificados era consumida nos mercados públicos, na qualidade de carne de Júpiter (o Senhor dos deuses), carne de Minerva (deusa da sabedoria) etc., segundo as divindades a quem haviam sido sacrificados os animais. **Os consumidores escolhiam a carne que mais lhes convinha, crendo que comendo essa carne recebiam uma bênção especial da divindade respectiva, e até entrar em certa união com ela, mediante aquela carne.**

É da maior importância ter presente essas crenças da antiguidade, para compreender o sentido das palavras nos escritos daqueles que viviam naquela época e estavam imbuídos de suas ideias.

52 TABOR, 2006, p. 215-219.

Pois bem, **o apóstolo Paulo, para induzir os novos cristãos, oriundos dos povos pagãos, a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”**, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé” (cf. GRIESE, p. 175).

Mas, como afirma Griese (ibid.), não há a menor dúvida de que Paulo não acreditava numa participação literal da própria pessoa dos deuses pagãos, mediante a carne dos ídolos e, portanto, tampouco na participação literal da verdadeira pessoa de Cristo, mediante o pão e o vinho eucarísticos.

Os coríntios (como Paulo) também tinham um conceito simbólico muito simples da eucaristia e, certamente, não tinham a convicção de que o pão seria o verdadeiro corpo e o vinho o verdadeiro sangue de Cristo. Eles apenas acreditavam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho, participavam do Cristo da fé, do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam simbolicamente dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179). ⁽⁵³⁾ (grifo nosso)

Recorreremos agora a Edward Carpenter (1844-1929) que nos traz algo bem curioso a respeito da palavra eucaristia:

Eu já falei sobre várias das principais doutrinas do Cristianismo – ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração – mostrando que eles não são únicos

em nossa religião, mas sim comuns a quase todas as religiões do mundo antigo. A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

[...].

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões antigas e pode nos remeter ao passado. **A palavra *hóstia***, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, **vem do latim *Hóstia*, que no dicionário significa “um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado”**. Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística – e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem –, divindade, participando do sacrifício de “si mesmo para si mesmo”. Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. “Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin, eu para mim”. E assim por diante. Os exemplos são infinitos. “Sou a oblação”. diz Krishna no Bhagavad Gita ⁽⁵⁴⁾. “Sou o sacrifício, a oferenda aos ancestrais”. “No real conceito

ortodoxo de sacrifício”, diz Elie Reclus, ⁽⁵⁵⁾ “a oferenda consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa a *divindade*.” ⁽⁵⁶⁾ (grifo nosso)

Então, no fundo, temos que a eucaristia nada mais é que um ritual de origem pagã.

É inacreditável que ainda se adotem, nos dias atuais, práticas religiosas tidas “como bíblicas”, quando, na verdade, são, em sua esmagadora maioria, atos pagãos, para usar uma expressão ao gosto dos teólogos. É o caso que estamos analisando, que é corroborado por Holger Kersten e Elmar R. Gruber, que, narrando o culto persa a Mitra, dizem: “O serviço religioso semanal era realizado aos domingos, dia dedicado ao deus. A cerimônia mais importante do culto era **uma ceia que constava de vinho e pão - oferecido na forma de hóstias consagradas que tinham o sinal da cruz**”. ⁽⁵⁷⁾ (grifo nosso)

Curiosa é a frase a seguir, atribuída a Mitra, que nos coloca diante de um fato, em relação ao qual qualquer semelhança não é mera coincidência: “Aquele que não comer minha carne e não beber meu sangue para ser um comigo, e eu um com ele, aquele não conhecerá a salvação.” ⁽⁵⁸⁾ Será que com a realização desses dois atos, simultaneamente, não teremos exatamente o que se faz no ritual da santa missa?

55 N.T.: *Primitive Folk*, cap. VI.

56 CARPENTER, 2008, p. 90-91.

57 KERSTEN e GRUBER, p. 316.

58 FREKE e GANDY, 2002, p. 11 e 52.

A conversa de Jesus com Nicodemos

“O que existe, já havia existido: o que existirá, também já existiu” (Eclesiastes 3, 15)

“Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha” (Sabedoria 8, 19)

Ao dizer a Nicodemos, membro do Sinédrio e pertencente à seita dos fariseus, *“És mestre em Israel e ignoras essas coisas?”* Jesus, certamente, estava falando de algo que ele deveria saber, por ser um doutor da lei. Para nós, os espíritas, trata-se da lei de reencarnação, coisa que os fariseus acreditavam, como veremos, quem nos dá notícia disso é o historiador hebreu Flávio Josefo.

O que temos observado, e que achamos muito interessante, é que as pessoas que não acreditam na reencarnação fazem de tudo para retirar essa ideia da Bíblia, como se isso, por si só, fosse resolver a questão. Estes indivíduos pressupõem, ingenuamente, que se a Bíblia não disser nada sobre a reencarnação, é porque ela não existe. Já falamos, e por várias vezes, que a Bíblia não é um compêndio de Ciência e que, por isso, não podemos determinar a existência ou não de nenhuma uma das leis naturais com base em suas páginas.

Para nós, a reencarnação está no âmbito das leis

naturais, não tendo nada a ver com religião, como a querem levar a esse campo os seus contraditores, para, daí, apresentarem a Bíblia como prova de sua não existência. Nosso objetivo será exatamente o de provar o contrário.

Após retirarem, mudarem ou interpretarem de forma equivocada e tendenciosa algumas passagens, arrematam categóricos: “não está lá”. Isso satisfaz, evidentemente, aos que aceitam tudo sem questionar e aos que, subjugados pela liderança religiosa, não ousam contestá-la, esquecendo-se de que somente *“onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade”* (2 Coríntios 3,17).

Vamos analisar uma das passagens, talvez a que causa maior polêmica entre os antirreencarnacionistas de carteirinha, ou seja, os cristãos fundamentalistas, para extrair dela o seu significado.

Examinemos a passagem que está em João capítulo 3, versículos de 1 a 12:

*1. Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um notável entre os judeus. 2. À noite ele veio encontrar com Jesus e lhe disse: “Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele”. 3. Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, te digo: **quem não nascer de novo** não pode ver o Reino de Deus”. 4. Disse-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?” 5. Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. 6. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito. 7. Não te admires de eu te*

*haver dito: **deveis nascer de novo**. 8. O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”. 9. Perguntou-lhe Nicodemos: “Como isso pode acontecer?” 10. Respondeu-lhe Jesus: “És mestre em Israel e ignoras essas coisas? 11. Em verdade, em verdade, te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho. 12. Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creereis quando vos falar das coisas do céu?” (59) (grifo nosso)*

O realce, em negrito, aos termos dos versículos 3 e 7, é nosso, já que devemos destacá-los mais à frente.

Como as três teologias Católica, Protestante e Espírita tratam essa passagem:

a) Teologia Católica

A polêmica instala-se por conta do termo grego *anóthem*, que, segundo os exegetas, tanto pode ser entendido como “de novo” quanto “do alto”. Isso é um prato cheio para que os teólogos tirem dessa passagem a ideia da reencarnação, para introduzirem a do batismo, para, com isso, justificarem este ritual.

Uma das traduções que destacamos é a da Bíblia de Jerusalém, pelo motivo dela ter sido elaborada por uma equipe de tradutores católicos e protestantes. Nela lemos a seguinte explicação: “João emprega um termo grego, *anóthem*, que significa também ‘do alto’ (cf. 3, 7.31). **Esse duplo sentido**

59 Texto da Bíblia de Jerusalém.

não existe na língua de Jesus e de Nicodemos".⁽⁶⁰⁾ (grifo nosso) Aqui vemos um golpe de morte naqueles que querem buscar nisso um pretexto para retirar dessa passagem a ideia da reencarnação.

Vejamos o que encontramos em outras Bíblias católicas:

Ave-Maria: no v. 4 está dito "renascer", e quanto ao v. 5 explicam que é uma alusão ao batismo.⁽⁶¹⁾

Pastoral: apenas no v. 3 usaram "do alto", buscam, também, relacionar essa passagem ao rito do batismo.⁽⁶²⁾

Barsa: aplicaram ao v. 3 a expressão "renascer de novo", no v. 5 "renascer" e no 7 "nascer outra vez". Embora não falem nada sobre batismo, implicitamente querem levar a essa ideia quando, no v. 5, em vez de colocar "e do Espírito", mudam para "e do Espírito Santo". Um detalhe importante dessa Bíblia é sua antiguidade; foi editada em 1965, do que concluímos que nas edições mais recentes, a preocupação de retirar a ideia da reencarnação fica mais evidente.⁽⁶³⁾

Santuário: Usam no v. 3 e 5 "de novo"; na explicação do v. 3 colocam:

O termo grego aqui empregado é ambíguo. Tanto se pode traduzir por 'nascer de novo' como por 'nascer do alto'. **Nicodemos entende-o no primeiro sentido, como se vê pelo contexto.** Jesus, porém, reconduz a conversa ao seu caminho: os que pertencem ao Reino,

60 Bíblia de Jerusalém, p. 1847.

61 Bíblia Sagrada - Ave-Maria, p. 1386.

62 Bíblia Sagrada - Edição Pastoral, p. 1356-1357.

63 Bíblia Barsa - Novo Testamento, p. 79.

não são os que nasceram da carne e do sangue (os descendentes de Abraão, como pensavam os judeus), mas os que nasceram de Deus (cf. Jo 1,13). Tal nascimento realiza-se no batismo (Jo 3,5). ⁽⁶⁴⁾ (grifo nosso)

Do Peregrino: informam-nos que Nicodemos em grego quer dizer “vitória do povo”; aliás, muito significativo para a ideia da reencarnação. ⁽⁶⁵⁾

Vozes: nos v. 3 e 7, aplicam o “do alto”, dando a seguinte explicação:

A expressão *nascer do alto* (v. 3) **em grego pode ser entendida também como *nascer de novo*, como faz Nicodemos** (v. 4), no sentido de ser concebido e dado à luz. Jesus, no entanto, fala de um novo nascimento de Deus, da água e do Espírito Santo (v.5), numa referência direta ao rito do batismo (cf. 1,12s). ⁽⁶⁶⁾ (grifo nosso)

Aqui temos a confirmação de que, pelo contexto, a expressão deverá ser entendida como “nascer de novo”, pois foi assim que Nicodemos entendeu, conforme nos afirmam alguns tradutores da Bíblia. Não adianta, para justificar o contrário, querer comparar o significado de uma palavra colocada em textos diferentes, uma vez que ela poderia, muito bem, ter significados distintos, o que somente o contexto em que cada uma está poderá dar a conhecê-los.

64 Bíblia Sagrada - Santuário, p. 1574.

65 Bíblia do Peregrino, p. 2552.

66 Bíblia Sagrada - Vozes, p. 1275.

Quanto à questão do batismo, falaremos no próximo capítulo.

b) Teologia Protestante

Tanto a versão bíblica Novo Mundo, quanto a SBB e a Mundo Cristão, utilizam a expressão “nascer de novo”. Dessa última transcreveremos as explicações a seguir:

3:3 *nascer de novo*. Lit., de cima (como em 3:31; 19:11), embora a palavra também signifique “outra vez”, “de novo” (Gl 4:9). O novo nascimento ou regeneração (Tt 3:5) é o ato de Deus que concede vida eterna ao que crê em Cristo. Como resultado, tal pessoa torna-se membro da família de Deus (1 Pe 1:23) com uma nova capacidade e um novo desejo de agradar a seu Pai celeste (2 Co 5:17).

3:5 *Quem não nascer da água e do Espírito*. Várias interpretações têm sido sugeridas para o termo *água* neste versículo: (1) Que ela se refere ao batismo como condição para a salvação. Isto, porém, contradiz muitas outras passagens do N.T. (Ef 2:8-9). (2) Representa o ato de arrependimento indicado pelo batismo de João. (3) Refere-se ao nascimento físico; assim, o versículo diria: “Quem não nascer a primeira vez da água e a segunda vez do Espírito”. (4) Significa a palavra de Deus, como em Jo 15:3. (5) É um sinônimo para o Espírito Santo, sendo esta a tradução: “da água, isto é, do Espírito”. Uma verdade é clara: o novo nascimento vem de Deus através do Espírito. ⁽⁶⁷⁾

Veza por outra, recorremos a um renomado filósofo do século XVII, Baruch de Espinosa (1632-1677), já que, o que afirmou, ainda prevalece em nossos dias. Agora novamente o

67 A Bíblia Anotada, p. 1322.

faremos; assim leiamos:

Admira-me bastante, pois, a engenhosidade de pessoas, como aquelas de quem já falei, que enxergam na Escritura mistérios tão profundos que se torna impossível explicá-los em qualquer língua humana e que, além disso, introduziram na religião tantas matérias de especulação filosófica que a Igreja até parece uma academia e a religião uma ciência, ou melhor, uma controvérsia. [...].⁽⁶⁸⁾

O comum dos teólogos, todavia, entende que se devem interpretar metaforicamente aquelas passagens em que se atribuem a Deus coisas que eles conseguem ver pela luz natural serem incompatíveis com a natureza divina, ao passo que tudo aquilo que escapa à sua capacidade de compreensão se deverá aceitar à letra. Porém, se todas as passagens daquele gênero que se encontram na Escritura tivessem obrigatoriamente de ser interpretadas e entendidas metaforicamente, então a Bíblia não teria sido escrita para o povo e para o vulgo ignorante, mas unicamente para os especialistas, designadamente os filósofos.⁽⁶⁹⁾

Aqui é interessante notar que mais um tiro mortal é dado, dessa vez em relação à questão de relacionar a passagem ao ritual do batismo como condição *sine qua non* para a salvação, conforme ainda podemos perceber em alguns argumentos teológicos. É a rota de fuga para não falar da reencarnação, porém, só convence os que não pensam pela própria cabeça.

68 ESPINOSA, 2003, p. 208.

69 ESPINOSA, 2003, p. 213.

c) Teologia Espírita

Vamos apresentar os argumentos do escritor espírita Severino Celestino da Silva sobre este assunto. No livro *“Analisando as Traduções Bíblicas”*, no capítulo XVII – A Reencarnação no Novo Testamento, ao se referir à passagem de João 3,1-12, ele diz o seguinte:

Este é o texto que tem dado mais trabalho aos exegetas que querem negar a Reencarnação. No entanto, é o mais claro e contundente de todos, por isso, existe um verdadeiro malabarismo por parte destes, no sentido de obscurecer o verdadeiro e claro sentido desta passagem. Iniciamos pelo vocábulo “anóten” que em grego pode significar “de novo” e “do alto”.

Nesta passagem, esse vocábulo significa realmente “de novo”, porém a maioria dos exegetas emprega o termo “do alto” para justificar a sua descrença na Reencarnação. Este malabarismo envolve também a questão gramatical na tradução do texto, como veremos mais adiante. Colocaremos, aqui, muitas observações e conceitos empregados, sobre este texto, feitos por Torres Pastorino na sua obra “Sabedoria do Evangelho”, com relação ao texto grego. Concordamos plenamente com todos os seus conceitos, razão por que o usaremos para reforçar nossa exegese. A análise do texto hebraico é de autoria e responsabilidade nossa.

Muitos começam com a afirmação de que Jesus teria dito: “AQUELE QUE NÃO NASCER ‘O ALTO’”. Observe, no entanto, que a pergunta feita por Nicodemos, em seguida, denota que ele entendeu que Jesus falava realmente em nascer ‘de novo’ e não ‘do alto’: Como ‘pode o homem, depois de velho, entrar pela segunda vez (dúteron) no ventre materno?’”.

*Esta ambiguidade de entendimento só acontece na língua grega, porque no hebraico, que foi realmente a língua em que Jesus dialogou com Nicodemos, este problema não existe. O texto é bem claro e jamais pode significar “do alto”. Diz o seguinte: (“**im lô iualed ish mimkôr 'al lô-iukal lirôt et-malkut haelohim**”) **im**=se, **lô**=não, **iualed**=incompleto do grau qal ⁽⁷⁰⁾ do verbo “**nolad**”=nascer, **ish**=um homem, **mimikôr**=palavra composta, formada por **mi**=de + **makôr**=fonte de água viva, origem. Existe a expressão hebraica “**Mekôr chaim**” que quer dizer “**fonte da vida**”. Observe que não existe nada referente “**ao alto**”, no texto grego, como muitos querem se fazer entender. Assim, o Cristo fala que aquele que não nascer em origem, no sentido de se voltar à fonte original da vida, ou seja, nascer novamente, “**não poderá**” (**lô-iuchal**=incompleto do verbo **iachôt**=poder) ver o reino de Deus (**lirôt et-malkut haelohim**).*

*Assim, no diálogo, a palavra grega “**anóten**” tem o sentido e significado de ‘**de novo**’, portanto, Jesus falava de retorno, ou seja, de Reencarnação mesmo, como foi visto no texto hebraico.*

Lembramos, ainda, que Nicodemos já era um cidadão de idade avançada e o Cristo lhe fala da Reencarnação (Nascer de Novo), como uma esperança e reconforto para ele, mostrando-lhe que a vida não termina com a morte, nem os velhos devem temer a morte, pois podem renascer e começar tudo novamente.

*Na sequência, Cristo confirma que era isso mesmo que Ele queria dizer: “**Quem não nascer de água (materialmente, com o corpo denso, dado que o***

70 Esclarece-nos o autor do livro, Dr. Severino que: O termo QAL ou qal é uma palavra hebraica que significa “Fácil” que tem o sentido gramatical de “forma fácil” ou “simples” de conjugação do verbo na língua hebraica. O verbo em hebraico possui sete graus de conjugação (Qal, nif'al, piel, pual, hif'il, haf'al e hitpa'el.) Nesse caso específico foi colocado com relação ao verbo nascer (nolad-em hebraico). O incompleto que é o futuro do verbo na forma QAL que é a mais simples das conjugações.

nascimento físico é feito através da bolsa d'água do líquido amniótico), veja o cap. VII deste livro, Salmo 23 e de espírito (pneumatós), ou seja, que adquira nova personalidade no mundo terreno, em cada nova existência, a fim de progredir). Se Nicodemos entendeu ao pé da letra as palavras de Jesus, o Mestre as confirma ao pé da letra e reforça o seu ensino. Com efeito, o espírito, ao reentrar na vida física, pode ser considerado o mesmo espírito que reinicia suas experiências, esquecido de todo passado”.

A questão gramatical: No texto em grego não há artigo diante das palavras “água” (*ek ydatos*= de água) “e espírito” (*kai pneumatós*), portanto, o texto fala em nascer “de água e de espírito”. Não é portanto, nascer da água do batismo, nem do espírito, mas de água (por meio da água) e de espírito (pela Reencarnação do espírito).

O primeiro versículo do Gênesis (1:1) fala que no princípio criou Deus os Céus e a terra. A palavra 'céus' em hebraico “*Shamaim*” ⁽⁷¹⁾ - significa: “Carrega água”, “Ali existe água”; “fogo e água” que misturados um ao outro, formaram os Céus.

Como podemos observar, tudo começou com as águas. Água é vida e essa era a crença geral naquela época. É lógico que o Cristo não falava de batismo e sim de retorno através da água. Lembramos ainda que 99% da constituição das células reprodutoras são água.

Daí a explicação que segue: “o que nasce da carne (*ek tês sarkos*) com artigo (*tês*) em grego, é carne”, isto é com corpo físico, com toda a hereditariedade física herdada do corpo dos pais; “e o que nasce do espírito (*ek tou pneumatós*) é espírito”, ou seja, o espírito que reencarna provém do espírito da última

71 Neste ponto é colocada a palavra em hebraico: שָׁמַיִם-

encarnação com toda a hereditariedade pessoal (cármica) que traz do passado.

E Jesus prossegue: “Por isso não te admires de eu te dizer: é-vos necessário nascer de novo”. Observe a diferença de tratamento: “dizer-TE” no singular, e “é-VOS” no plural, porque o renascimento é para todos, não apenas para Nicodemos. E mais: “o espírito sopra (isto é, age, reencarna, se manifesta onde quer), e não sabes de onde veio (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima).

As palavras de Jesus foram de modo a embaraçar Nicodemos, que indaga: “como pode ser isso?” E Jesus: “Tu que (entre nós dois) é Mestre de Israel, te perturbas com estas coisas terrenas? Que te não acontecerá então, se te falar das coisas celestiais (espirituais)?”.

Logicamente Jesus não podia esperar que Nicodemos entendesse as interpretações mais profundas desse ensinamento, nem tão pouco estava querendo ensinar-lhe o batismo, nesta passagem, como muitos querem justificar

Se o Cristo falava realmente do batismo para Nicodemos, por que não o convidou a se batizar? E por que o próprio Cristo não o batizou? Leia em João 4:2 que Cristo não batizava, quem batizava eram os discípulos. E por que diante de tantas curas, milagres e encontros, como no da “Adúltera”, com “Zaqueu”, com o “Centurião”, com a “Cananeia”, Cristo nunca falou em batismo? Não seria uma oportunidade para este convite? No entanto, sua recomendação era para a mudança interior: “vai e não peques mais para que coisa pior não te venha acontecer”.

E Jesus conclui exemplificando: “como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim o Filho do Homem será erguido da Terra”. (Veja a história da

serpente erguida no deserto no Livro Números – vaicrá-21:4-9).

Aqui o Cristo prevê o que aconteceria a Ele, ou seja, a sua morte na cruz para que hoje seja erguido na terra como filho de Deus e dirigente de toda a nação terrena.

*Paulo, em sua epístola a Tito 3:4-5, interpreta bem esta citação do Cristo: **“Mas quando apareceu a vontade de Deus, nosso salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento de um espírito santo”.***

*Aqui, Paulo deixa bem claro que Deus nos salvou não porque o tivéssemos merecido, mas por Sua misericórdia, servindo-se da reencarnação a qual é um **“lavatório”** (de água) e um **“renascimento do espírito”**. A palavra grega do texto a que se refere Paulo é παλιγγενεσίας **“Palingenesia”** – isto é, **“renascimento”, “Novo Nascimento”, REENCARNAÇÃO.** (72) (os grifos são do original)*

Deixa-nos Severino Celestino, e com clareza meridiana, um posicionamento sereno e equilibrado diante da passagem analisada, embora saibamos que não agradará aos fundamentalistas. Mas como já o dissemos, não é este o nosso objetivo.

A questão é: O que pensavam os fariseus e o povo? Isso é algo que merece ser estudado, pois sempre argumentam que, naquela época, não existia a ideia conceitual da reencarnação, devemos, por amor à verdade, apresentar as provas de que isso não tem fundamento.

72 SILVA, 2001, p. 238-242.

O primeiro ponto a se colocar é que, se nós formos buscar a palavra “reencarnação” na Bíblia, não a encontraremos em canto algum. Entretanto, facilmente identificaremos uma outra terminologia que é usada em algumas situações, com o conceito de reencarnação, e que é a palavra “**ressurreição**”.

Quatro são as ideias que eles tinham sobre ressurreição:

1ª - alguém voltar a viver na condição de espírito;

2ª - reviver no mesmo corpo físico;

3ª - voltar a viver num outro corpo físico; e

4ª - ressurgir em espírito e, nessa condição, influenciar uma pessoa.

Mais informações sobre essas quatro ideias poderão ser vistas em nosso texto “*Ressurreição, o significado bíblico*”, disponível no site www.paulosnetos.net (73).

Para exemplificar a terceira ideia, podemos citar a narrativa de Lucas (9,18-20) sobre o episódio em que Jesus pergunta aos seus discípulos o que o povo pensava dele, ao que lhe responderam: “*Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que **tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou***”. (grifo nosso) Pela resposta podemos perceber que é exatamente a ideia da reencarnação, pois Jesus só poderia ser Elias, Jeremias, que é citado em Mateus 16,14, ou algum outro dos antigos profetas, se aceitassem essa possibilidade de ressurreição no sentido de

73 NETO SOBRINHO, link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/352-ressurreicao-o-significado-biblico>

reencarnação, termo, inclusive, usado no texto. A prova que não entendiam bem sobre a reencarnação, aqui com o nome de ressurreição, é pelo fato de terem citado João Batista, que foi contemporâneo de Jesus.

Considerando que nos foi informado que Nicodemos era um fariseu, não podemos deixar de falar dessa classe política e religiosa que existia àquela época. Nós buscaremos esta informação num historiador que viveu naquele tempo, chamado Flávio Josefo. Suas obras históricas são: *Antiguidades Judaicas*, *Guerra dos Judeus* e *Resposta de Flávio Josefo a Ápio*, que, em nosso caso, fazem parte do livro *História dos Hebreus*.

E a título de informação transcrevemos:

Quem foi Flávio Josefo? **Foi ele um escritor e historiador judeu que viveu entre 37 a 103 d.C.** Seu pai foi sacerdote e sua mãe descendia da casa real hasmoneana. Portanto, Josefo era de sangue real. **Ele foi muito bem instruído na vasta cultura judaica, bem como na grega.** Falava perfeitamente o latim – o idioma do Império Romano, e também o grego. Logo cedo na vida demonstrou intenso zelo religioso, **filiando-se ao grupo religioso dos fariseus.** [...]. ⁽⁷⁴⁾
(grifo nosso)

Ele, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

[...] Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa

74 JOSEFO, 2003, p. 41.

outra vida **e que outras voltam a esta**. [...]. ⁽⁷⁵⁾ (grifo nosso)

E quando alguns soldados, derrotados na guerra contra os romanos, pensavam em suicidar-se, alerta-os dizendo:

[...] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas **almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros** como elas e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; [...]. ⁽⁷⁶⁾ (grifo nosso)

Assim, é justo dizer que os fariseus acreditavam numa ressurreição em outro corpo, ainda que não se tenha dito quantas vezes. Ora, isso não é nada mais nada menos do que aquilo que entendemos por reencarnação.

Podemos, ainda, para corroborar a afirmativa de que ela era crença no judaísmo, trazer para comprovação os conhecimentos contidos na Cabala, que, segundo seus estudiosos, é o significado mais profundo e oculto da Torá.

O Rabino Philip S. Berg, em *Reencarnação as Rodas da Alma*, diz que:

75 JOSEFO, 2003, p. 416.

76 JOSEFO, 2003, p. 600.

A palavra hebraica para reencarnação é *Guilgul Neshamot*, que literalmente quer dizer ‘roda da alma’. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. *Guilgul Neshamot* é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. ⁽⁷⁷⁾ (grifo nosso)

Severino Celestino, citando o Rabino Shamai Ende, diz:

Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamai Ende, colaborador da Revista Judaica “**Chabad News**”, publicação de Dez a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: **“O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot ⁽⁷⁸⁾ da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. [...]”.** ⁽⁷⁹⁾ (grifo do original)

77 BERG, 1998, p. 17-18.

78 N.T.: Mitsvot – plural de mitzvá que significa mandamento ou prática de boas obras – caridade

79 SILVA, 2001, p. 161.

Disso podemos concluir que Nicodemos, sendo um fariseu, fatalmente acreditava que alguém poderia voltar; entretanto, não sabia como isso poderia acontecer, razão daquelas suas perguntas a Jesus.

Outra questão que, naturalmente, surge é se Jesus estaria, como querem alguns, pregando o Batismo?

Um fato incontestável é que Jesus nasceu, viveu e morreu como judeu. Também não há como discutir que o batismo não era a prática ritualística no judaísmo, que sabemos ser a da circuncisão, ato a que, segundo narrativa no Evangelho, o próprio Jesus foi submetido.

Curioso é que, dos quatro evangelistas, somente aquele que escreveu o Evangelho Segundo João diz algo sobre o batismo. Primeiro, ele afirma que Jesus batizava (João 3,22); entretanto, logo depois contradiz o que disse antes, afirmando que Jesus mesmo não batizava, mas sim os seus discípulos (João 4,2). Esse registro nos deixa desconfiados, pois sabemos que é quase um consenso entre os estudiosos que os Evangelhos foram escritos em grego.

Ora, se João era iletrado, portanto, sem instrução (Atos 4,13); como, então, poderia ter escrito o Evangelho que lhe é atribuído? Por isso, não é absurdo supor que, na verdade, outra pessoa o escreveu, fato que nos coloca diante também da possibilidade de que os textos poderiam ter sido “ajeitados” aos interesses dogmáticos daquela época. Sobre a autoria dos Evangelhos recomendamos o nosso texto *“Os nomes dos títulos*

dos Evangelhos designam seus autores?" ⁽⁸⁰⁾.

Todavia, a contradição pode ser apenas aparente, já que o batismo de Jesus não era o mesmo batismo praticado por João Batista. Sobre isso, encontramos uma passagem que diz: Mateus 3,11: *“Eu, na verdade, vos batizo em água, na base do arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alpacas; **ele vos batizará no Espírito Santo, e em fogo.**”* (grifo nosso)

Outrossim, considerando que Nicodemos “era membro do Conselho supremo chamado Sinédrio” ⁽⁸¹⁾, portanto, entendedor das práticas ritualistas dos judeus, não teria cabimento a pergunta (*És mestre em Israel e ignoras essas coisas?*) feita por Jesus a ele. Se Jesus estivesse mesmo se referindo ao batismo, certamente, que para Nicodemos, era muito fácil de entender. Se ele desconhecia é porque, na verdade, era sobre outra coisa que Jesus lhe falava. Pelos seus questionamentos ao Mestre, fica claro que era algo mais profundo do que um simples batismo, tinha, portanto, que ser de um assunto mais complexo que esse.

Com certeza, a reencarnação é algo assim, já que a maioria das pessoas por “*ignorar essas coisas*”, não sabem exatamente sobre “como pode um homem velho voltar a nascer de novo”; daí fazer a mesma pergunta que fez Nicodemos: “*porventura irá entrar no ventre de sua mãe para*

80 NETO SOBRINHO, link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>

81 Bíblia Sagrada - Ave-Maria, p. 1386.

nascer pela segunda vez?” A esses responderemos igual a Jesus: *“Não te admires disso”*.

Vejamos o que nos coloca o escritor Bruno Bertocco, ex-evangélico, em sua obra *Cristianismo Redivivo*:

Com referência ao nascer de novo, os que pertencem às seitas evangélicas fazem uma interpretação toda pessoal. Baseados em que também Jesus falou a Nicodemos que se o homem não nascesse da água e do espírito não poderia entrar no reino de Deus, acrescentando que o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito, pensam que Jesus se referiu ao simbólico nascer de novo da conversão e pelo ato do batismo das águas e do Espírito Santo. Ora, **se de fato o Mestre tivesse se referido ao batismo da conversão, quando falou a Nicodemos que lhe era necessário nascer de novo, não teria observado a sua ignorância a respeito**, sendo ele um doutor da Lei e dos Profetas, já que se tratava de um novo sacramento que ainda não estava em prática. Portanto, não poderia ser por ele conhecido. **Mas a verdade é que Jesus falou do nascer de novo pela reencarnação do espírito. Daí a sua interrogação: “Pois é mestre em Israel e ignoras estas coisas?”** ⁽⁸²⁾ (grifo nosso)

Sobre o que Nicodemos entendeu, transcrevemos esse trecho da história na versão de Huberto Rohden (1893-1981), renomado teólogo:

Então passa o Mestre a mostrar a seu novel discípulo que o principal não é *fazer algo*, mas *ser alguém*.

82 BERTOCCO, 1999, p. 178.

– Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.

Nascer de novo? **Nicodemos logo pensa em reencarnação material e replica:**

– Como pode um homem velho nascer de novo?

E, um tanto irônico, acrescenta:

– Será que pode voltar ao ventre de sua mãe e nascer mais uma vez? ⁽⁸³⁾ (grifo nosso)

É importante esse entendimento de Rohden, porquanto mesmo sem aceitar a reencarnação, como se poderá ver no desenrolar de sua versão da história, ele admite que Nicodemos entendeu sim que o que Jesus falava era sobre reencarnação.

Não obstante tudo isso, se o batismo nas águas fosse mesmo uma prática recomendada aos Cristãos, porque Paulo não deu ênfase a isso? Ele mesmo o responde:

1 Coríntios 1,15-17: *“Para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. É verdade, batizei também a família de Estéfanos, além destes, não sei se batizei algum outro. **Porque Cristo não me enviou para batizar**, mas para pregar o evangelho; não em sabedoria de palavras, para não se tornar vã a cruz de Cristo.”* (grifo nosso)

Kardec assim explicou o texto de João, em exame:

Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na **significação do termo água que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.**

83 ROHDEN, 2007, p. 73-74.

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que na *Gênese* se lê: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; - Que o firmamento seja feito no meio das águas; - Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; - Que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.”

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” E nesse sentido que a princípio as compreenderam. Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito.* Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste. ⁽⁸⁴⁾ (grifo nosso)

Informa-nos, também o escritor L. Palhano Jr. (1946-2000):

[...] **A água tinha grande simbolismo entre os hebreus;** tanto o espírito como as águas são fecundos (Is 32:15; 44:3; Ez 36:25-27); o espírito é coisa que Deus envia e derrama, como água (Jl 3:1-2; Zc 12:10). **Água era uma expressão para indicar influências boas ou más,** como no (Sl 1:3): “Pois será como a árvore plantada junto a *ribeiros de águas*, a qual dá o

84 KARDEC, 2007c, p. 91.

seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem; e tudo quanto fizer prosperará”. [...]. ⁽⁸⁵⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Dáí a necessidade de entendê-la pelo seu simbolismo e não no sentido literal como querem se apegar os que não acreditam na reencarnação. Ademais, se compararmos os versículos 5 e 6 e a respectiva conclusão no 7, veremos que não poderá ser mesmo do batismo que Jesus falava. Existe uma evidente relação entre o versículo 5 e o 6, especificamente nas expressões “*nascer da água*” com “*nasceu da carne é carne*” e “*nasceu do Espírito*” com “*nasceu do Espírito é espírito*”. Essa relação nada tem a ver com batismo e nem mesmo com renovação espiritual como acreditam muitos outros, já que Jesus finaliza taxativo: “*Não te admires de eu te haver dito: **deveis nascer de novo***” (v. 7), significando que o homem fisicamente descende do homem, e o Espírito provém de Deus.

Por outro lado, sendo a reencarnação coisa da terra, explicaria, indubitavelmente, essa fala final de Jesus a Nicodemos: “*Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creereis quando vos falar das coisas do céu?*” (v. 12).

Será que podemos afirmar que João Batista era Elias reencarnado? Após tecer comentários sobre o diálogo entre Jesus e Nicodemos, Allan Kardec conclui:

Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em S. João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece

85 PALHANO JR, 2001, p. 403.

com esta passagem de S. Mateus, que não permite equívoco: *ELE MESMO* é o *Elias que há de vir*. **Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva.** [...].⁽⁸⁶⁾ (grifo nosso)

Igualmente julgamos oportuno abordar essa questão, já que é um dos argumentos que reforçam a reencarnação, pois aqui irá nos ajudar a fortalecer a convicção que essa ideia era, de fato, não somente comum à época de Jesus, como também está presente no texto bíblico.

Primeiramente, citaremos a passagem em que Jesus faz o reconhecimento público da identidade de João Batista, narrado em Mateus:

Mateus 11,7-14: *“Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: ‘O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti’. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, **João é Elias que devia vir**. Quem tem ouvidos, ouça’.”* (grifo nosso)

86 KARDEC, 2007c, p. 92.

A profecia citada por Jesus é a de Malaquias (3,1), que, mais à frente (v. 23-24), identifica quem será esse mensageiro:

Malaquias 3,1.23-24: “Vejam! **Eu mandarei a vocês o profeta Elias**, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total”. (grifo nosso)

Quando o anjo anuncia a Zacarias que sua esposa estava grávida, diz ele sobre o menino:

Lucas 1,16-17: “Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles, **com o espírito e o poder de Elias**, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto.” (grifo nosso)

Além de fechar com a citação final da profecia de Malaquias, ressaltemos que ainda é sintomática a expressão “*com o espírito e o poder de Elias*”, compreensível aos que acreditam na reencarnação.

Aqui merecem destaque dois versículos dessa citação que estamos analisando.

O primeiro é aquele que diz “*de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista*” (Mateus 11,11). Analisando-o, chegamos à conclusão que, se não houver uma etapa anterior em que as pessoas possam evoluir, João Batista foi um ser privilegiado, pois já veio “*maior que todos os homens*”; quer dizer, mais evoluído que todos os homens, fato que contraria o princípio de que “*Deus não faz*

acepção de pessoas” (Atos 10,34). Entretanto é plenamente coerente, quando se aceita a reencarnação como um fator de progresso do Espírito. Por outro lado, completa Jesus: “*No entanto o menor no reino dos céus é maior que ele*” (Mateus 11,11), o que dentro de uma justiça divina, só poderá ocorrer se houver a todos nós a possibilidade de evoluirmos em outras vidas.

O segundo é o que o segue, onde está dito: “*Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência...*” (Mateus 11,12). Importante esta afirmativa, mas ela só caberia se João Batista tivesse vivido antes, já que não há sentido algum dizer isso citando uma pessoa contemporânea. Explicando melhor, poderíamos dizer que “desde o tempo em que João Batista viveu como Elias, o Reino dos Céus sofre violência...”; dessa forma ficará perfeitamente lógica a afirmativa, coisa que não acontecerá, se não aceitarmos que João Batista seja a reencarnação do profeta Elias, como também ficará de acordo com a afirmativa de Jesus: “*João é Elias que devia vir*” (Mateus 11,14).

Jesus, prevendo a incredulidade de muitos, ainda alerta: “*Ouçá quem tem ouvidos de ouvir*” (Mateus 11,15), ou seja, se quiser ouvir o que estou afirmando é exatamente isso: João Batista é o Elias reencarnado.

A outra passagem, é aquela em que Jesus sobe ao monte Tabor e se transfigura (Mateus 17,1-9), ocasião em que aparecem os espíritos de Moisés e Elias e conversam com Jesus. Na sequência (v. 10-13) é narrada a dúvida dos discípulos, pois, ao verem Elias, ficaram preocupados em

relação à profecia a respeito de sua volta (Mateus 3,1.23-24). Explica-lhes Jesus: *“Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: **Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram...**”* (v. 11-12). (grifo nosso) A essa explicação *“os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista”* (v. 13). Não precisa ser mais óbvio.

Porém, algumas pessoas, dando mais crédito ao discípulo do que ao Mestre (Mateus 10,24), alegam, contra a crença na reencarnação, que João Batista afirmou não ser Elias, esquecendo-se de que o mais importante é a afirmação de Jesus que ele era.

Considerando que *“Deus é Espírito”* (João 4,24), *“O espírito é que dá a vida a carne não serve para nada”* (João 6,63) e *“a carne e o sangue não podem herdar o Reino dos céus”* (1 Coríntios 15,50), não podemos aceitar que Elias tenha sido arrebatado de corpo e alma ao céu. Fatalmente, aconteceu a ele, como acontecerá a todos nós, o *“e ao pó retornarás”* (Gênesis 3,19). Estamos adiantando aos que tentariam justificar que João Batista não poderia ser Elias reencarnado, já que Elias não ultrapassou o portal da morte.

Ainda poderemos colocar que, para algumas situações que passamos nessa vida, somente se acreditarmos na reencarnação é que encontraremos explicação satisfatória. Muitas das nossas dores e sofrimentos são provenientes de erros pretéritos, fato não ignorado na época de Jesus, já que supunham que uma pessoa poderia vir com certa deformidade em virtude do passado delituoso. Essa crença é perfeitamente percebida quando, ao verem um cego de nascença, os

discípulos perguntam a Jesus: *“Quem foi que pecou foi ele ou seus pais?”* (João 9,2).

Jesus faz uma relação clara entre nossos erros (pecados) e situações dolorosas, ao dizer a um doente que acabara de curar: *“não peques mais, para que te não aconteça coisa pior”* (João 5,14). Somente haverá sentido em se falar em carma, para nós espíritas Lei de ação e reação, se houver a crença na reencarnação, já que ambos os conceitos estão intimamente ligados.

Poderemos ainda acrescentar que é pela reencarnação que todos nós um dia estaremos no reino dos Céus, uma vez que esse é o destino fatal de todos nós, já que é do desejo de Deus que todos os homens sejam salvos (1 Timóteo 2,4). Certa feita, Jesus disse aos chefes dos sacerdotes e anciãos do povo *“... Eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino dos Céus”* (Mateus 21,31), demonstrando claramente que, apesar de tudo, eles um dia estariam no Reino dos Céus; apenas que os detestáveis cobradores de impostos e as desprezadas prostitutas chegariam antes deles.

O Espírito André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Chico Xavier (1910-2002), disse, ao comparar a encarnação do Espírito num corpo físico, que é o mesmo que estarmos numa prisão. Então, lembramo-nos de um final de uma fala de Jesus em que afirma: *“... você irá para a prisão. Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo”* (Mateus 5,25-26). Além do progresso, essa é também mais uma utilidade da reencarnação, ou seja, por ela todos nós,

quitamos os nossos débitos perante as leis divinas. Aliás, preferimos a isso que irmos irremediavelmente para um inferno eterno, onde nunca conseguiremos pagar nossos débitos, situação em que a Justiça humana seria muito melhor que a divina.

Concluímos seguramente, sem nenhum medo de estarmos errados, que realmente a passagem analisada diz da reencarnação. O contexto histórico nos dá conta de que a reencarnação era crença no judaísmo, embora com o nome de ressurreição. A grande dificuldade é que encontramos essa palavra com vários sentidos; daí a grande confusão que causa a alguns, principalmente àqueles que não querem, por razões dogmáticas, aceitar a reencarnação como uma realidade.

Citaremos, para corroborar o que temos dito aqui, o que os pesquisadores Holger Kersten e Elmar R. Gruber disseram no livro *O Buda Jesus*:

Analisando as teorias de Pitágoras, descobrimos que sua teoria da reencarnação veio da Índia. **Apesar de todos os expurgos, essa ideia também é preservada em várias passagens do Novo Testamento**, a ponto de ter-se a impressão de que esse conceito não-cristão foi ensinado pelo próprio Jesus. [...].

Pode-se portanto afirmar que, nessa época, a ideia do renascimento e da transmigração da alma estava enraizada no sentimento popular dos judeus. Isso pode ser demonstrado em várias passagens do Novo Testamento. Lembramo-nos da pergunta dos discípulos a Jesus sobre o homem que era cego de nascença: “Quem pecou, ele ou os pais para que ele tenha nascido cego?” (João 9,20. **A hipótese de que o próprio homem tivesse pecado pressupõe, naturalmente,**

que o pecado tivesse sido cometido numa vida anterior, constituindo uma aceitação da ideia do carma. [...].

Essa crença evidente no renascimento que encontramos no Novo Testamento não era, de modo algum, familiar aos judeus dos primeiros tempos. Foi a filosofia helênica que a disseminou por todas as regiões dentro de sua esfera de influência. **O conceito de renascimento (*gilgul*) só se tornou conhecido nos círculos judaicos por volta do início do nosso milênio.** Os talmudistas acreditavam que Deus havia criado um número determinado de almas judias, que renasciam constantemente. Como punição elas, retornavam no corpo de animais. De acordo com essa ideia, o ser humano tinha que experimentar uma longa transmigração da alma (*gul-neschama*) até alcançar a redenção (*tikkun* – a harmonia). A ideia de que a redenção só ocorre quando é atingido o objetivo do desenvolvimento terreno indica a origem hindu e budista do conceito e só surgiu entre os judeus durante o período helênico.

A ideia da reencarnação sem dúvida ocupou um lugar de destaque na visão que Jesus tinha da vida. Isso coloca duas possibilidades: ou Jesus era um mestre da sabedoria helenista que adotou o conceito de renascimento como uma abordagem filosófica, ou extraiu a ideia de fontes hindus. No entanto, a maneira pela qual a ideia do renascimento é integrada à sua mensagem, constituindo um componente fundamental de seu entendimento sobre a redenção, torna a hipótese das raízes hindus muito plausível. Apenas na Índia a reencarnação desfrutou de tal aceitação, e apenas na Índia ela esteve ligada a uma moral semelhante à que Jesus divulgou na Palestina. É por isso que os ensinamentos budistas de Jesus soavam tão estranho aos judeus.

O tema renascimento está presente em muitas

passagens do Novo Testamento ⁽⁸⁷⁾. **Jesus fala de suas vidas passadas e de seu retorno, assumindo desta forma uma clara defesa da ideia da reencarnação.** Sua referência mais explícita a uma existência anterior (“Antes que Abraão fosse, eu sou” - João 8:58) encontra um paralelo no mais antigo relato sobre a vida de Buda, o *Nidanakartha*, onde o Desperto é apresentado como um ser preexistente desde o início dos tempos.

As passagens mais importantes do Novo Testamento em que Jesus revela sua crença no renascimento estão no Evangelho segundo João (João 3:1-4, 7:9-11). Infelizmente, elas têm sido enormemente mutiladas por traduções incorretas. Graças ao cuidadoso trabalho de Günther Schwarz, muitos desses erros foram corrigidos. Em diversas publicações, esse teólogo conseguiu restabelecer o texto aramaico original dos Evangelhos a partir das traduções gregas existentes, que usou então como base para uma nova versão alemã. O resultado de todos esses anos de trabalho é a obra *Jesus-Evangelium* ⁽⁸⁸⁾, na qual, com a ajuda de seu filho Jörn Schwarz, reuniu os quatro Evangelhos canônicos e fontes não-bíblicas. Esse “Evangelho de Jesus” será uma constante fonte de referência em nossa análise dos paralelos com o budismo. As citações dessa obra serão abreviadas como “JeEv”.

Na tradução correta, o verdadeiro significado das ideias de Jesus sobre o renascimento se torna evidente. Uma noite, sabendo que Jesus “fora enviado como mestre” (JeEv 5:11), Nicodemos, um fariseu, foi até ele. Na tradução alemã usual, a conversa com Nicodemos é

87 N.T.: Otto Flink (*Schopenhauers Seelenwanderungslehre und ihre Quellen*) menciona as seguintes passagens: Mateus 14:1-2, 1Cor 15:35-55; Mateus 17:9-12; Lucas 9:7,8,19; Marcos 9:9-13; Mateus 19:28-30; João 3,3 e 3:8. Ele acredita que a ideia de carma está presente em João 9:2-3; Mateus 19:30; Mateus 5:4,26; Marcos 10:19-31; Lucas 18:29-20.

88 N.T.: Schwarz e Schwarz (1993).

acompanhada por incompreensíveis palavras de Jesus: “Se um homem não nascer do alto, não poderá ver o reino de Deus” (João 3:3). A versão não autorizada é menos enigmática: “Se o homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus”. Nos séculos seguintes, **a Igreja empenhou-se em suprimir do Novo Testamento todas as referências à reencarnação, sem contudo conseguir eliminá-las totalmente.** Nessa nova versão, corretamente traduzida, a intenção das palavras de Jesus volta a se tornar clara. Nicodemos pergunta a Jesus: “O que devo fazer para entrar no Reino de Deus?” Jesus responde: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem não nascer de novo e de novo, não poderá ser (re)admitido no Reino de Deus”. Nicodemos então pergunta: “Como pode um homem nascer de novo e de novo se já é velho? Pode ele voltar ao ventre da mãe e nascer de novo?” Ao que Jesus replica: “Não te admires do que eu disse, é preciso nascer de novo e de novo”.

O que está em questão é a readmissão no Reino de Deus como princípio e fim da existência humana. Essa lição deve ser compreendida à luz das passagens da Bíblia em que Jesus diz que *João Batista* é Elias que voltou à terra (Mateus 11:13-15, 17:10-13; Marcos 9:11-13) e em que ele próprio é considerado um Elias, um Jeremias *ou* um dos outros profetas renascido. **Não existe pois nenhuma dúvida de que Jesus estava falando de um renascimento físico, no sentido hindu de reencarnação.** Visto nesse contexto, o erro de tradução de um famoso versículo de Mateus (18:3) deve ser corrigido. Jesus supostamente teria dito: “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças...”, quando o surpreendente resultado da tradução correta é: “Se não renascerdes, não entrareis no Reino dos Céus” ⁽⁸⁹⁾. (JeEv 5:12-16). ⁽⁹⁰⁾ (grifo nosso)

89 N.T.: Schwarz (1990), p. 46.

90 KERSTEN e GRUBER, s/d, p. 129-132.

Acreditamos que, por motivos de interesses de poder e de dinheiro, a liderança religiosa atual não faz a mínima questão de esclarecer essas dúvidas, pois colocariam em risco esses seus interesses. Mas estamos confiantes em que, muito mais cedo do que querem alguns, a ciência dará o veredicto definitivo, quando provar categoricamente a lei natural da reencarnação, única coisa pela qual poderemos explicar inúmeros questionamentos humanos, e é por ela que a justiça e a misericórdia de Deus se manifestam em plenitude.

A traição de Judas: uma história mal contada

“Afasto-se da boca enganosa e fique longe dos lábios falsos.” (Provérbio 4,24)

É interessante como alguns temas bíblicos não resistem a uma análise mais acurada. Vários deles, que já tratamos em outros textos, nos proporcionam a certeza de que muitas narrativas constantes da Bíblia são uma deliberada e sutil montagem para se chegar a um objetivo previamente definido. Daí porque muitas delas foram amoldadas a esse propósito, passando por cima da verdade histórica que tais escritos deveriam conter.

Muitas pessoas se chocam com atitudes como essa nossa: a de uma análise crítica. Entretanto, não abrimos mão de fazer uso da inteligência com a qual nos dotou o Criador. Nós, seres humanos racionais, temos que usar esse dom, pois, não usá-lo é abdicar da única faculdade que nos difere dos animais, ditos irracionais; por isso, acreditamos que só ofendemos mesmo a Deus, quando não utilizamos a nossa inteligência plenamente.

Reconhecemos, entretanto, ser muito difícil a inúmeras pessoas, principalmente as que não pesquisam, abandonar conhecimentos adquiridos, especialmente quando foram passados como verdades divinas, sob coação ideológica. Ou seja, o simples questionamento da veracidade das mesmas já é, por si só, considerado como grave ofensa à divindade. Essa

possibilidade de heresia acaba gerando um bloqueio mental, em função do medo de crer-se num conseqüente castigo por esse tipo de “pecado”. Assim, somos “levados” a aceitar, sem o mínimo questionamento, o que nos tem sido imposto como verdade absoluta. Com o tempo, passamos ao despautério de defender ideias, que nunca analisamos ou criticamos, como se nossas fossem.

O assunto que trataremos, desta vez, está relacionado a uma suposta traição a Jesus, que teria sido realizada por Judas Iscariotes, um de seus discípulos. Inclusive, tudo que consta na Bíblia sobre ele está somente nas passagens que iremos ver a seguir. Dizemos suposta, porquanto, particularmente, acreditamos que o Sinédrio tinha poderes de vida e morte sobre as pessoas, não precisava, portanto, de ninguém para delatar Jesus. O *Sanhedrin* ou o Grande Conselho dos Anciãos de Israel, com 71 homens sobre a presidência do sumo sacerdote, “podia decretar sentença de morte contra os judeus da Judeia por motivo de ofensa religiosa, mas não executá-la antes de confirmação do poder civil”. ⁽⁹¹⁾.

Bart D. Ehrman, especialista em Novo Testamento, em sua obra *Quem escreveu a Bíblia: por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, traz-nos a seguinte informação:

[...] Os autores de alguns dos livros do Novo Testamento não eram quem alegavam ser ou quem se imaginou que seriam. Em alguns casos, isso se deu porque um escrito anônimo, no qual o autor não indicava

91 DURANT, 1957, p. 211.

quem era, foi posteriormente atribuído a alguém que, na verdade, não o escreveu. Mateus provavelmente não escreveu Mateus, por exemplo, nem João, João; por outro lado, nenhum livro de fato alega ter sido escrito por uma pessoa chamada Mateus ou João. Em outros casos, isso aconteceu porque o autor mentiu sobre sua identidade, alegando ser alguém que não era. [...]. ⁽⁹²⁾ (grifo nosso)

Essa é a razão pela qual usaremos a expressão “o autor de” ao referirmos aos Evangelhos, uma vez que, os estudiosos modernos não mais atribuem a autoria dos textos aos nomes que constam em seus títulos.

Iniciaremos, trazendo para análise, a seguinte passagem, cujo teor parecerá que nenhuma ligação tem com o nosso estudo:

Mateus 19,27-29: *“Então Pedro tomou a palavra, e disse: ‘Vê! Nós deixamos tudo e te seguimos. O que vamos receber?’ Jesus respondeu: ‘Eu garanto a vocês: no mundo novo, quando o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, **vocês, que me seguirem, também se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.** E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e terá como herança a vida eterna.”* (grifo nosso)

Se Jesus disse que discípulos “também se sentarão em doze tronos”, então, não há como, nesse momento histórico, excluir o personagem Judas Iscariotes, sob pena de tornar Jesus um mentiroso, o que seria algo sem lógica. A nosso ver, aqui

92 EHRMAN, 2013, p. 19.

temos uma prova de que a “profecia” a respeito de um traidor entre os que seguiam Jesus é apenas um ajuste dos textos a mais uma crença que se formou a respeito de Jesus.

O autor de Lucas, afirma que, após satanás ter entrado em Judas, este foi procurar os sacerdotes para ver de que maneira lhes entregaria Jesus (Lucas 22,3-6). Os sacerdotes ficaram tão satisfeitos com essa ideia que combinaram em lhe dar dinheiro, uma vez que eles desejavam, de há muito tempo, eliminar “o herético”. Tal acontecimento se deu, na versão do autor desse Evangelho, antes da festa dos Ázimos; evidentemente, antes da ceia de páscoa, cujo prato principal era um cordeiro morto especificamente para essa finalidade.

No entanto, segundo o autor de João, esse fato se deu após a ceia (João 13,26-27), apesar de um pouco antes, ele ter dito: *“Enquanto ceavam, tendo já o diabo posto no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, que o traísse”* (João 13,2), sendo, por conseguinte, omissos sobre qualquer combinação anterior entre Judas e os sacerdotes. Portanto, podemos verificar que há evidente conflito entre as narrativas, quanto ao tempo em que o fato se deu.

Merece ser ressaltado que se a morte de Jesus foi para remissão de nossos pecados, como comumente se pensa ou insistem que creiamos, então, Judas não poderia, por coerência, ser considerado um traidor, porquanto devemos admitir que a missão dele, embora espinhosa, era a de entregar Jesus. Entretanto...

Nada disso faz muito sentido. Mesmo a solução

religiosa mais comum – de que, **embora Judas esteja efetivamente cumprindo a vontade de Deus, ele é culpado porque se rendeu a Satanás** – não leva em consideração as contradições. Até o autor parece ter dificuldade ao tentar explicar a falta de lógica – como a questão dos discípulos se perguntando se Judas teria ido fazer compras tarde da noite. Não, isso não faz sentido. ⁽⁹³⁾ (grifo nosso)

Concordamos plenamente com Tobias Churton (1960-), não faz mesmo sentido algum.

Quanto à questão dessa combinação com os sacerdotes, Mateus (26,15) diz que Judas pediu dinheiro para lhes entregar Jesus, enquanto que Marcos (14,11) e Lucas (22,5) afirmam que foram os sacerdotes que tomaram a iniciativa de retribuir ao discípulo, dando-lhe dinheiro como recompensa pelo seu ato ignominioso.

Um bom observador perceberá que, pelas suas narrativas, Mateus teve uma evidente preocupação, qual seja, a de relacionar Jesus com as profecias, inclusive, muito mais que os outros três autores dos Evangelhos. Daí ser ele o único que diz sobre o quanto Judas teria recebido, dando como certa a importância de trinta moedas de prata (Mateus 26,15; 27,3). Essas duas passagens que falam disso são, geralmente, relacionadas a Zacarias 11,12-13, no pressuposto de que ela seja uma profecia; entretanto, os fatos ali narrados se referem ao próprio profeta Zacarias; não é, por conseguinte, uma revelação sobre algo que fosse ocorrer no futuro.

93 CHURTON, 2009, p. 219.

Ainda sobre essa questão das moedas, é oportuno colocarmos o que, em *O beijo da morte*, nos informa Churton:

[...] **A quantia de 30 peças de prata** não era um preço convencional ou troca, mas um número profético, simbólico – foi o preço pago por um povo ingrato pelos serviços de Deus. Na profecia, **a quantia é uma ninharia, não uma fortuna.**

Uma simples barganha de informações em troca de dinheiro dificilmente envolveria esses símbolos. Se Judas pensou que estava traindo “Deus”, era quase certo que ele estava louco, e, portanto, merecia compaixão, ou, pelo menos, uma cura.

É opinião geral dos estudiosos que o relato da troca pela prata foi simplesmente extraído dos escritos proféticos e usado como uma história de “cumprimento”, para preencher uma falta de conhecimento do que aconteceu. Se esse for o caso, essa troca não pode ter um peso significativo na alegada culpa de Judas. ⁽⁹⁴⁾ (grifo nosso)

Como se diz “vendeu barato”, portanto, até o valor, supostamente combinado, deixa-nos realmente na dúvida se tal troca, de fato, aconteceu.

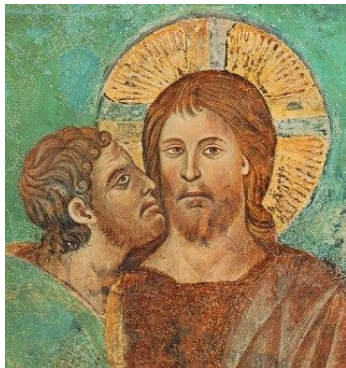
Ao narrar os acontecimentos durante a ceia, Mateus relata: *“Enquanto comiam, Jesus disse: ‘Eu lhes garanto: um de vocês vai me trair’. Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a lhe perguntar: ‘Senhor, será que sou eu?’”* (Mateus 26,21-22). Achamos bem interessante é que todos eles não confiavam e si mesmo, pois ao dizerem *“Senhor será que sou eu?”* estavam demonstrando que intimamente tinham

94 CHURTON, 2009, p. 234.

“potencial” para praticar tal ato ou “Será que todos eles estavam preocupados, pois todos tinham sido tentados a trai-lo - e suas negativas são expressões de culpa?” (95). E Jesus, ao responder essa indagação de cada um dos discípulos sobre quem o trairia, teria dito: *“Quem vai me trair, é aquele que comigo põe a mão no prato. O Filho do Homem vai morrer, conforme a Escritura fala a respeito dele...”* (Mateus 26,23-24). Passagem que é relacionada ao Salmo 41,10, onde Davi reclama sobre um amigo que o trai. O que nos leva a concluir que tal passagem não é uma profecia; assim, não poderia estar relacionada a Jesus, como querem os que buscam, nas Escrituras, apoio para seus dogmas. Davi foi traído por um amigo, seu próprio conselheiro, de nome Aquitofel, conforme narrativa em 2 Samuel 15,12.31. O final trágico da vida desse “amigo da onça” foi enforcar-se (2 Samuel 17,23); com isso, querem, igualmente, atribuir esse mesmo destino a Judas, como iremos ver mais à frente.

Outra coisa que nos parece sem nenhum sentido, principalmente pela maneira com a qual Jesus agia para com os outros, é que Ele tenha, com efeito, se preocupado em delatar o seu traidor, conforme narrado em João 13,26, quando, para identificar quem o trairia, diz aos que o acompanhavam, naquela ceia, que seria a quem desse um pão molhado; dito isso, imediatamente, molha um pão e o entrega a Judas, delatando o pobre coitado. Talvez a preocupação aqui seja buscar mais uma forma de relacionar tal episódio a uma profecia sobre esse acontecimento, que sabemos não existir.

95 CHURTON, 2009, p. 198,



Mateus (26,48) e Marcos (14,44) dizem que Judas havia combinado com os sacerdotes um sinal - o beijo - para que pudessem identificar quem era Jesus, e, obviamente, o colocam fazendo isso (Mateus 26,49; Marcos 14,45). Lucas, apesar de não relatar absolutamente nada

sobre esse sinal, diz que Judas se aproximando de Jesus o saúda com um beijo (Lucas 22,47). Enquanto que João não fala de ter havido uma combinação de sinal, nem que Jesus teria dito algo a respeito, e nem mesmo coloca Judas beijando a Jesus, já que, para ele, foi o Mestre que se adiantou, aos guardas acompanhados de Judas, se identificando a eles como sendo Jesus, o Nazareno, a quem procuravam (João 18,3-5). Fatos novamente conflitantes.

Nenhum outro Evangelho, a não ser o de João, coloca Judas como sendo aquele que, entre os discípulos, cuidava da “bolsa”; vai ainda mais longe acusando-o de ladrão (João 12,6). Como uma acusação grave dessa não foi feita por mais ninguém? Aí ficamos com a dúvida de Churton que disse “O Evangelho de João nos informa - não sabemos com que justificação histórica - que Judas tomava conta da bolsa (do dinheiro).” ⁽⁹⁶⁾

Se Judas, realmente, fosse um gatuno, por que motivo o deixaram tomando conta do dinheiro? Alguém colocaria um

96 CHURTON, 2009, p. 192.

ladrão como seu administrador financeiro? Não seria, evidentemente, para colocar a honra desse discípulo em jogo, fórmula encontrada para se justificar que, por ser assim, ele não teria também nenhum escrúpulo em trair o seu próprio Mestre? Essa hipótese, para nós, é a mais viável.

Não bastassem os que já encontramos, aparecem-nos agora mais dois evidentes conflitos.

O primeiro está relacionado à forma pela qual Judas deu cabo à sua vida, movido, segundo relata o autor de Mateus, por profundo remorso. Estranhamente é o único Evangelho que fala disso; nenhum outro autor apresenta uma linha sequer sobre Judas ter se arrependido. Continuando seu relato, o autor de Mateus (27,5) diz que Judas se enforcou; entretanto, em Atos (1,18) está se afirmando que ele “*precipitando-se, caiu prostrado e arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram*”, mudando, desta maneira, a versão anterior a respeito de sua morte.

Encontramos a seguinte explicação para esse passo: “Possivelmente a narração da morte de Judas enforcando-se, está inspirada na história da morte de Aquitofel (cf. 2 Samuel 17,23)”⁽⁹⁷⁾. Conforme citamos anteriormente Aquitofel enforcou-se, mas querer, daí, apenas por inspiração, atribuir a Judas uma morte semelhante é lamentável, pois esse fato bíblico deveria ter sido relatado fielmente como ocorrido, aliás, não só esse, mas todos os outros; não como o autor do relato quer que tenha acontecido, o que nos coloca diante de uma

97 Bíblia Sagrada - Santuário, p. 1463.

mera suposição.

Quem sabe se não houve uma outra justificativa para Judas se enforçar? É o que nos propõe Churton:

Quando o arqueólogo israelense Yigael Yadin escavou a fortaleza e o palácio de Massada, o mundo todo descobriu que no ano de 74 d.C. zelotes devotos, em sua determinação de manter sua religião livre da contaminação romana, estavam prontos a cometer suicídio em massa em vez de se render aos romanos. “Nunca novamente!” **Talvez Judas tenha se enforcado para não se entregar aos soldados romanos. O cenário político mais detalhado que surgiu dessa pesquisa arqueológica deu outra direção à ideia do suicídio de Judas.** [...]. ⁽⁹⁸⁾ (grifo nosso)

Já tivemos a oportunidade de ver algumas pessoas tentando conciliar os dois tipos de morte de Judas, dizendo várias coisas como, por exemplo, que no seu enforcamento ele teria caído num precipício. Mas será que isso pode ser levado em conta? O estudioso Bart D. Ehrman, ex-evangélico, falando a respeito disso, afirmou:

Ao longo dos anos os leitores tentaram conciliar esses dois relatos da morte de Judas. Como ele podia se enforçar e cair “de cabeça para baixo”, para que sua barriga se abrisse e seus intestinos se espalhassem pelo solo? **Interpretes engenhosos, querendo fundir os dois relatos em uma só narrativa verdadeira, tiveram grande dificuldade com isso.** Talvez Judas tivesse se enforcado, a corda arrebitado e ele caído no chão de cabeça, se partido ao meio. Ou

98 CHURTON, 2009, p. 190.

talvez tivesse se enforcado, e como isso não tivesse dado certo, então subiu em uma rocha alta e se jogou de cabeça no campo. Ou talvez... bem, talvez alguma outra coisa.

O importante, contudo, é que os dois relatos oferecem versões diferentes sobre como Judas morreu. Por mais misterioso que seja dizer que caiu de cabeça e se rasgou, pelo menos isso não é se “enforçar”. [...]. ⁽⁹⁹⁾ (grifo nosso)

Ao pesquisarmos, para obtermos outras explicações, para nossa própria surpresa, deparamo-nos também com uma outra versão sobre sua morte; leiamos:

[...] a maneira como ele morreu. Existem essencialmente **três tradições** diversas sobre a questão:

1. A narrativa do livro de Atos parece indicar que a morte de Judas Iscariotes foi *violenta*, produzida por alguma espécie de **queda** incontrollável, evidentemente por algum precipício abaixo.

2. Há também a narrativa de Mat. 27:3-10, segundo a qual Judas Iscariotes **enforcou-se**.

3. **Por semelhante modo, há uma história, preservada por Papias**, discípulo do apóstolo João (ou do “presbítero”) de que Judas Iscariotes foi atacado por alguma **enfermidade** asquerosa, que causou uma excessiva *inchação* de seu corpo e que, estando ele nessas condições físicas, foi esmagado por uma carroça, em um lugar de estreita passagem, por onde ordinariamente poderia ter passado com sucesso, se não tivesse inchado tanto. (Ver J.A. Cramer, *Catanae in Evangelia, S. Matthaei et S. Marci*, Oxford: Typographeo

99 EHRMAN, 2010, p. 60-61.

Academico, 1884, sobre o vigésimo sétimo capítulo do evangelho de Mateus). Alguns intérpretes têm sugerido que essa história, preservada por Papias, na realidade é a mesma que aparece historiada nas páginas do livro de Atos e que a tradução que aqui aparece como “*precipitando-se*” (comum, de resto, a todas as traduções), traduz um termo médico obscuro (no grego *prestheis*), que indicava inchação excessiva. (Essa teoria é exposta na obra “*The Beginnings of Christianity*”, editores F.J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake: Londres, The Macmillan Co. 1933, V. págs. 22-30).

Além das ideias acima expostas, várias outras interpretações têm aparecido, ou de natureza inteiramente apócrifa, ou como variações das tradições já existentes. Alguns intérpretes têm asseverado que as palavras “...foi enforcar-se...”, da passagem de Mat. 27:5, na realidade deveriam ser traduzidas por *sufocouse*, deixando um tanto *vago* o modo real de sua morte. Outros estudiosos têm pensado que essas palavras significam que ele foi consumido pelo remorso de consciência. Mui provavelmente essas explicações vieram a lume na tentativa de reconciliar a narrativa do livro de Atos com o relato do evangelho de Mateus, posto que, mediante tais interpretações, nenhum modo específico de morte pode ser atribuído à narrativa de Mateus. Tais tentativas, não obstante, não são bem fundadas, e nem têm sido bem recebidas pelos estudiosos em geral.

Uma outra tentativa de reconciliação entre essas duas narrativas, é aquela que diz que as narrativas do evangelho de Mateus e do livro de Atos são descrições de *várias etapas* da morte de Judas. – A ideia é que Judas pendurou-se por uma corda ou em um ramo, o qual ter-se-ia *partido*, precipitando-o para baixo e propiciando as condições descritas em Atos. **Essa interpretação tem deixado a vários estudiosos**

satisfeitos; mas outros têm-na considerado como mera tentativa de *harmonizar* os relatos bíblicos a qualquer custo, até mesmo ao preço da honestidade.

É justo dizermos que o problema permaneceu praticamente *sem solução* nos tempos antigos; e para muitos intérpretes, é nesse ponto de insolubilidade que o problema se encontra até hoje. Mas todas as narrativas, até mesmo as lendárias, concordam sobre o ponto de que Judas Iscariotes sofreu alguma forma de *morte violenta e horrenda*. [...]. ⁽¹⁰⁰⁾ (grifo nosso)

O segundo diz respeito ao destino dado às moedas. O autor de Mateus menciona que Judas as teria devolvido, atirando-as dentro do santuário, que, recolhidas pelos sacerdotes, foram, por deliberação deles, destinadas à compra do campo do oleiro, para servir de cemitério aos estrangeiros (Mateus 27,3-10), citando que isso aconteceu para se cumprir o que dissera o profeta Jeremias. Mas essa história nos parece mal contada, pois em Atos se diz que o próprio Judas teria comprado um campo (Atos 1,18), que até poderia ser esse do oleiro; mas, de qualquer forma, está em conflito com a versão anterior.

Na maioria das Bíblias que consultamos diz que as profecias relacionadas a Mateus 27,9: *“Cumpriu-se, então, o que foi dito pelo profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, a quem certos filhos de Israel avaliaram e deram-nas pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor”*, estariam nos passos: Zacarias 11,12-13

100 CHAMPLIN e BENTES, 1995c, p. 622.

e Jeremias 32,5-16, ou Jeremias 18,1-4 e 19,1-3 ⁽¹⁰¹⁾. Há, portanto, sérias dúvidas quanto à identificação da profecia específica relacionada ao episódio.

Como já falamos sobre a citação de Zacarias, fica-nos, por conseguinte, apenas as de Jeremias para dizermos alguma coisa. Em notas explicativas sobre elas encontramos que: “A citação é uma combinação artificial de Jeremias 32,6-9 e Zacarias 11,12-12.” ⁽¹⁰²⁾; isso nos deixa diante da realidade de que, por se admitir que seja “uma combinação artificial”, estamos, certamente, diante de mais uma tentativa de se relacionar acontecimentos no Novo Testamento com ocorrências registradas no Antigo Testamento, tidas como se fossem verdadeiras profecias.

Quem tiver a curiosidade de consultar a passagem citada de Zacarias não encontrará nela algo no qual se possa qualificá-la como profecia; são apenas fatos relacionados àquele momento vivido por esse profeta. E quanto a Jeremias, não se encontra absolutamente nada que ele tenha comprado alguma coisa por trinta moedas. Sobre a compra de um terreno, sim, como podemos ver em Jeremias (32,6-12); mas uma situação circunstancial, explicada da seguinte forma:

À primeira vista se trata de um incidente: a compra e venda de um terreno segundo as normas e o procedimento da legislação judaica. O narrador se compraz em registrar todos os detalhes, mostrando que a lei foi estritamente cumprida e que o ato é

101 A Bíblia Anotada, p. 1229.

102 Bíblia do Peregrino, p. 2386.

juridicamente válido. O surpreendente dessa compra-e-venda é que se realiza às vésperas da catástrofe inevitável. Que sentido tem nesse momento comprar um terreno para que fique em poder da família? Tudo já está perdido. Mas o absurdo do ato é a chave do seu sentido. Para efeitos legais imediatos, a compra nada servirá; para efeitos proféticos, é admirável ato de esperança no futuro. É um oráculo em ação, Jeremias profetiza ao vivo: não só palavras, nem ação simbólica, mas ato real jurídico. Esse ato significa o futuro que ele antecipa: a jarra de barro onde se guarda o contrato é um penhor que Deus concede. Apesar do que está para acontecer, a terra continua sendo propriedade dos judaítas: a terra prometida aos patriarcas e possuída durante séculos...⁽¹⁰³⁾.

Podemos ainda confirmar isso com a seguinte explicação: “A citação [Mt 27,9] é tirada na realidade de Zacarias (11,12-13). Mas, ele lembra também diversos versículos de Jeremias onde se faz menção do campo e do oleiro (32,6-6; 18,2-12).”⁽¹⁰⁴⁾ Ressaltamos que a expressão “ela lembra”, é uma afirmativa que depõe contra o próprio texto que, positivamente, diz ser de Jeremias essa profecia.

Percebemos que as narrativas possuem diversos fatos conflitantes entre si, deixando-nos na convicção que tudo não passa, na melhor das hipóteses, de um ajuste dos textos para se chegar a um objetivo pré-determinado, conforme já falávamos, desde o início. Para se ter uma ideia mais exata sobre isso, colocaremos a passagem Mateus 27,1-26, que, para tornar a explicação mais fácil de ser entendida, iremos dividi-la

103 Bíblia do Peregrino, p. 1928.

104 Bíblia Sagrada - Ave-Maria, p. 1319.

em três partes:

I) 1-2: *De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador.*

II) 3-10: *Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos, dizendo: “Pequei, entregando à morte sangue inocente”. Eles responderam: “E o que temos nós com isso? O problema é seu”. Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: “É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue”. Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. É por isso que esse campo até hoje é chamado de “Campo de Sangue”. Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: “Eles pegaram as trinta moedas de prata – preço com que os israelitas o avaliaram – e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou”.*

III) 11-26: *Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: “Tu és o rei dos judeus?” Jesus declarou: “É você que está dizendo isso”. E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. Então Pilatos perguntou: “Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?” Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado. Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. [...]”*

Para o que queremos colocar não é necessário citar toda a narrativa; assim, omitimos o restante da sequência dessa última (vv. 16-26), pois até aqui, no versículo 15, já

encontramos o suficiente para entendermos e percebermos que os versículos de 3-10 nada têm a ver com o contexto geral daquilo relatado na passagem. Inclusive, no versículo 3 está dito que Judas viu que Jesus havia sido condenado, quando, no desenrolar do texto, esse fato ainda não havia acontecido, que só veio acontecer mais à frente. A quebra brusca na sequência dessa narrativa, não deixou de ser percebida pelo tradutor da *Bíblia do Peregrino*, conforme nos explica:

O episódio da morte de Judas interrompe estranhamente o curso do relato, como se a entrega de Jesus ao governador ultrapassasse suas previsões. Sabemos que a figura de Judas alimentou desde cedo fantasias legendárias. Lucas dá versão diferente (At 1,18-20). A morte violenta do perseguidor ou culpado é tema literário conhecido (p. ex. Absalão, 2Sm 18; Antíoco Epifanes, 2Mc9; em versão poética vários oráculos proféticos, p. ex. Is 14; Ez 28). Antes de morrer, Judas acrescenta seu testemunho sobre a inocência de Jesus. Confessa o pecado, mas desespera do perdão...⁽¹⁰⁵⁾.

Isso vem confirmar todas as nossas suspeitas de que tudo foi um calculado “arranjo” visando ajustar os textos às conveniências dos interessados para que eles tivessem referências às suas idiossincrasias. E, em relação ao assunto tratado, temos fortes suspeitas de que vários outros trechos foram intercalados às narrativas bíblicas, para amoldá-los a um propósito determinado. Podemos citar, como exemplo, Mateus 26,14-16; 21-25; 28,11-15; Marcos 10,10-12; 14,18-21; Lucas

105 *Bíblia do Peregrino*, p. 2385-2386.

22,3-6, 21-23; João 1,33; 11,12-16, para que você, caro leitor, faça uma análise mais aprofundada.

Podemos ainda recorrer a Ernest Renan, que disse:

Quanto ao desgraçado **Judas de Cariote, lendas terríveis correram sobre sua morte**. Disseram que, com o prêmio de sua perfídia, comprara umas terras nos arredores de Jerusalém. Havia, justamente, ao sul do monte Sião, um local chamado *Hakeldama* (campo de sangue) ⁽¹⁰⁶⁾. Pensou-se que era a propriedade adquirida pelo traidor ⁽¹⁰⁷⁾. Segundo uma tradição, ele se matou ⁽¹⁰⁸⁾. Segundo uma outra, ele levou um tombo na sua propriedade e, como consequência, suas entranhas se espalharam pelo chão ⁽¹⁰⁹⁾. Segundo outras, ele morreu de uma espécie de hidropsia, acompanhada de circunstâncias repugnantes que foram tomadas como castigo do céu ⁽¹¹⁰⁾. **O desejo de comparar Judas a Achitofel ⁽¹¹¹⁾ e de mostrar nele o cumprimento das ameaças que o Salmista pronunciou contra o amigo pérfido ⁽¹¹²⁾ pode ter dado ensejo a essas lendas.** ⁽¹¹³⁾ (grifo nosso)

Ficamos a pensar como se sentiu e como ainda pode estar se sentindo Judas sobre tudo quanto lhe imputam como

106 N.T.: São Jerônimo, *De situ et nom. Loc. hebr.*, para a palavra Acheldama. Eusébio (*ibid.*) diz ao norte. Mas os itinerários confirmam a lição de São Jerônimo. A tradição que nomeia Haceldama à necrópole situada no fundo do vale de Hinon remonta pelo menos à época de Constantino.

107 N.T.: Atos, I, 18-19. Mateus, ou melhor, seu interlocutor, deu aqui um tom menos satisfatório à tradição, a fim de ligar a isso a circunstância de um cemitério para estrangeiros, que se achava perto dali, e de encontrar uma pretensa confirmação em Zacarias, XI,12-13.

108 N.T.: Mat. XXVII, 5.

109 N.T.: Atos, I.c.; Pápias, em Ecumenius, *Enarr. in Act. Apost.*, II e em Fr. Münter, *Fragm. Patrum graec.* (Hafniae, 1788, fasc. I, p. 17 e seg.; Teofilacto, em Mat., XXVII, 5.

110 N.T.: Pápias, em Münter, I.c., *Teofilacto*, I.c.

111 N.T.: II Sam., XVII,23.

procedimento. O pobre coitado ainda é julgado e condenado, anos após anos, pelos ditos “cristãos”, que, com certeza, não cumprem o: “*Não julgueis os outros para não serdes julgados, porque com o julgamento com que julgardes, sereis julgados e com a medida que medirdes sereis medidos*” (Mateus 7,1-2). Não bastasse isso, ainda é humilhado, malhado e, ao final, é espetacularmente “detonado”. Infelizmente esse nos parece ser o seu destino cruel, que se perpetua anualmente nas comemorações da Semana Santa, realizadas por determinadas religiões cristãs tradicionais.

Reabrimos esse “processo”, pois temos em mãos a revista *Discovery Magazine* de março/2005, com uma interessante reportagem intitulada *Últimos momentos de Jesus*, assinada pelo jornalista Walter Falceta Jr., da qual transcrevemos os seguintes trechos:

[...] Mas pesquisas mais recentes lançam novos olhares especialmente sobre o odiado Judas – aquela figura que, vestida em boneco de trapos, mobiliza os malhadores nos Sábados de Aleluia.

Ao contrário da tradição, os estudos modernos são mais complacentes com o discípulo dissidente, tido no imaginário popular como um homem ambicioso e sem caráter. O magistrado israelense Haim Cohn, ex-juiz da Suprema Corte de Israel, autor de *O Julgamento e a Morte de Jesus*, defende que, à época da Paixão, Jesus já era conhecido em Jerusalém e sabia-se de seu costume de meditar no Monte das Oliveiras. **“Não seria necessário, portanto, que alguém indicasse seu**

112 N.T.: Salmos LXIX e CIX.

113 RENAN, 2004, p. 397.

refúgio”, diz Cohn. Dessa forma, o episódio do “beijo da traição”, que teria sido protagonizado por Judas para indicar aos soldados romanos o momento adequado da captura de Jesus, pertenceria ao campo da lenda e não da realidade...

Para outros especialistas, o perfil de Judas foi moldado para representar os arquétipos da maldade. De acordo com o bispo da Igreja Anglicana John Spong, de Newark (EUA), até o nome de Judas teria sido escolhido para remeter o inconsciente coletivo ao termo “judaísmo”, numa estratégia para marcar negativamente a imagem dos primeiros opositores do cristianismo.

FICÇÃO NOS EVANGELHOS

Na década passada, o padre Raymond Brown, ex-professor do Seminário Teológico União, de Nova York, produziu o mais detalhado estudo sobre o que aconteceu nos últimos dias da vida de Cristo. Um calhamaço de 1.600 páginas, o livro *The Death of J. B. Howell the Messiah* (“A morte do Messias”, ainda não editado no Brasil) compara os argumentos de vários intérpretes da Bíblia, os chamados exegetas, à luz de dados históricos. Em seus textos, Brown dá crédito aos escritos oficiais e estimula uma leitura conservadora das Escrituras. Mesmo assim, admite que o objetivo dos autores dos textos sagrados era evangelizar e não reconstituir fatos históricos. Segundo ele, é natural que tenham recorrido à ficção para expor suas ideias. Brown considera, por exemplo, que a história das 30 moedas que, segundo a Bíblia, Judas recebeu dos sacerdotes do Sinédrio para entregar Cristo passou a simbolizar o suposto gosto dos judeus pelo dinheiro. ⁽¹¹⁴⁾ (grifo nosso)

Isso vem, de certa forma, em apoio ao que deduzimos

de nossos estudos bíblicos; sinal que não estamos sendo heréticos sozinhos, embora isso não nos preocupe, pois para nós o que é mais importante é que se restabeleça a verdade.

Vejamos, agora, o que Geza Vermes, renomado exegeta, diz sobre o trecho do Evangelho de Mateus (27,3-10), que cita Judas:

Mateus insere uma breve passagem sobre Judas entre o julgamento de Jesus pelo Sinédrio e a transferência do caso para Pilatos. Ele faz o traidor arrepender-se e devolver o suborno. Os evangelistas são inocentes das especulações modernas sobre motivos elevados de Judas, tal como o seu desejo de forçar Jesus a revelar seu messianismo oculto. Não é dada nenhuma hora exata. Segundo Mateus, o julgamento de Jesus ocorre na casa de Caifás, mas o encontro de Judas com os chefes dos sacerdotes e os anciãos é situado no Templo, local diferente sem dúvida numa ocasião diferente. Como as autoridades sacerdotais se recusaram a aceitar o dinheiro de volta, Judas o jogou fora e, desesperado, enforcou-se. **O restante da história tem toda a aparência de um conto folclórico artificialmente combinado com uma citação escritural para transformar o acontecimento em cumprimento de uma profecia.** Deixados diante de um dilema – o que fazer com o dinheiro de sangue devolvido, impróprio para o tesouro do Templo –, os chefes dos sacerdotes decidem usá-lo para comprar um campo para o sepultamento de estrangeiros. Havia um terreno em Jerusalém conhecido como “Campo de Sangue”, e uma tradição cristã primitiva o associava à desventura de Judas. O aspecto profético do incidente é

amplamente produzido por Mateus. **Diz-se que a citação é de Jeremias, mas trata-se de uma invenção ou, mais exatamente, de uma mistura adulterada de Zacarias 11,12-13 e Jeremias 18,2-3; 36,6-15.** É impossível discernir nos extratos bíblicos sequer uma remota ligação com o episódio de Judas. **Aqui, como em muitos outros lugares, Mateus empenha-se em retratar a história da Paixão, perturbadora para crentes e pouco atraente para supostos convertidos, como uma sequência de eventos profeticamente previstos e providencialmente predestinados.** ⁽¹¹⁵⁾ (grifo nosso)

Esse empenho de Mateus em relacionar Jesus a várias profecias, foi também percebido por nós, inclusive, objeto de um estudo à parte, com o título de “Será que os profetas previram a vinda de Jesus?”, que poder ser visto em nosso site: www.paulosnetos.net ⁽¹¹⁶⁾.

Fechamos com Churton, que disse: “Temos a liberdade de suspeitar que os autores dos Evangelhos realmente não sabiam o que aconteceu”. ⁽¹¹⁷⁾

115 VERMES, 2007, p. 53-54.

116 NETO SOBRINHO, link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>

117 CHURTON, 2009, p. 236.

A questão do bom ladrão

“As ideias falsas, entregues à discussão, mostram seu lado fraco, e se apagam diante da força da lógica.” (ALLAN KARDEC)

A passagem de Lucas a respeito do “bom ladrão” é, muitas vezes, utilizada, principalmente pelos nossos detratores de plantão, para sustentar a ideia de que não existe a reencarnação. Não querendo entrar detalhadamente neste assunto, apenas gostaríamos de dizer para aqueles que não a aceitam, que vejam como ela é óbvia nas seguintes passagens:

Mateus 17,12: “Mas digo-vos que **Elias já veio, e não o conheceram**, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem.” (grifo nosso)

Mateus 11,14-15: “E, se quereis dar crédito, **é este o Elias que havia de vir**. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” (grifo nosso)

João 3,3: “Jesus respondeu, e disse-lhe: 'Na verdade, na verdade te digo que aquele que **não nascer de novo**, não pode ver o reino de Deus'.” (grifo nosso)

João 3,7: “Não te maravilhes de te ter dito: **Necessário vos é nascer de novo**.” (grifo nosso)

Vemos que, infelizmente, muitos ainda não “têm ouvidos de ouvir”. Não compreendemos como podem conceber uma Justiça Divina sem a reencarnação. Já que, para nós, a reencarnação é o único meio de “sermos perfeitos como o Pai

Celestial” (Mateus 5,48), conforme nos recomenda Jesus, a não ser que Ele nos tenha ensinado algo que não pudéssemos fazer, o que seria um absurdo.

Voltando ao que nos propomos, achamos por bem fazer uma análise desse episódio, para que possamos encontrar a verdade. Vamos, então, às narrativas bíblicas sobre tal acontecimento, tiradas da Bíblia Anotada, Editora Mundo Cristão:

Mateus 27,44: “**E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões** que haviam sido crucificados com ele.” (grifo nosso)

Marcos 15,32: “**Também os que com ele foram crucificados o insultavam.**” (grifo nosso)

Lucas 23,39-43: “**Um dos malfeitores crucificados blasfemava** contra ele, dizendo: 'Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também'. Respondendo-lhe, porém, **o outro repreendeu-o** dizendo: 'Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez'. E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino'. Jesus lhes respondeu: 'Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso'.” (grifo nosso)

João 19,18: “Onde o **crucificaram, e com ele outros dois**, um de cada lado, e Jesus no meio”. (grifo nosso)

Ressaltamos que se a Bíblia, segundo dizem, é totalmente inspirada por Deus por que não narram os Evangelistas os mesmos fatos? Ora, se a fonte de inspiração é de uma mesma origem, Deus, deveriam ser tais narrativas

completamente iguais, pelo menos quanto ao fundo. Poderemos até aceitar palavras diferentes, mas não com divergências quanto ao fato ocorrido; e aqui ele é narrado de forma diferente, conforme observaremos a seguir:

1 - Quanto ao diálogo:

Mateus, Marcos e João nada relatam de qualquer diálogo entre os três crucificados.

2 - Quanto à atitude:

Mateus e Marcos dizem que os ladrões estavam, isto sim, entre os que escarneciam de Jesus. Só Lucas diz que Jesus teria dito para um deles que *“hoje estarás comigo no Paraíso”*.

3 - Quanto à testemunha:

João que estava ao pé da cruz, ou seja, a testemunha ocular, nada diz sobre este diálogo de Jesus com um dos ladrões.

Para efeito de raciocínio estamos considerando que os autores dos Evangelhos, sejam aqueles cujos nomes constam dos títulos, como é a crença comum; porém, e a bem da verdade, atualmente, não se sabe quem são, os estudiosos têm-nos como completamente desconhecidos.

Por curiosidade, vamos ver como essa frase aparece nas Bíblias de outras editoras:

Mundo Cristão: ***“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.”*** (grifo nosso)

Vozes: ***“Em verdade te digo: ainda hoje estarás comigo no paraíso.”*** (grifo nosso)

Pastoral: “**Eu lhe garanto**: hoje mesmo você estará comigo no paraíso.” (grifo nosso)

Ave-Maria: “Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso.” (grifo nosso)

Barsa: “Em verdade te digo: que hoje serás comigo no paraíso.” (grifo nosso)

Loyola: “**Eu te asseguro**: hoje mesmo estarás comigo no paraíso.” (grifo nosso)

Perguntaríamos, então, qual delas é a frase mais verdadeira? Enquanto algumas dizem “em verdade”, outras dizem “eu garanto” e “eu te asseguro”, apesar dessas Bíblias terem como origem o mesmo segmento religioso.

Um detalhe que julgamos importante é que essa afirmação, atribuída a Jesus, pode ser encontrada nos documentos apócrifos: *Evangelho de Nicodemos* ⁽¹¹⁸⁾, *Descida de Cristo ao inferno* ⁽¹¹⁹⁾ e o denominado *Declaração de José de Arimateia*, nesse, inclusive, é citado o nome dele como sendo Dimas ⁽¹²⁰⁾. Transcrevemos um trecho da fala do “bom ladrão”:

E enquanto ele pendia na cruz, ao ver os prodígios que se sucederam, acreditei nele e roguei a ele dizendo: “Senhor, quando reinares, não te esqueças de mim”. E ele logo disse-me: “**Em verdade em verdade te digo, hoje mesmo estarás comigo no paraíso**”. ⁽¹²¹⁾ (grifo nosso)

118 TRICCA, vol. I, 1992a, p. 238.

119 TRICCA, vol. I, 1992a, p. 261.

120 TRICCA, vol. II, 1995b, p. 285.

121 TRICCA, vol. I, 1992a, p. 261.

Observe, caro leitor, que a fala encontrada no apócrifo *Descida de Cristo ao inferno* é a mesma que se encontra no Evangelho de Lucas. Assim, ficamos na dúvida se a passagem de Lucas, a respeito do “bom ladrão”, não teria sido tomada exatamente desse e dos outros dois documentos, cuja autenticidade não foi reconhecida pela Igreja Católica, uma vez que ele mesmo declara que escreveu “após acurada investigação de tudo deste o início”, o que constata que ele não foi inspirado.

Por outro lado, vários outros autores confirmam o que Severino Celestino da Silva disse em seu livro *Analisando as Traduções Bíblicas*:

Sabemos que **os manuscritos originais do Novo Testamento não possuíam pontuação**, e em face do fato de o grego clássico (incluindo o grego koiné, no qual foi escrito o Novo Testamento) **gozar de ampla liberdade no tocante à ordem das palavras**, é impossível, à base do próprio texto grego, provar um lado ou outro dessas ideias contraditórias. ⁽¹²²⁾ (grifo nosso)

Assim, não fica difícil entender que nas traduções colocaram a pontuação conforme a conveniência de cada tradutor.

Analisando, especificamente essa frase, e, se admitirmos que isso realmente tenha acontecido, teremos uma contradição de Jesus, pois Ele mesmo disse: **a cada um segundo suas obras**. (Mateus 16,27). E, quando do episódio

122 SILVA, 2001, p. 309-310.

com Madalena, após sua ressurreição, disse Ele a esta mulher: *“Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”* (João 20,17). Ora, se Jesus, três dias após sua morte, ainda não tinha subido ao Pai, como Ele poderia ter afirmado ao “bom ladrão”, que **hoje** estarás comigo, ou seja, justamente no dia de sua morte na cruz?

Outros questionamentos temos para apresentar: se muitos acreditam que, segundo as escrituras, os mortos ficam dormindo, como admitir a entrada dele direto ao paraíso? E como fica o tão falado dia do Juízo final, não haverá mais esse juízo?

Por outro lado, o “bom ladrão”, ao reconhecer que “nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez”, ele está aceitando a justiça dos homens, e por mais forte razão, aceitaria a Justiça de Deus que lhe daria uma pena merecida. Assim, podemos concluir também que ele não estava pedindo uma recompensa por algo que não tivesse feito, mas, apenas que Jesus se lembrasse dele quando voltasse; certamente visando o perdão dos seus pecados, não é mesmo?

Além disso, o dito “bom ladrão” (e, diga-se de passagem, é o único ladrão **bom** da história da humanidade) somente reconheceu que ele e o outro tinham motivos para morrerem crucificados, e que Jesus era um inocente sendo condenado; assim, já que não houve nem mesmo um simples arrependimento, por parte dele, por que o prêmio? Se for verdadeira essa regra, então, qual a vantagem de ser correto

durante toda uma vida se podemos ir para o céu apenas por um arrependimento de última hora?

Narra Mateus (20,20-23) que a mãe dos filhos de Zebedeu chega a Jesus com o seguinte pedido: *“Ordena que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino”*. Não vemos Jesus atendendo ao pedido desta abnegada mãe; ao contrário, disse-lhe: *“Mas quanto a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, **não me cabe concedê-lo**, porque estes lugares são destinados àqueles para os quais meu Pai os reservou”*.

Ora, se aqui Jesus afirma que não cabe a Ele conceder um lugar no Paraíso ou reino dos céus, como, então, promete um lugar ao “bom ladrão”? Será que Ele estaria contradizendo-se? Acreditamos que não, pois tanto nesse caso, quanto no outro, teria que agir sem conceder qualquer tipo de privilégio, ou seja, *“a cada um segundo suas obras”* (Mateus 16,27).

Não bastassem os fatos acima, uma análise cuidadosa da cena do Calvário revela que o ladrão **pode não ter morrido naquele mesmo dia**, pois o autor do Evangelho de João nos diz:

João 19,31-33: *“Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a Preparação (pois era grande o dia de Sábado), rogaram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas, e que fossem tirados. Foram, pois, os soldados e, na verdade, quebraram as pernas do primeiro, e ao outro que com ele fora crucificado; mas, **vindo a Jesus, e vendo-O já morto**, não Lhe quebraram as pernas.”* (grifo nosso)

Arnaldo B. Christianini aborda a questão do costume de

quebrar as pernas em seu livro *Subtilezas do Erro*, de onde transcrevemos:

Por que “quebrar as pernas” dos justicados? Porque o crucificado não morria no mesmo dia. Cristo foi caso excepcional e sabemos que não morreu dos ferimentos ou da hemorragia, mas de quebrantamento do coração. Morreu de dor moral por suportar os pecados do mundo. Mas os outros, não, e as crônicas descrevem o condenado esvaindo-se lentamente durante dias.

Diz, por exemplo o comentário de J. B. Howell:

“O crucificado permanecia pendurado na cruz até que, exausto pela dor, pelo enfraquecimento, pela fome e a sede, sobreviesse a morte. **Duravam os padecimentos geralmente três dias, e às vezes, sete.**” ⁽¹²³⁾

É óbvio que os homens de maior robustez física duravam até sete dias na cruz. **No caso em tela, os judeus, não permitiram que se conservasse um criminoso na cruz no dia de sábado**, pois consideravam um desrespeito à santidade do dia de repouso.

“De acordo com o costume, quebravam as pernas dos criminosos depois de os haverem removido da cruz, deixando-os estendidos no chão, até que o sábado passasse. Depois do sábado haver passado, sem dúvida esses dois corpos foram outra vez amarrados na cruz, e lá ficaram diversos dias, até morrerem...”

Se era necessário quebrar as pernas aos dois malfeitores, antes do pôr-do-sol, é porque não haviam, morrido ainda. Na pior das hipóteses viveram ainda, pelo menos, um dia a mais que o Mestre.

123 N.T.: E. Howell, Comentário a S. Mateus, pág. 500.

Como podia, um deles, estar no mesmo dia junto de Jesus? ⁽¹²⁴⁾ (grifo nosso)

Se era necessário quebrar as pernas aos dois malfeitores, antes do pôr do sol, é porque não haviam morrido ainda. Na pior das hipóteses, viveram ainda pelo menos um dia a mais que o Mestre. Como podia, um deles, estar no mesmo dia junto de Jesus?

Já falamos, várias vezes, mas não custa repetir. Coloquemos a frase do seguinte modo: Em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso. Veja como uma simples vírgula muda completamente o sentido do texto... Desta forma, é muito mais condizente com a Justiça Divina, pois um indivíduo somente irá para o Paraíso, quando tiver realizado as obras que justifiquem merecê-lo, não importando quanto tempo levará para isso.

Também não estaria em conflito com o texto: *“Ora, se invocais como Pai aquele que, **sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação, [...].”*** (1 Pedro 1,17). E, para reforçar que Deus não faz mesmo acepção de pessoas, pedimos para consultar outras passagens bíblicas que dizem exatamente a mesma coisa. ⁽¹²⁵⁾

124 CHRISTIANINI, 1965, p. 274-275.

125 Deuteronomio 10,17; 2 Crônicas 19,7; Jó 34,19; Atos 10,34; 15,9; Romanos 2,11; Efésios 6,9 e Colossenses 3,25.

A morte de Agripa: quem conta um conto...

“A verdade não pode existir em coisas que divergem.” (S. Jerônimo)

A ingenuidade de muitos em acreditar piamente em todas as narrativas bíblicas, como se fossem verdades irrefutáveis, é digna de pena. A grande maioria dessas pessoas, se nem mesmo ousa admitir uma simples dúvida, que dirá contestar aquilo que se encontra relatado na Bíblia, já que pressupõem que tudo que ali está é plena verdade proveniente de Deus. Ainda não perceberam que, por conta da esperteza da liderança religiosa da antiguidade, tacitamente incorporada pela atual, foi o que transformou a Bíblia num livro cujo conteúdo passou a ser supostamente a palavra de Deus. Foi a forma fácil e prática que se encontrou para manter sob seu domínio os fiéis: ovelhas que não berram.

Vejamos o acontecido na morte de Agripa, conforme narrativa em Atos dos Apóstolos:

Atos 12,20-23: *“Herodes estava enfurecido com os habitantes de Tiro e Sidônia. Estes fizeram um acordo entre si e se apresentaram diante de Herodes, depois de conquistarem as graças de Blasto, o camareiro real. Eles pediam a paz, já que seu país recebia mantimentos do território do rei. **No dia marcado**, Herodes vestiu-se com os trajes reais, **tomou seu lugar na tribuna**, e lhes dirigiu a palavra oficial. O povo começou a clamar: **‘É a voz de um deus**, e não de um homem!’ Mas, **imediatamente**, o anjo do Senhor feriu Herodes,*

porque ele não tinha dado glória a Deus. E Herodes expirou, carcomido por vermes." (grifo nosso)

Segundo os tradutores de A Bíblia Anotada, esse personagem é "Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, que reinara ao tempo do nascimento de Cristo. Agripa, pelo menos exteriormente, era um zeloso praticante dos rituais judaicos e era um patriota em questões religiosas" (126). E, em relação à sua morte, completam: "Josefo afirma que Herodes adoeceu subitamente durante seu discurso e, depois de cinco dias de sofrimento, morreu (44 A.D.)" (127).

Vejamos então, para conferir, o que Josefo, o historiador hebreu, fala a respeito desse assunto. A versão de Josefo, parece-nos ser bem diferente dessa que acabamos de citar. Vamos iniciar seu relato após Agripa ter sido preso, acusado por um liberto de nome Eutico, de desejava morte do imperador Tibério, para que seu amigo Caio o substituísse no poder:

Um dia, quando Agripa estava com outros prisioneiros diante do palácio, a fraqueza, que lhe causava tristeza, fez que ele se apoiasse a **uma árvore sobre a qual uma coruja veio pousar**. Um alemão, que era do número desses prisioneiros, tendo-o notado, perguntou a um soldado que o olhava e que estava acorrentado com ele, quem era aquele homem; tendo sabido que era Agripa, o mais notável de todos os judeus pela glória de sua origem, rogou-lhe que se aproximasse dele, a fim de que pudesse ouvir de sua boca alguma coisa sobre os costumes de seu país. O

126 A Bíblia Anotada, p. 1378.

127 A Bíblia Anotada, p. 1379.

soldado assim fez; o alemão, então, disse a Agripa, por meio de um intérprete: “Bem vejo que uma mudança tão grande e tão repentina de vossa sorte vos aflige, e que dificilmente acreditaríeis que a divina providência vos dará a liberdade, muito em breve. Mas eu tomo os deuses como testemunhas, os deuses que eu adoro e os que são reverenciados neste país, que me puseram nestas cadeias, de que, o que eu vos tenho a dizer, não é para vos dar uma vã consolação, sabendo, como eu sei, que quando as predições favoráveis não são seguidas de seus efeitos só servem para aumentar a nossa tristeza. Quero pois dizer-vos, embora com perigo, **o que essa ave** que acaba de voar sobre vossa cabeça **vos pressagia**. Estareis bem depressa em liberdade e elevado a tão grande poder, que sereis invejado por aqueles que agora têm compaixão de vossa infelicidade. Sereis feliz durante todo o resto de vossa vida e deixareis filhos que sucederão à vossa felicidade. **Mas quando virdes aparecer de novo essa mesma ave, sabei que somente vos restarão cinco dias de vida. Eis o que os deuses vos pressagiam** e como eu tenho conhecimento disso, julguei dever dar-vos essa alegria, para amenizar vossos males presentes, com esperança de tantos bens futuros. Quando vos encontrardes em tão grande prosperidade não nos esqueçais, eu vos rogo, e trabalhai para nos tirar da miséria em que nos encontramos”. A predição desse alemão pareceu tão ridícula a Agripa, que provocou nele, naquele instante, uma gargalhada, tão forte que depois causou-lhe a ele mesmo, espanto e admiração. ⁽¹²⁸⁾ (grifo nosso)

Será que essa profecia foi cumprida? Para sabermos o que aconteceu, continuemos o relato de Josefo um pouco mais à frente, cujo tempo decorrido é cerca de seis meses depois:

Trouxeram nesse mesmo tempo duas cartas de Caio; uma endereçada ao senado, com a qual lhe dava o anúncio da morte de Tibério e de que ele o havia escolhido para substituí-lo no império; a outra, a Pisão, governador da cidade, que dizia a mesma coisa, ordenando-lhe **tirar Agripa da prisão** e permitir-lhe voltar à sua casa. Assim ele se viu livre de todo temor: e embora estivesse ainda guardado, vivia no resto, como queria. Pouco depois, Caio veio a Roma para onde fez trazer o corpo de Tibério, mandando fazer-lhe, segundo o costume dos romanos, soberbos funerais. Ele quis pôr Agripa em liberdade, no mesmo dia, mas Antônia aconselhou-o a diferir, não, porque não sentisse afeto por ele, mas porque julgava que aquela precipitação iria contra o decoro, porque não se podia apressar tanto a liberdade daquele a quem Tibério conservava preso, sem manifestar ódio por sua memória. No entanto, alguns dias depois, **Caio mandou chamá-lo** e não se contentou em dizer-lhe que mandasse cortar os cabelos, mas **lhe pôs a coroa na cabeça; depois fê-lo rei da tetrarquia** que Felipe havia possuído e acrescentou-lhe ainda a de Lisânias. Quis também como sinal de seu afeto dar-lhe uma cadeia de ouro do mesmo peso da de ferro que ele havia usado e mandou em seguida *Marullhe*, como governador da Judeia. ⁽¹²⁹⁾ (grifo nosso)

Então se a primeira parte da profecia, dita pelo alemão, foi cumprida, fica provado que os deuses, que lhe passaram a informação, estavam certos. Mas, e quanto à segunda parte da profecia, a que dizia a respeito de sua morte? Será que Agripa ouviu a coruja piar novamente? Voltemos à Josefo e leiamos:

No terceiro ano do seu reinado ele celebrou na cidade de Cesareia, que antigamente era chamada a

129 JOSEFO, 2003, p. 427.

Torre de Estratão, jogos solenes em honra do imperador. Todos os grandes e toda a nobreza da província, reuniram-se nessa festa; no segundo dia dos espetáculos Agripa veio bem cedo, pela manhã, ao teatro, com uma veste cujo forro era de prata trabalhada com tanta arte, que quando o sol o iluminava com seus raios, desprendiam-se reflexos tão vivos de luz, que não se podia olhar para ele sem se sentir tomado de um respeito, misto de temor. Mesquinhos bajuladores, então, com palavras melifluas que destilam veneno mortal no coração dos príncipes, começaram a dizer que até então haviam considerado seu rei, como um simples homem, mas que agora viam que o deviam reverenciar como um deus, rogando-lhe que se lhes mostrasse favorável, pois parecia que ele não era como os demais, de condição mortal. Agripa tolerou essa impiedade, que deveria ter castigado mui rigorosamente. Mas, logo levantando os olhos, **viu uma coruja, por sobre sua cabeça**, pousada numa corda estendida no ar e **lembrou-se de que aquela ave era um presságio de sua infelicidade** como outrora tinha sido de sua prosperidade. **Soltou, então, um profundo suspiro e sentiu, ao mesmo tempo, as entranhas roídas por uma dor horrível.** Voltou-se para seus amigos e disse-lhes: “Aquele que quereis fazer acreditar que é imortal, está prestes a morrer e essa necessidade inevitável não podia ser uma mais pronta convicção de vossa mentira. Mas é preciso querer tudo o que Deus quer. Eu era muito feliz e não havia príncipe de quem eu devesse invejar a felicidade”. Dizendo estas palavras, sentiu que as dores cresciam cada vez mais; levaram-no ao palácio e **a notícia espalhou-se imediatamente, de que ele estava prestes a exalar o último suspiro.** Logo todo o povo, com a cabeça coberta de um saco, segundo costume de nossos pais, fez oração a Deus pela saúde e todo o ar ressoou com gritos e lamentações. O príncipe que estava no quarto mais alto do palácio, vendo-os de lá, prostrados por terra, não pôde reter as

lágrimas; **as dores, porém, continuaram por cinco dias a fio e o levaram, aos cinquenta e quatro anos de sua vida**, sétimo do seu reinado, pois reinara quatro sob o imperador Caio, nos três primeiros dos quais ele só tinha a tetrarquia, que fora de Filipe, e no quarto, acrescentaram-lhe a de Herodes; nos três anos em que reinou sob Cláudio, esse imperador deu-lhe também a Judeia, a Samaria e Cesareia. Mas, embora suas rendas ⁽¹³⁰⁾ fossem muito grandes, ele era liberal e tão magnânimo que era obrigado ainda a pedir emprestado. ⁽¹³¹⁾ (grifo nosso)

Interessantíssimo é que as duas previsões, constantes da profecia, que foram ditas pelo alemão a Agripa, se cumpriram. Ora, ele mesmo afirmou a ter recebido dos deuses, o que então prova que não era somente o Deus dos hebreus que tinha profetas aqui na terra. Será que havia um acordo entre os deuses de ambos - o do alemão e o dos hebreus? Provavelmente; haja vista o cumprimento integral da profecia.

Vejamos, agora, os pontos que foram aumentados:

Lucas: Herodes estava enfurecido com os habitantes de Tiro e Sidônia. Estes fizeram um acordo entre si e se apresentaram diante de Herodes, depois de conquistarem as graças de Blasto, o camareiro real. Eles pediam a paz, já que seu país recebia mantimentos do território do rei.

Josefo: Nada fala desse assunto. Coloca o evento quando do acontecimento de jogos solenes oferecidos por Agripa em honra ao imperador, ocasião em que se reuniram

130 N.T.: O grego diz: Mil e duzentas vezes dez mil, sem nada mais especificar.

131 JOSEFO, 2003, p. 453,

vários príncipes e toda a nobreza para essa majestosa festa.

Lucas: No dia marcado, Herodes vestiu-se com os trajes reais, tomou seu lugar na tribuna, e lhes dirigiu a palavra oficial

Josefo: Fala que Agripa chegou ao local dos jogos de manhã usando "uma veste cujo forro era de prata trabalhada com tanta arte, que quando o sol o iluminava com seus raios, desprendiam-se reflexos tão vivos de luz, que não se podia olhar para ele sem se sentir tomado de um respeito, misto de temor." Não diz absolutamente nada de que Agripa tenha feito, da tribuna, algum tipo de discurso oficial.

Lucas: O povo começou a clamar: "É a voz de um deus, e não de um homem!"

Josefo: O motivo para que alguns o elevaram à categoria de um deus, foi justamente a roupa brilhante citada anteriormente. Condição não contestada por Agripa, que ainda, segundo Josefo, deveria tê-los castigados. E quem disse alguma coisa foram os mesquinhos bajuladores, o que pode não significar necessariamente que teria sido o povo, que dá uma ideia de que todos, ou pelo menos, a maioria dos que ali estavam.

Lucas: Mas, imediatamente, o anjo do Senhor feriu Herodes, porque ele não tinha dado glória a Deus. E Herodes expirou, carcomido por vermes.

Josefo: Após o episódio acima, Agripa vê uma coruja o que o faz lembrar-se da profecia que ouvira do alemão; daí sim

é que ele fala ao povo contestando a sua condição de deus, assumindo sua condição de mortal e dizendo-lhes que brevemente estaria morto. O fato imediato é que ele começou a passar mal, sentindo muitas dores. Nesse estado, Agripa permaneceu por cinco dias, quando finalmente dá o seu último suspiro. Embora Josefo não fale nada sobre o enterro de Agripa, é de se presumir que aconteceu, pois, se tivesse ocorrido algo em contrário, seria ponto de destaque que não passaria despercebido por um historiador. Assim, Agripa não foi imediatamente carcomido por vermes, fato que, para salvar o texto bíblico, devemos considerar como épico. E mais: o motivo da morte de Agripa nada tem a ver com ele não ter dado glória a Deus.

Por aqui provamos que, no presente caso, quem contou o conto, aumentou não foi um só ponto, mas vários. Os relatos históricos não podem ser preteridos às narrativas bíblicas, cujos autores não se preocuparam nem com a verdade histórica, nem mesmo com a ordem cronológica dos acontecimentos, a eles só interessavam os seus heróis enaltecidos.

Sempre estamos ouvindo dogmáticos querendo salvar a veracidade dos textos bíblicos, relegando os fatos históricos, arqueológicos e mesmo científicos, na doce ilusão de que “tá na Bíblia é verdade”. Coitados, pois ainda acham que conseguirão tapar o Sol com uma peneira!

O Antigo Testamento foi revogado por Jesus?

“Ora, o progresso não pode se fazer senão por ideias novas que venham, de tempo em tempo, mudar o curso das ideias recebidas. Repeli-las porque destroem as que nos foram berço, é, aos nossos olhos, faltar com a lógica.” (A. BRIQUEL)

Neste texto estudaremos algumas passagens do Evangelho buscando compreender as palavras de Jesus, visando deixar o mais claro possível o que Ele pensava, de modo que também você, caro leitor, tenha elementos suficientes para tirar sua própria conclusão.

Mateus 5,17-18: *“Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, **vim para cumprir**. Porque em verdade vos digo: 'Até que o céu e a terra passem, nem um 'i' ou um 'til' jamais passará da lei, **até que tudo se cumpra**'.”* (grifo nosso)

Essa é a passagem em que se apoiam para concluir que Jesus confirmaria toda a Bíblia. Mas, com essa fala, Ele estava apenas querendo dizer que devia se cumprir tudo que Dele está escrito na Lei e nos profetas, dizendo que nem um **“i”** ou nem um **“til”** do que ali consta deixaria de ser cumprido; isso ficará bem claro, no desenrolar desse estudo.

Lucas 10,25-28: *“E eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com intuito de por Jesus em provas, e disse-lhe: 'Mestre, que farei para herdar a vida eterna?' Então Jesus lhe perguntou: '**Que está escrito na lei?**'”*

*Como interpretas?' A isto ele respondeu: 'Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo'. Então Jesus lhe disse: 'Respondeste **corretamente**; faze isto, e viverás'.*" (grifo nosso)

Se Jesus, quando disse a respeito da Lei (Mateus 5,17-18), estivesse mesmo se referindo a todo o Pentateuco mosaico, estaria em contradição com esta passagem, pois considerou como correta a resposta do intérprete, que somente disse que está escrito o: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo"*. Ora, na legislação de Moisés existem muitas outras coisas para se cumprirem além dessas, que, segundo os exegetas, são, ao todo, 613 normas.

Lucas 16,16-17: *"**A lei e os profetas vigoraram até João**; desde esse tempo vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele. E é mais fácil passar o céu e a terra, do que cair um til sequer da lei."* (grifo nosso)

Se a Lei e os profetas vigoraram até João é porque depois de João está vigorando algo diferente, uma nova legislação. Ela não é nada mais nada menos que o Evangelho, ou seja, o ensino de Jesus inserido no Novo Testamento. A questão de *"cair um til sequer da lei"* se refere a tudo que há nela com relação às profecias sobre a vinda de Jesus. Assim, os acontecimentos que ocorreriam com Ele é que seriam cumpridos e não, como querem alguns, que todas as

ordenações contidas lá, devam ser rigorosamente seguidas. Até mesmo porque, como iremos ver mais adiante, especificamente algumas delas Ele as alterou profundamente, como é o caso, por exemplo, da questão do “olho por olho”.

Lucas 24,25-27: *“Ele então lhes disse: '**Ó homens sem inteligência, como é lento o vosso coração para crer no que os profetas anunciaram!** Não era preciso que Cristo sofresse essas coisas para entrar na glória?’ **E partindo de Moisés começou a percorrer todos os profetas, explicando em todas as Escrituras, o que dizia respeito a ele mesmo.**”* (grifo nosso)

Após ressuscitar, Jesus caminha com dois discípulos que estavam indo para a aldeia de Emaús, e lhes explica o que constava nas Escrituras a respeito dele. Iniciando por Moisés, percorre todos os profetas, ou seja, esclarece-lhes somente o que era importante e que deveria ser cumprido nesse contexto. Portanto, confirma o que estamos dizendo desde o início, quer dizer, que Ele não veio revogar ou abolir as profecias a Seu respeito. Se tudo nas Escrituras fosse mesmo importante, não iria restringir-se a só explicar o que nelas diziam sobre Ele. E para provar que não estamos distorcendo os fatos, vejamos a passagem seguinte:

Lucas 24,44-45: *“A seguir Jesus lhes disse: '**São estas palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos**’. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.”* (grifo nosso)

Veja você, caro leitor, que é perfeitamente claro o que

Jesus quis dizer quanto ao cumprimento das Escrituras. Não era, portanto, tudo quanto existia nelas, mas somente **importava que se cumprisse tudo o que dele estava escrito nela**, ou seja, sua origem da casa de Davi, sua missão, todo o seu padecimento que culminou com sua morte na cruz e sua gloriosa ressurreição. Assim, não há como entender de outra forma, a não ser que as palavras de Jesus não sirvam para nada ou que as queiramos distorcer.

João 1,17: *“Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a **graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.**”* ((grifo nosso)

Aqui temos uma nítida demonstração de que a Lei de Moisés não é de suma importância para os cristãos, já que a **VERDADE** veio por Jesus Cristo, e é a Ele que nós procuramos seguir, e não a Moisés. Não poderemos dizer que a Lei de Moisés não teve o seu valor; é claro que teve; entretanto, como diz Jesus, somente até João (Lc 16,16). Isso porque, para um povo atrasado, ela foi um fator de desenvolvimento.

João 1,45: *“Filipe encontrou Natanael e lhe falou: ‘Achamos aquele de **quem escreveram Moisés na Lei e os Profetas, Jesus, filho de José de Nazaré.**’”* (grifo nosso)

Passagem que vem confirmar que as profecias a respeito do Messias estavam se cumprindo no momento em que Jesus inicia a sua vida pública. E era justamente nisso que os hebreus esperavam, ansiosamente, que se cumprissem as Escrituras.

João 7,23: *“Se um homem recebe a circuncisão no sábado, para **cumprir a Lei de Moisés,** por que vos*

irritais contra mim porque curei totalmente um homem no sábado?” (grifo nosso)

João 8,5-7: “**Na Lei, Moisés** nos manda apedrejar as adúlteras; mas tu o que dizes? [...] Jesus [...] lhes disse: ‘Aquele de vós que estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra’.” (grifo nosso)

Se, realmente, as leis que Moisés passou ao povo hebreu fossem todas provenientes do Criador, por que nestas duas passagens não se diz: **cumprir a Lei de Deus e Na lei, Deus nos manda**, respectivamente? Porque eram leis de Moisés e não provenientes da divindade. Tanto é que, na questão da adúltera, Jesus não disse ao povo para cumprir a Lei; antes, ao contrário, revoga-a, inclusive, demonstrando uma inteligência que Lhe era peculiar.

Deus também jamais diria: “*Não cobiçar a mulher do próximo*”, mandamento que realça ser, obviamente, um produto da cultura de uma sociedade machista daquela época; nada mais que isso, sendo, portanto, da forma que está expressa, lei dos homens e não de Deus.

Paulo, em carta aos romanos, disse-lhes o seguinte:

Romanos 7,5: “*Enquanto viviam segundo a carne, as **paixões pecaminosas, estimuladas pela Lei, produziam fruto para a morte em nossos membros.***” (grifo nosso)

Podemos deduzir desta passagem, que a Lei estimulava paixões pecaminosas? Se for isto mesmo, é porque ela, a Lei, não era a **VERDADE**, que veio somente com Jesus. E no versículo seguinte continua:

Romanos 7,6: *“Mas agora, livres da Lei, estamos mortos para aquilo que nos conservava prisioneiros, de sorte, que **podemos servir a Deus conforme um espírito novo e não segundo a letra antiga.**”* (grifo nosso)

Livres da Lei, ou seja, que não estamos mais submissos a ela. Não é claro isso? Se podemos servir a Deus conforme um espírito novo, qual seja, os ensinamentos de Jesus, por que ficar ainda apegados a Moisés (letra antiga)? O Antigo Testamento foi revogado, ou ainda queremos permanecer na dúvida?

Mateus 5,19-20: *“Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.”.*

Nosso quadro é: Jesus na passagem evangelica do Sermão do Monte, onde inicia dizendo os novos ensinamentos que deveremos cumprir. São as verdades que Ele passa a todos nós como roteiro de vida. São apenas os mandamentos que disse para que não os violássemos. A partir dali, também, é que altera e revoga a legislação de Moisés; confirmamos isso com as passagens relativas ao capítulo 5 de Mateus, que serão colocadas logo a seguir.

Mateus 5,21-22: *“Ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento'. Eu, porém, vos digo que todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará*

sujeito ao inferno de fogo.”

Moisés: Não matarás. **Jesus:** que não devemos nem mesmo irar contra ou insultar ao nosso irmão.

Mateus 5,27-28: *“Ouvistes que foi dito: 'Não adulterarás'. Eu, porém, vos digo: Qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela.”*

Moisés: Não adulterarás. **Jesus:** só o fato de olhar para uma mulher com intenção impura, já cometemos adultério.

Mateus 5,31-32: *“Também foi dito: 'Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio'. Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.”*

Moisés: poder-se-ia repudiar a mulher. **Jesus:** se a repudiarees estás expondo a mulher ao adultério.

Mateus 5,33-37: *“Também ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos'. Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.”*

Moisés: Não jurarás falso. **Jesus:** De modo algum jureis.

Mateus 5,38-42: *“Ouvistes que foi dito: 'Olho por olho, dente por dente'. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.”*

Moisés: Olho por olho, dente por dente. **Jesus:** Quem te ferir na face direita, volta-lhe também a outra.

Mateus 5,43-48: *“Ouvistes que foi dito: 'Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo'. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.”*

Moisés: Odiarás o teu inimigo. **Jesus:** Amai os vossos inimigos.

Encontramos apoio ao nosso pensamento no exegeta Bart D. Ehrman, que em sua obra *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*, assim se expressou:

Contudo, logo depois, os cristãos passaram a aceitar outros escritos ao lado das Escrituras judaicas. Essa aceitação pode ter tido origem no ensino autorizado do

próprio Jesus, à medida que seus seguidores tomaram a sua interpretação das escrituras como dotada da mesma autoridade conferida às palavras das próprias escrituras. Jesus pode ter estimulado essa compreensão pelo modo como parafraseava alguns de seus ensinamentos. **No Sermão da Montanha, por exemplo, vê-se Jesus expondo leis dadas por Deus a Moisés e depois dando sua própria e mais radical interpretação delas, indicando que a sua interpretação é a autorizada.** ⁽¹³²⁾ (grifo nosso)

Reputamos a opinião de Ehrman como de grande importância, pois ele é considerado o maior especialista em Novo Testamento da atualidade.

E, objetivamente, quanto à questão da revogação do Antigo Testamento, vejamos o que encontramos de apoio a essa tese no Novo Testamento:

1 Coríntios 15,2: **“É pelo evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem de modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão.”** (grifo nosso)

Efésios 1,13: **“Em Cristo, também vocês ouviram a palavra da verdade, o Evangelho que os salva.”** (grifo nosso)

Paulo deixa claro que é pelo Evangelho que seremos salvos; em outras palavras, ele não aceita o Antigo Testamento como algo com que possamos nos salvar. Acreditamos que ver ele vai mais além ao afirmar sobre a sua revogação:

2 Coríntios 3,14: **“Mas os seus sentidos foram**

132 EHRMAN, 2006, p. 40-41.

*endurecidos: porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do **velho testamento, o qual foi por Cristo abolido.***” (grifo nosso)

Esse versículo foi transcrito da Bíblia publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, cujo teor poderá ser confirmado com a versão bíblica utilizada por Cairbar Schutel (1868-1938) na obra *Espiritismo e Protestantismo*:

2.^a Epístola aos Coríntios cap. III, 14: “Porém, os seus sentidos foram endurecidos; porque até o dia de hoje o mesmo véu fica por, levantar na lição do Velho Testamento, **O QUAL FOI REVOGADO POR CRISTO**”. (SCHUTEL e RIBEIRO JÚNIOR, 1987, p. 98, maiúscula do original, grifo nosso)

A revogação do Antigo Testamento afirmada por Paulo, faz todo o sentido quando a comparamos com o pensamento do autor de Hebreus:

Hebreus 7,18-19: “*Portanto, por um lado, **se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade** (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma) e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus. E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá; Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo **Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.***” (grifo nosso)

Hebreus 8,6-8.13: “*Agora, com efeito, obteve **Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também mediador de superior aliança** instituída com base em superiores promessas. **Porque, se aquela***

primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda. E, de fato, repreendendo-os, diz: *Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Quando ele diz **Nova, torna antiquada a primeira.** Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer.*” (grifo nosso)

*Hebreus 10,9: “[...] Desse modo, **Cristo suprime o primeiro culto para estabelecer o segundo.**”* (grifo nosso)

Se até aqui ainda poderia existir alguma pequena sombra de dúvida, agora foi definitivamente dissipada por estas narrativas da carta aos Hebreus. Poderíamos até dizer: “quem tem ouvidos que ouça”, mas diremos quem tem olhos veja: **a aliança anterior é fraca, inútil e com defeito, enquanto que a nova é superior a ela.** Quanto ao “está prestes a desaparecer”, só não desapareceu ainda por causa da insistência de alguns que querem, a todo custo, manter viva a legislação de Moisés contida no Antigo Testamento. Repetindo: **Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda.**

Corroboramos nossa ideia com Ehrman:

Já mencionei que esta é a visão apresentada na epístola dos Hebreus, do Novo Testamento, **livro que tenta mostrar que a religião baseada em Jesus é superior à religião do judaísmo**, em todos os sentidos. **Para o autor de Hebreus, Jesus é superior a Moisés, que deu a Lei aos judeus (Hb 3);** ele é superior a Josué, que conquistou a terra prometida (Hb 3); ele é

superior aos sacerdotes que oferecem sacrifícios no templo (Hb 4-5); e, o mais marcante, ele é superior aos próprios sacrifícios (Hb 9-10). [...] (¹³³) (grifo nosso)

Clara, então, fica a questão de Jesus ser superior a Moisés.

Marcos 2,18-22: *“Como os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando, foram lhes perguntar: 'Por que é que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus jejuam, e os teus não?' Jesus lhes respondeu: 'Por acaso ficaria bem que os convidados para um casamento fizessem jejum, enquanto o esposo está com eles? Enquanto está, não convém. Mas virá um tempo em que o esposo lhes será tirado. Então sim, eles vão jejuar. **Ninguém costura um remendo de pano novo em roupa velha.** Do contrário o remendo novo, pelo fato de encolher, estraga a roupa velha e o rasgão fica pior. **Ninguém põe vinho novo em velhos recipientes de couro.** Caso contrário, o vinho arreventaria os recipientes. Ficariam perdidos os recipientes e também o vinho. Para vinho novo, recipientes novos!'.”* (grifo nosso)

Seria o mesmo que Jesus dizer: Se vocês ficarem apegados aos ensinamentos de Moisés, não conseguirão suportar nem compreender o que agora vos trago. Onde se falava sobre os jejuns? Não é no Velho Testamento, que, tanto os fariseus e quanto os discípulos de João Batista, tiravam o que seguiam? Lembremo-nos de que **“a Lei e os Profetas vigoraram até João”** (Lc 16,16). Assim, não fica claro sua revogação por Jesus? Só não o é para os que ainda insistem em

133 EHRMAN, 2008, p. 78.

seguir Moisés. Mais claro fica quando tomamos da nota de rodapé constante do Novo Testamento, Edições Loyola, o seguinte: “Tanto o pano novo como o vinho novo são símbolos duma nova era (cf. At 10,11; Hbr 1,11; Gên 49,11-12); **os cristãos devem estar animados dum espírito novo, incompatível com antigas prescrições do judaísmo já ultrapassadas.**” ⁽¹³⁴⁾

Há um episódio na vida de Jesus que nos levou a formar uma forte convicção que seus ensinamentos eram superiores aos de Moisés. É a passagem em que João narra, o que se supõe como sendo, o primeiro milagre de Jesus. Apesar de termos refletido muito sobre ela, ainda não tínhamos nenhuma explicação que justificasse a atitude de Jesus em transformar água em vinho, para embebedar os convidados da festa de que participava.

Vejamos o episódio:

João 2,1-11: “No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos. Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: 'Eles não têm mais vinho!' Jesus respondeu: 'Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou'. A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: 'Façam o que ele mandar'. Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: 'Enchem de água esses potes'. Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: 'Agora tirem e levem ao mestre-sala'. Então levaram ao

134 Novo Testamento - Loyola, p. 57.

mestre-sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo e disse: 'Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora'. Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele."

Mas qual é o verdadeiro sentido dessa passagem? Nós o encontraremos naquilo que a pessoa encarregada da festa disse para o noivo: *"Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora"*. Considerando que, com esse primeiro ato público, Jesus inicia a sua missão, podemos dizer que o "vinho bom guardado até agora" são os ensinamentos de Jesus, superiores aos recebidos anteriormente, por meio de Moisés que seria simbolicamente o vinho de pior qualidade, até mesmo porque, e sem querer desmerecê-los, a humanidade daquela época não estava preparada para receber vinho (ensinamento) de melhor qualidade, se assim podemos nos expressar.

Tudo o que já dissemos anteriormente sobre os ensinamentos de Jesus, vale para corroborar essa nossa opinião. Mas podemos ainda trazer como apoio a isso: *"Em comparação com esta imensa glória, o esplendor do **ministério da antiga aliança já não é mais nada**"* (2 Coríntios 3,10), e *"Dessa maneira é que se dá a ab-rogação do regulamento anterior em virtude de sua fraqueza e inutilidade - a Lei, na verdade, nada levou à perfeição - e foi introduzida uma esperança melhor*

pela qual nos aproximamos de Deus” (Hebreus 7,18-19).

Concluimos que Jesus não se restringiu a só revogar os rituais e sacrifícios como alguns pensam, para nós, foi muito mais além disso. Comprovamos também que não distorcemos as narrativas da Bíblia à nossa conveniência, de que tanto nos acusam. São elas, exatamente, que nos dão uma base sólida para afirmar com absoluta certeza que:

1 - O cumprimento da lei e dos profetas a que Jesus se refere no Evangelho é apenas com relação às profecias contidas nas Escrituras sobre Ele mesmo;

2 - Que somente tem que ser cumprido da Lei: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

3 - Que nunca disse para seguirmos toda a Lei, aqui entendida como todo o Pentateuco.

É muito comum recorrerem aos apologistas do cristianismo primitivo para justificar esse ou aquele ponto, entretanto, quando é algo contrário à crença vigente passam por cima, como se não tivessem visto. Vejamos, por exemplo, o que encontramos em Justino de Roma.

A opinião de Justino de Roma (c. 100-165 d.C.), tido como o melhor apologista do século II, é bem clara no debate que manteve com um sábio judeu, Trifão, que alguns estudiosos identificam como sendo o célebre rabino Tarfão, morto em 155, uma vez que Trifão seria a forma grega do hebraico Tarfão. ⁽¹³⁵⁾.

135 JUSTINO, 1995, p. 107.

Desse debate, intitulado Diálogo com Trifão, que durou dois dias, transcrevemos:

[...] Contudo, nós não a [confiança] depositamos por meio de Moisés ou da Lei, pois nesse caso estaríamos fazendo o mesmo que vós. Com efeito, ó Trifão, eu li que deveria vir uma lei perfeita e uma aliança soberana em relação às outras, que agora devem ser guardadas por todos os homens que desejam a herança de Deus. **A Lei dada sobre o monte Horeb já está velha** e pertence apenas a vós. A outra, porém, pertence a todos. **Uma lei colocada contra outra lei anula a primeira; uma aliança feita posteriormente também deixa sem efeito a primeira. Cristo nos foi dado como lei eterna e definitiva e como aliança fiel**, depois da qual não há mais nem lei, nem ordem, nem mandamento. [...]. ⁽¹³⁶⁾ (grifo nosso)

Mais claro que isso é querer muito; não é mesmo?

Agora, podemos responder ao questionamento inicial: O Antigo Testamento foi revogado por Jesus? Sim; sem nenhuma sombra de dúvida. E é por isso que não nos sentimos na obrigação de cumprir nada do que consta nele, até mesmo para sermos coerentes com o que pensamos e por acreditar nessa fala de Jesus: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim”* (João 14,6). Por que Ele se colocou como sendo o caminho que conduz ao Pai e não a Moisés? É porque somente os seus ensinamentos é que devem ser seguidos.

Esse é o entendimento a que chegamos. Entretanto, não há como obrigar ninguém a pensar como nós. A única coisa que

136 JUSTINO, 1995, p. 127.

pedimos é para que as pessoas deixem de se apegar em demasia aos velhos ensinamentos, como se eles fossem verdadeiros.

A Terra já não é mais o centro do Universo, visto que o homem, percebendo a ignorância de tal afirmativa, finalmente, aceitou a voz da Ciência. Além de que, muitas coisas não foram mudadas pelas cúpulas religiosas, justamente para que elas conservassem, a todo custo, o domínio que têm sobre o povo e, também, para que pudessem mantê-lo a todo custo.

Ainda hoje encontramos as que buscam inculcar a validade dos ensinamentos do Antigo Testamento não se dando conta de que *“rompestes com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caístes fora da graça”* (Gálatas 5,4). Sabemos que não fazem isso por ignorância, mas por esperteza visando dominar seus *“fiéis”*, a fim de conseguir e manter o *“poder”* e o *“dinheiro”* na base do que podemos chamar de terrorismo religioso.

Jesus ficava calado?

“É uma pena, mas, quando se trata de assuntos religiosos e espirituais, a superstição e o medo da mudança que impregnam a mente do público são profundos”. (TOM HARPUR)

Veza por outra, ouvimos a afirmativa de que não devemos responder a isso ou aquilo, pois Jesus não respondeu a ninguém, sempre permanecia calado. Interessante como certas coisas facilmente são transformadas em mito. O mito, como sabemos, é algo que prolifera e mesmo que seja o maior erro, torna-se uma verdade para muitos. Isso acontece, pois, normalmente, não somos dados a questionamentos, preferindo seguir pela “trilha do bezerro” que abrir novo caminho pela mata.

Recebemos recentemente um e-mail em que uma leitora nos propunha uma reflexão sobre nossa atitude de sempre defender a Doutrina Espírita dos ataques gratuitos feitos pelos detratores de plantão, nos sugerindo que, talvez, fosse melhor que ficássemos calados seguindo o exemplo do Mestre.

Sinceramente, até então não tínhamos pensado mais seriamente sobre isso mas dessa vez, não sabemos o porquê, resolvemos ir à fonte para conhecer como exatamente as coisas se deram. Assim, caro leitor, apresentamos agora o fruto de nosso estudo sobre esse assunto.

Analisaremos várias passagens bíblicas a fim de

podermos saber como era realmente o comportamento de Jesus: ficava mesmo calado? Não! Quem tiver curiosidade de ler mais detidamente o Evangelho verá que a liderança religiosa da época – escribas, fariseus, saduceus, sacerdotes e anciãos do povo – não deram tréguas a Jesus. Entretanto, as narrativas nos dão conta de que o Mestre jamais ficou calado, sempre os respondeu à altura e nem mesmo os poupou de, por várias vezes, chamá-los de hipócritas e em uma oportunidade os comparou a sepulcros caiados, brancos por fora e podres por dentro. Isso a nosso ver não é ficar calado.

Ao reler essas passagens foi que nos demos conta disso. Veja, se temos ou não razão:

Mateus 5,20: "Com efeito, eu lhes garanto: se a justiça de vocês não superar a dos doutores da Lei e dos fariseus, vocês não entrarão no Reino do Céu."

Percebe-se por aqui que Jesus, em relação aos escribas e fariseus, já os tomava a conta de pessoas às quais não devíamos seguir o exemplo, cuja justiça não deveria ser imitada.

Mateus 12,1-8: "Naquele tempo, Jesus passou por uns campos de trigo, num dia de sábado. Seus discípulos ficaram com fome, e começaram a apanhar espigas para comer. Vendo isso, os fariseus disseram: 'Eis que os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido fazer em dia de sábado!' Jesus perguntou aos fariseus: 'Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram, quando estavam sentindo fome? Como ele entrou na casa de Deus, e eles comeram os pães oferecidos a Deus? Ora, nem para Davi, nem para os

que estavam com ele, era permitido comer os pães reservados apenas aos sacerdotes. Ou vocês não leram também, na Lei, que em dia de sábado, no Templo, os sacerdotes violam o sábado, sem cometer falta?. Pois eu digo a vocês: aqui está quem é maior do que o Templo. Se vocês tivessem compreendido o que significa: 'Quero a misericórdia e não o sacrifício', vocês não teriam condenado estes homens que não estão em falta. Portanto, o Filho do Homem é senhor do sábado'."

Essa questão de fazer algo no sábado era para eles um ponto de honra daí não perdiam oportunidade de importunar Jesus, quando ele fazia algo nesse dia. Ao ser questionado, sobre a atitude de seus discípulos em providenciar alimentação num dia de sábado, Jesus respondeu-lhes à altura não deixando passar batido, como se diria popularmente.

Mateus 12,9-14: "Jesus saiu desse lugar, e foi para a sinagoga deles. Aí havia um homem com uma das mãos paralisada. E, para poderem acusar Jesus, os fariseus perguntaram: 'É permitido fazer cura em dia de sábado?' Jesus respondeu: 'Suponham que um de vocês tem uma só ovelha, e ela cai num buraco em dia de sábado. Será que ele não a pegaria e não a tiraria de lá? Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, é permitido fazer uma boa ação em dia de sábado'. Então Jesus disse ao homem: 'Estenda a mão'. O homem estendeu a mão, e ela ficou boa e sadia como a outra. Logo depois, os fariseus saíram e fizeram um plano para matar Jesus."

Na continuação da narrativa anterior vemos Jesus curando num dia de sábado mas, nem numa situação de praticar o bem, os intolerantes de sua época achavam certa

essa atitude. Vemos, hoje em dia, os fundamentalistas agindo quase que da mesma forma. Os tempos mudam, mas, para muitos, é como se isso não ocorresse, já que ficam apegados ao passado.

Mateus 12,22-37: "Então levaram a Jesus um endemoninhado cego e mudo. Jesus o curou, de modo que ele falava e enxergava. E todas as multidões ficaram admiradas, e perguntavam: 'Será que ele não é o filho de Davi?' Os fariseus ouviram isso, e disseram: 'Ele expulsa os demônios através de Belzebu, o príncipe dos demônios!' Sabendo o que eles estavam pensando, Jesus disse: 'Todo reino dividido em grupos que lutam entre si, será arruinado. E toda cidade ou família dividida em grupos que brigam entre si, não poderá durar. E se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como, então, o seu reino poderá sobreviver? Se é através de Belzebu que eu expulso os demônios, através de quem os filhos de vocês expulsam os demônios? Por isso, serão eles mesmos que julgarão vocês. Mas se é através do Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês. Ainda: como alguém pode entrar na casa de um homem forte, e se apoderar de suas coisas, se antes não amarrar o homem forte? Só depois poderá roubar a sua casa. Quem não está comigo, está contra mim. E quem não recolhe comigo, espalha. É por isso que eu digo a vocês: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Quem disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado. Mas quem disser algo contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo que há de vir. Se vocês plantarem uma árvore boa, o fruto dela será bom; mas se vocês plantarem uma árvore má, também o fruto dela será

mau, porque é pelo fruto que se conhece a árvore. Raça de cobras venenosas! Se vocês são maus, como podem dizer coisas boas? Pois a boca fala aquilo de que o coração está cheio. O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro. Eu digo a vocês: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de cada palavra inútil que tiverem falado. Porque você será justificado por suas próprias palavras, e será condenado por suas próprias palavras'."

Nem ainda saímos do capítulo doze e já encontramos mais uma outra situação em que a liderança religiosa, cega no seu saber, questiona a Jesus, quando o Mestre liberta uma criatura endemoninhada. Para seus adversários ele fazia isso porque era o príncipe dos demônios ao que Jesus lhes responde com maestria. E, destacamos, ao final ainda os chama de raça de cobras venenosas, atizando a ira deles. Daqui percebemos que também a liderança religiosa nos dias atuais faz exatamente a mesma coisa em relação ao Espiritismo, que, apesar de libertar muitas pessoas das influências espirituais inferiores, é taxado de "obra do demônio". Deveríamos repetir Jesus dizendo-lhes: raça de víboras?

Mt 12,38-42: "Então alguns doutores da Lei e fariseus disseram a Jesus: 'Mestre, queremos ver um sinal realizado por ti'. Jesus respondeu: 'Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. De fato, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem passará três

dias e três noites no seio da terra. No dia do julgamento, os homens da cidade de Nínive ficarão de pé contra esta geração, e a condenarão. Porque eles fizeram penitência quando ouviram Jonas pregar. E aqui está quem é maior do que Jonas. No dia do julgamento, a rainha do Sul se levantará contra esta geração, e a condenará. Porque ela veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão"

Aos doutores da Lei e fariseus que queriam um sinal como prova de que Jesus era mesmo o Messias resposta de Jesus não se fez esperar; tanto que, nessa ocasião, os chama de geração má e adúltera.

Mateus 15,1-14: "Alguns fariseus e diversos doutores da Lei, de Jerusalém, se aproximaram de Jesus, e perguntaram: 'Por que os teus discípulos desobedecem à tradição dos antigos? De fato, comem pão sem lavar as mãos!' Jesus respondeu: 'Por que é que vocês também desobedecem ao mandamento de Deus em nome da tradição de vocês? Pois Deus disse: 'Honre seu pai e sua mãe'. E ainda: 'Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer'. E no entanto vocês ensinam que alguém pode dizer ao seu pai e à sua mãe: 'O sustento que vocês poderiam receber de mim é consagrado a Deus'. E essa pessoa fica dispensada de honrar seu pai ou sua mãe. Assim vocês esvaziaram a palavra de Deus com a tradição de vocês. Hipócritas! Isaías profetizou muito bem sobre vocês, quando disse: 'Esse povo me honra com os lábios, mas o coração deles está longe de mim. Não adianta nada eles me prestarem culto, porque ensinam preceitos humanos.' Em seguida, Jesus chamou

a multidão para perto dele, e disse: 'Escutem e compreendam. Não é o que entra na boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso torna o homem impuro'. Então os discípulos se aproximaram, e disseram a Jesus: 'Sabes que os fariseus ficaram escandalizados com o que disseste?' Jesus respondeu: 'Toda planta que não foi plantada pelo meu Pai celeste será arrancada. Não se preocupem com eles. São cegos guiando cegos. Ora, se um cego guia outro cego, os dois cairão num buraco'."

A liderança religiosa tinha um apego exagerado à tradição, fazia dela uma questão religiosa daí se espantarem quando os discípulos não lavaram as mãos antes de comerem. Novamente recebem de Jesus uma resposta à altura, que os chama de hipócritas e guias cegos.

Mateus 16,5-12: "Quando atravessaram para o outro lado do mar, os discípulos se esqueceram de levar pães. Então Jesus disse: 'Prestem atenção, e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus'. Os discípulos pensavam consigo mesmos: 'É porque não trouxemos pães'. Mas Jesus percebeu, e perguntou: 'Por que vocês estão pensando na falta de pães, homens de pouca fé? Vocês ainda não compreendem, nem mesmo se lembram dos cinco pães para cinco mil homens, e de quantos cestos vocês recolheram? Nem dos sete pães para quatro mil homens, e quantos cestos vocês recolheram? Como é que não compreendem que eu não estava falando de pão com vocês? Tomem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus'. Então eles perceberam que Jesus não tinha falado para tomar cuidado com o fermento de pão, mas com o ensinamento dos fariseus e saduceus."

Aqui Jesus recomenda aos discípulos para não seguirem o ensinamento dos fariseus e saduceus. Ficamos a pensar se Jesus não manteria esse discurso à liderança religiosa atual! Assim, com essa atitude, Jesus deixa claro que os ensinamentos deles não são de cunho divino, mas apenas fruto de seus próprios interesses, tal e qual está acontecendo nos dias atuais.

Mateus 19,1-12: "Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, ele partiu da Galileia, e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão. Numerosas multidões o seguiram, e Jesus aí as curou. Alguns fariseus se aproximaram de Jesus, e perguntaram, para o tentar: 'É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?' Jesus respondeu: 'Vocês nunca leram que o Criador, desde o início, os fez homem e mulher? E que ele disse: 'Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne'. Portanto, eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar'. Os fariseus perguntaram: 'Então, como é que Moisés mandou dar certidão de divórcio ao despedir a mulher?' Jesus respondeu: 'Moisés permitiu o divórcio, porque vocês são duros de coração. Mas não foi assim desde o início. Eu, por isso, digo a vocês: quem se divorciar de sua mulher, a não ser em caso de fornicção, e casar-se com outra, comete adultério'. Os discípulos disseram a Jesus: 'Se a situação do homem com a mulher é assim, então é melhor não se casar'. Jesus respondeu: 'Nem todos entendem isso, a não ser aqueles a quem é concedido. De fato, há homens castrados, porque nasceram assim; outros, porque os homens os fizeram assim; outros, ainda, se castraram por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda'."

Obviamente, que nesse episódio, os fariseus não estavam querendo se instruir, mas queriam colocar Jesus em situação difícil, ou seja, tudo que dissesse seria usado contra ele. Esse episódio é semelhante ao que nos acontece agora, quando algum fundamentalista emite perguntas capciosas, intentando colocar-nos contra a “palavra de Deus”.

Mateus 21,23-27: “Jesus voltou ao Templo. Enquanto ensinava, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se aproximaram, e perguntaram: 'Com que autoridade fazes tais coisas? Quem foi que te deu essa autoridade?' Jesus respondeu: 'Eu também vou fazer uma pergunta para vocês. Se responderem, eu também direi a vocês com que autoridade faço isso. De onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?' Mas eles raciocinavam, pensando: 'Se respondemos que vinha do céu, ele vai dizer: 'Então, por que vocês não acreditaram em João?' Se respondemos que vinha dos homens, temos medo da multidão, pois todos consideram João como um profeta'. Eles então responderam a Jesus: 'Não sabemos'. E Jesus disse a eles: 'Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas'.”

A todo momento Jesus era questionado quanto à sua autoridade, ao que sempre respondia altura dos seus interlocutores, de forma que os deixava acuados perante suas próprias colocações. Diríamos, popularmente: “perderam uma ótima ocasião de ficar calados”.

Mateus 21,33-46: “Escutem essa outra parábola: Certo proprietário plantou uma vinha, cercou-a, fez um tanque para pisar a uva, e construiu uma torre de guarda. Depois arrendou a vinha para alguns agricultores, e viajou para o estrangeiro. Quando

chegou o tempo da colheita, o proprietário mandou seus empregados aos agricultores para receber os frutos. Os agricultores, porém, agarraram os empregados, bateram num, mataram outro, e apedrejaram o terceiro. O proprietário mandou de novo outros empregados, em maior número que os primeiros. Mas eles os trataram da mesma forma. Finalmente, o proprietário enviou-lhes o seu próprio filho, pensando: 'Eles vão respeitar o meu filho'. Os agricultores, porém, ao verem o filho, pensaram: 'Esse é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo, e tomar posse da sua herança'. Então agarraram o filho, o jogaram para fora da vinha, e o mataram. Pois bem: quando o dono da vinha voltar, o que irá fazer com esses agricultores?' Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo responderam: 'É claro que mandará matar de modo violento esses perversos, e arrendará a vinha a outros agricultores, que lhe entregarão os frutos no tempo certo'. Então Jesus disse a eles: 'Vocês nunca leram na Escritura: 'A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante; isso foi feito pelo Senhor, e é admirável aos nossos olhos'? Por isso eu lhes afirmo: o Reino de Deus será tirado de vocês, e será entregue a uma nação que produzirá seus frutos. Quem cair sobre essa pedra, ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair, será esmagado'. Os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, e compreenderam que estava falando deles. Procuraram prender Jesus, mas ficaram com medo das multidões, pois elas consideravam Jesus um profeta."

Constata-se, também, que Jesus não deixava por menos quando se defrontava com essa "raça de cobras venenosas". Aqui, percebe-se, claramente, que a parábola é dirigida a eles tal fato, nitidamente percebido por todos, lhes aumentava a

raiva que nutriam por Jesus. Aguardavam, assim, o momento propício para lhe darem o venenoso bote.

Mateus 22,15-22: "Então os fariseus se retiraram, e fizeram um plano para apanhar Jesus em alguma palavra. Mandaram os seus discípulos, junto com alguns partidários de Herodes, para dizerem a Jesus: 'Mestre, sabemos que tu és verdadeiro, e que ensinas de fato o caminho de Deus. Tu não dás preferência a ninguém, porque não levas em conta as aparências. Dize-nos, então, o que pensas: É lícito ou não é, pagar imposto a César?' Jesus percebeu a maldade deles, e disse: 'Hipócritas! Por que vocês me tentam? Mostrem-me a moeda do imposto'. Levaram então a ele a moeda. E Jesus perguntou: 'De quem é a figura e inscrição nesta moeda?' Eles responderam: 'É de César'. Então Jesus disse: 'Pois deem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus'. Ouvindo isso, eles ficaram admirados. Deixaram Jesus, e foram embora."

Nunca perderam uma oportunidade de colocar Jesus numa situação difícil, sendo isso cabalmente denotado nessa situação. Percebendo a segunda intenção deles, Jesus, sem meias palavras, disse-lhes: "hipócritas!" Não poucas vezes os chamou desse modo, apontando-lhes a falsidade.

Mateus 22,23-33: "Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles se aproximaram de Jesus, e lhe propuseram este caso: 'Mestre, Moisés disse: 'Se alguém morrer sem ter filhos, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu'. Pois bem, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou-se, e morreu sem ter filhos, deixando a mulher para seu irmão. Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, e

assim com os sete. Depois de todos eles, morreu também a mulher. Na ressurreição, de qual dos sete ela será mulher? De fato, todos a tiveram'. Jesus respondeu: 'Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras, nem o poder de Deus. De fato, na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu. E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó'. Ora, ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos'. Ouvindo isso, as multidões ficaram impressionadas com o ensinamento de Jesus."

A pergunta dos saduceus não tinha por objetivo esclarecerem-se sobre o assunto, mas, tão somente, constatar se Jesus possuía a capacidade de se explicar, já que, intimamente, acreditavam que não por conseguinte, adveio o desejo de pegá-lo com suas próprias palavras.

Mateus 22,34-40: "Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, e um deles perguntou a Jesus para o tentar: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Jesus respondeu: 'Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos'."

Nem bem deixou os saduceus acuados, aparecem-lhe os fariseus, que, no íntimo, pensavam serem mais capazes que os primeiros. Assim, fizeram um novo questionamento a Jesus. Com certeza orgulhosos que eram, pensavam, intimamente,

conduzirem Jesus àquilo que obstinadamente queriam: usar as palavras do Mestre para obterem um bom motivo de o matarem ou, na pior das hipóteses, confrontá-lo com o político.

Mateus 22,41-46: "Os fariseus estavam reunidos, e Jesus lhes perguntou: 'O que é que vocês acham do Messias? Ele é filho de quem?' Os fariseus responderam: 'De Davi'. Então Jesus disse: 'Como é que Davi, pelo Espírito, o chama Senhor, quando afirma: 'O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos debaixo dos seus pés'? Se o próprio Davi o chama de Senhor, como ele pode ser seu filho?' E ninguém podia responder a Jesus uma só palavra. Desse dia em diante, ninguém mais se arriscou a fazer perguntas a Jesus."

Nessa passagem, verifica-se que Jesus é quem os indaga. Agindo sabiamente, os coloca em uma situação embaraçosa. O feitiço virou contra o feiticeiro, diríamos. Enfrenta-os destemido, mesmo conhecendo suas reais intenções mas não os deixava sem respostas às suas indagações, por mais difíceis que fossem.

Mateus 23,1-12: "Jesus falou às multidões e aos seus discípulos: 'Os doutores da Lei e os fariseus têm autoridade para interpretar a Lei de Moisés. Por isso, vocês devem fazer e observar tudo o que eles dizem. Mas não imitem suas ações, pois eles falam e não praticam. Amarram pesados fardos e os colocam no ombro dos outros, mas eles mesmos não estão dispostos a movê-los, nem sequer com um dedo. Fazem todas as suas ações só para serem vistos pelos outros. Vejam como eles usam faixas largas na testa e nos braços, e como põem na roupa longas franjas, com trechos da Escritura. Gostam dos lugares de honra nos

banquetes e dos primeiros lugares nas sinagogas; gostam de ser cumprimentados nas praças públicas, e de que as pessoas os chamem mestre. Quanto a vocês, nunca se deixem chamar mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. Na terra, não chamem a ninguém Pai, pois um só é o Pai de vocês, aquele que está no céu. Não deixem que os outros chamem vocês líderes, pois um só é o Líder de vocês: o Messias. Pelo contrário, o maior de vocês deve ser aquele que serve a vocês. Quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado'."

Ao recomendar a todos que não agissem como os doutores da lei e fariseus, implicitamente, estava chamando-os, indubitavelmente, de hipócritas. Jesus vai mais longe quando menciona que gostavam de serem vistos, dos primeiros lugares, de serem destacados na multidão, deixando a descoberto todo orgulho que acalentavam em seus corações. Podemos acrescentar que usavam a religião para esse fim, fato comum, também, nos dias de hoje, quando essa liderança religiosa, que se vê por aí, busca na religião um veículo de satisfação de seu próprio interesse, ao invés de se preocupar, efetivamente, com a salvação dos fiéis.

Mateus 23,13-36: "Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês exploram as viúvas, e roubam suas casas e, para disfarçar, fazem longas orações! Por isso, vocês vão receber uma condenação mais severa. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês percorrem o mar e a terra para converter alguém, e quando conseguem, o tornam merecedor do inferno

duas vezes mais do que vocês. Ai de vocês, guias cegos! Vocês dizem: 'Se alguém jura pelo Templo, não fica obrigado, mas se alguém jura pelo ouro do Templo, fica obrigado'. Irresponsáveis e cegos! O que vale mais: o ouro ou o Templo que santifica o ouro? Vocês dizem também: 'Se alguém jura pelo altar, não fica obrigado, mas se alguém jura pela oferta que está sobre o altar, esse fica obrigado'. Cegos! O que vale mais: a oferta ou o altar que santifica a oferta? De fato, quem jura pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele. E quem jura pelo Templo, jura por ele e por Deus que habita no Templo. E quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês pagam o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixam de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar aquilo. Guias cegos! Vocês coam um mosquito, mas engolem um camelo. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês limpam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de desejos de roubo e cobiça. Fariseu cego! Limpe primeiro o copo por dentro, e assim o lado de fora também ficará limpo. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês são como sepulcros caídos: por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e podridão! Assim também vocês: por fora, parecem justos diante dos outros, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e injustiça. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês constroem sepulcros para os profetas, e enfeitam os túmulos dos justos, e dizem: 'Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices na morte dos profetas'. Com isso, vocês confessam que são filhos daqueles que mataram os profetas. Pois bem: acabem de encher a medida dos pais de vocês!

Serpentes, raça de cobras venenosas! Como é que vocês poderiam escapar da condenação do inferno? É por isso que eu envio a vocês profetas, sábios e doutores: a uns vocês matarão e crucificarão, a outros torturarão nas sinagogas de vocês, e os perseguirão de cidade em cidade. Desse modo, virá sobre vocês todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês assassinaram entre o santuário e o altar. Eu garanto a vocês: tudo isso acontecerá a essa geração.”

Essa é, talvez, a passagem em que mais Jesus chamou a liderança religiosa de hipócrita. Aqui, desnudou aqueles falsos líderes, demonstrando que realmente preocupavam-se tão somente com aquilo que pudesse satisfazer seus desejos, explorando, para isso, a fé do povo. Infelizmente, tal forma de proceder está presente nos “líderes” contemporâneos.

Marcos 2,1-12: “Alguns dias depois, Jesus entrou de novo na cidade de Cafarnaum. Logo se espalhou a notícia de que Jesus estava em casa. E tanta gente se reuniu aí que já não havia lugar nem na frente da casa. E Jesus anunciava a palavra. Levaram então um paraplégico, carregado por quatro homens. Mas eles não conseguiam chegar até Jesus, por causa da multidão. Então fizeram um buraco no teto, bem em cima do lugar onde Jesus estava, e pela abertura desceram a cama em que o paraplégico estava deitado. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paraplégico: 'Filho, os seus pecados estão perdoados'. Ora, alguns doutores da Lei estavam aí sentados, e começaram a pensar: 'Por que este homem fala assim? Ele está blasfemando! Ninguém pode perdoar pecados, porque só Deus tem poder para isso!' Jesus logo percebeu o que eles estavam pensando

no seu íntimo, e disse: 'Por que vocês pensam assim? O que é mais fácil dizer ao paralítico: 'Os seus pecados estão perdoados', ou dizer: 'Levante-se, pegue a sua cama e ande?' Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados, - disse Jesus ao paralítico eu ordeno a você: Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa'. O paralítico então se levantou e, carregando a sua cama, saiu diante de todos. E todos ficaram muito admirados e louvaram a Deus dizendo: 'Nunca vimos uma coisa assim!'."

Algumas vezes esses críticos não tinham coragem de externar suas ideias; mas, mesmo assim, no íntimo, o faziam. Jesus, conhecendo-lhes o pensamento, rebate essa crítica "mental" para não perder mais essa oportunidade de provar-lhes a incoerência de suas atitudes.

Marcos 2,15-17: "Mais tarde, Jesus estava comendo na casa de Levi. Havia vários cobradores de impostos e pecadores na mesa com Jesus e seus discípulos; com efeito, eram muitos os que o seguiam. Alguns doutores da Lei, que eram fariseus, viram que Jesus estava comendo com pecadores e cobradores de impostos. Então eles perguntaram aos discípulos: 'Por que Jesus come e bebe junto com cobradores de impostos e pecadores?' Jesus ouviu e respondeu: 'As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores'."

Mas não havia nada que Jesus fizesse que agradasse essa liderança religiosa... Tudo quanto fazia era motivo de críticas. Será que é mera coincidência o que está acontecendo

nos dias atuais em relação ao Espiritismo, ou será que os líderes religiosos de hoje são os saduceus e fariseus de antanho em nova reencarnação?

Marcos 2,18-22: "Os discípulos de João Batista e os fariseus estavam fazendo jejum. Então alguns perguntaram a Jesus: 'Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus fazem jejum e os teus discípulos não fazem?' Jesus respondeu: 'Vocês acham que os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está presente, os convidados não podem fazer jejum. Mas vão chegar dias em que o noivo será tirado do meio deles. Nesse dia eles vão jejuar. Ninguém põe um remendo de pano novo em roupa velha; porque o remendo novo repuxa o pano e o rasgo fica maior ainda. Ninguém coloca vinho novo em barris velhos; porque o vinho novo arrebenta os barris velhos, e o vinho e os barris se perdem. Por isso, vinho novo deve ser colocado em barris novos'."

O apego às determinações de Moisés também era um dos motivos pelos quais eles não deixavam de criticar as atitudes de Jesus, já que o Mestre não parecia muito disposto a seguir ao pé da letra tais recomendações. Analisando a sua resposta podemos entender que Jesus claramente sobrepõe seus ensinamentos aos de Moisés; todavia, apesar disso ser tão óbvio, a liderança religiosa finge não ver. Para ela é interessante manter também a legislação anterior, pois é desta a premissa de que só se salvará aquele fiel que, pontualmente, pagar o dízimo.

Lucas 16,14-15: "Os fariseus, que são amigos do dinheiro, ouviam tudo isso, e caçoavam de Jesus. Então

Jesus disse para eles: 'Vocês gostam de parecer justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações de vocês. De fato, o que é importante para os homens, é detestável para Deus'."

Mais uma vez, Jesus ressalta a hipocrisia dos fariseus. Assim como ocorria àquela época, a liderança religiosa atual caçoa daqueles que vêm justamente tentar restaurar os verdadeiros ensinamentos de Jesus mediante o Espiritismo.

Lucas 19,37-40: "Quando Jesus estava junto à descida do monte das Oliveiras, toda a multidão de discípulos começaram, alegres, a louvar a Deus em voz alta, por todos os milagres que tinham visto. E dizia: 'Bendito seja aquele que vem como Rei, em nome do Senhor! Paz no céu e glória no mais alto do céu'. No meio da multidão, alguns fariseus disseram a Jesus: 'Mestre, manda que teus discípulos se calem'. Jesus respondeu: 'Eu digo a vocês: se eles se calarem, as pedras gritarão'."

Nota-se que até mesmo o fato de Jesus ter sido aclamado pelos seus discípulos, incomodava os fariseus. Mas não ficaram sem resposta, já que esse é o estilo do Mestre, que perfeitamente estamos identificando ao longo desse estudo.

Aqui, terminamos as passagens em que Jesus responde a todas as críticas dos seus opositores, dando, a todas elas, a devida resposta. Não os poupou ao chamá-los de hipócritas, raça de víboras, entre outras denominações. Entretanto, agora vamos apresentar uma atitude ainda mais enérgica de Jesus, a qual demonstra, perfeitamente, que ele não agia como um manso cordeirinho, conforme querem que pensemos. Vejamos:

Mateus 21,12-13: *"Jesus entrou no Templo, e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. E disse: 'Está nas Escrituras: 'Minha casa será chamada casa de oração'. No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões'."*

Nesse ponto, mais energicamente ainda, agiu Jesus ao expulsar do Templo os cambistas e todos que estavam ali a vender, levando-nos a concluir que ele não era tão manso assim como querem pintá-lo. Acaba por insinuar que eram todos eles ladrões na toca.

Bom; até agora somente apontamos passagens demonstrando que Jesus não cultivava o silêncio. Alguém poderia nos perguntar: "será que você não está distorcendo os fatos, considerando que, possivelmente, em algum momento, ele tenha mesmo silenciado?" A resposta é negativa: a verdade joga por terra toda essa ideia que tentam nos passar, ou seja, de um Mestre sem personalidade, pois, para nós, quem age tão mansamente assim é desprovido dessa característica. Vejamos então esta passagem:

Mateus 27,1-2.11-14: *"De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador. Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: 'Tu és o rei dos judeus?' Jesus declarou: 'É você que está dizendo isso'. E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. Então Pilatos perguntou: 'Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?' Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador*

ficou vivamente impressionado.”

Está aí a única passagem em que Jesus nada respondeu. Foi exatamente aquela em que os chefes dos sacerdotes e anciões o acusaram diante de Pilatos. Mas isso se justifica, pois consciente de seu destino, em relação à sua missão, simplesmente entregou-se a ele. Pensamos que, se tivesse resistido, teria sido solto, obviamente, assim, se sua missão era morrer na cruz, esse fato não deveria ocorrer, se ele se defendesse a sua missão não teria sido cumprida.

A conclusão obtida nesse estudo é a seguinte: devemos sim, contestar todas as críticas e acusações que fazem ao Espiritismo, atitude perfeitamente compatível com a de Jesus, a quem devemos seguir incondicionalmente.

Mas, para que não fiquemos adstritos apenas à nossa opinião pessoal, vejamos o que o confrade Divaldo Pereira Franco, disse há tempos, especificamente em 17/06/2001, quando, ao comparecer no programa “Espiritismo Via Satélite”, pela Rede Visão, lhe fizemos esta pergunta:

“Caro Divaldo, considerando que Kardec no Projeto 1868, sugere que entre as atribuições da Comissão Central, a ser criada para coordenar o movimento espírita, estaria a refutação dos ataques ao Espiritismo resumimos que os Espíritos Superiores concordaram com essa recomendação de Kardec. Assim lhe perguntamos: será que hoje os Espíritos não concordam com isso, ou seja, que não devemos refutar os ataques à Doutrina Espírita ou isso é coisa dos Espíritas?”

A sua resposta foi:

Naturalmente devemos refutar. Mas refutar numa linguagem nobre. O difícil é encontrar as pessoas que possuam condições para enfrentar esses debates sem descerem aos níveis infelizes dos agressores. A nossa imprensa Espírita, na medida do possível, através de homens e mulheres admiráveis, tem refutado as agressões que o Espiritismo vem sofrendo.

Ainda há pouco lemos aqui, na Internet, a Rede Visão refutando agressões muito dolorosas, desonestas e não autênticas veiculadas por uma revista protestante que a espalhou por todo o mundo. Espíritas de diferentes países receberam essa revista, inclusive na Bélgica e na Itália, na qual está exarado um ataque muito grosseiro à reencarnação, sem qualquer fundamento, porque toda a documentação é adulterada e direcionada e, no entanto, aqui a Rede Visão, através da Internet como pode ser lida, está enfrentando. E o vem fazendo com muita assiduidade. Nós devemos, sim, refutar todas as agressões à Doutrina nobre, mas nunca descermos ao baixo nível dos nossos agressores.

Apenas a título de informação: o que Divaldo cita que leu na Internet, são, por coincidência, textos de nossa autoria que estavam publicados no site da Rede Visão.

O e-mail, do qual falamos no início, foi providencial e sinceramente já agradecemos ao autor por nos tê-lo enviado, pois ele foi motivo de estudo e reflexão de nossa parte.

Se, antes, tínhamos alguma dúvida em relação à defesa da Doutrina Espírita, embora saibamos que o próprio Allan Kardec (1804-1869) não deixou por menos, fato que parece ser ignorado pela maioria dos Espíritas, agora não temos mais, pois enganam-se os que pensam que Jesus ficou o tempo todo

calado; e é por ele que nos esforçamos, tentando seguir o seu exemplo.

Ressurreição da Carne?

“[...] a carne e o sangue não poderão herdar o reino de Deus”. (1 Coríntios 15,50)

Não é de hoje que este assunto é encarado, pelos fiéis das inúmeras correntes religiosas cristãs, como uma coisa líquida e certa. Entretanto, a ciência vem afirmar que o nosso corpo físico, no processo de sua decomposição, restitui à natureza os elementos – carbono, hidrogênio, azoto, oxigênio, etc. – de quem tomou emprestado.

Este é mais um dos muitos motivos pelo qual não se concilia a Ciência com a religião, mas numa análise mais profunda, sem preconceito e nem dogmatismo, vimos que, bíblicamente falando, a ressurreição nunca foi a da carne, como se apregoa por aí.

Parece-nos que, pela análise de algumas passagens bíblicas, o que encontramos foi justamente o contrário. Vejamos:

Mateus 22,30: “De fato, na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu.”

Todos nós acreditamos que, indiscutivelmente, os anjos não possuem corpo físico. Jesus afirma que na ressurreição os homens e mulheres serão como os anjos do céu, por isso não se casarão, Ele nos remete à questão da ressurreição espiritual.

João 4,24: *“Deus é Espírito.”*

Aqui temos um paradoxo, pois a nós, segundo a crença dogmática, caberia viver no plano espiritual na mesma condição de vida que tínhamos aqui no plano físico, enquanto Deus, nesse mesmo plano para o qual iremos, vive puramente na condição espiritual. Absurdo teológico incompatível com a lógica, pois o plano espiritual está para o corpo espiritual, como o plano terreno está para o corpo físico.

Para a manutenção da vida do nosso invólucro carnal é necessário, dentre inúmeras coisas, oxigênio, água e alimentação. Será que haverá tudo isso no lugar para onde dizem que iremos após a morte? O pior é que todas essas coisas deverão existir tanto no céu quanto no inferno, já que muitos correm o risco de terem como destino o lago de fogo. Quem sabe um milagre resolva essa questão?...

João 6,63: *“[...] o espírito é que dá vida a carne de nada serve.”*

Será que os teólogos nunca leram essa passagem? Se a carne de nada serve, então qual a sua utilidade no plano espiritual?

Lucas 16,19-23: *“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. [...] Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado.”*

Considerando-se que o rico foi enterrado, pode-se concluir que foi isso o que ocorreu também a Lázaro. Tendo acontecido isso, forçosamente somos obrigados a aceitar que esses dois personagens foram para o outro lado da vida, se encontravam, conforme a narrativa, na condição de espíritos.

Lucas 23,43: *“Jesus respondeu: ‘Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso’.”*

Se essa afirmativa atribuída a Jesus for verdadeira, então a condição em que o “bom ladrão” transportou-se ao “paraíso” foi na condição espiritual, pois seu corpo deve, segundo o costume da época, ter servido de repasto aos urubus, já que os corpos dos executados, nessas condições, ficavam expostos para impressionar os transeuntes.

Lucas 23,46: *“Pai em tuas mãos entrego o meu Espírito.”*

Acaso Jesus tivesse dito, pelo menos, “Pai, em tuas mãos entrego-me”, poderia haver alguma dúvida quanto ao fato. Entretanto, diz que entrega o seu espírito, já que sabia que a carne de nada serve, conforme já houvera afirmado.

1 Coríntios 15,44-50: *“[...] é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual, [...] a carne e o sangue não poderão herdar o reino de Deus.”*

Paulo, sempre usado para sustentar algumas interpretações de conveniência, é quem também podemos usar para contestar, por mais uma vez, a crença na ressurreição da carne. Observe que o apóstolo dos gentios diz taxativamente

que ressuscita o corpo espiritual e arremata, como que para não deixar dúvidas, dizendo que o corpo físico não pode herdar o reino de Deus.

Esses textos, aqui relacionados, são suficientes para reconhecermos que ressuscitaremos no corpo espiritual e não no corpo físico, como ainda é aceito e defendido por muitos.

Mas alguém poderia objetar dizendo que Jesus teria ressuscitado em corpo físico, fato que confirmaria a ressurreição da carne.

Pelos relatos bíblicos Jesus foi crucificado às nove horas da manhã tempo insuficiente para que, às primeiras horas do dia, ocorresse primeiro a reunião do Sinédrio, depois, em relação a Jesus, sua prisão, as torturas que sofreu, sua condução a Pilatos, a Herodes, e a Pilatos novamente, para que caminhasse até o Gólgota carregando a cruz, deixando-nos em dúvida quanto aos fatos descritos como ocorridos.

Uma coisa que poucas pessoas sabem é que a morte por crucificação não era imediata levava-se, segundo alguns estudiosos, de dois a três dias outros estendem esse tempo a até cinco dias.

[...] Jesus sabia muito bem como os romanos tratavam os líderes rebeldes. Herodes podia usar a espada, mas o método romano, aperfeiçoado ao longo de duzentos anos de história, era a crucificação. **Chegava-se a demorar três dias para morrer**, a agonia era insuportável, e as vítimas nuas serviam como exemplos infames e aterradores para o

populacho. [...]. ⁽¹³⁷⁾ (grifo nosso)

A morte por crucificação era um processo lento. Podia demorar dois ou três dias. ⁽¹³⁸⁾ (grifo nosso)

Como não quebraram seus ossos, o que faziam para apressar a morte do condenado, e considerando o tempo entre a crucificação e a morte foi de apenas seis horas, resta-nos a dúvida, por não termos elementos seguros para acreditar no relatado.

É tão evidente que o tempo foi curto que até Pilatos, quando foram reclamar-lhe o corpo, se surpreende de que Jesus há havia morrido (Marcos 15,44).

Como o dogmatismo não manda mais ninguém para a fogueira, querendo demonstrar previamente como os ímpios arderão no fogo do inferno, pensadores têm surgido questionando até mesmo a veracidade dos próprios textos bíblicos, quanto à realidade da morte de Jesus na cruz. Essas dificuldades que acabamos de colocar, podem nos remeter a essa hipótese.

Para se ver, por exemplo, que os relatos não são tão mais inquestionáveis assim, transcrevemos do capítulo “Jesus não morreu na cruz” constante do livro *A Sociedade Secreta de Jesus*, de autoria de Roméro da Costa Machado (1948), o seguinte trecho:

137 TABOR, 2006, p. 193-194.

138 TABOR, 2006, p. 234.

Ao raiar do dia, no sábado, vendo o sepulcro aberto e tendo o corpo de Jesus sumido, os guardas, com medo de Pilatos, vão até os sacerdotes saduceus e contam-lhes a história do desaparecimento do corpo de Jesus. No que os sacerdotes saduceus tranquilizam os guardas e garantem que, caso a história chegue aos ouvidos de Pilatos, eles (os sacerdotes) iriam convencer Pilatos a não punir os guardas, deixando-os em paz, pois era sabido que os discípulos de Jesus iriam mesmo tentar roubar o corpo.

Esta história está parcialmente contada em Mateus (28:11-15) Entretanto, como o cadáver de Jesus jamais apareceu e isto desmoronaria a tese da ressurreição, pois ninguém ressuscita sem morrer e para morrer tem que haver um cadáver; este corpo de Jesus morto jamais apareceu. E Mateus, novamente, conta exatamente esta história do roubo do corpo, mas depois diz que é mentira.

Para os próprios cristãos, segundo evidências claras na Bíblia, Jesus não morreu na cruz. Senão vejamos:

João (20:11-17) - Dois essênios de branco (confundidos como anjos) são vistos no sepulcro e Jesus – depois de "morto" - diz para Madalena, dentro do sepulcro, que ainda não havia morrido.

“Jesus disse-lhe: - Não Me detenhas porque ainda não subi para Meu Pai.”

Lucas (24:4-5) - Dois essênios de branco, resplandcentes, estão no sepulcro vazio e falam para Madalena, Joana e Maria mãe de Tiago: - *“Por que buscais entre os mortos Aquele que vive?”*

Mateus (28:3) - Um essênio, vestido de branco, estava no sepulcro e fala às mulheres sobre o desaparecimento do corpo de Jesus. (Aqui uma questão simples: Se Jesus tivesse morrido (matéria) e ressuscitado (espírito)... onde foi parar o corpo? Tinha de haver um corpo. Tinha de haver a matéria).

Marcos (16:5) - Um jovem essênio, vestido de branco, guardava o túmulo de Jesus e fala com Madalena, Salomé e Maria Mãe de Tiago. - Aqui sai Joana e entra Salomé, mas tudo bem - (Novamente a mesma questão simples: Se Jesus tivesse morrido e ressuscitado... onde foi parar o corpo?)

João (20:5-7) - Pedro entra no sepulcro e encontra ataduras de curativos e ligaduras espalhadas por toda parte. (Se Jesus havia morrido na cruz... por que colocaram ataduras, remédios, unguentos e ligaduras num "morto", como as que Pedro encontrou no sepulcro? Coloca-se atadura e remédio em morto?)

Lucas (24:36-43) - Diante do espanto dos discípulos que imaginavam estar vendo um espírito, Jesus confessa aos discípulos, com todas as palavras que Ele não havia morrido na cruz. E para provar que era Ele mesmo, Jesus diz: - "Vede as Minhas mãos e os Meus pés?; Sou Eu mesmo!". E *para provar que não era espírito e sim carne, complementa: - "Apalpai-me e olhai que um espírito não tem carne, nem ossos, como verificais que eu tenho!"*

E para encerrar de vez a discussão sobre espírito e matéria, Jesus pede comida aos discípulos ainda assombrados: - "Tendes aí alguma coisa que se coma?". *Deram-lhe então uma posta de peixe assado e, tomando-a, comeu diante deles."*

Pode um relato ser mais claro? Ou seja, nem mesmo os cristãos, mais cegamente fiéis seguidores da Bíblia, podem acreditar na morte de Jesus na cruz, pois o relato de Lucas (24:26-43) é claro demais, cristalino demais, insofismável, resistente até ao mais insano dos exegetas de bicicleta. Jesus diz claramente que não havia morrido na cruz ("*não ascendi ao pai*"), que não era espírito e sim carne (e *para provar que não era espírito e sim carne, complementa: Apalpa-me e olhai que espírito não tem carne nem ossos como verificais*

que eu tenho) e para finalizar Jesus pede comida e bebida, e de fato come peixe assado e bebe com os discípulos. ⁽¹³⁹⁾

Argumentos que não encontramos meios de como rebatê-los ainda mais pelo fato de encontrarmos essa mesma informação em outra fonte. Vejamos:

[...] Portanto, Jesus não pode ter morrido na cruz. Quando se refere à crucificação, **o Alcorão diz o seguinte: 'Eles não o mataram, não o crucificaram, mas isso lhes pareceu** (Alcorão 4,156). [...].

[...] Certos muçulmanos do Paquistão [...] para eles, Jesus foi de fato pregado à cruz, mas, quando o retiraram de lá, Ele ainda vivia. Então, livre da cruz, ele se curou e partiu para a Índia. Para os partidários desta crença, o corpo de Jesus está enterrado perto de Srinagar, na região da Caxemira. ⁽¹⁴⁰⁾ (grifo nosso)

Tudo isso de certa forma poderia vir a corroborar o que está escrito em Atos 1,3: *“Foi aos apóstolos que Jesus, com numerosas provas, **se mostrou vivo** depois da sua paixão: durante quarenta dias depois apareceu a eles, [...].”* Em Lucas, *“[...] após fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio, [...].”* (Lucas 1,3), afirma que Jesus se mostrou vivo, o que confirmaria aquilo que encontramos em outras fontes. É aqui que ficamos em dúvida, pois se Jesus se apresentou fisicamente, então a tese, que apresentamos para uma reflexão, de que ele na verdade não morreu na cruz, seria

139 MACHADO, 2004, p. 297-300.

140 *Revista Grandes Líderes da História*, ano I, nº 1: Jesus, p. 29.

uma possibilidade que deveria ser mais bem analisada.

Todavia, alguém dirá: “Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão?” Insensato! Aquilo que você semeia não volta à vida, a não ser que morra. E o que você semeia não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer: ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a dos pássaros e de outro ainda a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. Uma coisa é o brilho do sol, outra o brilho da lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual.

Calma, não somos nós que está dizendo isso é um outro Paulo, o de Tarso (1 Coríntios 15,35-44). Sua afirmação da existência do corpo espiritual é de tamanha clareza que não deveria deixar margem a dúvidas, nem tampouco o surgimento de interpretações equivocadas.

Mas isso ainda não é tudo, pois quando, um pouco mais à frente, ele arremata a sua argumentação, a coisa fica ainda mais clara veja: “*Eu lhes digo, irmãos, que a carne e o*

sangue não podem receber em herança o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade". (1 Coríntios 15,50).

Há uma passagem muito elucidativa em que os saduceus, que afirmavam não existir ressurreição, perguntaram a Jesus sobre a situação de uma mulher que havia se casado com sete irmãos (para cumprir a lei do Levirato) queriam saber, quando da ressurreição, de qual dos sete ela seria mulher; que Jesus responde: "*De fato, na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu*" (Mateus 22,30). Ora, todos nós aceitamos que os anjos são seres espirituais; daí, se seremos iguais a eles, então, conseqüentemente, também seremos seres espirituais, condição em que ressuscitaremos. A afirmação de "seres espirituais" implica necessariamente na existência de um corpo espiritual.

Na seqüência, ainda afirma Jesus: "*Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos declarou: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?' Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos*" (Mateus 22,32-33). Veja bem se Deus é Deus de vivos, e os aqui citados foram Abraão, Isaac e Jacó, que já haviam morrido, concluímos que eles viviam na condição espiritual. Os que acham que a ressurreição será no final dos tempos, devem ficar desconcertados diante dessa passagem, pois, apesar do final dos tempos ainda não ter chegado, Jesus sugere que esses três personagens já estavam ressurretos e, portanto,

vivos.

A visão de Pedro sobre a morte e ressurreição de Cristo, também não deixa margem à ressurreição da carne. Segundo ele, o que aconteceu foi que Jesus “[...] *Morto na carne, foi vivificado no espírito, no qual foi também pregar aos espíritos em prisão.*” (1 Pedro 3,18-19)

Assim, diante disso e de tudo o que já colocamos anteriormente, como ainda advogar a ressurreição da carne? Ela, a ressurreição da carne, falando à maneira do gosto de muitos teólogos, não possui respaldo bíblico.

Apresentaremos como duas testemunhas insuspeitas de que antigamente não se acreditava na ressurreição física; tratam-se do historiador hebreu Flávio Josefo e do teólogo Orígenes de Alexandria, um dos designados pais da igreja.

Em História dos hebreus, Josefo diz o seguinte sobre os essênios:

[...] esperavam passar desta vida para a melhore acreditavam firmemente que, embora nosso corpo seja mortal e corruptível, **nossas almas são imortais e incorruptíveis – de uma substância etérea, muito sutil**, encerrada no corpo, como numa prisão, onde uma inclinação natural as atrai e retém – e que apenas se veem livres destes laços carnis, que as prendem em dura escravidão, quando elevam-se ao ar e voam com alegria. ⁽¹⁴¹⁾ (grifo nosso)

Ora, se “nossas almas são imortais e incorruptíveis – de

141 JOSEFO, 2003, p. 555.

uma substância etérea, muito sutil”, conseqüentemente não pode ser de matéria como é o nosso corpo físico.

Da obra *Contra Celso*, podemos tirar esses três trechos dos argumentos de Orígenes:

[...] **a alma dos mortos subsiste**; e para quem admite essa doutrina, a fé na imortalidade da alma ou, pelo menos, na sua permanência tem fundamento. Assim sendo, o próprio Platão, em seu diálogo sobre a alma, diz que em volta de túmulos apareceram para algumas pessoas “imagens semelhantes às sombras”, homens que acabavam de morrer. E estas imagens que aparecem em volta das sepulturas dos mortos vêm de uma substância, **a alma que subsiste no que chamamos “corpo luminoso”**. ⁽¹⁴²⁾ (grifo nosso)

[...] Em nossas discussões com os judeus e também entre nós, sabemos que só existe um Deus, aquele que os judeus adoravam antigamente e ainda hoje professam adorar, e estamos puros de qualquer impiedade a seu respeito. **Tampouco dizemos que Deus ressuscitará os homens dentre os mortos com a mesma carne e o mesmo sangue**, como vimos acima; dizemos que aquilo que foi semeado “corpo psíquico na corrupção, na abjeção, na fraqueza” não ressuscita no estado em que foi semeado. [...]. ⁽¹⁴³⁾ (grifo nosso)

[...] porque sabemos que a alma, que por sua própria natureza é incorpórea e invisível, precisa, quando se encontra num lugar corporal qualquer, de um corpo apropriado por sua natureza neste lugar. Ela carrega este corpo depois de ter abandonado a veste,

142 ORÍGENES, 2004, p. 182.

143 ORÍGENES, 2004, p. 480.

necessária antes, mas supérflua para um segundo estado, e a seguir, após tê-lo revestido por cima com aquela veste que tinha inicialmente, **porque precisa de uma veste melhor para chegar às regiões mais puras, etéreas e celestes**. Ao nascer para o mundo, ela abandonou a placenta que era útil à sua formação no seio de sua mãe enquanto nela se encontrava; revestiu por baixo o que era necessário a um ser que viveria na terra. ⁽¹⁴⁴⁾ (grifo nosso)

Portanto, temos por provado que à época de Jesus não se acreditava na ressurreição da carne, e muito menos nos séculos II e III d.C., no que se convencionou chamar de cristianismo primitivo.

Terminamos o estudo sobre esse assunto, esperando contribuir para o esclarecimento dessa questão; mas, obviamente, não passa por nossa cabeça a unanimidade em relação ao que expomos, já que muitas pessoas, infelizmente, possuem a mente fechada para qualquer coisa que vá de encontro ao seu pensamento original, mesmo sendo este completamente contraditório. Pior ainda são os adeptos do: “creio, ainda que absurdo!”.

Percebemos em algumas pessoas, um certo medo de questionar o que a teologia tradicional lhes passou: isso é fruto de um terrorismo religioso, pois quem está com a verdade não teme absolutamente nada. Entretanto, os que são frágeis na convicção e os que sabem que suas ideias não são realmente verdadeiras, farão de tudo para contestar aquilo que possa contrariar seus interesses. Mas devemos lembrar Jesus que

144 ORÍGENES, 2004, p. 567-568.

dizia: "*conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*" (João 8,32).

Encerramos ressaltando que: "[...] *onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade*" (2 Coríntios 3,17), do que é fácil concluir que, onde não há liberdade, o Espírito do Senhor não se encontra.

O Consolador veio no Pentecostes?

“A Liberdade de pensar e agir é um dos direitos mais sagrados do homem e, portanto, asas poderosas para o seu adiantamento espiritual. Liberdade da qual ele nunca deverá abrir mão, em hipótese alguma.” (HAMMED)

Os teólogos, se não todos, pelo menos na sua grande maioria, afirmam que o Consolador prometido por Jesus (João 14,16) teria vindo no dia de Pentecostes (Atos 2,1-4); quem sabe se não buscaram apoio para isso no documento apócrifo denominado *Caverna dos Tesouros*, do qual extraímos: “[...] Decidiram jejuar, até receberem todos juntos o Espírito, o Paráclito, no dia de Pentecostes, ali mesmo onde estavam reunidos. Foram-lhes distribuídas línguas, e cada um partiu para ensinar os povos, de acordo com a língua que lhes fora dada; [...].”⁽¹⁴⁵⁾. Se isso for verdade, então a base para essa afirmação é tirada de uma fonte considerada não inspirada, colocando, portanto, em sérios apuros os que assim pensam.

O primeiro ponto importante a se levantar é aquele em que vamos demonstrar que o Consolador não é o Espírito Santo, porquanto, àquela época, nem ele nem essa terminologia existiam, uma vez que é uma criação posterior para sustentar o dogma da Trindade. Em toda a Bíblia a passagem Mateus 28,19-20 é a única em que se nomeiam as

145 TRICCA, vol. III, 1995, p. 100.

supostas pessoas da Trindade, mesmo assim sem estabelecer uma relação de unicidade entre elas.

Sabem os estudiosos que o dogma da Trindade se iniciou no Concílio Ecumênico de Niceia, em 325, quando Jesus foi divinizado; a providência seguinte foi também dar *status* de Deus ao Espírito Santo, fato que ocorreu no Concílio de Constantinopla, em 381. ⁽¹⁴⁶⁾. Depois, foi só ajustar os textos do Novo Testamento a essa nova e dogmática realidade; aí, onde havia “um” espírito santo (puro), transformaram em “o” Espírito Santo, eleito a terceira pessoa da Trindade.

Ademais, estudiosos bíblicos têm esse passo de Mateus (28,19-20) como uma interpolação. Por exemplo, o historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, David Flusser (1917-2000), que lecionou no Departamento de Religião Comparada, por mais de 50 anos, nascido na Áustria, estudioso da literatura clássica e talmúdica, e conhecedor de 26 idiomas, informa que:

De acordo com os manuscritos de Mateus que foram preservados, o Jesus ressuscitado ordenou aos seus discípulos batizar todas as nações “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A fórmula trinitária franca, aqui, é de fato notável, **mas já foi mostrado que a ordem para batizar e a fórmula trinitária faltam em todas as citações das passagens de Mateus nos escritos de Eusébio anteriores ao Concílio de Niceia.** O texto de Eusébio de Mt 28:19-20 antes de Niceia era o seguinte: “Ide e tornai todas as nações discípulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”. Parece que Eusébio encontrou essa forma do

texto nos códices da famosa biblioteca cristã em Cesareia.⁷⁵ Esse texto mais curto está completo e coerente. Seu sentido é claro e tem seus méritos óbvios: diz que o Jesus ressuscitado ordenou que seus discípulos instruissem todas as nações em seu nome, o que significa que os discípulos deveriam ensinar a doutrina de seu mestre, depois de sua morte, tal como a receberam dele. ⁽¹⁴⁷⁾ (grifo nosso)

Transcreveremos a nota nº 75 em que Flusser coloca sua base de informação:

Ver D. Flusser, "The Conclusion of Matthew in a New Jewish Christian Source", *Annual of the Swedish Theological Institute*, vol. V, 1967, Leiden, 1967, pp. 110-20; Benjamin J. Hubbard, "The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commissioning", SBL, *Dissertation Series* 19, Montana, 1974. **Mais testemunho da conclusão não-trinitária de Mateus está preservado num texto copta** (ver E. Budge, *Miscellaneous Coptic Texts*, Londres, 1915, pp. 58 e seguintes, 628 e 636), onde é descrita uma controvérsia entre Cirilo de Jerusalém e um monge herético. "E o patriarca Cirilo disse ao monge: 'Quem te mandou pregar essas coisas?' E o monge lhe disse: 'O Cristo disse: Ide a todo o mundo e pregai a todas as nações em Meu nome em cada lugar". O texto é citado por Morcon Smith, *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*, Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1973, pp. 342-6. ⁽¹⁴⁸⁾ (grifo nosso)

Na seqüência, Flusser diz que "um testemunho adicional das versões mais curtas de Mt 28:19-20a foi descoberto há

147 FLUSSER, 2001, p. 156.

148 FLUSSER, 2001, p. 170.

pouco tempo numa fonte judeu-cristã [...]” (149), citando como fonte: Sh. Pinès, “The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity According to a New Source”, *The Israel Academy of Sciences and Humanities Proceedings*, vol. II, nº 13, Jerusalém, 1966, p. 25. (150)

Orígenes de Alexandria (185-254), em sua obra apologética intitulada *Contra Celso* (cerca de 248), na qual refuta a esse filósofo pagão, cita inúmeras passagens bíblicas, entre as quais Mt 28,19, com o seguinte teor: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (151). O que prova incontestavelmente que a expressão “batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” é uma interpolação que foi colocada posteriormente para se justificar o dogma da Trindade.

Essa interpolação é até fácil de ser comprovada, pois, enquanto no versículo se recomendava batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28,19), no cristianismo nascente, os discípulos só o faziam “em nome de Jesus” (Atos 2,37; 10,48; 19,5), do qual também se utilizavam para expulsar os espíritos (Atos 16,18).

Por outro lado, não foi por mera coincidência que esse acréscimo esteja no último passo do Evangelho de Mateus; certamente, como não encontraram outro lugar melhor para situá-lo acharam por bem colocá-lo ali mesmo, bem no final. Então, fica aí demonstrado, de forma clara, que essa expressão

149 FLUSSER, 2001, p. 156.

150 FLUSSER, 2001, p. 170.

151 ORÍGENES, 2004, p. 154.

é uma interpolação. Assim, qualquer relação que se queira estabelecer entre o Consolador e o Espírito Santo não faz sentido algum, mais a frente voltaremos ao tema.

Um outro ponto, também não menos importante, é que devemos situar as coisas no tempo próprio. Assim, não é válido usar o Evangelho de João para justificar alguma coisa em Lucas, pois, como sabemos, os Evangelhos foram escritos em épocas diferentes. Segundo o prof. Julio Trebolle Barrera (?-), Marcos por volta de 65 a 70, Lucas entre 70 e 80, Mateus no período de 70 e 80, e, finalmente, João, no ano de 90 ⁽¹⁵²⁾; mas é bom ressaltar que os estudiosos não se entendem quanto a essas datas.

Desse modo, depois da morte de Jesus, até um certo período, os textos eram utilizados isoladamente; isso deve ter acontecido por não haver necessidade, à época, de uma “uniformização” das descrições dos fatos acontecidos com Jesus, já que não havia condições de se estabelecer uma sistematização no sentido de tornar os escritos esparsos em um único corpo doutrinário dos ensinamentos deixados pelo Mestre. O que pudemos corroborar com J. Lentsman (1908-1967):

Assim, **cada evangelho era endereçado a um meio determinado, e tinha limitada, desse modo, sua esfera de ação a uma ou outra região.** Sua inclusão no cânone deu-se muito mais tarde, como consequência de uma escolha dos escritos cristãos mais autorizados

152 BARRERA, 1995, p. 287.

aos olhos dos crentes. ⁽¹⁵³⁾ (grifo nosso)

Mas, com a sistematização desses ensinamentos, visando dar uma característica sinóptica aos Evangelhos, certamente houve uma “necessidade” (para não dizer conveniência) de algumas “adequações” de alguns textos a certas interpretações dos dirigentes religiosos de então. Vejamos:

Quanto aos livros do Novo Testamento, houve também certa confusão, já que além dos livros inspirados, circulavam outros que gozavam também de muito prestígio entre as comunidades cristãs, alguns dos quais atribuídos aos próprios Apóstolos. Em compensação, alguns dos livros inspirados não eram aceitos como tais por pessoas de prestígio na própria Igreja.

Os Concílios de Hipona e de Cartago, **celebrados em fins do séc. IV, pela primeira vez apresentaram uma lista oficial dos livros inspirados, tanto do Novo como do Antigo Testamento**, entre os quais se incluíram os deutero-canônicos também do Novo, que são: Epístolas de S. Tiago, 2ª e 3ª de S. João, de S. Judas, 2ª de S. Pedro, aos Hebreus e o Apocalipse.

Como nenhum desses concílios africanos, por seu caráter local, implicasse a autoridade oficial da Igreja universal, houve necessidade de se proclamar de novo, em forma solene, a doutrina tradicional católica, o que se fez no Concílio Ecumênico de Florença, celebrado no ano de 1441 e, posteriormente, no de Trento em 1546, onde se enumeram de forma definitiva os livros que constituem a Bíblia. ⁽¹⁵⁴⁾ (grifo nosso)

153 LENTSMAN, 1963, p. 38,

154 Bíblia Barsa - A Igreja e a Bíblia, p. XII.

Então, somente após o final do séc. IV, é que temos algo próximo da Bíblia como a conhecemos hoje. E para ser mais específico, leiamos:

No ano de 367 E.C., Atanásio escreveu sua carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros deviam ser lidos como escritura nas igrejas. Ele relaciona nossos vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse novo conjunto de livros era o Novo Testamento. ⁽¹⁵⁵⁾

Isso significa que não assiste razão aos que, querendo interpretar uma passagem, relacionam, no sentido de completar, um escritor bíblico com outro. A se aceitar isso, então, preferimos ficar com a opinião de Orígenes, considerado um dos “Pais da Igreja”, porquanto foi um expoente do cristianismo nascente. Vejamos o que ele disse:

E como as práticas legais eram uma figura, penso eu, e a verdade era o que o Espírito Santo lhes ensinara, foi dito: “Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena” (Jo 16,13); como se dissesse: à verdade integral das realidades das quais, não possuindo senão as figuras, vós acreditáveis adorar a Deus com a verdadeira adoração. **De acordo com a promessa de Jesus, o Espírito de Verdade veio sobre Pedro** e lhe disse, a respeito dos quadrúpedes e répteis da terra e dos pássaros do céu: “Levanta-te, Pedro, imola e come!” Ele voltou a si, embora ainda imbuído de superstição, pois mesmo ao ouvir a voz divina ele responde: “De modo algum, Senhor, pois

155 EHRMAN, 2006, p. 46.

jamais comi alguma coisa impura e profana”. E Ihe ensinou a doutrina sobre os alimentos verdadeiros e espirituais com estas palavras: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano”. E depois desta visão, o Espírito de Verdade, conduzindo Pedro “à verdade plena”, Ihe disse “o muito que vos dizer” que ele não podia “suportar enquanto Jesus estava ainda presente segundo a carne. ⁽¹⁵⁶⁾ (grifo nosso)

E é por isso que afirmamos que cada um deles tem que se explicar por si mesmo. Sendo assim, ou seja, que temos que relacionar o autor com ele mesmo, fomos buscar primeiramente Lucas. Em seu Evangelho pudemos encontrar apenas duas passagens que poderíamos entender como alguma promessa sendo feita: a primeira é onde João Batista diz que “*Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo*” (Lucas 3,16); e a segunda é quando Jesus recomenda aos discípulos não se preocuparem com o que falariam, pois “*nessa hora o Espírito Santo ensinará o que vocês devem dizer*” (Lucas 12,12). Ambas não servem de suporte, pelo simples motivo de que falam em Espírito Santo, que, conforme demonstramos, esse epíteto ainda não “existia”.

Jesus ressurreto, entre outras coisas, disse aos discípulos: “*Agora eu lhes enviarei aquele que meu Pai prometeu. Por isso, fiquem esperando na cidade, até que vocês sejam revestidos **da força do alto.***” (Lucas 24,49), por que não Ele não falou “revestidos do Espírito Santo”? Muito estranho! Mas vejamos a opinião de um exegeta sobre esse versículo:

156 ORÍGENES, p. 122-123.

Lc 24,49: “... envio sobre vós a promessa de meu Pai...” A promessa que se cumpriu no dia de Pentecostes, antecipa também, neste passo bíblico, a declaração mais completa que se vê no livro de Atos, que Lucas tencionava escrever, a fim de completar a sua obra em dois volumes, que versa sobre as origens do cristianismo (Lucas-Atos); e não é mesmo impossível que Lucas já tivesse dado início a essa obra, em algum estágio preliminar. Este versículo é paralelo a Atos 1,4-5, 8; 2,1-13. **A promessa feita pelo Pai, que é o próprio Espírito Santo, não é claramente definida nos evangelhos sinópticos**, mas poderemos aceitar o trecho de Luc. 11,13 como indicação sobre isso; e não há que duvidar que a mensagem de João Batista, na tradição evangélica mais primitiva, conforme nos é dada em Marc. 1;8 – “mas ele vos batizará com o Espírito Santo...” – deve ser compreendida como paralela à promessa aqui registrada. Trata-se, por conseguinte, da tradição evangélica mais remota. O evangelho de João a anuncia de forma ainda mais clara. (ver João 14:16 e 15:26). A ordem dada aos discípulos de se demorarem em Jerusalém, até que se cumprisse essa promessa, é paralela à passagem de Atos 1:4. ⁽¹⁵⁷⁾ (grifo nosso)

Observamos que o autor diz que a promessa não é claramente definida nos evangelhos sinópticos, embora tente, de alguma forma, estabelecer uma ligação dela com o Evangelho de João. O que ele não percebeu é que não poderia relacionar essa passagem de Lucas ao que consta em João, pelas razões já expostas.

Em Atos dos Apóstolos, Lucas já narra da seguinte forma:

157 CHAMPLIN, 2005, vol. 2, p. 247.

Atos 1,4-8: “[...] ‘Não se afastem de Jerusalém. **Esperem que se realize a promessa do Pai, da qual vocês ouviram falar:** ‘João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo’ [...] Mas o Espírito Santo descera sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas [...]’.” (grifo nosso)

Pelo que se pode entender, a promessa aqui é o batismo com o Espírito Santo; entretanto, está se prometendo o que não existe. No dia de Pentecostes é, quando se supõe, que houve o cumprimento dessa promessa; leiamos:

Atos 2,1-4: “Quando chegou o **dia de Pentecostes**, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos **ficaram repletos do Espírito Santo**, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.” (grifo nosso)

Novamente aparece a expressão Espírito Santo, que só poderia ser entendida como “um espírito santo”, não a pessoa da Trindade que, conforme provado, não se falava dela ainda. Se cada um falava conforme o espírito lhe concedia, já não é mais “o Santo”; então, temos, nessa ocorrência, um fenômeno mediúnico, onde cada um falava sob a ação de um espírito. Aqui, percebe-se, claramente, a mediunidade em propulsão espontânea a todos os discípulos. Fato idêntico se repetirá novamente nos episódios conhecidos como o “Pentecostes samaritano” (Atos 8,14-17) e o “Pentecostes dos pagãos” (Atos

10,44-46) ⁽¹⁵⁸⁾ Vejamo-los:

*Atos 8,14-17: “Os apóstolos, que estavam em Jerusalém, souberam que a Samaria acolhera a Palavra de Deus, e enviaram para lá Pedro e João. Ao chegarem, Pedro e João rezaram pelos samaritanos, a fim de que eles recebessem o Espírito Santo. De fato, o Espírito ainda não viera sobre nenhum deles; e os samaritanos tinham apenas recebido o batismo em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João impuseram as mãos sobre **os samaritanos**, e eles **receberam o Espírito Santo.**”* (grifo nosso)

*Atos 10,44-46: “Pedro ainda estava falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o **dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos.** De fato, **eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus [...].**”* (grifo nosso)

Por isso, então, poder-se-á concluir, numa boa lógica, que, a supor seja o Espírito Santo o Consolador, ele veio por três vezes; a primeira aos discípulos (Atos 2,1-4), aos quais a promessa foi feita, e duas agora, nessas passagens, de uma forma generalizada. Assim, em qual delas deve-se ter como sendo o cumprimento da promessa de sua volta? Fica aí a nossa dúvida, porque a que se considera a primeira (Atos 2,1-4), os próprios textos bíblicos a relacionam a uma profecia de Joel, conforme se verá na sequência.

Em relação ao Pentecostes narrado em Atos 2,1, temos duas observações importantes. A primeira é que, na própria

Bíblia, esse fato não é relacionado à promessa do Consolador, mas a uma outra bem mais antiga; leiamos:

*Atos 2,14-18: "Então Pedro [...] falou em voz alta: 'Homens da Judeia e todos vocês que se encontram em Jerusalém! Compreendam o que está acontecendo e prestem atenção nas minhas palavras: [...] **está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu **derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas.** Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão."** (grifo nosso)*

Se aqui está se relacionando o fenômeno do Pentecostes à profecia de Joel, que viveu no século VIII a.C.; então, não está reservado o direito a ninguém de mudar isso, mormente os que têm a Bíblia como a palavra de Deus, para relacioná-lo ao cumprimento da promessa do envio do Consolador. Podemos confirmar com Russell N. Champlin:

No dia de Pentecoste, o Espírito Santo desceu sobre todos quantos estavam reunidos no mesmo cenáculo, num total de cerca de cento e vinte pessoas. Não se há de duvidar que essa dádiva do Espírito envolvendo mais do que os doze apóstolos, segundo fica subentendido no trecho de Atos 2:14, **como também na profecia de Joel**, conforme Simão Pedro mencionou em seu sermão, como interpretação daquela extraordinária ocorrência, que acabara de suceder. (Ver Atos 2:16-21 e Joel 2:28-32). **Essa profecia revela-nos como o Espírito haveria de ser derramado sobre toda a carne, de modo pleno e transbordante.** Os cento e vinte irmãos reunidos no cenáculo, pois, foram os

primeiros a experimentar isso. ⁽¹⁵⁹⁾ (grifo nosso)

Comprova-se, então, como sendo a realização da profecia de Joel.

A segunda observação é que, no dia citado como o Pentecostes, o fenômeno pode nem mesmo ter ocorrido, conforme se vê numa explicação, em nota de rodapé, dada a respeito de Atos 2,1-13, cujo teor é: "O relato é simbólico. De fato, quando o autor escreveu, as comunidades cristãs já se haviam espalhado por todas as regiões aqui mencionadas." ⁽¹⁶⁰⁾ Certamente agiram com prudência em não dizer diretamente que o dito fenômeno não ocorreu, preferindo ir pelo caminho do simbólico, para salvar a Bíblia da contradição do texto bíblico com os fatos realmente ocorridos.

Como em Lucas não encontramos nada, quem sabe se agora, ao analisarmos João, possamos encontrar algo?...
Leiamos a passagem relacionada à promessa:

João 14,15-26: "*Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e **ele vos dará outro Consolador**, a fim de que esteja sempre convosco, **o Espírito da Verdade**, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conhecereis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, **voltarei para vós outros** [...] Respondeu Jesus: '[...] Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o **Consolador**, o **Espírito Santo**, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos*

159 CHAMPLIN, 2005, vol. 3, p. 45.

160 Bíblia Sagrada Pastoral, p. 1391.

tenho dito'." (grifo nosso)

O que significa Consolador? Segundo Champlin, a palavra Consolador significa "alguém chamado para o lado de outrem, a fim de ajudar." (161)

Interessante a afirmação de Jesus de que enviaria "outro"; é sinal que Ele se considerava como sendo um Consolador. E muito curioso, também, é que a cidade onde Jesus fixou residência, que se tornou centro do seu ministério, chamava-se Cafarnaum, que, segundo Carlos Torres Pastorino (1910-1980), significa "cidade do Consolador" (162).

Neste passo Jesus também afirma que voltará. Se no início do trecho o Consolador é especificado como o Espírito da Verdade, por que um pouco mais à frente ele passa a ser o Espírito Santo, epíteto esse que nem existia à época? Certamente que é por uma interpolação; ou, quem sabe, se esse último também não seria o Espírito de Verdade, que sofreu uma modificação na sua terminologia?... Pastorino, analisando as ocorrências da expressão "*tò pneuma tò hágion*" (o Espírito o santo), afirma que "Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26)." (163).

Assim como em Jo 14,17 em que se afirma que o Consolador é o Espírito da Verdade a passagem Jo 15,26,

161 CHAMPLIN, 2005, vol. 2, p. 534.

162 PASTORINO, vol. 1, 1964a, p. 139.

163 PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 95.

igualmente o faz; vejamos:

Jo 15,26-27: *“Quando, porém, vier o **Consolador**, que eu vos enviarei da parte do Pai, o **Espírito da Verdade**, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio”.*

Aqui se reafirma a identidade do Consolador como sendo o Espírito da Verdade, acrescentando que ele dará testemunho de Jesus. Portanto, ao também identificá-lo como Espírito Santo, ocorre uma dupla identificação, que, fatalmente, nos leva a pensar em interpolação, confirmada pela informação de Pastorino. Um detalhe, que depois voltaremos a falar, é que Jesus afirma que os discípulos também testemunhariam.

João 16,7-11: *“Mas eu vos digo a verdade: **‘Convém-vos que eu vá**, porque se eu não for, o **Consolador não virá para vós** outros; se, porém, eu for, **eu vo-lo enviarei**. Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe desse mundo já está julgado’.*” (grifo nosso)

Percebemos que há uma estreita relação entre a vinda do Consolador com a questão de Jesus ter que partir, o que se justifica, porquanto Ele mesmo é quem o enviaria ou, quem sabe, voltaria para cumprir sua promessa: *“Não vos deixarei órfãos, **voltarei para vós outros** (João 14,18); inclusive, como está dito no passo, que ainda estabelece a missão do Consolador.*

João 16,12-14: *“Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o **Espírito da Verdade**, ele **vos guiará a toda a verdade**; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.”* (grifo nosso)

Jesus afirma que não falou aos discípulos tudo que era para ser dito, e que a missão do Espírito da Verdade, o Consolador, seria também para que fosse completado o seu ensinamento.

Vejamos agora, a última passagem de João, na qual se relata uma suposta manifestação do Espírito Santo:

João 20,19-23: *“Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: 'A paz esteja com vocês'. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor. Jesus disse de novo para eles: 'A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês'. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: '**Recebam o Espírito Santo**. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados.'”* (grifo nosso)

O fato aqui relatado aconteceu exatamente no mesmo dia em que Jesus ressuscitou, o primeiro dia da semana; é, então, o dia de domingo, ou seja, o terceiro dia após ter sido sepultado. Nele Jesus afirma que o Pai o enviou e sopra sobre os discípulos o “Espírito Santo”. Segundo a forma de

entendimento dos adeptos das religiões tradicionais, a promessa que João citou anteriormente foi cumprida aqui nesse momento.

Nesse ponto, iremos ver, em *A Gênese*, como Kardec abordou sobre o assunto, já que isso foi objeto de sua preocupação:

Anunciação do Consolador

35. Se me amais, guardai os meus mandamentos – e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O *Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. – Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, *vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito.* (S. João, 14:15 a 17 e 26. – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI.).

36. – Entretanto, digo-vos a verdade: Convém que eu me vá, porquanto, se eu não me for, o Consolador não vos virá; eu, porém, me vou e vo-lo enviarei. – E, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao juízo: – no que respeita ao pecado, por não terem acreditado em mim; – no que respeita à justiça, porque me vou para meu Pai e não mais me vereis; no que respeita ao juízo, porque já está julgado o príncipe deste mundo.

Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.

Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras.

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará. (S. João, 16:7 a 14.).

37. – Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, pela razão de que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos, visto que a eles é que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles, com relação ao que foi dito; ter-se-ão possivelmente enganado, quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica. **As religiões que se fundaram no Evangelho não podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquanto ele, Jesus, reservou para si a completação ulterior de seus ensinamentos.** O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, constitui um desmentido às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *lembrar* o que ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. E, ao demais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos.

38. – Quando terá de vir esse novo revelador? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns anos apenas que poderiam adquirir as luzes necessárias a entendê-las. Para a inteligência de certas

partes do Evangelho, excluídos os preceitos morais, faziam-se mister conhecimentos que só o progresso das ciências facultaria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Se, portanto, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, houvera encontrado o terreno ainda nas mesmas condições e não teria feito mais do que o mesmo Cristo. Ora, desde aquela época até os nossos dias, nenhuma grande revelação se produziu que haja completado o Evangelho e elucidado suas partes obscuras, indício seguro de que o Enviado ainda não aparecera.

39. – Qual deverá ser esse Enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador”, **Jesus claramente indica que esse Consolador não seria ele**, pois, do contrário, dissera: “Voltarei a completar o que vos tenho ensinado”. Não só tal não disse, como acrescentou: ***A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós.*** Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. **O Consolador é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o Espírito de Verdade.**

40. – **O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (cap. 1, nº 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu.** Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, **ensino a que preside o Espírito de Verdade.** Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucida. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira,

faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precusores e profetas, que lhe pressentiram a vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem na Terra.

[...].

42. – **Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo**, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes desanuviou a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porquanto, no que deixaram, nenhum vestígio se encontra de um ensinamento especial. **O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara relativamente ao Consolador**; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado o que, no Evangelho, permaneceu obscuro até ao dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos. ⁽¹⁶⁴⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Como foi citado o item 30 do capítulo I de *A Gênese*, iremos também transcrevê-lo para que o entendimento não fique prejudicado:

30. – O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. A ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que

164 KARDEC, 2007e, p. 439-443.

unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

(¹⁶⁵)

Considerando que...

a) que a expressão “Espírito Santo” não deveria ser relacionada ao Consolador;

b) que temos que identificar com o texto do próprio evangelista, e não com de um outro, se o Consolador já veio ou não;

c) que Jesus disse que voltaria;

d) que também disse que os discípulos o testemunhariam;

Então, fatalmente, teremos que concluir que, dentro do Novo Testamento, não se encontra nenhuma passagem na qual poderemos afirmar que o Consolador teria voltado naquela época; portanto, isso nos remete a um tempo num futuro mais distante daquela época.

Assim, o Espiritismo vem assumir essa condição de ser o Consolador, pelas razões expostas por Kardec e por ter João Evangelista, portanto, pelo pelo menos um dos discípulos testemunhando, embora não possamos afirmar taxativamente que outros não participaram do surgimento do Espiritismo só pelo motivo de não termos nada escrito a respeito deles.

Apenas para esclarecer, informamos que, para nós, o Espírito de Verdade é Jesus; quem quiser ver isso com maiores detalhes, terá oportunidade de fazê-lo, pois em breve publicaremos o livro *Espírito de Verdade, quem seria ele?*

Jesus pode ser considerado Deus?

“A verdade é mais grandiosa que a mente finita do homem, e nossa falta de habilidade de perceber todos os aspectos e significados de uma verdade não significa que esta não exista.” (J.J. VAN DER LEEUW).

“O engano é necessário para se obter e manter o poder e vantagem sobre os outros.” (JOHN SNYDER)

Esse assunto torna-se recorrente, visto determinadas pessoas ainda insistirem na tese de que Jesus seja o próprio Deus, tomando-se uma ou outra passagem bíblica para justificar essa interpretação. Obviamente, que faz parte de quase todas as culturas religiosas a crença de que a divindade a qual prestavam culto viria a Terra e após fecundar uma mulher, essa sempre uma virgem, daria nascimento a um semideus.

Se não estivermos nos enganando na interpretação do pensamento do psiquiatra suíço C. G. Jung (1875-1961), o fundador da psicologia analítica, isso poderia ser classificado como um arquétipo (JUNG, 1988).

O certo é que Jesus, tendo nascido e vivido como um judeu, nunca diria tal coisa; é o que, de fato, percebemos pelas narrativas dos Evangelhos. A lei judaica seria implacável quanto a isso; certamente, que resultaria no apedrejamento, até a morte, do blasfemo, num rito sumário sem qualquer

possibilidade de apelação para alguma instância superior.

Como ainda não tivemos a oportunidade de fazer um estudo sobre o tema, vamos aproveitar esse momento para fazê-lo, de uma forma bem abrangente; para isso é necessário que analisemos várias passagens bíblicas, nas quais grifaremos os trechos que julgamos importantes, visando ressaltá-los.

Mateus 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: 'Vejam: **a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel,** que quer dizer: Deus está conosco'.”* (grifo nosso)

Essa passagem certamente que nada tem a ver com o assunto; entretanto, vemos que, algumas vezes, é usada para justificar a condição de Jesus ser Deus, por ter vindo cumprir essa e muitas outras supostas profecias. Não vamos aqui estender muito a explicação sobre isso, pois ela poderá ser vista no seu todo em nosso texto, já mencionado.

Em Isaías é que encontraremos a conjecturada profecia relacionada a esse passo: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel”.* (Isaías 7,14). Entretanto, pelo contexto bíblico, perceberemos que, na verdade, Deus está prometendo um sinal ao rei Acaz, que seria exatamente o filho dele que estaria por nascer, o que podemos confirmar com a seguinte explicação: *“O sinal prometido a Acaz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida. Esse menino que está por nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco)”.* ⁽¹⁶⁶⁾.

Outro fato curioso é que o nome Jesus significa “Deus é salvação”; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer “Deus está conosco”, que é aquele previsto na passagem tida como profecia para ser dado à criança.

Marcos 2,7: *“Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados **senão um só, que é Deus?**”* (grifo nosso)

Marcos 10,18: *“Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? **ninguém é bom, senão um que é Deus.**”* (grifo nosso)

João 5,44: *“Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros e não buscais a glória que **vem do único Deus?**”* (grifo nosso)

João 17,3: *“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o **único Deus** verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste.”* (grifo nosso)

Romanos 3,30: *“De fato, **há um só Deus** que justifica, pela fé, tanto os circuncidados como os não circuncidados.”* (grifo nosso)

Romanos 16,27: *“**ao único Deus** sábio seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém.”* (grifo nosso)

1 Coríntios 8,4: *“Quanto, pois, ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que **não há outro Deus, senão um só.**”* (grifo nosso)

1 Coríntios 8,6: *“Contudo **para nós existe um só Deus:** o Pai. Dele tudo procede, e para ele é que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos.”* (grifo nosso)

Gálatas 3,20: “Ora, esse intermediário não representa uma pessoa só, e **Deus é um só.**” (grifo nosso)

Efésios 4,6: “**Há um só Deus** e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos.” (grifo nosso)

1 Timóteo 1,17: “Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, **ao único Deus**, seja honra e glória para todo o sempre. Amém.” (grifo nosso)

1 Timóteo 2,5-6: “**Porque existe um só Deus.** E entre ele e os homens há um só intermediário, que é Jesus Cristo seu Filho, que é, ele próprio, homem também; o qual se deu a si mesmo como preço da salvação de toda a humanidade. Esta é a mensagem que Deus trouxe ao mundo no momento oportuno.” (grifo nosso)

Tiago 2,19: “Você acredita que **existe um só Deus? Muito bem!** Só que os demônios também acreditam, e tremem!” (grifo nosso)

Judas 1,24-25: “Àquele que pode guardar-vos da queda e apresentar-vos perante sua glória irrepreensíveis e jubilosos, **ao único Deus**, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, poder e domínio, antes de todos os séculos, agora e por todos os séculos! Amém.” (grifo nosso)

Um dos pontos fortes para que Jesus fosse elevado à condição de Deus está, certamente, na crença da Trindade, onde a divindade seria três pessoas, iguais e distintas ao mesmo tempo. Não abordaremos essa questão aqui, por já ter jeito um estudo sobre o tema; mas iremos apenas argumentar que, por essas passagens, não há como atribuir tal coisa; julgamos ser interpretações equivocadas de quem quer vê-las assim, porquanto nenhum desses passos fala disso. E, para ver

que crença de Deus ser um só não é coisa nova, citamos do Antigo Testamento:

Deuteronômio 4,35: *“Foi a você que lhe mostrou isso, para você ficar sabendo que **Javé é o único Deus e que não existe outro além dele.**”* (grifo nosso)

Deuteronômio 4,39: *“Portanto, reconheça hoje e medite em seu coração: **Javé é o único Deus,** tanto no alto do céu, como aqui em baixo, na terra.”* (grifo nosso)

Isaías 44,6: *“Assim diz Javé, o Rei de Israel, seu redentor, Javé dos exércitos: **Eu sou o primeiro, eu sou o último, fora de mim não existe outro Deus.**”* (grifo nosso)

Isaías 45,14: *“Deus está somente com você e **não existe nenhum outro, não existem outros deuses.**”* (grifo nosso)

Isaías 45,18: *“Porque assim diz, Javé, que criou os céus, **o único Deus,** que formou a terra, que a fez e a firmou em suas bases; ele não a fez para ser um caos, mas para ser habitada; **Eu sou Javé e não existe outro.**”* (grifo nosso)

Isaías 46,9: *“Lembrem-se das coisas há muito tempo passadas, pois eu sou Deus, e não existe outro. **Eu sou Deus, e não existe outro igual a mim.**”* (grifo nosso)

1 Reis 8,60: *“Assim, todos os povos da terra saberão que **só Javé é Deus e que não há nenhum outro.**”* (grifo nosso)

Se você, leitor, se interessar pelo tema Trindade, pedimos a sua permissão para lhe recomendar o nosso texto “Trindade: um mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos”, no site: www.paulosnetos.net.⁽¹⁶⁷⁾

167 NETO SOBRINHO, link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6->

Mateus 4,1-11: “Então **foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo**. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. Chegando, então, **o tentador, disse-lhe: 'Se tu és Filho de Deus** manda que estas pedras se tornem em pães'. Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus'. Então o Diabo o levou à cidade santa, colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: '**Se tu és Filho de Deus**, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e: eles te susterão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra'. Replicou-lhe Jesus: 'Também está escrito: **Não tentarás o Senhor teu Deus**'. Novamente o Diabo o levou a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles; e disse-lhe: 'Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares'. Então ordenou-lhe Jesus: 'Vai-te, Satanás; porque está escrito: 'Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás'. Então o Diabo o deixou; e eis que vieram os anjos e o serviram”. (grifo nosso)

No Evangelho segundo Marcos, o primeiro a ser escrito, segundo os especialistas, não se especifica essas três tentações; o autor diz, apenas, genericamente, que no período assinalado Jesus foi tentado por Satanás. No de Lucas, no final do relato, há algo interessante; nele narra-se: “Assim, tendo o Diabo acabado toda sorte de tentação retirou-se dele até ocasião oportuna” (Lucas 4,13). O que nos chamou a atenção foi a expressão “retirou-se dele”, dando a impressão de que Jesus estava possuído pelo diabo, o que vai muito além das tentativas de levar o Mestre a fazer as cousas que lhe foram sugeridas por ele.

Causou-nos muita estranheza o fato de Jesus, ao ser sugerido para adorar o tentador, tenha dito “*não tentarás o Senhor teu Deus*”, uma vez que o “dito cujo” o havia reconhecido apenas como o Filho de Deus e não como Deus. Essa afirmativa pode levar à interpretação de que aqui Jesus insinuaria que ele seria o próprio Deus, fato que não vemos a não ser em algumas narrativas de João, caso não tenhamos maior cuidado em buscar o sentido exato do que este fala.

A grande dúvida que nos envolve é: se as tentações de Jesus, que aqui nos são narradas, de fato ocorreram, então, é evidente a contradição, em si considerando Jesus como sendo Deus, com o que foi dito por Tiago, pois, segundo ele “*Deus não pode ser tentado pelo mal*” (Tiago 1,13); assim, não nos cabe aceitar Jesus como sendo mesmo o próprio Deus.

Por outro lado, ampliando nosso campo de pesquisa, verificamos que essa suposta tentação de Jesus tem precedentes em outras culturas religiosas. O escritor, filósofo, filólogo e historiador francês Ernest Renan, por exemplo, nos informa um fato curioso; diz ele que “O deserto era, segundo a crença popular, a morada dos demônios”. ⁽¹⁶⁸⁾. Aliás, até mesmo os hebreus assim pensavam, conforme comprovam estas passagens:

*Levítico 16,10: “Mas **o bode** sobre que cair a sorte para Azazel será posto vivo perante o Senhor, **para fazer expiação com ele a fim de enviá-lo ao deserto para Azazel**”* ⁽¹⁶⁹⁾ (grifo nosso)

168 RENAN, 2004, p. 165.

169 Azazel, conforme nos informam os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* (p. 183-184), é o nome de um demônio que os antigos hebreus e cananeus

Levítico 16,20-22: “[...] Arão [...] apresentará o bode vivo; e, pondo as mãos sobre a cabeça do bode vivo, confessará sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel, e **todas as suas transgressões, sim, todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e envia-lo-á para o deserto**, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para uma região solitária; e esse homem **soltará o bode no deserto.**” (grifo nosso)

Levítico 17,7: “Daqui em diante e para sempre, **os israelitas nunca mais oferecerão sacrifícios aos demônios do deserto**, pois, se fizerem isso, estarão sendo infiéis a Deus.” (grifo nosso)

Encontramos nessa crença, de que os demônios moravam no deserto, o motivo pelo qual Jesus foi levado ao deserto para ser tentado. E, segundo Juan Arias, jornalista, pesquisador, escritor e ex-padre “o que o demônio propõe a Jesus em suas tentações são justamente coisas típicas dos magos, como voar através das nuvens ou transformar pedras em pães.”⁽¹⁷⁰⁾ Devemos também somar a isso uma outra crença, a de que os líderes espirituais deveriam sofrer algum tipo de tentação antes de iniciarem a sua missão. Vejamos alguns exemplos:

Mais ou menos com a idade de 30 anos, isto é, com a mesma idade de Jesus, **Buda** inicia sua carreira espiritual. Durante um jejum e penitência, **é tentado pelo mal** da mesma forma como Jesus o foi pelo diabo, após quarenta dias e quarenta noites de abstinência. No Oriente é comum uma história que atribui a **Zoroastro**

acreditavam que habitasse o deserto.

170 ARIAS, 2001, p. 177.

uma semelhante tentação, que também aparece na saga dos santos cristãos. ⁽¹⁷¹⁾ (grifo nosso)

Durante sete dias **Buda** permaneceu sentado sob a árvore *bodhi*, sem se mover, em abençoado êxtase. Conta a lenda que, durante esse período, ele **foi tentado por Mara, o demônio.** ⁽¹⁷²⁾ (grifo nosso)

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. **Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata,** numa luta simbólica entre a luz e a escuridão. ⁽¹⁷³⁾ (grifo nosso)

Portanto, as mencionadas tentações de Jesus nada mais são do que um reflexo de culturas religiosas, incorporadas aos Evangelhos para que o mesmo padrão do que acontecia com os que eram considerados filhos de deuses e/ou seus reveladores fosse mantido.

Corroborando nosso entendimento, veja o leitor o que dizem os evangelhos:

Mateus 4,16-17: *“Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele; e eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”* (grifo nosso)

Marcos 1,9-11: *“E aconteceu naqueles dias que veio*

171 KERSTEN, 1988, p. 85.

172 KERSTEN e GRUBER, 1995(?), p. 28.

173 ARIAS, 2001, p. 112.

*Jesus de Nazaré da Galileia, e foi batizado por João no Jordão. E logo, quando saía da água, **viu os céus se abrirem, e o Espírito, qual pomba, a descer sobre ele**; e ouviu-se dos céus esta voz: Tu és meu Filho amado; em ti me comprazo.”* (grifo nosso)

Lucas 3,21-22: *“Quando todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a orar, o céu se abriu; e **o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba**; e ouviu-se do céu esta voz: Tu és o meu Filho amado; em ti me comprazo.”* (grifo nosso)

João 1,32: *“E João deu testemunho, dizendo: **Vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre ele.**”* (grifo nosso)

Interessante é a divergência; afinal, o que se viu: o Espírito Santo de Deus, o Espírito Santo ou simplesmente o Espírito? E como será que desceu sobre ele? Vejamos o que Bart D. Ehrman nos diz: “Ver, por exemplo, Marcos 1:10. Em grego, o versículo diz literalmente que o Espírito desceu '**para dentro**' de Jesus.” ⁽¹⁷⁴⁾ (grifo nosso)

Ora, se o Espírito desceu para dentro de Jesus, caso seja esse espírito o Espírito Santo, então, pode-se concluir que os dois (Jesus e o Espírito Santo) são distintos um do outro. E mais que o Espírito Santo é maior do que Jesus, porquanto, somente após a “descida” desse espírito sobre Ele é que o Nazareno inicia a sua pregação ao povo, desempenhando a sua missão de Messias, após o caminho endireitado por João Batista (Mateus 3,3) ou seja, depois de estar sob a ação do Espírito Santo. Isso será confirmado em Mateus 12,31-32, que

174 EHRMAN, 2008, p. 374.

analisaremos um pouco mais à frente.

Mateus 9,6-8: *“Pois bem, para que vocês saibam que o **Filho do Homem** tem poder na terra para perdoar pecados – então disse Jesus ao paralítico: Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa’. O paralítico então se levantou, e foi para a sua casa. Vendo isso, a multidão ficou com medo e **louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens.**”* (grifo nosso)

A expressão “Filho do Homem” é, inúmeras vezes, encontrada: (doze vezes em Mateus, treze vezes em Marcos, vinte e seis vezes em Lucas e doze vezes em João). Foi usada por Jesus para se colocar como um homem e não como o próprio Deus; fato que também pode ser observado, quando, após curar esse paralítico, a multidão louvou a Deus por ter dado tal poder aos homens, ou seja, com isso estavam se referindo a Jesus como homem; portanto, é certo que o tinham mesmo nessa condição, não como sendo o próprio Deus.

Mateus 11,27: *“**Todas as coisas me foram entregues por meu Pai**; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.”* (grifo nosso)

Caso Jesus se considerasse Deus não havia razão para Ele dizer que recebera todas as coisas do Pai, porquanto, já as tinha por si mesmo.

Mateus 12,31-32: *“É por isso que eu digo a vocês: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Quem disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado. Mas quem **disser algo contra o Espírito***

Santo, nunca será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo que há de vir.” (grifo nosso)

Ora, se toda blasfêmia contra o Filho do Homem será perdoada e a contra o Espírito Santo nunca será, a conclusão, que depreendemos disso, é que ele, o Espírito Santo, é superior ao Filho do Homem, além de não ser Jesus. Então, a igualdade na Trindade, propalada pelos que nela creem, não existe. Se não existe, conseqüentemente, Jesus, não podendo ser o Espírito Santo, muito menos poderá ser Deus.

Mateus 12,48-49: “Ele, porém, respondeu ao que lhe falava: Quem é minha mãe? e quem são meus irmãos? ·E, estendendo a mão para os seus discípulos disse: **Eis aqui** minha mãe e **meus irmãos**.” (grifo nosso)

Mateus 25,34-40: “Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.·E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que **o fizestes a um destes meus irmãos**, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.” (grifo nosso)

Mateus 28,9-10: “E eis que Jesus lhes veio ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe

os pés, e o adoraram. Então lhes disse Jesus: Não temais; ide dizer **a meus irmãos** que vão para a Galileia; ali me verão.” (fato ocorrido depois de sua ressurreição). (grifo nosso)

João 10,17: “Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas **vai a meus irmãos** e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.” (grifo nosso)

Ao tratar a todos, povo e discípulos, como irmãos, Jesus, seguramente, o faz por ter a si mesmo nessa condição; não numa infinitamente mais elevada, que seria aquela se Ele fosse a própria divindade. E, numa outra oportunidade, afirmou: “Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim, esse também **fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o Pai;**” (João 14,12). Ora, disso não podemos concluir outra coisa senão que Jesus se igualou a todos nós, a não ser que tenhamos o que aqui está dito como inverídico.

Mateus 14,23: “Tendo-as despedido, subiu ao monte para **orar** à parte. Ao anoitecer, estava ali sozinho.” (grifo nosso)

Mateus 26,36: “Então foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmane, e disse aos discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto eu vou ali **orar**.” (grifo nosso)

Mateus 26,39: “E adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e **orou**, dizendo: **Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice;** todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (grifo nosso)

Mateus 26,44: “Deixando-os novamente, foi **orar** terceira vez, repetindo as mesmas palavras.” (grifo

nosso)

Lucas 3,21: *“Quando todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a **orar**, o céu se abriu.”* (grifo nosso)

Lucas 6,12: *“Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar; e passou a noite toda em **oração** a Deus.”* (grifo nosso)

Lucas 9,28: *“Cerca de oito dias depois de ter proferido essas palavras, tomou Jesus consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte para **orar**.”* (grifo nosso)

Mantendo-se a crença de que Jesus é Deus, julgamos totalmente fora de propósito Ele orar para si mesmo; tal coisa, por tão absurda, fere-nos a razão. Até onde sabemos somente os mortais comuns oram a Deus. E, inclusive, num desses momentos, Jesus pede a Deus para afastar dele o cálice, fraqueza não condizente com a sua condição de Espírito puro, mensageiro divino; pior ainda se ele fosse mesmo Deus.

Mateus 16,13-14: *“Tendo chegado à região de Cesareia de Filipe, Jesus perguntou aos discípulos: ‘Quem dizem por aí as pessoas que é o filho do homem?’ Responderam: ‘Umam dizem que é João Batista, outras que é Elias, outras enfim, que é Jeremias ou algum dos **profetas**’.”* (grifo nosso)

Mateus 26,67-68: *“Então, cuspiram no seu rosto e cobriram-no de socos. Outros lhe davam bordoadas. E lhe diziam: ‘Mostra que és **profeta**, ó Cristo, advinha quem foi que te bateu?’”* (grifo nosso)

João 7,40: *“Muitos daquela gente que tinham ouvido essas palavras de Jesus afirmavam: ‘Verdadeiramente ele é o **profeta**’.”* (grifo nosso)

João 9,17: *“Perguntaram ainda ao cego: ‘Qual é a tua opinião a respeito de quem te abriu os olhos?’ Respondeu: ‘É um **profeta**’.”* (grifo nosso)

Lucas 24,19: *“[...] Jesus de Nazaré foi um **profeta**, poderoso em obras e palavras diante de Deus e do povo.”* (grifo nosso)

Atos 2,22: *“Homens de Israel, escutai o que digo: ‘Jesus de Nazaré foi **o homem credenciado por Deus** junto a nós com poderes extraordinários, milagres e prodígios. Bem sabeis as coisas que Deus realizou através dele no meio de vós’.”* (grifo nosso)

Por esses passos temos, seguramente, que o povo e os discípulos pensavam ser Jesus um profeta e não o próprio Deus; porém, não é só isso: Ele mesmo assim se qualificava; senão vejamos:

Lucas 13,33: *“Entretanto devo continuar meu caminho hoje, amanhã e no dia seguinte, porque não convém que um **profeta** morra fora de Jerusalém.”* (grifo nosso)

Marcos 6,4-5: *“Mas **Jesus** lhes dizia: ‘Um **profeta** só deixa de ser honrado em sua pátria, em sua casa e entre seus parentes. E **não podia ali fazer milagre algum**’.”* (grifo nosso)

Observamos, assim, que tanto o povo como os seus discípulos acreditavam que Jesus era um profeta, o que aqui, nesses passos, está sendo confirmado pelo próprio Mestre. Na passagem que se segue também veremos como o tinham.

Mateus 17,1-6: *“Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes*

*tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: 'Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, **farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias**'. Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Os discípulos, ouvindo isso, caíram com o rosto em terra, e ficaram grandemente atemorizados."* (grifo nosso)

Percebemos que Pedro, ao sugerir a construção de três cabanas ⁽¹⁷⁵⁾, uma para cada um dos personagens - Jesus, Moisés e Elias -, o faz porque tem os três no mesmo nível, ou seja, estabeleceu uma igualdade entre eles; via de consequência, tomou Jesus como um profeta, tal e qual os outros dois foram, sem qualquer tipo de privilégio, como aconteceria caso o visse como Deus.

*Mateus 20,20-23: "Aproximou-se dele, então, a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, ajoelhando-se e fazendo-lhe um pedido. Perguntou-lhe Jesus: 'Que queres?' Ela lhe respondeu: 'Concede que estes meus dois filhos se sentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino'. Jesus, porém, replicou: 'Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que eu estou para beber?' Responderam-lhe: 'Podemos'. Então lhes disse: 'O meu cálice certamente haveis de beber; **mas o sentar-se à minha direita e à minha esquerda, não me pertence concedê-lo; mas isso é para aqueles para quem está preparado por meu Pai**'."* (grifo nosso)

175 Algumas traduções trazem tendas, que significa, abrigos rústicos para residência temporária. (Bíblia Anotada, p. 1209).

Certamente que, se houvesse igualdade entre Jesus e Deus, Ele mesmo poderia ter atendido ao pedido da mãe dos filhos de Zebedeu; porém, não o fez e foi logo dizendo que somente o Pai poderia fazê-lo. Portanto, não há como aceitar que Jesus seja Deus, usando-se de seus próprios argumentos.

Mateus 24,30-36: ***“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande clangor de trombeta, os quais lhe ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, da figueira a sua parábola: Quando já o seu ramo se torna tenro e brota folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, mesmo às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão. **Daquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão só o Pai.**”*** (grifo nosso)

Se encontramos alguma coisa que Jesus, o filho, não sabe, somente o Pai é que tem conhecimento, não há razão para supô-los uma só personalidade. Será que o Pai tem segredos para Jesus ou existem coisas que estariam acima do conhecimento deste? Qualquer que seja a resposta, dela nós só podemos concluir que nem tudo o filho sabe; portanto, diante disso, Jesus não pode ser Deus.

Mateus 27,46: ***“Cerca da hora nona, bradou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, **Deus meu, por que me desamparaste?**”*** (grifo nosso)

Totalmente fora de propósito, caso Jesus fosse Deus, Ele clamar a si próprio (Deus) por tê-Lo desamparado. Aliás, em outra oportunidade, Ele disse “*meu Pai, vosso pai, meu Deus, vosso Deus*” (João 20,17); portanto, reforçando sua condição de igualdade para conosco, uma vez que Ele não se coloca nem mesmo como alguém superior a qualquer um de nós, como também como sendo Deus. Por sua elevação moral, pode, nesse sentido, ser considerado superior, pois é um Espírito puro que nos foi enviado por Deus, para regenerar a humanidade.

Mateus 28,2: “*E eis que houvera um grande terremoto; pois um **anjo** do Senhor descera do céu e, chegando-se, **removera a pedra** e estava sentado sobre ela.*” (grifo nosso)

Na intimidade, ficamos confabulando com “os meus botões” sobre os grandes prodígios atribuídos a Deus, tais como criar o Universo, mandar chover para inundar a Terra de água, confundir a língua dos terráqueos, abrir o Mar Vermelho em duas muralhas, parar o Sol para aumentar as horas do dia, fazer chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra, derrubar as muralhas de Jericó, entre outros feitos extraordinários narrados na Bíblia, como não pôde mover uma simples pedra que fechava seu túmulo, foi preciso que um anjo, uma insignificante de suas criaturas, o fizesse? Diria um homem precavido: “Sei não, mas esse aí, que colocaram no túmulo, não poderia ser Deus”.

Marcos 1,24: “*Que temos nós contigo, Jesus, nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: **o Santo de Deus.***” (grifo nosso)

Tomando-se como verdadeira essa passagem, estaremos diante de uma situação bem embaraçosa, pois satanás, aquele que dizem ter sido expulso do céu, identifica Jesus como o Santo de Deus e não o próprio. Essa informação é importante, uma vez que ele, satanás, sendo um dos filhos de Deus, que vivia no reino dos céus (Jó 1,6), conhecia pessoalmente a Deus, vamos assim dizer, então, como atribuiu a Jesus outra condição? Diante do que se coloca aqui, não nos cabe aceitar Jesus como sendo mesmo o próprio Deus.

Marcos 10,18: *“Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? **ninguém é bom, senão um que é Deus.**”* (grifo nosso)

Se Jesus não aceita o epíteto de bom, porquanto, segundo sua maneira de pensar, isso só pode ser atribuído a Deus; assim, não há outra conclusão a chegar senão a de que Ele não se considerava como sendo o próprio Deus, por mais que queiram, via dogmatismo, colocá-Lo nessa condição.

Marcos 10,27: *“Jesus, fixando os olhos neles, respondeu: Para os homens é impossível, mas não para Deus; **porque para Deus tudo é possível.**”* (grifo nosso)

É a resposta dada por Jesus, quando foi questionado sobre quem poderia ser salvo. Seria mais lógico, caso fosse a divindade, Ele ter se incluído nessa afirmativa, quem sabe, dizendo: “porquê para mim tudo é possível”.

Marcos 12,26-27: *“Quanto aos mortos, porém, serem ressuscitados, não lestes no livro de Moisés, onde se fala da sarça, **como Deus lhe disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, ele***

não é Deus de mortos, mas de vivos. Estais em grande erro.” (grifo nosso)

Da mesma forma, que na situação anterior, aqui Ele deveria ter dito: “como eu já lhes disse: **eu** não sou Deus de mortos”.

Marcos 15,39: “*Ora, o centurião, que estava defronte dele, vendo-o assim expirar, disse: **Verdadeiramente este homem era filho de Deus.***” (grifo nosso)

Se o reconhecessem como Deus essa frase só teria sentido se estivesse dessa forma: “Verdadeiramente este homem era Deus”; até mesmo porque, devemos convir, satanás também é filho de Deus (Jó 1,6). Nesse caso, podemos até dizer que satanás seria filho de Jesus. Então como Jesus não o repreendeu como a um filho, quando ele O tentava no deserto?

Lucas 1,35: “*Respondeu-lhe o anjo: 'Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer **será chamado santo, Filho de Deus**.'*” (grifo nosso)

Será que o anjo se enganou, ou realmente toda a corte celeste tem Jesus como um homem? Portanto, se O chamavam de “santo, filho de Deus” isso não é tê-lo como o próprio Deus.

Quanto ao uso da expressão “filho de Deus”, o jornalista Pepe Rodríguez coloca o seguinte:

Jesus, apesar de saber que a expressão “Filho de Deus” tinha sido normalmente utilizada no Velho Testamento para designar figuras particularmente

importantes da história hebraica – como David, Salomão, outros reis hebreus, o próprio Adão e os “filhos de Israel” –, **em nenhuma passagem se refere a si próprio como filho de Deus** ⁽¹⁷⁶⁾, **preferindo utilizar a expressão “Filho do homem”**, um termo utilizado por Daniel (Dan 7,13) e que, em aramaico, significa simplesmente “homem”, “ser humano” e nada mais. Procurar dar-lhe um outro qualquer significado não passa de um exercício próprio de uma imaginação febril. ⁽¹⁷⁷⁾ (grifo nosso)

Baseando-nos no título da obra de Rodríguez, da qual transcrevemos esse texto, diremos que a elevação de Jesus ao status de um deus faz parte das “Mentiras fundamentais da Igreja Católica”.

Lucas 2,40: *“E o menino ia crescendo e fortalecendo-se, ficando cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.”* (grifo nosso)

Essa narrativa é uma das poucas referências à infância de Jesus. Nela não vemos sentido dizer que a graça de Deus estava sobre Ele, caso fosse o próprio Deus, uma vez que, para

176 6. **A única exceção encontramos-la em Jo 6,32-45:** “Moisés não vos deu o pão do céu; é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu; porque o pão de Deus é o que baixou do céu e dá vida ao mundo. [...] Eu sou o pão da vida; o que vem a mim deixará de ter fome, e o que crê em mim jamais sentirá sede, [...] todo aquele que o Pai me dá vem a mim, e aquele que vem a mim não o deitarei fora, porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. [...] Porque esta é a vontade de meu Pai, que todo aquele que vê o Filho e crê n'Ele recebe a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. [...] Todo aquele que escuta o meu Pai e recebe o seu ensinamento, vem a mim...” Porém, como mostrámos no seu devido momento, **o texto do Evangelho de João, escrito pelo grego João, o Ancião, em princípios do século II, revela um Jesus absolutamente deformado, que fala com uma prepotência descarada, contrariamente à humildade que o caracteriza nos relatos dos três sinópticos.** Por exemplo, em Mc 10,18, deparamos com um Jesus que diz: “Porque me chamas bom? Ninguém, a não ser Deus, é

se chegar a essa conclusão, teria que ser afirmado algo mais ou menos assim: “a graça de Deus era ele”.

Lucas 3,23: *“Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou sua atividade pública. E, conforme se pensava, **ele era filho de José, [...].”*** (grifo nosso)

Será que até aos trinta anos de vida, Jesus não foi considerado, pelos de Sua época, como sendo Deus, deixando-se para fazê-lo depois? Ou será que O tornaram Deus posteriormente? Ficamos com a segunda hipótese.

João 1,1-14: *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio como testemunha, a fim de dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo. Estava ele no mundo, e **o mundo foi feito por intermédio dele**, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; os quais não nasceram do sangue, nem*

bom”. Por outro lado, o Jesus do Evangelho de João fala de uma maneira azeda com os outros judeus e as suas afirmações soam a absurdas na boca de um judeu, quando tudo o que sabemos sobre ele é que foi um judeu. **Esta autodesignação como filho de Deus não merece, pois, qualquer crédito, em termos históricos, além de nela ser claramente evidente a influência da filosofia platônica.** Como se sabe, foi no contexto dessa filosofia que se desenvolveu a cristologia tal como a conhecemos hoje.

*da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus. **E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai.***" (grifo nosso)

Certamente, que Jesus sendo o Verbo de Deus, ou seja, aquele por quem Deus envia a Sua mensagem à humanidade, ao encarnar-se como ser humano, podemos considerar o Verbo se fazendo carne. Entretanto, o que não podemos fazer, por falta de lógica, é admitir que Jesus seja o próprio Deus encarnado, uma vez que se Deus não cabe num templo, com muito maior razão, não caberia num corpo humano, templo do Espírito. Salomão, com sua sabedoria, percebeu que: *"Mas, na verdade, **habitaria Deus na terra? Eis que o céu, e até o céu dos céus, não te podem conter; quanto mais esta casa que edifiquei!**"* (1 Reis 8,27), ou seja, nem mesmo na Terra é admitido que Deus caiba, o que perfeitamente podemos entender, por se tratar de um ser infinito.

E, quanto ao versículo 14, que diz *"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós"*, encontramos a seguinte explicação: "Esta expressão **entre nós** não é fiel ao original, que é **em nós** (do grego *em hemin*; e do latim *in nobis*, como está na Vulgata). ⁽¹⁷⁸⁾ (grifo nosso)

No Site Bíblia Católica ⁽¹⁷⁹⁾ confirmamos que, de fato, em grego e latim, consta da forma aqui mencionada. O interessante é que isso muda completamente o sentido da frase, pois se o Verbo está **em nós**, é, certamente, a centelha

178 CHAVES, 2006, p. 136.

179 Link: <http://www.bibliacatolica.com.br/>

divina que todos nós possuímos, não se pode dizer que somente Jesus a tenha.

O filósofo, educador e teólogo Huberto Rohden manifestou sua opinião sobre isso da seguinte forma:

Que é o Cristo, o Ungido, que os antigos hebreus chamavam Messias, o Enviado?

O quarto Evangelho designa o Cristo com a palavra *Logos*, começando o texto com estas palavras:

“No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus”.

A palavra grega Logos é muito anterior à Era Cristã. **Os filósofos antigos de Alexandria e de Atenas, sobretudo, Heráclito de Éfeso, designavam com Logos o espírito de Deus manifestado no Universo.** Logos seria, pois, o Deus imanente, em oposição à Divindade transcendente, que não é objeto de nosso conhecimento.

A Vulgata Latina traduz Logos por Verbo: “No princípio era o Verbo...”

Logos, Verbo, Cristo são idênticos e designam a atuação da Divindade Creadora, a manifestação individual da Divindade universal.

Neste sentido, o Cristo é Deus, mas não é a Divindade. E neste sentido diz ele aos Homens: “Vós sois deuses”; os homens são manifestações individuais da Divindade Universal. A primeira e mais perfeita das manifestações da Divindade Universal, no Universo, é o Cristo, o Verbo, o Logos, que Paulo de Tarso chama acertadamente "o primogênito de todas as criaturas" do Universo.

O Cristo é anterior à criação do mundo material. **Ele é “o Primogênito de todas as criaturas”.** O Cristo

não é creatura humana, mas a mais antiga individualidade cósmica, que, antes do princípio do mundo, emanou da Divindade Universal.

O Cristo é Deus, mas não é a Divindade, que Jesus designa com o nome Pai: “Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu”.

Deus, na linguagem de Jesus, significa uma emanção individual da Divindade universal.

A confusão tradicional entre Deus e Divindade tem dado ensejo a intermináveis controvérsias entre os teólogos. Mas o texto do Evangelho é claro: o Cristo afirmou ser Deus, mas nunca afirmou ser ele a própria Divindade. ⁽¹⁸⁰⁾ (grifo nosso)

Portanto, temos aí, por esse renomado teólogo ex-padre jesuíta, a confirmação de que Jesus não é Deus, com base nessa passagem de João.

Encontramos, em nossa pesquisa, uma informação que será desconcertante para os que acreditam na divindade de Jesus, tomando-se esse trecho de João sobre o Verbo, porquanto ela nos induz a concluir que o passo em questão tem grande possibilidade de tratar-se de um plágio do livro Rig-Veda da Índia, no qual consta este verso: “No princípio era Brahman, com quem estava o Verbo, e o Verbo é Brahman” (traduzindo-se a palavra “Vak” do sânscrito como “Verbo”). ⁽¹⁸¹⁾

Por outro lado, vemos a afirmativa de que Jesus é Filho unigênito, e João repete isso por mais quatro vezes (João 1,18; 3,16,18; 1 João 4,9), enquanto em outras passagens se diz ser

180 ROHDEN, 1996, p. 23-25.

181 LEWIS, 2008, p. 45.

ele primogênito, estabelecendo um conflito, pois não se pode atribuir a uma mesma pessoa simultaneamente essas duas condições. Leiamos os passos:

Romanos 8,28-29: *“E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também **os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho**, a fim de que ele seja o **primogênito entre muitos irmãos.**”* (grifo nosso)

Colossenses 1,12-15: *“dando graças ao Pai que vos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz, e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do **seu Filho amado**; em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados; o qual é imagem do Deus invisível, o **primogênito** de toda a criação.”* (grifo nosso)

As afirmativas de que Jesus foi *“o primogênito entre muitos irmãos”* e *“o primogênito de toda a criação”* é um golpe mortal na crença de que Ele seja Deus, especialmente, aos que querem usar a razão e a lógica como base de sua análise.

Rohden, provavelmente tomando dessas duas falas de Paulo, argumenta bem claro:

Quando Paulo de Tarso diz que o Cristo é o primogênito de todas as criaturas, supõe ele que o Cristo seja criatura, e não o Creador, e toda criatura é evolvível, de perfeição elástica, aumentável. Nenhuma criatura pode coincidir com o Creador. ⁽¹⁸²⁾ (grifo nosso)

Outro autor bíblico que colocou Jesus como primogênito foi o de Hebreus:

Hebreus 1,1-6: *“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, **nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho**, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo; **sendo ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu Ser**, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo ele mesmo feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas, **feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles**. Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E outra vez, ao introduzir no mundo **o primogênito**, diz: E **todos os anjos de Deus o adorem**.”* (grifo nosso)

Nesse passo, percebe-se que, para o autor, Jesus é superior aos anjos, os filhos de Deus (João 1,6) que, como sabemos, são Espíritos humanos desencarnados; certamente, por sua condição de Espírito puro, não se poderia dizer outra coisa dele.

Ao que nos parece, ele não fez confusão alguma no sentido de tomar Jesus como sendo Deus; ele O vê como manifestação da divindade, coisa bem diferente daquilo que alguns autores querem fazer-nos crer; porém, uma coisa não se definiu claramente, pois, nesse passo, ele situa Jesus acima dos anjos, no que se segue, já faz justamente o contrário: colocando-O abaixo dos anjos:

Hebreus 2,7-9: **“Fizeste-o um pouco menor que os**

anjos, de glória e de honra o coroaste, todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que não lhe fosse sujeito. Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele; **vemos, porém, aquele que foi feito um pouco menor que os anjos, Jesus**, coroado de glória e honra, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos.” (grifo nosso)

É uma visão bem interessante, que, segundo acreditamos, contradiz o que se dogmatizou a respeito de Cristo, entronizando-O como a segunda pessoa da Trindade.

João 1,15: “João deu testemunho dele, e clamou, dizendo: Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim; **porque antes de mim ele já existia.**” (grifo nosso)

João 8,58: “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que **antes que Abraão existisse, eu sou.**” (grifo nosso)

Colossenses 1,17: “**Ele existe antes de todas as coisas**, e tudo nele subsiste.” (grifo nosso)

Não compreendendo que todos os Espíritos preexistem, tomaram essa afirmativa sobre Jesus para sustentar a condição dele ser o próprio Deus. Certo estava o amigo de Jó ao dizer, embora em outro contexto, que “somos de ontem e nada sabemos” (Jó 8,9); mas, infelizmente, até o momento, isso não foi compreendido pelos teólogos, que não se deram conta do seguinte:

Disso ressalta um outro ensinamento de uma alta gravidade. **Não se admitindo que a alma já viveu**, é

necessário, de toda a necessidade, **que ela seja criada no momento da formação** e para uso de cada corpo; **de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem**, e, na maior parte do tempo, o resultado do deboche. [...]. ⁽¹⁸³⁾
(grifo nosso)

Já, por muitas vezes, vimos pessoas usando o “eu sou” citado por João, para divinizar Jesus, ao estabelecerem uma relação dessa afirmativa com o que foi dito em Êxodo 3,14: “[...] *Assim dirás aos olhos de Israel: EU SOU me enviou a vós*”. O que não fazem para chegar ao que querem?... Na verdade quanto ao “eu sou” da frase de João trata-se do verbo existir, ou seja, Jesus está afirmando que ele existia antes de Abraão, nada mais que isso. Simples, de ver isso: se em Êxodo, em vez de “eu sou”, estivesse um dos nomes atribuídos a Deus, a fala ficaria: “Assim dirás aos olhos de Israel Jeová me enviou a vós”. Façamos a mesma coisa na frase de João: “[...] antes que Abraão existisse, Jeová”, ou seja, não tem cabimento, pois a frase ficará totalmente sem sentido, enquanto, que se entendermos o “eu sou” como “eu já existia”, isso perfeitamente se encaixa para se compreender o que foi dito. Além disso, em João 14,10-11 Jesus afirma que “**eu estou no Pai, e que o Pai está em mim**”, ou seja, estar no Pai não é a mesma coisa que ser o pai e, por sua vez, o Pai está em mim, não significa dizer o Pai sou eu.

Encontramos uma versão bem interessante para essa passagem de Êxodo: “*Eu sou o Ser. Assim dirás aos filhos de*

183 KARDEC, 1993f, p. 188.

Israel: O Ser me enviou até a vós." (184), que, acreditarmos, dá uma tradução mais lógica ao passo.

Uma vez que citamos Paulo (Colossenses 1,17), é oportuno vermos também o que Pepe Rodríguez diz sobre ele:

Paulo deixou, no entanto, uma outra marca na doutrina, uma marca mais essencial e original que as precedentes. Estamos a referir-nos à preexistência de Cristo e ao seu papel fundamental após a ressurreição. **Paulo não concebia Jesus como um deus encarnado, e ainda menos como a segunda pessoa da Santíssima Trindade.** Para ele, o Jesus da Ascensão era o "Filho do homem" dos místicos judeus. Segundo o ramo do ocultismo judeu, conhecido por *Maaseh Bereshit* – em que Paulo fora iniciado e que procurava saber, a partir da leitura do Génesis, como tinha sido criado o homem –, Deus criou o Homem Celestial à sua imagem, como Arquétipo (Filho do homem), e foi à imagem deste que Adão foi formado. Paulo integrou perfeitamente esta crença e adaptou-a ao seu objetivo, postulando que o Homem Celestial ou "Messias do Alto" encarnara em Jesus, o "Messias de Baixo", transformando-o, assim, num Segundo Adão. (185).

Por outras palavras, a origem do contributo determinante de Paulo para a cristologia radica em determinadas crenças do ocultismo rabínico, crenças que lhe eram caras desde a juventude e que não só se adaptaram perfeitamente à sua personalidade peculiar,

184 ASCH, 1958, p. 115.

185 N.T.: É essa problemática que Paulo se refere quando, por exemplo, escreve; "Razão por que está escrito: 'O primeiro homem, Adão, foi um ser psíquico dotado de vida'; o último Adão é um espírito que dá vida" (ICor 15,45). Descrições e desenvolvimentos similares encontram-se igualmente noutras epístolas enviadas por Paulo às comunidades da Ásia, aos Filipenses e aos Colossenses.

como lhe fortaleciam a convicção de ser um eleito divino. “**O Cristo de Paulo**”, conclui Schonfield no seu estudo ⁽¹⁸⁶⁾, “**não é Deus, mas sim a primeira criação de Deus. Na concepção de Paulo, não há lugar para qualquer fórmula trinitária do credo de Anastásio, nem para a outra doutrina por este defendida e segundo a qual o Filho foi ‘não feito, nem criado, mas gerado’**”. [...]. ⁽¹⁸⁷⁾ (grifo nosso).

Vê-se, portanto, que não há espaço para nos basearmos em Paulo visando elevar Jesus à categoria de um deus.

João 4,34: “Disse-lhes Jesus: ‘A minha comida é **fazer a vontade daquele que me enviou**, e completar a sua obra’.” (grifo nosso)

João 5,30: “**Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma**; como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não **procuro** a minha vontade, mas **a vontade daquele que me enviou**.” (grifo nosso)

João 6,38: “Porque **eu desci do céu**, não **para fazer a minha vontade**, mas **a vontade daquele que me enviou**.” (grifo nosso)

Fica clara a condição de Jesus ser subordinado a Deus, vindo ao mundo pela vontade Dele, para cumprir determinada missão; por conseguinte, não temos como não vê-Lo como alguém que é inferior a Deus, embora, bilhões e bilhões de vezes moralmente superior a qualquer um de nós, seres humanos normais.

João 5,43: “**Eu vim em nome de meu Pai**, e não me

186 N.T.: Cf. Schonfield, H. J. (1987), *Jesús ¿Mesías o Dios?*, Martínez Roca, Barcelona, pp. 188-193.

187 RODRÍGUEZ, 2007, p. 86-87.

recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis.” (grifo nosso)

João 8,38: “Eu falo do que **vi junto de meu Pai**; e vós fazeis o que também ouvistes de vosso pai.” (grifo nosso)

João 10,18: “Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. **Este mandamento recebi de meu Pai.**” (grifo nosso)

João 10,29: “**Meu Pai**, que mas deu, **é maior do que todos**; e ninguém pode arrebata-las da mão de **meu Pai.**” (grifo nosso)

João 14,21: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de **meu Pai**, e eu o amarei, e me manifestarei a ele.” (grifo nosso)

João 14,23: “Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me amar, guardará a minha palavra; e **meu Pai** o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada.” (grifo nosso)

João 15,10: “Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que **eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai**, e permaneço no seu amor.” (grifo nosso)

João 15,15: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque **tudo quanto ouvi de meu Pai** vos dei a conhecer.” (grifo nosso)

João 15,23-24: “Aquele que me odeia a mim, odeia também a **meu Pai**. Se eu entre eles não tivesse feito tais obras, quais nenhum outro fez, não teriam pecado; mas agora, não somente viram, mas também odiaram tanto a mim como a **meu Pai.**” (grifo nosso)

Ninguém chama a si mesmo de “meu Pai”, a não ser que esteja completamente fora do juízo. Até onde sabemos, não existe nenhuma lei natural que possa fazer alguém ser pai de si mesmo; portanto, aqui temos claramente a distinção entre Jesus e Deus. E não há desculpa de “mistério” que possa resolver essa questão.

João 8,54: *“Respondeu Jesus: 'Se eu me glorificar a mim mesmo, a minha glória não é nada; **quem me glorifica é meu Pai, do qual vós dizeis que é o vosso Deus**'.”* (grifo nosso)

João 20,17: *“Disse-lhe Jesus: 'Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para **meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus**'.”* (grifo nosso)

Verifica-se que Jesus se coloca exatamente na mesma condição que todos nós, pois se o Pai/Deus dele é o mesmo que o nosso, não podemos qualificá-Lo como sendo o próprio Deus, porquanto, dizer o contrário é não ser coerente com o que aqui Ele diz.

João 10,25: *“Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. **As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim**.”* (grifo nosso)

O correto seria dizer “as obras que eu faço, faço em meu nome”, caso Jesus se considerasse o próprio Deus.

João 10,30: *“**Eu e o Pai somos um**.”* (grifo nosso)

João 14,20: *“Naquele dia conhecereis que **estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós**.”* (grifo nosso)

João 17,22: *“E eu lhes dei a glória que a mim me deste,*

para que sejam um, como nós somos um.” (grifo nosso)

A primeira dessas passagens é a que é mais usada para sustentar a divindade de Jesus. O que não se faz para manter um dogma, pois aqui, de uma metáfora, fizeram uma realidade. Quando um padre diz ao casal, que abençoa, “agora vocês formam um só corpo”, tomando como base “*o homem... se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne*” (Gênesis 2,24), devemos entender pelo sentido metafórico ou como coisa real? Da mesma forma, também não poderemos pegar o “*Eu e o Pai somos um*” a não ser no sentido figurado. E, tanto é verdade, que o que se diz em João 17,22 derruba aquilo que tomaram como verídico; inclusive, para serem coerentes teriam que tomá-lo também no mesmo sentido de João 10,30, mas não é isso o que fazem.

Caso Jesus quisesse que entendêssemos alguma igualdade, certamente teria dito algo mais ou menos assim: “Eu e o Pai somos a mesma pessoa”; fala bem explícita, de modo a não deixar qualquer possibilidade de dúvidas. Aliás, o que estamos vendo é que dezenas de passagens nos apontam para o fato de que Jesus não é Deus, enquanto com apenas uma “meia-dúzia de seis”, num linguajar popular, tentam nos contradizer, tomando de uma interpretação ortodoxa, que visa apenas sustentar dogmas impostos a ferro e fogo.

Recorramos novamente ao teólogo Rohden, que se manifestou da seguinte forma:

A visão de Jesus é inteiramente monista, e não

monoteísta; para ele, há uma única Essência, que ele chama Pai, a qual se manifesta em muitas existências, ou criaturas. Depois de afirmar "Eu e o Pai somos um", acrescenta ele "mas o Pai é maior do que eu", **como se dissesse: Eu, o Cristo, estou na Divindade mas não sou a Divindade; a Divindade é infinitamente maior do que eu.** Ou então, em terminologia filosófica: Eu, a existência individual, sou uma manifestação da Essência Universal, que é maior que qualquer existência; vós também, meus discípulos, sois existências individuais, manifestações da Essência única da Divindade.

A manifestação individual da Divindade Universal é por ele chamada Deus. **Quando foi acusado de se dizer Deus, não o negou, e acrescentou que também os homens eram Deus, isto é, manifestações individuais da Divindade Universal: "Vós também sois deuses"**.

Quando o Cristo se diz Deus, **afirma ele que é uma manifestação individual da Divindade, mas não faz de si uma parcela ou pessoa da Divindade**, como não faz dos homens parcelas ou pessoas da Divindade. Nenhuma criatura é parcela ou centelha da Divindade, como querem os poetas; se a Divindade se parcelasse, ela se diminuiria na razão direta do seu parcelamento.

As criaturas são apenas manifestações da Divindade, ou existencializações múltiplas da Essência una e única. ⁽¹⁸⁸⁾ (grifo nosso).

E em *Jesus Nazareno*, Rohden, volta ao assunto, desta vez dizendo:

Há quase vinte séculos que a cristandade se agita em controvérsias sobre a questão se Cristo é Deus ou não, confundindo Deus com Divindade.

188 ROHDEN, 1996, p. 60-61.

Jesus faz ver aos seus adversários que ele, como a mais alta emanção individual (Deus) da Divindade não é escravo, mas Senhor do sábado, e não tem de obedecer a leis humanas.

Em todo esse diálogo com seus ouvintes, afirma Jesus que o seu Cristo é Deus, mas que o Pai, que é a Divindade, é maior do que ele, o Cristo, a primeira e mais alta emanção individual da Divindade Universal. Entretanto, como os ouvintes não sabiam distinguir entre Deus e Divindade (Pai), compreendem mal as palavras de Jesus. Ele, porém, continua a afirmar que está na Divindade e a Divindade está nele, embora a Divindade seja maior do que ele. Acrescenta que a Divindade também está em todos os homens, e todos os homens estão na Divindade, por isto, todo homem é Deus, uma emanção individual da Divindade, embora nenhum homem seja a própria Divindade Universal.

Para ilustrar esta verdade, poderíamos fazer o seguinte paralelo. Um raio solar pode dizer: Eu e o Sol somos um; o Sol está em mim, e eu estou no Sol – mas o Sol é maior do que eu.

Esta imanência de Deus nas criaturas é chamada “panenteísmo” (tudo em Deus), que não é “panteísmo” (tudo é Deus).

A Divindade é a única Essência, que está imanente em todas as Existências. A Divindade é o Infinito, assim como a Essência única está em todas as Existências múltiplas. ⁽¹⁸⁹⁾

Rohden foi muito feliz em suas colocações; somente o fanatismo, que embota o raciocínio, impede de entendê-lo.

Ademais falta aos fanáticos um pouco mais de

189 ROHDEN, 2007, p. 103-104.

coerência, pois deveriam dar a outros textos a mesma linha de interpretação que dão a “*Eu e o pai somos um*” (Jo 10,30).
Vejam os passos:

Romanos 12,5: “*Assim nós, embora muitos, **somos um só corpo** em Cristo, e individualmente uns dos outros.*” (grifo nosso)

1 Coríntios 10,17: “*Pois nós, embora muitos, **somos um só pão, um só corpo**; porque todos participamos de um mesmo pão.*” (grifo nosso)

Gálatas 3,28: “*Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos **vós sois um** em Cristo Jesus.*” (grifo nosso)

Em nenhuma dessas falas de Paulo, poderemos dar uma interpretação literal, teremos, pois, por lógica e bom senso, tomá-las no sentido simbólico, tal e qual devemos aplicar à fala de Jesus em João (João 10,30).

Mais uma fala de Paulo:

Gálatas 2,19-20: “*Pois eu pela lei morri para a lei, a fim de viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas **Cristo vive em mim**; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.*” (grifo nosso)

Se o “Cristo vive em mim” então, podemos concluir que Paulo é o Cristo. Sabemos ser apelação, mas é exatamente isso que fazem a respeito de Jesus, quando querem tomá-lo à conta de ser o próprio Deus.

Acreditamos que as pessoas que creem na Trindade

tomam Jesus por Deus, baseando-se no “*Eu e o Pai somos um*”; entretanto, esse entendimento carece de lógica, pois, para também justificar o Espírito Santo como sendo Deus, não apresentam uma afirmativa como essa, no sentido de que o Espírito Santo e Deus também sejam um, ou mesmo uma semelhante, tal como: “Eu, o Pai e o Espírito Santo somos um”.

João 14,28: “*Ouvistes que eu vos disse: 'Vou, e voltarei a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque **o Pai é maior do que eu**'.*” (grifo nosso)

Não fosse a teimosia em querer sustentar suas crenças, essa passagem seria o “tiro de misericórdia” na questão de Jesus ser Deus, porquanto, ele aqui foi taxativo em afirmar que Deus é maior do que ele, e o que é maior, por questões de razão e lógica, não pode, simultaneamente, ser visto como se fosse uma igualdade. Aliás, dizer que formam uma única entidade, mas distintas ao mesmo tempo, já é, para nós, uma grande contradição.

João 15,1: “*Eu sou a videira verdadeira, e **meu Pai** é o viticultor.*” (grifo nosso)

Percebemos que se tem de fazer muito esforço exegético para querer sustentar a tese de que Jesus é Deus, porquanto, são inúmeras as passagens que nos apontam na direção contrária. O sentido metafórico aqui é claro, não podemos tomar um pelo outro, ou seja, Jesus como sendo o próprio Deus, pois a videira não pode ser tomada pelo cultivador, da qual é dono. Também, por lógica, não se deve tomar o filho com o pai, nem a coisa com o dono.

João 20,26-28: *“Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé com eles. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: ‘Paz seja convosco’. Depois disse a Tomé: ‘Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente’. Respondeu-lhe Tomé: ‘**Senhor meu, e Deus meu!**’.”* (grifo nosso)

Essa é mais uma das passagens utilizadas para sustentar que Jesus é Deus. Preferimos tomar de outra tradução a expressão final de Tomé: *“Meu Senhor e meu Deus!”*, para facilitar o entendimento. É algo que sempre acontece conosco no dia a dia, quando nos surge um acontecimento extraordinário e exclamamos: “Meu Deus”. Ou ao encontramos um amigo que não vemos de longa data, lhe dizer: “Meu Deus, você aqui!”. Certamente, que não queremos elevar ninguém à categoria da divindade; é apenas uma forma de falar, tal e qual, acreditamos, aconteceu com Tomé. Aliás, causa-nos espécie essa fala de Tomé só ter sido narrada apenas por um dos evangelistas, quando fato semelhante a esse em importância – ida de Jesus do Pretório ao Calvário –, foi narrado pelos quatro ⁽¹⁹⁰⁾.

Atos 2,22: *“Varões israelitas, escutai estas palavras: **A Jesus, o nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis.**”* (grifo nosso)

Certamente que a afirmativa de Pedro, que Jesus era um

190 Mateus 27,31-32; Marcos 15,20-21; Lucas 23,25-26 e João 19,16-17.

varão aprovado por Deus, está bem longe de se atribuir a Ele uma condição divina, porquanto, ser aprovado varão é uma coisa, ser Deus é outra completamente diferente.

Pepe Rodríguez, mencionando esse passo, assim explica a questão:

Os Actos dos Apóstolos atestam exactamente isso, ou seja, que a primitiva fé cristã distinguia cuidadosamente entre Deus e Cristo, como se vê, por exemplo, em Act 2,22, onde se diz:” Varões israelitas, escutai estas palavras: **Jesus de Nazaré, credenciado por Deus** a vossos olhos por seus milagres, prodígios e sinais que Deus fez por seu intermédio no meio de vós [...]”, ou em Act 7,55: “Ele [trata-se de Estêvão], cheio do Espírito Santo, olhou para o céu e viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus”. A invejável vista de Estêvão talvez não seja tão boa como parece, se a tomarmos por um dos recursos literários de que Lucas habitualmente se serve para introduzir nos seus textos *inspirados* dados alheios aos próprios factos. No caso vertente, esse dado é a famosa visão de Mc 16,19, que supõe Jesus “sentado à direita de Deus”. **É evidente, no entanto, que quer para Lucas como para Marcos, Deus e Jesus são duas entidades absolutamente separadas, diferentes e de natureza distinta.** ⁽¹⁹¹⁾ (grifo nosso).

Na opinião desse estudioso, em seu tempo, Jesus não era considerado Deus, isso foi coisa que aconteceu posteriormente, com o desenvolvimento do cristianismo, que muito abraçou das crenças pagãs.

Atos 3,13: “O **Deus** de Abraão, de Isaque e de Jacó, o

191 RODRÍGUEZ, 2007, p. 175;

*Deus de nossos pais, **glorificou a seu Servo Jesus**, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, quando este havia resolvido soltá-lo.”* (grifo nosso)

A afirmativa de Pedro é categórica quanto à situação de Jesus de ser um servo glorificado por Deus, não cabendo nenhuma outra interpretação que eleve Jesus à condição de ser o próprio Deus, numa encarnação humana.

*Atos 3,22: “Pois Moisés disse: 'Suscitar-vos-á o Senhor vosso Deus, **dentre vossos irmãos, um profeta semelhante a mim**; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser'.”* (grifo nosso)

*Atos 3,26: “**Deus suscitou a seu Servo**, e a vós primeiramente vo-lo enviou para que vos abençoasse, desviando-vos, a cada um, das vossas maldades.”* (grifo nosso)

Continuando seu discurso, Pedro relaciona Jesus a Moisés que, segundo acreditavam, havia feito uma profecia de que Deus iria enviar um profeta semelhante a ele (Deuteronômio 18,15); disse só temos uma alternativa: aceitar que Pedro e todos os outros discípulos tinham Jesus como um profeta; não como a encarnação de Deus.

Por outro lado, a crença dos judeus era que, segundo as profecias, Deus lhes enviaria um Messias (ungido); não que ele mesmo viria para restabelecer a sua aliança com o povo hebreu.

*Atos 4,27-31: “Porque verdadeiramente se ajuntaram, nesta cidade, contra o teu **santo Servo Jesus**, ao qual ungieste, não só Herodes, mas também Pôncio Pilatos*

*com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho predeterminaram que se fizesse. Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que falam com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para curar e para que se façam sinais e prodígios pelo nome de teu **santo Servo Jesus**. E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus.”* (grifo nosso)

Aí temos uma fala atribuída à comunidade cristã (v. 24), na qual se reafirma o que Pedro dissera a respeito de Jesus, tendo-o como um santo servo de Deus, o que nos indica ser essa a crença geral naquela época.

Atos 5,31: *“Sim, **Deus**, com a sua destra, **o elevou a Príncipe e Salvador**, para dar a Israel o arrependimento e remissão de pecados.”* (grifo nosso)

Ora, se Deus elevou Jesus à condição de Príncipe e Salvador é porque Ele estava numa situação inferior a essa, razão pela qual, não O podemos ter como Deus, pois isso implica em contradizer o que daí podemos entender.

Atos 9,22: *“Saulo, porém, se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco, **provando que Jesus era o Cristo**.”* (grifo nosso)

Se pela crença daquela época tinham Jesus como Deus, por que motivo Paulo não tentava provar isso, mas que Jesus era o Cristo? Cristo significa em grego ungido e em hebraico messias, portanto alguém subordinado à divindade e não ela própria.

Atos 10,36-38: “A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos) esta palavra, vós bem sabeis, foi proclamada por toda a Judeia, começando pela Galileia, depois do batismo que João pregou, concernente a **Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder**; o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo, **porque Deus era com ele.**” (grifo nosso)

O que aqui ocorre é semelhante ao passo anterior; portanto, se Deus ungiu a Jesus com “o Espírito Santo e com poder” é pelo fato de que Ele não gozava dessa condição, o que nos leva a acreditar que era inferior à nova situação; aquela depois de ungido e de ter recebido o poder.

Atos 10,42: “este nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o **que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos.**” (grifo nosso)

Dessa fala de Pedro temos que Jesus disse que Deus o havia constituído juiz, como só se outorga uma condição dessa a quem não a tem, esse é o motivo que não nos permite concluir que Jesus seja Deus; até mesmo porque, no sentido real, ninguém concede alguma coisa a ele mesmo.

Romanos 1,1-4: “Paulo, servo de **Jesus Cristo**, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, **e que com poder foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade**, pela ressurreição dentre os mortos - Jesus Cristo nosso Senhor.” (grifo nosso)

Aqui a coisa vai mais longe, pois, se Jesus foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, nós outros o que somos? Ainda mantemos a ideia dos dois comentários anteriores, pois Jesus foi declarado ser algo que antes não era; conseqüentemente, não temos como elevá-Lo a uma situação de ser Ele o próprio Deus.

Romanos 1,8: *“Primeiramente **dou graças ao meu Deus, mediante Jesus Cristo**, por todos vós, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé”.* (grifo nosso)

2 Coríntios 12,21: *“e que, quando for outra vez, o **meu Deus** me humilhe perante vós, e chore eu sobre muitos daqueles que dantes pecaram, e ainda não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.”* (grifo nosso)

Filipenses 1,2: *“Dou graças ao **meu Deus** todas as vezes que me lembro de vós.”* (grifo nosso)

Filipenses 4,19: *“**Meu Deus** suprirá todas as vossas necessidades segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus.”* (grifo nosso)

Filemon 1,4: *“Sempre dou graças ao **meu Deus**, lembrando-me de ti nas minhas orações.”* (grifo nosso)

Teria Paulo perdido essas oportunidades para afirmar que Jesus era Deus, ou definir Deus como sendo três pessoas? Acreditamos que não, porquanto, não era essa a concepção que faziam de Jesus àquela época, conforme está ficando cada vez mais claro nesse estudo.

Romaos 8,1-14: *“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do*

pecado e da morte. Porquanto o que era impossível à lei, visto que se achava fraca pela carne, Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado, para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Pois os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser; e os que estão na carne não podem agradar a Deus. **Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.** Ora, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita. Portanto, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne; porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.” (grifo nosso)

Na verdade, não encontramos nada nessa passagem; porém, como a vimos ser citada (o que consta em negrito) para justificar que Jesus é Deus, resolvemos colocá-la aqui. Mas é certo que o Espírito de Deus habita em nós; não fomos criados à sua semelhança? O sentido figurado não pode ser outro a não ser esse. E realmente, se uma pessoa não tem o Espírito de Cristo, ou seja, age como Ele agiu, não é dele, porquanto, não o

segue no exemplo.

Romanos 9,3-5: *“Porque eu mesmo desejaria ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; os quais são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, **Deus bendito eternamente. Amém.**”* (grifo nosso)

Muitas vezes deparamos com uma situação como essa; a de que a pontuação usada pelos tradutores pode nos levar a uma conclusão equivocada do que se está querendo dizer. Se no trecho final (v. 5) fosse dito: *“[...] e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas; Deus bendito eternamente. Amém”*, perceberíamos que o sentido da frase é diferente do que se poderia pensar que aqui estar-se-ia se dizendo que Jesus é Deus.

Quanto à questão da pontuação, é bom que se saiba:

[...] **Um dos problemas com textos gregos antigos** (o que incluiria todos os escritos cristãos mais primitivos, incluindo os do Novo Testamento) **é que, quando eram copiados, não se usavam marcas de pontuação, não se fazia distinção entre minúsculas e maiúsculas** e, o que é ainda mais estranho para leitores modernos, não havia espaços de separação entre as palavras. Este tipo de escrito sequencial é chamado de *scriptuo continua* e, é claro, muitas vezes, podia dificultar ler (nem falemos em entender) um texto. As palavras *godisnowhere* poderiam significar algo completamente distinto para um crente (*God is now here = Deus está aqui agora*) e para um ateu (*God is nowhere = Deus não está em parte alguma*) e o que

significa dizer
 nojantardanoitepassadaamesaestavaabundante? Isso
 seria um acontecimento normal ou extraordinário? ⁽¹⁹²⁾
 (grifo nosso)

Sabemos que os manuscritos originais do Novo Testamento não possuíam pontuação, e em face do fato de o grego clássico (incluindo o grego koiné, no qual foi escrito o Novo Testamento) gozar de ampla liberdade no tocante à ordem das palavras, é impossível, à base do próprio texto grego, provar um lado ou outro dessas ideias contraditórias. [...]. ⁽¹⁹³⁾
 (grifo nosso)

[...] **Os manuscritos originais também não tinham sinais de pontuação**. Estes foram introduzidos na arte de escrever em época recente. É claro, pois, que a pontuação moderna não é inspirada, e por isso não dá, às vezes, sentido às palavras do original. (SILVA, A., 1997, p. 77) (grifo nosso).

Disso conclui o teólogo Russell N. Champlin “Já que os primeiros manuscritos do N.T. são sem pontuação sistemática, editores e tradutores do texto devem inserir tais marcas de pontuação como parecem apropriadas à sintaxe e ao significado. [...]” ⁽¹⁹⁴⁾ Isso, de fato, torna-se um problema muito sério, pois um sinal de pontuação mudado de lugar, acrescentado ou suprimido, seja por interesse ou não de quem o fez, pode alterar profundamente o sentido do texto. Para exemplificar isso, vejamos como o versículo 5, do passo citado, se encontra em outras traduções bíblicas:

192 EHRMAN, 2006, p. 58.

193 SILVA, C., 2001, p. 309-310.

194 CHAMPLIN, vol. 3, 2005c, p. 745.

Bíblia do Peregrino: “[...] de sua linhagem segundo a carne descende o Messias. Seja para sempre bendito o Deus que está acima de tudo. Amém.”

Bíblia Vozes: “[...] e deles é o Cristo segundo a carne. O Deus que está acima de tudo seja bendito pelos séculos! Amém.”

Tradução Novo Mundo: “[...] e de quem [procedeu] o Cristo segundo a carne: Deus, que é sobre todos, [seja] bendito para sempre. Amém.”

Observe-se que em todas, além da disposição dos vocábulos, há divergência na pontuação, o que também ocorre comparando-as com a que transcrevemos mais acima. Certamente, que o sentido delas, em relação à primeira, é completamente diferente em virtude da pontuação, entre um período e outro, pois, quer se usando um ponto, quer se usando os dois, não temos a mesma ideia de que no caso de usarmos uma vírgula, como no texto questionado.

Assim, percebe-se que a intenção no texto é destacar Deus como sendo o verdadeiro e não a Jesus, o que se pode perfeitamente confirmar pelas próprias palavras de Jesus se referindo ao Pai: **“E a vida eterna é esta: *que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro*, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste”**. (João 17,3). (grifo nosso)

As duas primeiras Bíblias – do Peregrino e Vozes – são de cunho católico e a última protestante. Acreditamos, sinceramente, que o significado seja o que daqui tiramos dessas traduções e não o da outra citada anteriormente. Isso porque, conforme estamos demonstrando, Jesus, àquela época, não era considerado como sendo o próprio Deus, somos

obrigados a repetir.

Esse fato veio a acontecer posteriormente, por imposição dos denominados “pais da Igreja”, cuja interpretação acabou prevalecendo; portanto, são eles os “pais da criança”, ou seja, os culpados de transformar Jesus em Deus; e, na seqüência, para abrigar esse absurdo teológico, foi criada a Trindade, que conforme acreditamos, foi copiada de outras religiões mais antigas.

O certo é que Paulo, autor da carta aos Romanos, não tinha Jesus como Deus. Esse fato é importante, porquanto ele viveu bem mais próximo dos acontecimentos do que os “pais da Igreja”. Leiamos o que ele disse aos colossenses:

Colossenses 1,15-20: ***“Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura; porque nele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias, principados e autoridades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste. Ele é também a Cabeça do corpo, que é a Igreja. Ele é o Princípio, o primeiro daqueles que ressuscitam dos mortos, para em tudo ter a primazia. Porque Deus, a Plenitude total, quis nele habitar, para, por meio dele, reconciliar consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz.”*** (grifo nosso)

Caso Paulo realmente pensasse que Jesus fosse Deus, nunca iria dizer “ele é a imagem do Deus invisível” e “*aprouve a Deus fazer habitar nele a plenitude*”; e para quem afirma que “... não há senão um só Deus” (Romanos 3,30), é porque não

pensava em divinizá-lo ou em torná-lo um Deus; certamente usou uma metáfora para evidenciar a grandeza de Jesus, que sabemos ter participado da criação do mundo, como preposto de Deus.

1 Coríntios 1,22-24: *“Pois, enquanto os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, **Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.**”* (grifo nosso)

A figura de linguagem é notória; Paulo sempre colocou Jesus como mediador entre Deus e os homens (Gálatas 3,19-20; 1 Timóteo 2,5) e, neste sentido, Ele está com o poder e a sabedoria de Deus, sem exatamente ser o próprio Deus. O autor de Hebreus, como exemplo, tem essa mesma visão de Paulo, ou seja, para ele também Jesus é mediador. (Hebreus 8,6; 9,15 e 12,24).

1 Coríntios 8,4-6: *“Quanto, pois, ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que **não há outro Deus, senão um só.** Pois, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), **todavia para nós há um só Deus, o Pai,** de quem são todas as coisas e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual existem todas as coisas, e por ele nós também.”* (grifo nosso)

Gálatas 3,20: *“Ora, o mediador não o é de um só, mas **Deus é um só.**”* (grifo nosso)

Efésios 4,46: *“Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só*

*batismo; **um só Deus e Pai de todos**, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.”* (grifo nosso)

1 Timóteo 2,5: *“Porque **há um só Deus**, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, **homem**.”* (grifo nosso)

Também seriam excelentes oportunidades para Paulo dizer que existe um só Deus e que nele há três pessoas - o Pai, o Filho e o Espírito Santo; entretanto, não o faz, porquanto, ainda não havia sido criada a crença na Trindade, o que só aconteceu posteriormente, conforme já o dissemos. Então, se aqui Jesus não foi elevado à categoria de um Deus, extemporaneamente, isso não deveria ter sido feito pelos teólogos dogmáticos. Na última passagem ainda se reforça a condição de Jesus ser homem, embora não se possa negar sua condição de mensageiro Divino, o maior Espírito que pisou o solo da Terra.

2 Coríntios 4,4: *“nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, **o qual é a imagem de Deus**.”* (grifo nosso)

Colossenses 1,13-15: *“e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado; em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados; o qual é **imagem do Deus invisível**, o primogênito de toda a criação.”* (grifo nosso)

Confundir a imagem de uma pessoa com a própria pessoa é algo em que falta bom senso e lógica, aos que assim procedem. Se Jesus é a imagem de Deus, não pode ser, ao mesmo tempo, o próprio Deus, como a nossa imagem no

espelho não é o nosso ser; é, na realidade, apenas um reflexo do “meu físico”.

Gálatas 4,4-5: *“mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, **nascido de mulher, nascido debaixo de lei**, para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.”* (grifo nosso)

Se, conforme se entende, Jesus não teria vindo destruir a Lei (Mateus 5,17), tendo nascido de mulher e debaixo da lei, ou seja, nasceu de forma natural, como acontece a todos nós, pois essa é a Lei, então, ele é um ser humano, em igualdade de condições conosco. Aliás, Ele mesmo afirmou *“Tudo o que eu fiz, vós podeis fazer e até muito mais”* (João 14,13); dessa forma Ele se iguala a todos nós, sem se colocar na posição de um ser superior e divino. Essa frase torna-se impossível aplicar-se caso Jesus seja um ser divino, na condição humana, porém, totalmente factível, se Jesus for um homem em missão divina.

Efésios 4,11-13: *“E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; **até que todos cheguemos** à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, **à medida da estatura da plenitude de Cristo.**”* (grifo nosso)

Ora, se podemos chegar à medida da estatura da plenitude de Cristo é sinal de que Ele não é Deus, porquanto, nunca chegaremos à plenitude de Deus, uma vez que, se isso pudesse acontecer, teríamos vários deuses; melhor dizendo,

bilhões de deuses. Entretanto, não nos será impossível chegar ao estado de homem feito (espírito puro).

Filipenses 2,5-11: *“Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, **subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus** coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”* (grifo nosso)

Aqui temos uma declaração bem conflitante com o restante dos textos bíblicos, na qual supõem-se que Paulo declara ser Jesus igual a Deus; entretanto, parece-nos que os tradutores da Bíblia de Jerusalém pensam de outra forma; tanto é que a palavra Deus está grafada em letra minúscula, querendo significar um homem “não-pecador” ⁽¹⁹⁵⁾.

Esclarece-nos ainda mais, dizendo que o versículo 6b possuiu “outras traduções menos prováveis: 'não considerou o estado de igualdade com Deus como presa a agarrar”, “não reteve ciumentamente a condição que o igualava a Deus”, ⁽¹⁹⁶⁾. Isso nos despertou a curiosidade para ver como consta em outras Bíblias. Vejamos:

195 Bíblia de Jerusalém, p. 2049.

196 Bíblia de Jerusalém, p. 2049.

Versões bíblicas	Texto bíblico Fp 2,5-6 (grifo nosso)
-------------------------	---

SBTB/TBS, SBB e SBTB	"De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. "
Shedd e Mundo Cristão	"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus. "
De Jerusalém	"Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus. "
Barsa	"E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo. O qual tendo a natureza de Deus, não julgou que fosse nele uma usurpação ser igual a Deus. "
Paulinas/Loyola	"Comportai-vos entre vós assim, como se faz em Jesus Cristo: ele, que é de condição divina, não considerou como presa a agarrar o se igual a Deus. "
Pastoral	"Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo: Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus. "
Ave-Maria	"Dedicaí-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus. "
Santuário	"Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus: Ele que era de

	<i>condição divina não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus.</i>
Vozes	<i>“Tende em vós os mesmos sentimentos que Cristo Jesus teve: Ele, subsistindo na condição de Deus, não pretendeu reter para si ser igual a Deus.”</i>
Paulinas 1957, 1977 e 1980	<i>“Tende em vós os mesmos sentimentos que (houve) em Jesus Cristo, o qual, existindo na forma (ou natureza) de Deus, não julgou que fosse uma rapina o seu ser igual a Deus.”</i>
Novo Mundo	<i>“Mantende em vós esta atitude mental que houve também em Cristo Jesus, o qual, embora existisse em forma de Deus, não deu consideração a ser igual a Deus.”</i>

Temos o velho problema das traduções que, em obediência à concepção individual do autor bíblico, acabaram por transformar Jesus no próprio Deus, sem nenhum fundamento no que Ele disse, mas, apenas, seguindo crença generalizada entre os povos antigos. E nisso foram bem mais longe, pois, enquanto os pagãos acreditavam que o seu deus vinha à terra e em contato carnal com uma mulher virgem gerava um semideus, os cristãos elevaram o seu semideus à condição de Deus.

Tem plena razão o escritor José Pinheiro de Souza, quando diz:

Do mesmo modo, os escritores cristãos da igreja primitiva (sobretudo Paulo e João), influenciados pela cultura mitológica dominante da época (a cultura grego-

romana), onde era muito comum a crença em “encarnações divinas” e em “filiação divina”, não no sentido adotivo/metafórico/honorífico, mas no sentido *natural* (físico/biológico), para enaltecer ao máximo a pessoa de Jesus e as suas ações e, sobretudo, para dar credibilidade ao cristianismo nascente, absolutizaram-no, endeusando-o e fazendo-o super exclusivista, o único “Filho de Deus”, o único Deus encarnado (no sentido *natural* dessas expressões), o único salvador da humanidade, o único mediador entre Deus e os homens, o único fundador da verdadeira religião, o único que verdadeiramente ressuscitou dos mortos, etc. ⁽¹⁹⁷⁾

Mais à frente, acrescenta:

Paulo de Tarso, para dar credibilidade ao cristianismo primitivo e atrair seguidores de várias religiões do mundo pagão do Mediterrâneo, **procurou converter os adeptos dessas religiões pagãs, utilizando a estratégia mítica de que Cristo também era uma divindade salvadora, vinda do céu, tendo nascido miraculosamente (como os demais deuses das religiões pagãs) mediante um parto virginal, tendo sido morto e ressuscitado para resgatar-nos de nossos pecados herdados do pecado de Adão e Eva.**

O Paulinismo, como estamos comprovando nesta obra, é, de fato, cópia e/ou incorporação de crenças, de cultos e de ritos de várias religiões pagãs de épocas mais antigas do que o cristianismo, destacando-se o culto a Ísis, a Dionísio e a Mitra. Para atrair seguidores para o cristianismo, Paulo fez sincretismo com elementos de várias religiões e filosofias, particularmente com elementos das religiões de mistério do Egito, da Grécia, do paganismo greco-romano, da

Índia e de várias outras culturas religiosas mais antigas:

As evidências da grande semelhança entre a religião cristã e outras crenças do mundo antigo são volumosas, detalhadas, extremamente específicas e incrivelmente vastas, estendendo-se desde a sabedoria védica na Índia aos mitos nórdicos da Escandinávia, às lendas dos incas e à espiritualidade original dos povos indígenas da América do Norte (HARPUR, 2008, p. 43) ⁽¹⁹⁸⁾ (grifo nosso)

Analisando-se friamente os textos bíblicos não podemos deixar de dar razão ao fato de que o cristianismo tem muito das religiões pagãs; somente não se vê isso por extremada ortodoxia.

Cabe-nos ressaltar que o prof. Pinheiro é da opinião de que foi Paulo o responsável pela divinização de Jesus, conforme se vê nesse seu texto. Outra pessoa que pensa da mesma forma é a historiadora e advogada Paloma Sánchez-Garnica, autora da obra *O grande Arcano*, da qual transcrevemos:

As massas arrastadas pela sua mensagem cresceram tanto nos anos posteriores à sua morte, que surgiram os oportunistas. A população romanizada gostava de ouvir a mensagem de Jesus de Nazaré. Mas essa população precisava de um homem superior, reclamava que essa mensagem procedesse de um ser divino, pois estava acostumada a venerar mil deuses. Não se podia apresentar o porta-voz daquelas palavras como um homem normal, e começou-se a tergiversar o fundamental em toda essa farsa: a ressurreição de Jesus de Nazaré em corpo e alma, sua divinização levada ao extremo, equiparando-o ao próprio Deus,

quando Ele em nenhum momento dissera que era Deus. [...] Isso pode ser comprovado nos Evangelhos. Nenhum dos quatro evangelistas põe na boca de Jesus sua identificação com Deus; quando lhe é perguntado quem é, responde que é “filho do homem”, dando a entender que era um homem sem mais adjetivos, e isso já podia ser considerado como a mais alta honraria.

Foi nas Epístolas de Paulo que apareceu a expressão “Filho de Deus”, e precisamente a Paulo se atribuiu a origem dessa ideia da ressurreição e da divinização do homem.

Assim tudo começou. A partir de então, surgiu uma profusão de ideias e de linhas de pensamento: as lutas e enfrentamentos foram numerosos, até que venceu uma dessas correntes; aquela fundada por Paulo e mantida pela corrente grega foi a que triunfou e se impôs ao restante; estabeleceu seu poder definitivamente no concílio de Niceia de 325 e afastou, destruiu, perseguiu ou considerou como hereges todos os que não estivessem de acordo com ela. **Os textos originais dos Evangelhos foram alterados, porque era necessário adaptá-los à população a que eram dirigidos, uma população não judia, e sim romana,** helenizada e com uma mentalidade distinta à dos judeus a quem Jesus havia se dirigido; sua verdadeira mensagem ficou em um segundo plano: valia tudo para aumentar o número de discípulos da nova religião.

A partir desse momento, ou se estava com a Igreja ou contra ela. Em poucos anos, os perseguidos passaram a ser perseguidores; e assim se passaram dois mil anos. ⁽¹⁹⁹⁾ (grifo nosso)

Nosso objetivo em trazê-la foi para vermos que também ela afirma que os textos originais dos Evangelhos foram

adulterados, para adaptá-los aos dogmas estabelecidos.

1 Timóteo 3,16: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: **Aquele que se manifestou em carne**, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória.” (grifo nosso)

Esse passo é mais um dos que precisamos ver o teor em outras traduções, para podermos ver por qual motivo o tomam para sustentar que Jesus, como Deus, ter-se-ia manifestado na carne. Vejamos:

Versões bíblicas	Texto bíblico 1Tm 3,16 (grifo nosso)
SBTB	“E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne , foi justificado no Espírito , visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória”.
SBB	“E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne , foi justificado em espírito , [...]”
Shedd e Mundo Cristão	“Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito , [...]”
De Jerusalém	“Seguramente, grande é o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne , justificado no Espírito , [...]”
Barsa	“E visivelmente é grande o sacramento da piedade, com que Deus se manifestou em carne , foi justificado

	pele espírito, [...]”
Paulinas/Loyola:	“Grande é, com certeza, o ministério da piedade. Ele foi manifestado na carne, justificado pelo Espírito, [...]”
Pastoral	“De fato, como é grande o mistério da piedade: ele se manifestou na carne, foi justificado no espírito, [...]”
Do Peregrino	“Grande é sem dúvida o mistério de nossa religião: Manifestou-se corporalmente, justificado no Espírito, [...]”
Ave-Maria	“Sim, é tão sublime - unanimemente o proclamamos - o Mistério da bondade divina: manifestado na carne, justificado no Espírito, [...]”
Santuário	“Em verdade, grande mistério é o da piedade. Manifestou-se na carne, foi justificado pelo Espírito, [...]”
Vozes	“Não pode haver dúvida de que é grande o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne, foi justificado no espírito, [...]”
Paulinas 1957, 1977 e 1980	“E evidentemente é grande o mistério da piedade, que se manifestou na carne, que foi justificado pelo Espírito, visto pelos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, exaltado na glória.”
Novo Mundo	“Evidentemente, grande é o mistério da piedade: aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, [...]”

Enquanto nas versões da SBTB e Barsa a personagem que se manifestou na carne foi o próprio Deus, nas restantes foi Jesus. Visando resolver o impasse buscamos orientação em Russell Norman Champlin, que dá a seguinte explicação para

“... Aquele que foi manifestado na carne...”:

Essas palavras ensinam tanto a “preexistência”, como a “encarnação” de Cristo. (Ver o trecho de João 1:1-3;14 acerca dessas doutrinas bíblicas). **A divindade de Cristo não é aqui ensinada diretamente**, mas somente uma pessoa divina poderia ter realizado tudo quanto aqui é atribuído a Cristo. (Ver Heb. 1:3 quanto a notas expositivas sobre a “divindade de Cristo”). Além disso, esta epístola defende a “humanidade autêntica” de Jesus, o Cristo, o que era negado pelo docetismo ensinado pelos gnósticos. Cristo é a “epifania” de Deus, isto é, a sua “manifestação”. Assim sucedeu quando da encarnação, e assim sucederá novamente quando de sua “parousia” ou segundo advento. (ver as notas expositivas completas a esse respeito, em I Tes. 4:15. Quanto à exposição dessas verdades, nestas epístolas pastorais, ver os trechos de I Tim. 6:14 e II Tim. 1:10, que frisam a primeira manifestação, e ver I Tim. 4:1,8, que salienta a segunda futura manifestação. O trecho de I João 3:2 pode ser comparado quanto à primeira manifestação; e o trecho de I Tim. 4:2 pode ser posto em confronto com a passagem presente, no tocante à ênfase sobre a autêntica humanidade de Jesus, como Verbo encarnado, onde tal ideia combate, uma vez mais, o docetismo dos gnósticos). A vinda de Cristo foi “... na carne...” Essa expressão é usada exclusivamente aqui, nas “epístolas pastorais”. (Comparar com João 1:14 e I João 4:2; II João 7; Rom 1:3; 8:3 e 9:5). O hino que encontramos aqui começa afirmando a verdade central do cristianismo, que faz parte do grande mistério da nossa fé. ⁽²⁰⁰⁾ (grifo nosso).

Embora reconheça o real significado da expressão, Champlin busca dar-lhe o sentido de algo que dá sustentação à

divinização de Jesus. É sempre a mesma história que ocorre com aqueles que ficam presos aos dogmas estabelecidos: não enxergam o óbvio.

Quanto a explicação sobre a divergência nas traduções, encontramos-la em Bart D. Ehrman:

Em 1715, Wettstein foi à Inglaterra (em uma turnê literária) e teve completo acesso ao Códice Alexandrino, do qual já ouvimos falar quando abordamos Bentley. Uma parte do manuscrito mereceu a atenção particular de Wettstein: era uma daquelas questões acessórias de consequências enormes: dizia respeito ao texto de uma passagem-chave do livro de I Timóteo.

A passagem em questão, I Timóteo 3, 16, fora usada durante muito tempo por defensores da teologia ortodoxa em apoio da visão segundo a qual o próprio Novo Testamento chama Jesus Deus. É que o texto, na maioria dos manuscritos, refere-se a Cristo como "Deus tornado manifesto na carne e justificado no Espírito". Como já indiquei no capítulo 3 deste livro, a maioria dos manuscritos abreviava os nomes sagrados (os chamados *nomina sacra*, e esse é o caso justamente aqui, onde o termo grego para Deus (ΘΕΟΣ é abreviado com duas letras, *teta* e *sigma* (ΘΣ), com uma linha traçada no topo das duas para indicar que se trata de uma abreviatura. Wettstein percebeu, ao examinar o Códice Alexandrino, que a linha sobre as duas letras fora feita em uma tinta diferente da que fora usada para as palavras circundantes, de onde se depreende que provinha de uma mão tardia (isto é, traçado por um copista posterior). Além disso, o traço horizontal do meio da primeira letra, Θ, não fazia realmente parte da letra, mas era uma linha que vazava desde o outro lado do velho velino. Em outros termos, em vez de se tratar de uma abreviatura (*teta-sigma*) de "Deus" (ΘΣ, a palavra era realmente formada por um ômicron e um sigma

(**ΘΣ**), uma palavra completamente diferente, que significa simplesmente “quem”. A redação original do manuscrito não falava, pois, de Cristo como “Deus manifestado na carne”, mas de Cristo, “que foi manifestado na carne”. De acordo com o testemunho antigo do Códice Alexandrino, Cristo deixa de ser explicitamente chamado de Deus nessa passagem. ⁽²⁰¹⁾

Na verdade, já vimos uma variação textual relacionada a essa controvérsia cristológica em nossa discussão, no capítulo 4, das pesquisas textuais de J.J. Wettstein. Wettstein examinou o Códice Alexandrino, atualmente na Biblioteca Britânica, e determinou que em 1 Timóteo 3,16, onde a maioria dos manuscritos fala de Cristo como “Deus tornado manifesto na carne”, esse manuscrito primitivo fala originalmente de Cristo “que foi tornado manifesto na carne”. A mudança, em grego, é muito sutil – é apenas a diferença entre as letras teta e ômicron (**ΘΣ** e **ΟΣ**), que são muito semelhantes. Um copista tardio alterou a variante original, de modo que se deixou de ler “que” e passou a ler “Deus” (tornado manifesto na carne). Em outros termos, esse revisor tardio mudou o texto de modo a enfatizar a divindade de Cristo. É chocante perceber que a mesma correção ocorreu em quatro dos nossos outros manuscritos primitivos de 1 Timóteo. Todos eles encontraram revisores que mudaram o texto do mesmo modo, de modo que agora ele chama Jesus explicitamente de “Deus”. Esse se tornou o texto da vasta maioria dos manuscritos bizantinos (isto é, medievais) posteriores – e por isso se tornou o texto da maioria das traduções antigas da Bíblias. ⁽²⁰²⁾

Foi ótimo tomar conhecimento disso, pois agora temos argumentos para refutar aqueles que advogam que Jesus é o

201 ERMAN, 2006, p. 123.

202 EHRMAN, 2006, p. 167.

próprio Deus.

1 Pedro 3,18: *“Porque também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo, na verdade, **morto na carne, mas vivificado no espírito.**”* (grifo nosso)

A ressurreição espiritual de Jesus (vivificado no espírito) é um fato que leva muitas pessoas a divinizá-Lo, sem se darem conta de que todos os seres humanos também ressuscitarão; uns para a glória (viver como espíritos puros), outros para a perdição (planetas inferiores, onde haverá prantos e ranger de dentes). O dia em que o homem se render à realidade do Espírito, o que de fato somos, então entenderá isso; até lá continuará mantendo suas crenças, tal e qual crianças que, por exemplo, acreditam ser verdadeira a história, contada pelos adultos, de que os bebês são entregues por cegonhas.

1 João 5,1: *“Todo aquele que crê que **Jesus é o Cristo,** é o nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, ama também ao que dele é nascido.”* (grifo nosso)

Entendamos o que significa a palavra Cristo: “O termo de origem grega significa 'ungido' e traduz o termo hebraico 'messias'. Os sumos sacerdotes (Lv 4,3-16; 15,16) e os reis de Israel (1Sm 12,3-5; 24,7.11; 2Sm 19,22) eram chamados de 'ungidos'”.⁽²⁰³⁾ e até mesmo Ciro, rei da Pérsia, um pagão recebe o título “ungido de lahweh” (Is 45,1)⁽²⁰⁴⁾.

Assim, percebemos que se trata de um título e não um

203 Bíblia Sagrada - Vozes, p. 1520.

204 Bíblia de Jerusalém, p. 1325.

nome próprio como muitas vezes vemos nomeando-O, quando o correto seria dizer: Jesus, o Cristo. Se outras passagens bíblicas trazem pessoas também consideradas como ungidos, então não podemos dizer que a condição de “ungido” O transforma em divino, já que sua divindade decorre de sua evolução espiritual.

1 João 5,7-8: *“Porque três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam.”*

Em princípio, esse passo nada teria a ver com o caso; entretanto, ele consta de algumas Bíblias (205) com teor semelhante a este da Bíblia Anotada:

“Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito.” (grifo nosso)

Vejamos o que nos explicam sobre essa divergência (o que grifamos):

O texto dos vv. 7-8 é acrescido na Vulg. De um inciso (aqui abaixo entre parênteses) **ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vulg.**, o qual parece ser uma **glosa marginal introduzida posteriormente no texto**: “Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra); o Espírito, a água e o

205 Bíblia Sagrada – SBTB, Bíblia Anotada, Bíblia Shedd, Bíblia Sagrada – SBB, Bíblia Sagrada – Paulinas, 9ª, Bíblia Sagrada – Paulinas, 37ª ed. e Bíblia Sagrada – Barsa.

sangue, e esses três são um só” ⁽²⁰⁶⁾ (grifo nosso)

De acordo com os melhores códigos, o texto original devia ser o seguinte: “O Espírito, a água e o sangue, e estes três são unânimes”. Estes vv. São conhecidos como o “Coma Joaneo”, cujo acréscimo tem sua autenticidade contestada embora seja verdadeira a doutrina nele exposta. ⁽²⁰⁷⁾ (grifo nosso)

Depois de “os que dão testemunhos”, ?ABVgSy^{h,p} **omitem as palavras acrescentadas em mss. gr. Posteriores e na Vg^c**, a saber: 'no céu, o Pai, a Palavra, e o espírito santo; e estes três são um. ⁽²⁰⁸⁾ (grifo nosso)

Jung, ao dizer que “não existe uma só passagem do Novo Testamento na qual a Trindade seja mencionada dum modo que possa ser expresso numa linguagem racional”, remete-nos a uma nota na qual ele explica o seguinte:

O chamado Comma Johanneum que, sob este ponto de vista, constitui uma exceção, é um caso comprovadamente tardio e de origem duvidosa. Como textus per se (texto em si) e como revelatum explicitum (como revelado explícito) seria a prova mais convincente da ocorrência da Trindade no Novo Testamento. Trata-se de 1Jo 5,7: “Porque são três os que testificam: o Espírito e a água e o sangue, e estes três estão de acordo, (isto é, convergem no testemunho de que Cristo veio “pela água e pelo sangue”. A Vulgata, neste lugar, traz a inserção tardia: “Quonian tres sunt, qui testimoniun dant in coelo: Pater, Verbum et Spiritus Sanctus: et hi tres unum sunt” [Porque três são os que

206 Bíblia de Jerusalém, p. 2132-2133.

207 Bíblia Sagrada - Barsa, NT, p. 221.

208 Trad. Novo Mundo, p. 1407.

dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um só].[...]. (209)

Um estudioso que também fala disso é o ex-evangélico Bart D. Ehrman, Ph.D. em Teologia pela *Princeton University* e dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*, Chapel Hill. É especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus; ele afirma:

Havia, contudo, uma passagem-chave das Escrituras que os manuscritos-fonte de Erasmo não continham: trata-se do relato de **1 João 5,7-8**, que os pesquisadores chamaram de o parêntese joanino, encontrado nos manuscritos da Vulgata latina, mas não na vasta maioria dos manuscritos gregos, uma passagem que **foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delineia explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus**. Na Vulgata, a passagem é lida assim:

Há três que conduzem o testemunho nos céus: o Pai, o Verbo e o Espírito e esses três são um; e há três que conduzem o testemunho na terra, o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um.

Trata-se de uma passagem misteriosa, mas inequívoca em seu apoio aos ensinamentos tradicionais da igreja sobre o “Deus trino que é um”. Sem esse versículo, a doutrina da Trindade deve ser inferida de uma série de passagens combinadas para mostrar que Cristo é Deus, assim como o Espírito e o Pai, e que há,

209 JUNG, 1988, p. 27.

não obstante, um só Deus. Essa passagem, por seu turno, afirma a doutrina direta e sucintamente.

Mas Erasmo não a achou em seus manuscritos gregos, nos quais simplesmente se lê: “Pois há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um”. Para onde foram “o Pai, o Verbo e o Espírito”? Eles não figuravam no manuscrito primário de Erasmo, nem em nenhum dos demais que ele consultou. Por isso, naturalmente, ele os deixou de fora de sua primeira edição do texto grego.

Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que tirou do sério os teólogos de seu tempo, que **acusaram Erasmo de adulterar o texto, numa tentativa de eliminar a doutrina da Trindade e de desvalorizar o seu corolário, a doutrina da divindade plena de Cristo.** Particularmente Stunica, um dos editores-chefes da Poliglota Complutense, veio a público desacreditar Erasmo e insistir em que, em edições futuras, ele restituísse o versículo a seu lugar correto.

Com o desenrolar dos fatos, Erasmo – provavelmente em um momento de descuido – concordou em inserir o versículo em uma futura edição de seu Novo Testamento grego, sob uma condição: que seus adversários produzissem um manuscrito *grego* no qual o verso pudesse ser encontrado (achá-lo nos manuscritos latinos não era o bastante). Dessa forma, produziu-se um manuscrito grego. Na realidade, ele foi produzido nessa ocasião. Parece que alguém copiou o texto grego das epístolas e, quando chegou à passagem em questão, traduziu o texto latino para **o grego, dando o parêntese joanino em sua forma teologicamente aproveitável, familiar. O manuscrito providenciado para Erasmo era, em outras palavras, uma produção do século XVI, feita sob encomenda.** ⁽²¹⁰⁾ (grifo nosso)

Assim, estamos vendo que a adição, que aparece em algumas traduções da Bíblia, tem o objetivo de se justificar a Trindade, dogma de Constantino, anuído pela Igreja Católica, o que poderá ser comprovado em nosso texto anteriormente indicado. Lembramos apenas que “Deus é realmente um, e é apenas em nossa capacidade limitada de conceber que Deus se torna três”. ⁽²¹¹⁾

1 João 5,20: *“Sabemos também que já veio o Filho de Deus, e nos deu entendimento para **conhecermos aquele que é verdadeiro**; e nós estamos naquele que é verdadeiro, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. **Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.**”* (grifo nosso)

Passagem ao gosto dos “divinizantes”, que, apressadamente, a apresentam para sustentar suas crenças. Só que a coisa pode não ser tanto quanto querem, visto que, essa passagem, na versão dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, tem o seguinte teor:

*Nós sabemos que veio o Filho de Deus e nos deu a inteligência para **conhecermos o Verdadeiro** (c). E nós estamos no Verdadeiro, no seu Filho Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a Vida eterna.* (grifo nosso)

Explicam-nos, em nota, o seguinte: c) Deus, o único verdadeiro (Jo 17,3+; cf. 8,31); 1Ts 1,9; Ap3,4) e o único verdadeiramente conhecido pelo que ele é: Vida e Amor. ⁽²¹²⁾. O que significa dizer que “O verdadeiro” que negritamos no passo deve ser entendido como “Deus, o único verdadeiro”.

211 Barth, Karl, 1969, apud LORENZEN, 2002, p. 57.

212 Bíblia de Jerusalém, p. 2134.

Na *Bíblia Sagrada Vozes*, encontramos a seguinte redação:

*“Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para conhecermos o Verdadeiro. E nós estamos no Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. **Ele** é o verdadeiro Deus e a vida eterna”.*

Observa-se, que o “este”, da tradução anterior, passa a ser “Ele”. Seus tradutores nos explicam “O Verdadeiro” dessa forma: *o verdadeiro Deus*, ou então, *Deus, o Verdadeiro*. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1553). O que faz ter o sentido diferente da tradução anterior. De igual modo a Bíblia Do Peregrino e Novo Testamento Loyola, encontramos “Ele”.

Assim, percebemos que a polêmica toda, em torno dessa passagem, está ligada à questão de qual manuscrito se toma para as traduções. Por tudo que levantamos até o momento sobre o assunto, temos a convicção de que na passagem o “este” está se referindo a Deus e não a Jesus; essa ideia só se mantém por conta das traduções divergentes.

Considerando que, conforme já o dissemos alhures, o povo (Mateus 16,13-14; 26,67-68; João 7,40 e 9,17), os discípulos (Lucas 24,19; Atos 3,22) e o próprio Jesus (Lucas 13,33; João 8,40 e Marcos 6,4-5) diziam ser ele, o Mestre, um profeta; não somos nós que negaremos isso, já que não vivemos naquela época.

Seria de grande interesse ver como esse problema já vem de longa data, sem que ainda se tenha ouvido as “vozes que clamam no deserto”.

Flávio Cláudio Juliano (em latim Flavius Claudius

Julianus) ou simplesmente Juliano (331-363) foi o último imperador pagão do Império Romano, e reinou entre 361 e a sua morte; vejamos o que Henry Bettenson (1910-1979), cita dele:

r. *Juliano opina sobre cristianismo: O culto de Jesus e dos mártires* Juliano *Contra Christianos*, apud Cirilo de Alexandria *contra Julianum*, X (op. IX.326ss)

Mas, infelizmente, não sois fiéis às tradições apostólicas: estas em mãos dos seus sucessores tornaram-se em máxima blasfêmia. **Nem Paulo, nem Mateus, nem Lucas ou Marcos ousaram afirmar que Jesus é Deus.** Foi o venerável João quem, constatando que grande número de habitantes das cidades gregas e italianas eram vítimas de epidemias, e ouvindo, imagino, que as tumbas de Pedro e Paulo se tornavam objeto de culto (privado, sem dúvida, mas sempre culto), João, repito, foi quem primeiro ousou fazer tal afirmação...

Este mal se deve a João. Quem, entretanto, denunciará a causa desta outra inovação, qual seja, a veneração dos corpos de muitos cristãos mortos ultimamente, além dos corpos dos apóstolos? Tendes enchido as praças com tumbas e monumentos... Opinai que no particular nem sempre valem as palavras de Jesus... (Mt 23.27) declarando que os sepulcros estão cheios de imundície... como podeis invocar a Deus acima deles? ⁽²¹³⁾ (grifo nosso).

Ernest Renan disse que “Jesus não declara em momento algum que ele seja Deus. Ele se diz em relação direta com Deus, se diz filho de Deus. A mais alta consciência de Deus existente no seio da humanidade foi a de Jesus”. ⁽²¹⁴⁾. E mais à

213 BETTENSON, 1967, p. 49-50.

214 RENAN, 2004, p. 138.

frente, encontramos:

Que jamais Jesus tenha pensado em se fazer passar por uma encarnação do próprio Deus, é uma coisa que não se pode duvidar. Tal ideia era profundamente estranha ao espírito do Judaísmo; não há nenhum vestígio dela nos Evangelhos sinóticos [215], só a encontramos indicada nas partes do quarto Evangelho que menos podem ser aceitas como um eco do pensamento de Jesus. Às vezes parece que Jesus toma precauções para repelir tal doutrina [216]. **A acusação de passar por Deus, ou igual a Deus, é apresentada, mesmo no quarto Evangelho, como uma calúnia dos judeus** [217]. Nesse último Evangelho, Jesus se declara menor que seu Pai [218]. Em outro lugar, confessa que o Pai não lhe revelou tudo [219]. Ele se toma por um homem além do comum, mas separado de Deus por uma distância infinita. **Ele é filho de Deus; mas todos os homens o são ou podem tornar-se em diversos níveis** [220]. Todos, a cada dia, devem chamar a Deus seu pai; todos os ressuscitados serão filhos de Deus [221]. **No Antigo Testamento a filiação divina era atribuída a seres que não se pretendiam, de forma alguma, igualar a Deus** [222]. A palavra “filho”, nas línguas semíticas e na língua do Novo Testamento, tem

215 N.T.: Certas passagens, como Atos, II, 22, a excluem formalmente.

216 N.T.: Mat. IV, 10; VII, 21, 22; XIX, 17; Marc. I, 44; III, 12; X, 17, 18; Luc., XVIII, 19.

217 N.T.: João V, 18 e seg.; X, 33 e seg.

218 N.T.: João XIV, 28.

219 N.T.: Marc., XIII, 35.

220 N.T.: Mat. V, 9,45; Luc. III, 38; VI, 35; XX, 36; João, 1, 12-13; X, 34-35, Comp. Atos, XVII, 28-29; Rom. VII, 14-17, 19, 21, 23; IX, 26; II Cor. VI, 18; Gálat. III, 26; IV, I e seg.; Fíl. II, 15; epístola de Barnabé, 14 (p. 10, Hilgenfeld, segundo o *Codex Sinaïticus*).e, no Antigo Testamento, Deuter. XIV, 1 e sobretudo Sabedoria II, 13, 18.1

221 N.T.: Luc. XX, 36.

222 N.T.: Gen. VI, 2; Jó I, 6; II, 1; XXVIII, 7; Salmo II, 7; LXXXII, 6; VII, 14.

as mais variadas acepções [223]. Além disso, a ideia que Jesus faz do homem não é essa ideia humilde que um frio deísmo introduziu. Em sua poética concepção da natureza, um único sopro permeia o universo: o sopro do homem é o de Deus. Habitando no homem, Deus vive pelo homem, assim como o homem que habita em Deus vive por Deus [224]. O idealismo transcendente de Jesus nunca lhe permitiu ter uma visão clara de sua própria personalidade. Ele é seu pai, seu Pai é ele. Ele vive em seus discípulos, está em toda parte com eles [225]; seus discípulos são um, como ele e seu Pai são um [226]. A ideia, para ele, é tudo; o corpo, que faz a distinção das pessoas, não é nada. (227). (grifo nosso).

Bart D. Ehrman afirma incisivamente que “Os escritos originais do Novo Testamento, porém, raramente trazem algo tão categórico como a afirmação 'Jesus é Deus'" (228), em nota ele explica: “Há algumas passagens que se aproximam disso (por exemplo, João 8:58, 10:30, 14:9) e eis uma das razões pelas quais os proto-ortodoxos gostavam delas, mas nenhuma faz menção explícita de Jesus como Deus”. (229)

Juan Arias, jornalista, filólogo, escritor e ex-sacerdote,

223 N.T.: O filho do diabo (Mat., XIII, 38; Atos, XIII, 10); os filhos deste mundo (Marc., III, 17; Luc., XVI, 8; XX, 34); os filhos da luz (Luc., XVI, 8; João, XII, 36); os filhos da ressurreição (Luc., XX, 36); os filhos do reino (Mat., VIII, 12; XIII, 38); os filhos do esposo (Mat., IX, 15; Marc., II, 19; Luc., V, 34); os filhos da geena (Mat., XXIII, 15); os filhos da paz (Luc., X, 6), etc. Lembremos que o Júpiter do paganismo é *pater andron te theon te*.

224 N.T.: Comp. Atos, XVII, 28.

225 N.T.: Mat. XVIII, 20; XXVIII, 20.

226 N.T.: João X, 30; XVII, 21. Ver, em geral, os últimos discursos relatados pelo quarto Evangelho, principalmente o cap. XVII, que exprimem bem um lado do estado psicológico de Jesus, embora não se possa encará-los Como verdadeiros documentos históricos.

227 RENAN, 2004, p. 260-264

228 EHRMAN, 2008, p. 324.

nascido Arboleas, Almería (Espanha) em 1932. cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas semíticas e filologia comparada na Universidade de Roma. Durante quatorze anos foi correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País*. Antes disso, cobriu para o jornal *Pueblo* trabalhos do II Concílio do Vaticano. Viajou inúmeras vezes ao redor do mundo acompanhando os papas Paulo VI e João Paulo II. É autor de vários livros, publicados em mais de dez idiomas. Recebeu o *Premio a la Cultura de la Presidencia del Gobierno* e o *Castiglione de Sicilia* como melhor correspondente estrangeiro. Atualmente é correspondente no Brasil para *El País* e membro do Comitê Científico do Instituto Europeu de Design. Da sua obra *Jesus esse grande desconhecido* transcrevemos:

Jesus era diferente. Sem nunca renegar a sua condição de judeu cioso da Lei, foi imensamente crítico em relação à religião fossilizada de seu tempo. **Nunca se proclamou Messias nem Deus**, mas os que o seguiam, diante dos prodígios que realizava, sentiam-no como tal ou desejavam que o fosse. E, por mais que **ele às vezes protestasse, dizendo que não era ele mas Deus quem operava os milagres**, as pessoas e até os próprios apóstolos acreditavam literalmente que o novo Reino que ele anunciava era também um reino temporal e concreto que devolveria a Israel a liberdade perdida. E confiaram nele. ⁽²³⁰⁾ (grifo nosso)

Arias possui credenciais suficientes para darmos crédito ao que fala. Se tivesse num encontro com o Presidente dos Estados Unidos, certamente, que este lhe diria: “Esse é o cara”.

229 EHRMAN, 2008, p. 389.

230 ARIAS, 2001, p. 100-101.

Concluimos dizendo que criar um mito é fácil, derrubá-lo torna-se a coisa mais difícil, tarefa quase impossível mesmo, visto que a grande maioria de nós não tem humildade suficiente para reconhecer que está errado, de um lado; e de outro o apego aos conhecimentos adquiridos como certos faz com que neguemos quase tudo o que nos vem de forma contrária; mesmo diante de elementos comprobatórios das verdades que nos são apresentadas; ou seja, agimos puramente por preconceito. Nossa maneira de agir é tal qual a daqueles que não queriam olhar o céu pelo telescópio de Galileu...

Se estendemos por demais esse estudo, não foi sem razão, visto tratar-se, como já o dissemos, de um assunto polêmico; por isso seguimos: “O rigor da crítica exige uma busca longa e precisa, um exame de cada ponto, depois dos quais, com vagar e precaução, podemos afirmar que estes autores dizem a verdade e aqueles outros mentem sobre os prodígios que narram.” (231)

Apenas mais três coisinhas, antes de finalizar, se nos permite a sua paciência, caro leitor. Todos nós temos repulsa aos rituais sangrentos de sacrifícios de animais; pior ainda quando, em vez de animais, são utilizados seres humanos. A origem deles sabemos ser os rituais pagãos; mas, apesar disso, encontramos nas páginas da Bíblia, tanto um quanto o outro. Os rituais de expiação pelos pecados praticados pelos judeus envolviam animais – touros, bodes, carneiros, cabritos, etc. –, na tola esperança de serem perdoados de seus pecados,

231 ORÍGENES, 2004, p. 440.

quando o supremo Criador do Universo passa a perdoá-los por ter sentido o “odor agradável” de carne assada.

Aliás, não sabemos quem inventou essa história, pois Deus nega veementemente que tenha instruído tais barbaridades: *“Pois quando tirei do Egito os antepassados de vocês, eu não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios”* (Jeremias 7,22) e também afirmou que *“eu quero amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”* (Oseias 6,6); essa afirmação foi confirmada pelo Mestre que disse: *“E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios.”* (Marcos 12,33)

Manassés, rei de Judá (687-642 a.C.), chegou a sacrificar seu filho no fogo (2Rs 21,1-7), o que também fez Acáz, rei de Israel (737-732 a.C.) (2 Crônicas 18,1-4). Jefté, nono juiz de Israel, para cumprir uma promessa idiota que fez, mandou queimar sua filha (Juízes 11,30-40), até mesmo toda Jerusalém foi acusada de entregar seus filhos para serem queimados (Ezequiel 16,20-21; Jeremias 19,4-5).

Um outro sacrifício foi feito por Jerusalém; aquele que fazem questão de lembrar todos os anos na Semana Santa. É isso mesmo; embora, não tenham queimado Jesus, numa oferenda, não deixaram por menos; pregaram-no numa cruz. Sabemos que, na verdade, não foi um sacrifício oferecido; mas a cristandade tem sua morte como tal, o que corroboramos em Rohden:

Infelizmente, porém, a ideia do bode expiatório que morreu para o judaísmo, continua no cristianismo, com a diferença de que agora o bode expiatório não é mais um animal inocente, que, morrendo, extinga os pecados humanos, mas sim o único homem sem pecados que, segundo a teologia, paga com sua morte os pecados da humanidade. ⁽²³²⁾ (grifo nosso)

E aí, magistralmente, conclui:

Depois desse pagamento dos pecados da humanidade pelo sangue de Jesus, era de se esperar que o homem estivesse quite com a justiça divina; mas os teólogos ensinam que todo homem nasce de novo em estado de pecado, vive e morre cheio de pecados – não se sabe em virtude de que lógica... ⁽²³³⁾ (grifo nosso).

Aceitando isso como querem, ou seja, o Messias como um “bode expiatório”, então, estamos diante de mais um absurdo teológico: Deus aceitando a expiação do pecado da humanidade após um sacrifício humano, que foi o do seu filho Jesus.

Dito isso, vamos às três coisas:

1ª) Como um sacrifício de uma pessoa até a morte pode redimir o pecado de uma outra?;

2ª) Caso Jesus seja mesmo Deus, ficaremos em grande dificuldade para entender, como Deus, descendo do céu,

232 ROHDEN, 1996, p. 96.

233 ROHDEN, 1996, p. 97.

encarnando num corpo humano (Jesus), utiliza-se de sua morte na cruz para oferecer-se em sacrifício a si próprio visando a remissão dos pecados da humanidade. Não seria mais prático e, portanto, mais lógico fazer isso com um simples perdão?;

3ª) Considerando que os rituais de sacrifício eram feitos pelos pecados já cometidos, então devemos esperar um outro Cristo para morrer pelos nossos, os cometidos depois de sua morte até o presente?

Fechando esse estudo, queremos apenas acrescentar que não temos a pretensão de demover os que advogam a divindade de Jesus, da ideia de ser ele o próprio Deus, nem convertê-los à nossa maneira de pensar; estamos apenas propondo uma reflexão sobre esse assunto, e os que tiverem “ouvidos de ouvir, que ouçam”.

Você, caro leitor, poderá até estranhar o motivo pelo qual enveredamos nessa reflexão. Respondemos: É que sempre achamos impossível seguir o exemplo de Jesus considerando-o como sendo Deus; e pensando assim, nenhum esforço fazíamos para tal; entretanto, considerando-o um ser humano encarnado como todos nós, e deixando a sua evolução fora disso, é mais viável assim entender, embora saibamos não ser uma tarefa muito fácil.

Conclusão Final

Não há muito o que acrescentar em relação à conclusão que colocamos no volume I, apenas reforçaríamos que *“o Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade”*. (2 Coríntios 3,17), considerando que a grande maioria das igrejas ditas tradicionais não permitem a seus fiéis lerem livros que não os de sua igreja. Isso torna impossível aos que lhes seguem sair do encabrestamento a que são sujeito por esse tipo de comportamento. Mas é exatamente isso que eles querem, pois daí a arrancar-lhes o dízimo é coisa fácil, mais ainda que tomar pirulito de criança.

Lembrando-nos de Jesus quando disse que *“não se coloca remendo de pano novo e pano velho, nem vinho novo em odres velhos”* (Mateus 9,16-17), não seria de todo impróprio concluir que ele recomendava, aos de sua época, o desapego aos ensinamentos mosaicos, pois se não fizessem isso, não conseguiram receber aqueles que Ele, Jesus, estava passando. Entretanto, decorridos tanto tempo, ainda há muitas pessoas que bem serviriam essa recomendação, pois não se conseguem se desvencilhar de seguir a Moisés.

Esperamos, sinceramente, que esse estudo, possa incentivar outros autores a fazerem o mesmo, pois há muito joio misturado no trigo, e, certamente, que não conseguimos com esse modesto trabalho fazer muita coisa a respeito disso. Há necessidade de juntarmos esforços neste sentido, de forma a tornarem límpidos os ensinamentos do Mestre, o que os fará

plenamente compreendidos na essência, levando a todos nós, seres humanos, a termos condições de colocá-los em prática, já que os compreendemos bem.

Jesus abençoe a todos os que advogam a causa da justiça e da verdade!

Referências Bibliográficas

Bíblias

A Bíblia Anotada. 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª ed. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.

Bíblia de Jerusalém, nova ed., revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, ed. brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Eletrônica versão 3.0.7 – RK Soft Desenvolvimentos.

Bíblia em Bytes – Shammah – O texto usado na versão Shammah possui autorização e é de “Almeida, Corrigida e Fiel – ACF”, de propriedade da SBTB.

Bíblia Mensagem de Deus – Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada – SBTB. s/ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

Bíblia Sagrada, 14ª imp. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1995.

Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, Edição Popular, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.

Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, s/ed. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil 1969.

Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. s/ed. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

Novo Testamento, s/ed. São Paulo: Loyola, 1984.

Livros

ANDRADE, H. G. *Morte: uma luz no fim do túnel*. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2000.

ARIAS, J. *Jesus esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ASCH, S. *Moisés*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BERG, P, Rabino. *Reencarnação – As Rodas da Alma*, São Paulo: Centro de Estudos da Cabala, 1998.

BERNARDES, M. *Nova Floresta*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1965.

BERTOCCO, B. *Cristianismo Redivivo*. São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 1999.

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1967.

CARPENTER, E. *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*. São Paulo: Tahyu, 2008.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 3. São Paulo: Candeia, 1995c.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2005a.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*, vol. 2, São Paulo: Hagnos, 2005.

- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. vol. 3. São Paulo: Hagnos, 2005b.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo a versículo: vol. 5*. São Paulo: Hagnos, 2005e.
- CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões - uma visão racional da Bíblia*, Santo André, SP: EBM, 2006.
- CHISTIANINI, A. B. *Sutilezas do Erro*. Santo André, SP: CPB, 1965.
- CHURTON, T. *O beijo da morte*. São Paulo: Madras, 2009.
- CROSSAN, J. D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*, Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DURANT, W. *História da Civilização: 3ª parte: César e Cristo*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1957.
- EHRMAN, B. D. *Evangelhos perdidos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. *O problema com Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? - quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia: por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FLUSSER, D. *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREKE, T. e GANDY, P. *Os mistérios de Jesus - seria o Jesus original um deus pagão?* Mem Martins, Portugal: Europa América, 2002.
- GEISLER, N e HOWE T., *Manual popular de dúvidas e enigmas e*

- “contradições” da Bíblia*, São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- HARPUR, T. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- JUNG, C. G. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- JUSTINO, Mártir, *Santo Justino de Roma: I e II apologias: diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1996b.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1996a.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993h.
- KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. *O Buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*, São Paulo: Best Seller, s/d.
- KERSTEN, H. *Jesus viveu na Índia*, São Paulo: Best Seller, 1988.
- KRAMER, S. N. *Mesopotâmia, o berço da civilização*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- LENTSMAN, J. A. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
- LETERRE, A. *Jesus e sua Doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos*. São Paulo: Madras, 2004.

- LEWIS, D. A leste de Qumran: em busca das raízes da fé ocidental. In KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 37-46.
- LORENZEN, L. F. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- MACHADO, R. C. *A Sociedade Secreta de Jesus*, São Paulo: IBRASA, 2004.
- MARTINS, C. *Nas Fronteiras da Ciência*. São Paulo: DPL, 2001.
- MONLOUBOU, L. E DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis-RJ: Vozes; Aparecida-SP: Santuário, 1997.
- ORÍGENES. *Contra Celso*, São Paulo: Paulus, 2004.
- PALHANO JR, L. *Aos Gálatas: a carta da redenção*. Niterói, RJ: Lachâtre, 1999.
- PALHANO JR, L. *Teologia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2001.
- PASTORINO, C. A. *Sabedoria do Evangelho, vol. 1*, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.a
- PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho, vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964d.
- PASTORINO, C. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 5*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964e.
- RENAN, E. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004b.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terrmar, 2007.
- ROHDEN, H. *Jesus Nazareno*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ROHDEN, H. *Que vos parece do Cristo?* São Paulo: Martin Claret, 4ª ed. s/d.
- SÁNCHEZ-GARNICA, P. *O grande Arcano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SCHUTEL, C. E RIBEIRO JÚNIOR, F. *Espiritismo e Protestantismo (Polêmica Religiosa)*. Matão (SP): O Clarim, 1987.
- SILVA, A. G. *A Bíblia através dos séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa-PB: Ideia, 2001.

SOUZA, J. P. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos I - Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995a.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos II - Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995b.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos III - os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995.

VERMES, G. *A paixão*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, G. *O Autêntico Evangelho de Jesus*, Rio de Janeiro: Record, 2006a.

Periódicos

Discovery Magazine, edição 08, São Paulo: Synapse, mar/2005.

Revista Grandes Líderes da História, Ano I, nº 1: Jesus, São Paulo: Arte Antiga, s/d.

Revista Superinteressante, São Paulo: Abril, edição 183, dez. 2002

Textos/Artigos

CAVALCANTE, R. Quem foi Jesus, *Revista Superinteressante*, São Paulo: Abril, edição 183, dez. 2002, p. 40-49.

FALCETA JR., W. Últimos momentos de Jesus. *Discovery Magazine*, edição 08, São Paulo: Synapse, mar/2005.

Internet

NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>.

NETO SOBRINHO, *Ressurreição, o significado bíblico*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/352-ressurreicao-o-significado-biblico>.

NETO SOBRINHO, *Será que os profetas previram a vinda de Jesus?*, disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>.

NETO SOBRINHO, *Trindade: um mistério criado por um leigo anuído pelos teólogos*, disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/200-trindade-o-mistrio-criado-por-um-leigo-anudo-pelos-telogos>.

Bíblia Católica (site):

<http://www.bibliacatolica.com.br/10/50/1.php>, acesso em 08.05.2009 às 15:02hs.

Internet: <http://www.osantuario.com.br/azazel.php>, acesso em 24/05/2009 às 10:26hs.

Imagem do beijo de Judas: <http://www.fabianojacob.com.br/wp-content/uploads/2012/03/o-beijo-de-judas.jpg>. Acesso em: 21 jun. 2017.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87. Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns

outros sites Espíritas na Web, entre eles:

- **O Portal do Espírito:**

<http://www.portalespirito.com/paulosns/paulosns.htm>

- **Geec:**

<http://www.geec.org.br/portal/index.php/articelistas/paulo-neto-estudos-espiritas-e-biblicos>

- **Era do Espírito:**

http://www.aeradoespirito.net/ArtigosPN/INDICE_ArtigosPN.html

Autor dos livros: a) impressos: 1) A Bíblia à Moda da Casa, 2) Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? 3) Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, 4) Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, 5) As Colônias Espirituais e a Codificação e 6) Kardec & Chico: dois missionários; b) Ebook: 1) Racismo em Kardec?, 2) A Reencarnação tá na Bíblia, 3) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem), 4) Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso, 5) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina, 6) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores? E 7) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Tel.: (31) 3296-8716